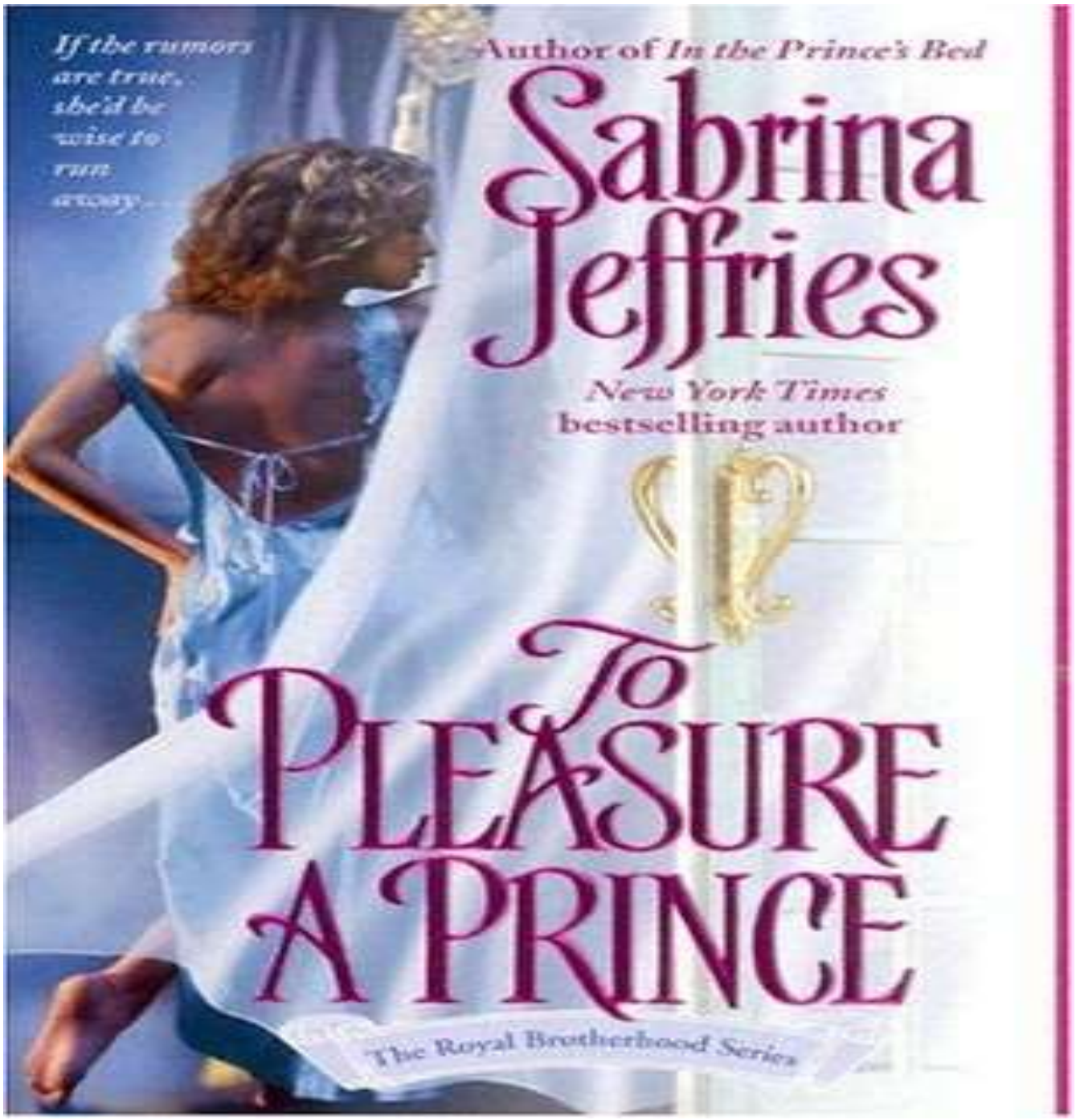
Agradando um Príncipe

Sabrina Jeffries

Irmandade dos Bastardos Reais 02



Disponibilização: Zaira Machado
Tradução: YGMR
Revisão: Edith
Revisão Final: Matias Jr.
Formatação: Sueli e Iara

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

A bela lady Regina Tremaine recusou a tantos pretendentes que todo mundo a chama "A Belle me Dê Sãs Merci". A verdade, entretanto, é que não quer casar-se porque encobre um terrível segredo. Não obstante, não vê nenhuma razão pela qual seu irmão não deveria cortejar a adorável Louisa North, inclusive quando o irmão dessa moça, o ignominioso visconde Dragão, não aceita a relação.

Marcus North, o visconde, filho bastardo do Príncipe de Gales, tem fama de ser um monstro que mantém mulheres cativas em seu lúgubre castelo, com quem faz o que lhe agrada. Durante muitos anos viveu exilado da alta sociedade, mas quando lady Regina lhe pede que aceite que seu irmão corteje Louisa, Marcus lhe propõe um tórrido pacto: seu irmão poderá fazer a corte a Louisa se Marcus poder cortejá-la.

Nota da Revisora Edith:

O mocinho é chamado de lorde dragão e realmente é cabeçudo, orgulhoso e pavio curto. Mas sai com algumas respostas ótimas e tem seus momentos hummmmmm! A mocinha põe o dragão na linha. É interessante colocar a mocinha como disléxica e que por causa disso rejeita todos os pedidos de casamento. Mas é claro que se dá um jeito de ambos se apaixonarem e casarem. Um livro gostoso de ler.

Nota do revisor Matias:

Típica história onde a "virginal" mocinha manipula o "malvado Ogro" com grande perícia e muita sensualidade... Pobre coitado de nós, simples mortais nas mãos dessas meninas "perversas"...

Um bom passatempo...

Prólogo

Londres, abril de 1814

" O padrinho de uma jovem dama na Corte tem que ser uma pessoa irrepreensível. Se a família da dama não o é, deveria ter o bom senso de não estar presente durante o ato de apresentação da jovem em sociedade."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal.

Guia para preceptoras,

acompanhantes e tutoras de jovens damas

Do lugar onde estava colocado, não conseguia ver nada do que acontecia lá dentro. Marcus North, o sexto visconde Draker, levantou-se do banco de mármore e cruzou o terraço para observar a sala de festas através das portas envidraçadas. Muito melhor. Que pena que não pudesse ficar ali muito tempo, mas era muito arriscado. Alguém poderia vê-lo. E evidentemente, não seria nada elegante que o pilhassem bisbilhotando como um espião francês.

- Mas se pode saber o que está fazendo? - perguntou uma voz atrás dele.

Marcus se voltou e viu seu meio-irmão, que o olhava com um evidente porte altivo que subia pela escadaria do jardim de sua nova mansão na cidade. Arriscou-se

muito, e finalmente o tinham descoberto.

Alexander Black, o conde do Iversley, apresentou-se no terraço.

- Pensava que tinha retornado ao Castlemaine há algumas horas.

- E o fiz - se desculpou Marcus ao mesmo tempo em que retornava ao banco de mármore e pegava a taça cheia de vinho da Madeira que tinha deixado ali. - Mas a meio caminho do Hertfordshire, decidi retornar.

- Por quê?

- Para me assegurar de que tudo saísse bem - alegou ao mesmo tempo em que tomava um gole de vinho.

- E se não fosse assim? O que pensaria fazer? Irromper na sala e tomar as rédeas da situação?

- Muito engraçado. - Marcus cravou novamente o olhar na sala de festas do Iversley através das portas envidraçadas. Começavam a chegar os convidados, e no centro da sala se achava sua querida meio-irmã.

Por uns breves instantes, segurou a respiração. Unicamente avistava a cabeça da Louisa, fabulosamente coroada por um penteado na última moda e adornada com uma enorme pluma de avestruz. Estava radiante. E parecia uma mulher completa. Com esses olhos escuros combinando com sua cabeleira, era a viva imagem de sua mãe e isso não podia ser bom.

Marcus bebeu o conteúdo da taça. No fim de contas, o que sabiam Iversley e sua esposa Katherine sobre a arte de apresentar uma jovem em sociedade? Especialmente a uma dama com um irmão a quem essa mesma sociedade desprezava e só se referia a ele para criticá-lo.

Afastou a vista das vidraças.

- Que tal foi à apresentação da Louisa na Corte?

- Como foi pedido. Não tropeçou com essa ridícula cauda longuíssima que devem levar as jovens, e segundo Katherine, isso é precisamente o maior temor de uma garota.

Quando a multidão se afastou o suficiente para deixar entrever o entaladíssimo vestido da Louisa, Marcus se arrependeu do dia em que aceitou que fosse apresentada em sociedade. O certo é que com essa aparência parecia mais uma mulher de vinte e cinco anos casada que uma mocinha de somente dezenove anos.

- Que vestido tão horroroso! Mostra muito.

- É, mas a moda dita ter decotes que mostrem até o umbigo - acrescentou uma voz familiar que provinha de trás do Iversley. - O da Louisa é modesto, em comparação.

- Que diabo está fazendo aqui? - perguntou Marcus enquanto seu outro meio-irmão, Gavin Byrne, emergia das sombras com uma taça de champanha na mão.

- É minha irmã, não a sua.

Byrne se encolheu de ombros.

- A estréia da Louisa era parte de nosso pacto quando selamos a Real Irmandade dos Bastardos. O menos que podia fazer era assistir a seu baile - disse ao mesmo tempo em que alfinetava Marcus com um olhar presunçoso, - já que seu próprio irmão não está presente.

- Sabe perfeitamente bem que não posso entrar nessa sala. Poria-o tudo a perder.

- Então, pelo amor de Deus, não a observe furtivamente daqui. Se não pensa em entrar, estouvado super protetor vá para casa e deixe que Iversley e eu nos encarreguemos do assunto.

Marcus resmungou.

- Confio no Iversley, mas em você...

- Cavalheiros - os interrompeu Iversley, - Todos estamos no mesmo navio. E a pior parte já passou, assim não há nada do que nos preocuparmos.

Como estava enganado. Com uma irmã, sempre havia alguma coisa mais pelo que preocupar-se.

Marcus desviou o olhar para a porta envidraçada e suas feições se crisparam quando viu que Louisa sorria timidamente a um dos jovens bonitos que lhe estavam apresentando.

- Quem é esse tipo?

- Relaxe - respondeu Iversley. - Soube que é um bom partido, um jovem rico e respeitável. Chama - se Simon Tremaine, e é o duque do Foxmon, ou algo assim.

- Foxmoor? - rugiu Marcus. - Katherine convidou ao duque do Foxmoor à festa?

- Por que não? É rico, bonito, não está casado e...

- E é um dos amigos do Príncipe de Gales, isso é o que é - proclamou Byrne. Em seguida se deslocou até situar-se ao lado do Marcus. - Isto está ficando realmente interessante.

Iversley piscou perplexo.

- Sinto muito. Não sabíamos. Nem Katherine nem eu prestamos muita atenção às

fofocas da sociedade.

Byrne lançou um olhar de cumplicidade ao Marcus.

- Claro, estão tão ocupados fazendo... Outras coisas.

- Pois a verdade é que ultimamente não pudemos nos dedicar a essas coisas - esclareceu Iversley. - Katherine teve o bebê faz tão somente dois meses, lembram-se?

- Ah, ossos do ofício da vida de um homem casado! - exclamou Byrne com ar teatral. - Que sorte tem os solteiros! Não é, Draker?

- Sim. - Embora de fato, Marcus invejava a sorte do Iversley de ter uma adorável esposa e um lindo bebê. Teria dado toda sua fortuna por possuir uma família assim.

Mas sabia que esse sonho jamais se cumpriria. Tinha que aceitar. Marcus aguçou a vista e viu que Foxmoor levava a Louisa até a pista de baile.

- Estava o Príncipe de Gales na Corte, hoje?

Iversley soprou com desprezo.

- Disseram-me que sim, mas não tive o prazer de ver nosso querido pai.

- Alguma vez lhe apresentaram ele, não é? - perguntou Byrne ao Iversley.

- Não, embora isso não mudaria as coisas. Ele não sabe que sou filho dele. E você?Conheceu-o em pessoa?

- Vi-o uma vez no teatro, quando eu ainda era um menino. Minha mãe o apontou dos bastidores - rememorou Byrne com tristeza. - A pobre mulher nunca cessou em seu esforço para que esse desgraçado me reconhecesse como filho, embora fosse só em particular. Mas claro, Sua Alteza morreria antes de admitir que tivesse uma descendência de uma vulgar atriz irlandesa. O que pensariam seus amigos de antiga ascendência? Fez uma pausa e olhou para Marcus. - Só admite aos que são como Marcus, nascidos de esposas de respeitáveis cavalheiros.

- A sério - murmurou Marcus, - o que menos lhe convém é que o Príncipe de Gales se intrometa em sua vida. Por que acha que mantive a Louisa encerrada durante todos estes anos?

Iversley piscou confundido.

- Louisa é também filha dele? Disse-nos que só o era você, mas se tivermos uma meio-irmã... Marcus lançou um suspiro de cansaço.

- Não, homem, não. Só eu sou bastardo. Louisa nasceu no ano em que Sua Alteza se casou, enquanto ele e minha mãe eram amantes. Mas apesar de que a moça é definitivamente a filha do visconde, esse mal nascido mostrou um inusitado interesse

por ela.

Inclusive enviou a um emissário faz um mês para solicitar um encontro e falar sobre o futuro da Louisa. Como já podem supor, expulsei o mensageiro de minhas terras a pontapés.

Byrne arqueou uma sobrancelha.

- Possivelmente o príncipe sabe algo que nós não sabemos. Sempre que reconheceu um filho publicamente o fez porque não restava outro remédio.

- Ela não é filha sua! - bradou Marcus. - O ano em que nasceu foi o único que esse desgraçado não pisou em nossas terras. Além disso, se tivesse acreditado que era sua filha, teria tentado me retirar sua custódia há tempo, tal como fez com essa menina chamada Minney há alguns anos. O visconde sempre afirmou que Louisa era filha de seu próprio sangue, e a sociedade a aceita como tal, assim será melhor que não volte a insinuar nenhuma outra possibilidade.

- Mas certamente Louisa sabe quem é seu verdadeiro pai.

- Se sabe jamais me comentou isso. E não quero que ninguém coloque questões dolorosas em sua mente sobre seu próprio sangue quando não existe nenhuma razão para isso. Assim que aviso: mantém o bico fechado. Ficou claro?

- De acordo - murmurou Byrne . - Não sei por que se mostra tão teimoso com essa questão. Converter-se de repente na filha do Príncipe de Gales não lhe suporia nenhuma briga. Aos filhos que reconheceu não lhes foi nada mal na vida. E você poderia se ter beneficiado se não tivesse jogado a ele e a sua mãe do Castlemaine. Esse escândalo o tinha desprestigiado ante a alta sociedade, mas a vingança de sua mãe, a avalanche de impropérios que contou a seus amigos a respeito dele, acabou de lhe fechar todas as portas por completo. Nove anos depois ainda continuava pagando sua afronta. E tudo por culpa desse maldito príncipe traidor.

- Esse desgraçado o merecia. - A ira acumulada tantos anos fervia agora no interior de Draker. - E também minha mãe. Estavam fornicando quando só fazia uma semana que meu pai tinha morrido.

- E o que? - inquiriu Byrne ao mesmo tempo em que bebia a taça. - O visconde jamais protestou. Por que o faz você? Estava morto, pelo amor de Deus, e nem sequer era seu pai.

- Mas sempre agiu como se o fosse. E merecia ser tratado com respeito por esse par de indecentes pelo mero fato de me tratar como se fosse seu verdadeiro filho

durante todos esses anos.

Byrne pigarreou.

- O visconde permitiu que sua esposa se deitasse com ele.

- Ah! E você é a pessoa mais acertada para falar disso, não? - apontou Marcus, elevando a voz. - Você, que se não coagisse os maridos, não conseguiria que nenhuma mulher se metesse na cama consigo.

O olhar azul de Byrne se endureceu como um bloco de gelo.

- Assim agora me sai com essas, pomposo.

- Está bem! Calem-se os dois! - Iversley tinha a vista cravada na janela. - É pela Louisa que deveríamos nos preocupar. Vejamos, acha que é necessário que afaste ao Foxmoor dela?

Marcus o olhou desafiante.

- Sem dúvida nenhuma. Não pode ser uma coincidência que o amigão mais ambicioso do príncipe esteja revoando como um moscardo ao redor da Louisa.

- De acordo. Depois desta noite, não voltaremos a convidá-lo a nenhuma festa.

- Mas não poderá detê-lo nem a ele nem a nosso querido pai. Encontrarão outras ocasiões para aproximar-se dela. - Marcus depositou um olhar cheio de tristeza nas profundidades cristalinas de sua taça vazia.

- OH, sim, claro que posso - disse Iversley. - Não permitirei que lhe aproxime ninguém que possa lhe fazer dano. Durante estes últimos meses que Louisa nos visitou freqüentemente para preparar sua estréia, Katherine e eu lhe tomamos muito carinho.

Por nada do mundo desejaríamos que caísse nas redes de Sua Alteza e seu círculo de depravados.

- Provavelmente se estão preocupando sem razão - declarou Byrne, - só porque Foxmoor esteja dançando com ela não significa que o príncipe o tenha enviado.Depois de tudo, Louisa é uma jovem muito bela.

- É verdade. Mas esta situação me tira do sério.

Pela primeira vez em muitos anos, Marcus desejou poder formar parte dessa sociedade que tanto detestava sem levantar comentários venenosos nem olhares de desprezo. Desejou tirar essa barba que ocultava a terrível cicatriz sem temor a despertar inclusive mais rumores maliciosos. Não lhe importava o que pudessem dizer ou pensar dele, mas Louisa...

Não podendo acompanhá-la, não podia protegê-la.

Mas também não podia lhe exigir que se mantivesse exilada com ele no Castlemaine, embora isso fosse o que realmente desejava. Louisa merecia algo melhor. E o único modo de consegui-lo era confiá-la a Iversley e a Katherine, para que cuidassem dela durante as semanas que se hospedasse em sua casa e fosse a um sem-fim de bailes e de festas para dar-se a conhecer.

Sem ele.

- Espero que você e Katherine saibam o muito que aprecio o que estão fazendo por ela.

- Vamos, é o mínimo que podemos fazer depois do que você fez por nós - respondeu Iversley com uma voz profunda e emocionada.

- Mas se não foi nada, seriamente - balbuciou Marcus, sentindo-se desconfortável ante a falta de costume de que alguém lhe agradecesse. Não estava habituado a ter amigos, nem irmãos- que lhe agradecessem sua ajuda.

Um silêncio incômodo inundou o espaço, então Iversley pigarreou e anunciou:

- Será melhor que retorne a meus convidados. E vocês dois, pensam ficar aqui plantados durante o resto da noite?

- E contemplar como Draker se enfurece cada vez que Louisa dança com alguém que não é de seu agrado? - brincou Byrne . - Não, obrigado. Vamos ao Blue Swan.

Marcus fulminou ao Byrne com um olhar depreciativo.

- Não penso pisar nesse antro de perdição que rege enquanto um montão de gastadores especulam sobre minha barba e meu passado e meu...

- Está claro que nunca esteve no famoso clube de cavalheiros do Byrne, se acredita que é um antro de perdição - remarcou Iversley, - e estou certo que o local dispõe de salas privadas.

- Sem esquecer o melhor brandy francês que nenhum contrabandista de Londres é capaz de oferecer - acrescentou Byrne. - Venha, enorme resmungão. Esta maldita festa durará ainda muitas horas, e já sabe que não é conveniente que ronde todo o momento por aqui até que se ponha em evidência.

Odiava admiti-lo, mas Byrne tinha razão.

- Suponho que poderia ir para casa.

Embora o certo é que não estava de humor para retornar ao Castlemaine e ao vazio que Louisa tinha deixado em sua ausência.

- É verdade que tem salas privadas?

- É claro que sim. - Um sorriso malicioso se perfilou nos lábios do Byrne. - E se quiser, posso conseguir companhia feminina para os dois. Convite da casa.

Marcus se sentiu certamente tentado. Apesar de que nunca tinha tido uma amante e que mal recorria a prostitutas, essa precisa noite não era o momento de mostrar-se escrupuloso.

E Castlemaine lhe resultaria menos solitário se retornasse em plena luz do dia.

- Vamos, Draker, vá com ele - o animou Iversley. - Depois de tudo, para isso estão os irmãos, não? Para ajudar uns aos outros.

Irmãos. A dor aguda que Marcus sentia no peito desapareceu quase por completo.

- De acordo, irei.

- Excelente! - Byrne agarrou a garrafa de vinho da Madeira e voltou a encher sua taça e a do Marcus; a seguir passou a garrafa ao Iversley, ergueu sua própria taça e propôs um brinde: - A saúde da Real Irmandade dos Bastardos!

Os outros dois partícipes se uniram ao brinde. Iversley levou a garrafa aos lábios e bebeu diretamente dela.

Depois Marcus ergueu novamente sua taça:

- E à saúde de nosso progenitor real! Tomara se apodreça no inferno!

Capítulo um.

Hertfordshire, maio de 1814.

" Não se deixe levar pelos falatórios, mas seja consciente dos rumores que

circulam; desse modo poderá separar o trigo da palha."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

A carruagem subiu a última encosta da montanha e lady Regina Tremaine conteve a respiração quando avistou a mansão do Castlemaine, agasalhada por um dos frondosos vales das colinas do Chiltern. O lugar estava à altura de sua gloriosa fama.

Embora carecesse de um fosso, era a vivida imagem de um castelo de estilo Tudor, com suas ameias, seus parapeitos e suas bicudas janelas góticas.

Que estranho lhe parecia descobrir um lugar assim aqui, no Hertfordshire, entre bois e campos de cevada, a uns escassos trinta quilômetros de Londres. Era como encontrar Camelot em pleno centro do bairro londrino do Whitechapel.

- Que interessante, não é verdade? - comentou Cicely Tremaine, a prima solteirona mais velha da Regina que fazia às vezes de dama de companhia.

- É fascinante. - Embora ela já esperasse algo parecido, depois de escutar a minuciosa descrição que Louisa lhe tinha feito de sua casa. - Embora certamente seja muito escuro por dentro. Já sabe como costumam serem estes velhos castelos.

Uns breves momentos depois, quando um lacaio lhes abriu a porta e as deixou entrar, Regina descobriu que o lugar não era lúgubre absolutamente. Sim, possivelmente a alguém tinha forçado um pouco a mão com a decoração. Segundo os rumores, o visconde anterior tinha gasto uma fortuna reabilitando o castelo fazia uns vinte e cinco anos; inspirando-se na extravagante vila Strawberry Hill do Walpole, tinha convertido um castelo decadente em uma verdadeira obra de arte gótica.

Não obstante, Regina tinha que admitir que tivessem feito um ótimo trabalho. A escura madeira brumida e as grades de ferro forjado contribuíam para uma manifesta sensação de robustez. Apesar das cores amortecidas da antiquíssima tapeçaria que pendia da parede, a impressão geral era de um estalo de cores, com as cortinas de seda com pontos dourados e os vibrantes matizes vermelhos e azuis das vidraças que coroavam a parte mais alta de uma impressionante escadaria de madeira de mogno.

Cicely se aproximou mais de Regina.

- Pois o interior não é o que alguém esperava, não é?

- Não. - Regina sabia que lorde Draker era rico mas, dada sua notória reclusão, tinha esperado encontrar os tetos obscurecidos pela fuligem e com enormes teias de

aranha aparecendo por debaixo de cada cadeira, em lugar desse vestíbulo imaculadamente limpo com seu cintilante candelabro de cristal e um quadro do Tintoretto que proclamava a opulência e o gosto do proprietário.

Mas só para aqueles que entendessem de arte. Ou lorde Draker era mais sofisticado do que ela tinha imaginado, ou simplesmente sentia predileção por quadros interessantes.

Regina desejou que das duas opções, a segunda fosse a certa. Seus melhores êxitos os tinha cultivado com homens simplórios e pouco inteligentes; os preparados eram sempre um problema,embora também conseguia vencê-los sem muitos esforços quando se propunha.

O mordomo se aproximou das duas damas, com o olhar sobressaltado.

- bom dia, senhoritas. Suponho que sua visita se deve a um engano. A senhorita North não se acha em casa, mas em Londres e...

- Não vim ver Louisa - cortou-o Regina com um sorriso de cortesia. - Seria amável de anunciar a sua senhoria que lady Regina Tremaine está aqui e que deseja falar com ele?

O rosto do mordomo adotou o tom vermelho do tomate.

- Sua... Sua senhoria?

Regina arqueou uma sobrancelha.

- Estamos no Castlemaine, não é?

- Sim, senhorita, mas... Bom, suponho que se refere ao visconde, quero dizer, a lorde Draker.

- Efetivamente.

- Ao Marcus North, o sexto visconde Draker.

- Sim, sim, a esse - apontou ela impacientemente. - Acaso estou na casa equivocada?

- Possivelmente não seja o momento oportuno - sussurrou Cicely com voz cautelosa.

- Bobagens! - Regina ofereceu ao mordomo um sorriso cortês. - Fará o favor de anunciar ao visconde que vim vê-lo? Se não for pedir muito.

O mordomo voltou a ruborizar-se.

- É claro que não, senhorita. Desculpe-me, mas é que quase nunca vêm senhoritas... Quer dizer, que o senhor mal recebe. - Abatido, tentou recuperar a

compostura. - Agora mesmo anuncio sua chegada.

- Céu santo! Que espécime! - exclamou Regina em voz baixa enquanto o mordomo subia a escada principal com grande celeridade. - Não me cabe dúvida de que o visconde é um ogro, pela forma de atuar desse criado.

- Chamam-no o visconde Dragão - precisou Cicely.

Regina contemplou o quadro do Tintoretto com São Jorge matando ao dragão, o brasão dos Draker com seu rampante dragão negro, e o poste de mogno da base da escada com um dragão enrolado em sua parte superior.

- Pois não entendo por que o chamam assim - disse secamente.

Cicely seguiu seu olhar.

- Não é só por isso. Parece que tem muito mau caráter. Conforme ouvi, o ano passado chutou a um livreiro em plena rua por causa de um velho livro que o pobre homem lhe tinha prometido e que logo vendeu a lorde Gibbons. E também contam que o mês passado expulsou a pontapés um emissário de Sua Alteza.

- Ah, e também se murmura que lorde Maxwell dorme com uma cabra, mas jamais se viu enviar a alguém que a ordenhe. Olhe, não deveria fazer caso das más línguas.

- Mas no caso do visconde, não se trata de simples rumores. - Cicely respirou com dificuldade por causa de seus problemas pulmonares crônicos. - O que me diz de como maltratou a sua mãe? Não recorda as terríveis coisas que lady Draker explicava quando visitava seus pais?

- Lembro que lady Draker adorava dramatizar e exagerar. Além disso, não é possível que o visconde seja tão horrível como ela contava, se foi capaz de criar a uma irmã tão carinhosa e embelezadora como Louisa, quem, olhe por onde, diz que sua mãe mentiu a respeito dos supostos maus entendimentos que lhe dava seu filho.

Mas Cicely não se advinha a razões.

- A senhorita North está provavelmente muito aterrorizada por seu irmão para dizer algo em seu contrário.

- Pois não age como uma garota atemorizada, asseguro-lhe. Ela o descreve como um ser maravilhoso. - De fato, a incongruência entre as imagens que Louisa e a alta sociedade ofereciam respectivamente de lorde Draker a traziam muito intrigada.

Embora não tivesse tido uma desculpa para realizar essa visita, possivelmente teria vindo de qualquer modo para conhecer pessoalmente esse sujeito.

- Por isso Louisa não aceitará os planos de meu irmão sem a devida permissão do visconde, porque respeita a opinião de lorde Draker.

- Sim, mas...

- Chist! - interrompeu-a Regina. - Escute.

A voz apagada do mordomo flutuou pelo ar até ocupar o vestíbulo agora em silêncio.

- Mas... Mas Senhor, o que quer que lhes diga?

- Diga que não me encontro bem - bradou uma profunda voz masculina. - Diga que estou de viaje pela Índia. Não sei. Não me importa a desculpa, mas quero que partam de minha casa agora mesmo.

- Sim, senhor - replicou o mordomo.

Regina lançou um bufido. Assim lorde Draker se negava a vê-la, verdade? Pois não ia se sair com a sua. Quando viu que o mordomo iniciava sua descida pela escada, ela se dirigiu para ali.

Cicely a agarrou pelo braço.

- O que vai fazer? Não pode...

- Fique aqui e mantém ao mordomo ocupado. - Ordenou Regina ao mesmo tempo em que escapava da débil garra de sua prima. - Vim para falar com lorde Draker e não partirei até que o tenha conseguido.

- Mas...

Regina não ficou para escutar nem uma só recriminação mais. Se o visconde pensava que podia ser tão irreverente com ela, depois de ter percorrido trinta quilômetros de Londres, e jogá-la como se se tratasse de um credor inoportuno, estava preparada.

Uma vez em cima, no extenso corredor do primeiro piso, Regina só necessitou de uns minutos para encontrar-se bisbilhotando os aposentos que se ocultavam detrás de cada uma das maciças portas de carvalho para achar o aposento que devia corresponder ao estúdio do visconde. Entreteve - se um instante, o suficiente para examinar sua aparência em um espelho com a moldura de mogno. As faces rosadas por causa da viagem, correto. O novo chapéu de cor marrom avermelhada perfeitamente colocado em seu lugar, correto.

Uma capa combinando, entreaberta que revelava tão somente a parte superior de seu peito, correto. Lorde Draker ia cair rendido aos seus pés antes que os nervos se

apoderassem dela, abriu a porta e entrou na cova do dragão. Mas o lugar não estava decorado com rochas enegrecidas com aroma de sulfureto mas com pele curtida dourada e cheirava a tinta. Livros, um milhar de livros adornavam as paredes em sombras variantes de marrom e azul escuro, ressaltando ainda mais a grande cultura e riqueza do proprietário.

A sala era enorme; provavelmente abrangia a longitude completa da casa. Como podia alguém ter tantos livros e, além disso, lê-os todos?

Nesse momento, Regina se deu conta de que teria problemas. O visconde não só era um homem inteligente mas além disso possuía uma sabedoria interminável. Afastou rapidamente esse pensamento incômodo de sua mente. Depois de tudo, era um homem, ou melhor dizendo, um rato de biblioteca, com escassos conhecimentos da alta sociedade, da atualidade, e das mutretas femininas.Certamente seu encanto usual e seu sorriso sedutor seriam suficiente para aplacar à besta. Mas onde estava o personagem misterioso? A biblioteca parecia vazia. Fechou a porta a suas costas. Imediatamente, uma voz profunda e penetrante que parecia provir do céu encheu todo o aposento.

- Suponho que se livrou da irmã do Foxmoor.

Surpreendida, levantou a vista e descobriu uma galeria justo em cima de sua cabeça. Avançou um pouco mais para o centro do aposento e então divisou o próprio visconde Dragão. Lorde Draker estava de pé na estreita galeria que percorria de parede a parede a grande sala de teto alto e continha numerosas estantes abarrotadas de mais livros. O visconde lhe dava as costas, suas corpulentas costas. Tomou um volume e o abriu com o mesmo esmero com o que uma mãe sustentaria a um bebê entre seus braços.

Era o único traço delicado do sujeito. O resto de seu ser era certamente grotesco: exibia uma cabeleira mau cortada e desalinhada que caía de forma pouco elegante sobre o pescoço de seu traje, e por vestimenta trazia um gasto traje passado de moda e umas velhas botas estragadas.

Para encher o copo, o tipo era enorme. Não era pois estranho que todo mundo acreditasse o rumor que era filho do Príncipe de Gales e não do visconde. Era evidente que tinha a compleição robusta dos Hanover, mas sem a opulência de carnes de Sua Alteza.

O gigante com o cabelo desalinhado depositou novamente o livro na estante e

passou a tomar outro localizado em uma prateleira inferior, com o qual ofereceu a lady Regina uma vista inigualável de umas invejáveis nádegas e umas musculosas coxas esticadas e escuras sob o tecido das calças desgastadas.

Lady Regina sentiu uma intensa secura na boca. Era capaz de apreciar uma boa figura masculina quando a tinha diante.

- E bem? - perguntou ele. - A incomodou a irmã do Foxmoor? Soube que é uma moça bastante impertinente.

As palavras a assaltaram de surpresa, tirando a de sua reflexão.

- Não, não mais que qualquer outra dama que se sinta desatendida por um cavalheiro insolente e grosseiro.

Ele se ergueu rapidamente, voltou-se para ela para olhá-la e lady Regina ficou sem fôlego.

O visconde não se parecia absolutamente a quem se murmurava que era seu progenitor. Em primeiro lugar, tinha uma abundante barba muito pouco elegante. Sua Alteza engoliria um ferro candente antes de deixar crescer uns bigodes tão extensos.

Mas certamente ao príncipe não lhe importaria ter o corpo deste homem: exibia uns musculosos ombros quadrados e um peito largo que se estreitava progressivamente até uma cintura surpreendentemente perfeita.

Inclusive suas panturrilhas pareciam estar bem perfiladas, embora suas meias...

Lady Regina piscou e voltou a observá-lo. Levava uma meia de cada cor.

- Terminou? - replicou ele.

Ela se sobressaltou.

- Se tiver terminado o que?

- De me examinar da cabeça aos pés.

Maldição. Não tinha intenção de observá-lo tão descaradamente.

- Não pode me culpar de que sinta uma enorme curiosidade. Muito pouca gente teve o prazer de ver Castlemaine e, menos ainda, de ver seu dono.

- A razão é bem simples - respondeu ele ao mesmo tempo em que lhe dava as costas novamente para depositar o livro na prateleira. - E agora, se me desculpar...

- Sinto muito, mas vim com o firme propósito de falar com você.

Ele se limitou a agarrar outro volume.

- Igualzinha ao seu irmão, não é verdade? Não aceita um não por resposta.

- Não quando essa negativa se oferece sem nenhuma explicação.

- Não tenho que dar explicações de por que me nego a falar com um visitante. Entendo que inclusive a etiqueta social me permite escolher a quem desejo ver, especialmente quando estou ocupado.

- Você não está ocupado, o que se passa é que é um covarde.

O visconde se voltou e a olhou furioso.

- O que disse?

"Excelente, Regina, E por que não lhe esbofeteia o rosto com a luva?", pensou ela, mas é que esse homem a tirava de suas casinhas.

- Chamei-o de covarde. Não mostra nenhum reparo em caluniar a minha família ante sua irmã, mas não se atreve a expressar suas objeções diretamente no rosto.

Uma estonteante gargalhada alagou a biblioteca.

- Acredita que você e seu irmão podem me intimidar?

Regina sentiu que sua ira ia aumentando.

- Simon me contou que se nega a falar com ele.

O visconde voltou a concentrar toda sua atenção no livro.

- Ele sabe perfeitamente por que prefiro falar com os Iversley. E se por acaso eles não foram suficientemente explícitos, faço-lhe saber que desaprovo absolutamente as artimanhas de seu irmão para enredar a minha irmã.

- Meu irmão seria incapaz de enredar a alguém! - protestou ela.

- Pois se é assim, estarei encantado de solucionar esta questão com ele em pessoa - concluiu o visconde. Em seguida tomou outro livro e o folheou com tédio. - Assim diga a seu irmão que não conseguirá ganhar meu beneplácito me enviando sua irmãzinha.

- Ele nem sequer sabe que vim. E estou certa de que não me permitiria que interferisse em seus assuntos.

Lorde Draker se voltou e lhe cravou um olhar inquisidor.

- Então, possivelmente deveria respeitar os desejos de seu irmão e não entremeter-se neste assunto.

- Repito-lhe que não vim de parte de meu irmão mas sim porque me pediu isso sua irmã. - A lady Regina não escaparam os sutis traços cavalheirescos do visconde.

- Louisa a envia?

- Sim. Disse-me que você jamais a escutaria porque não tem experiência nas tramas da alta sociedade. Mas tinha a esperança de que atendesse a alguém capaz de lhe assinalar as vantagens de uma aliança entre ela e meu irmão. - Especialmente

desde que os Iversley apoiavam a firme decisão de lorde Draker de proibir que Simon se aproximasse de sua cândida irmã.

O visconde se mostrou contrariado.

- Pois Louisa se equivoca. O assunto está resolvido; não há nada mais que falar.

- O que tem para não deixar que Simon corteje sua irmã? É um dos cavalheiros mais desejados de Londres.

- Não me cabe a menor duvida - respondeu ele enquanto movia a mão com impaciência. - E agora, se me desculpar, tenho trabalho por fazer.

Regina não estava acostumada a que alguém a ignorasse ou a tratasse com tão pouca educação. E que por cima fosse desatendida assim por esse... Esse energúmeno colossal, enfurecia-a até limites inusitados.

- Não partirei até que me dê um bom motivo para suas objeções. Porque, com franqueza, não encontro nenhum que seja razoável.

- Pois claro que é incapaz de ver os motivos - recriminou-a ele enquanto a repassava com desdém desde seu chapéu de cor lilás até a ponta de seus muito caros sapatos infantis. Ela teria jurado ver um brilho de admiração em seu olhar até que o visconde declarou com evidente desprezo: - as de sua classe jamais os vêem.

Lady Regina não dava crédito ao que acabava de ouvir. Ofendida e cansada de tanto encurvar o pescoço incomodamente para observar a esse indivíduo detestável, dirigiu-se com passo decidido para a escada que conduzia até a galeria superior.

- E que classe é essa?

- A das ricas damas de alta linhagem que se movem nos círculos mais elevados da sociedade.

Regina iniciou a subida pela escada. Se ele continuava negando-se a lhe prestar atenção, encurralaria-o na galeria e o obrigaria a escutá-la.

- Sua irmã é também uma rica dama de alta linhagem que se move nos círculos mais elevados da sociedade.

Lorde Draker a fulminou com o olhar.

- Só até que encontre um marido decente. Desejo uma vida melhor para ela que a que leva parte dessa sociedade mesquinha - declarou sem deixar de olhá-la com desprezo - formada por mulheres patéticas que passam o dia oscilando sobre a cor do vestido que vai usar na próxima festa.

Regina acreditou que ia ir às nuvens. Alcançou a galeria e se dirigiu para o

visconde.

- Suponho que preferiria que se casasse com um ermitão com o rosto peludo como você, para que passasse os dias escutando-o como destrambelhava de todos seus visitantes.

As palavras ficaram pendentes no ar, convertendo a atmosfera em puro gelo. Céu santo, o visconde tinha os olhos mais bonitos que jamais tinha visto, da cor castanha, com umas pestanas cumpridíssimas, um pouco mais escuras que o monte de cabelo que coroava sua cabeça. Que pena que esses olhos a estivessem perfurando com tanto furor.

- Melhor isso que passar a vida ao serviço do Príncipe de Gales e de outros da mesma índole.

De repente Regina o viu claro.

- Ah, já entendo. Como não me tinha dado conta antes? Não aceita ao Simon porque é amigo de Sua Alteza. Não quer que sua irmã esteja perto de seu pai, depois dos terríveis esforços que você fez há anos para expulsá-lo de suas terras e de suas vidas.

- Tem toda a razão. Mas, além disso - O visconde fez uma pausa repentina. O mau humor de seu rosto desapareceu e foi substituído por leves rugas que se desenharam em ambos os lados de seus belos olhos. - Se dá conta de que acaba de me chamar de bastardo na cara?

- Não é certo!

- Para efeitos da lei, meu pai era o quinto visconde Draker. E como você não se estava referindo claramente a ele...

Maldição. Tinha-a pilhado. Os cavalheiros inteligentes não causavam mais que problemas.

Lorde Draker prosseguiu com petulância.

- Deveria esperar que a filha de um duque fosse suficientemente perspicaz para não lançar rumores luxuriosos sobre os progenitores de um homem diante dele. - Apoiou a mão no corrimão da galeria.

- Mas claro ambos sabemos quão frágil é a falsa fachada de educação de você e os de sua classe.

- Já ouvi suficiente sobre a opinião que lhe merecemos os de minha classe, pedaço de pau. - E sem dizer nenhuma só palavra mais, dirigiu-se com porte irado para a

escada. - Se o que quer é que Simon e Louisa se vejam às escondidas, perfeito. A quem importa se um dia alguém os surpreende em uma situação comprometedora e estala o escândalo? Simplesmente penso dizer a meu irmão que siga adiante com seus planos de encontros secretos e que...

- Um momento! - trovejou ele.

Regina se deteve em seco a um passo da escada, com um amplo sorriso nos lábios. O visconde se aproximou a grandes passadas.

- De que diabo está falando?

- Oh, não. Não desejo incomodá-lo com essa história; está muito ocupado - atravessou ela ao mesmo tempo em que reemprendía a marcha lenta, muito lentamente. - É evidente que já lhe roubei muito de seu precioso tempo, assim parto.

Tinha alcançado a escada quando lorde Draker a agarrou pelo braço e a obrigou a dar a volta.

- Não se irá daqui até que me diga que demônios acontece, maldita seja.

Forçando um sorriso educado, Regina afastou a mão do visconde de seu braço.

- Está certo de que dispõe de suficiente tempo livre? - perguntou com falsa doçura. - Não desejaria que se sentisse forçado.

Lorde Draker a afastou a um lado e começou a descer pelos degraus, obrigando-a a segui-lo.

- Será melhor que essas patranhas sobre encontros secretos não sejam fruto de sua imaginação, porque se acredita que conseguirá captar minha atenção com uma mera armadilha...

- Armadilha? Certamente não acreditará que uma mulher que esbanja seu tempo oscilando sobre que vestido vai pôr poderia enganar um cavalheiro tão inteligente como você.

"Toma isso ogro miserável!", pensou ela quando ele soprou com evidentes mostra de crispação.

Regina estava tão ofuscada felicitando-se a si mesmo por sua acuidade verbal que perdeu o equilíbrio, e esteve a ponto de cair de costas e dar de cara contra o chão se lorde Draker não a tivesse apanhado a tempo pela cintura.

Durante uns breves instantes, os dois ficaram imóveis. Só o enorme braço do visconde impedia que ela caísse no vazio. Que sorte que fosse tão hercúleo.

E surpreendentemente limpo, apesar desse porte tão tosco. Um ligeiro aroma de

sabão perfumado a embriagou, e se perguntou se em realidade era tão grosseiro como aparentava.

Então o visconde deslizou os olhos até a blusa entreaberta, que revelava um entalhado corpete, e cravou os olhos nesse ponto.

Os homens costumavam olhar descaradamente seus seios, e às vezes Regina tinha tirado vantagem dessa desfaçatez. Mas por alguma razão, o olhar do visconde a incomodou sobremaneira. Parecia que desejasse devorar seus seios e que ela desfrutasse com o ato.

Sentiu que a invadia um ligeiro rubor, e abriu a boca para repreendê-lo, mas então se fixou na cicatriz que emergia de sua barba abundante e ia morrer em sua face. Tinha ouvido dizer que tinha uma cicatriz, mas ninguém parecia saber nem sua envergadura nem como a tinha feito. Sua abundante barba a cobria quase em sua totalidade, mas a parte que lhe sobressaía tinha um aspecto bem desagradável. O que tinha feito para receber uma ferida tão horrorosa? Regina estremeceu só de pensar.

O visconde levantou a vista e a olhou nos olhos. Quando se deu conta do que ela estava contemplando com tanta atenção, franziu o cenho.

- Eu se fosse você olharia onde põe os pés, senhorita. Suponho que não gosta de chegar ao chão a tropeções.

A ameaça patente fez que Regina sentisse um calafrio ao longo das costas.

Lorde Draker a levantou como se fosse uma pluma e a depositou firmemente no chão, dois degraus abaixo dele, depois desceu até situar-se a seu lado.

- E agora, lady Regina, me explique exatamente o que quis dizer com isso de minha irmã e os encontros secretos. Não a deixarei partir até que me tenha contado tudo.

Ela assentiu, tentando não prestar atenção à comichão que lhe provocava a voz rouca e profunda do visconde no estômago. Aparentemente, tinha conseguido despertar o dragão adormecido. Agora se tratava de manter sua atenção.

Capítulo dois.

"Jamais confie em um homem jovem, seja um pobre diabo ou um rico cavalheiro com título de nobreza. Não lhe ocorra deixá-lo a sós com sua pupila."
SENHORITA CICELY TREMAINE,

Enquanto a irmã de Foxmoor se dirigia ao centro da biblioteca, Marcus a seguiu com os olhos, tentando não perder a cabeça. Os movimentos da mulher eram tão gentis como uma sonata. Não conseguia desviar o olhar dessas nádegas tão bem moldadas, cobertas pelo que sem dúvida alguma era um traje à última moda. Teria dado a metade de sua fortuna por ter esse elegante traseiro sentado em seu regaço e deleitar-se com o fino aroma perfumado que emanava de cada centímetro da pele dessa mulher.

O visconde voltou a franzir o cenho. Não podia cair rendido aos pés de uma dama tão arrogante como ela. Inclusive depois de resgatá-la do que teria sido uma funesta queda, ela o tinha olhado como se ele fosse violá-la ali mesmo.

E o teria feito. Quem não? Com uma mulher que exibia uns seios tão apetitosos, como lhe suplicando que se inundasse neles e que gozasse sem reparos?

Sim, claro, e logo lhe pediria que amassasse a cabeça contra as rochas. Não tinha nenhuma dúvida de que o vil do Foxmoor tinha enviado sua querida irmãzinha para conversar com ele, apesar do que ela argumentava. Isso era precisamente o que em tempos remotos faziam para apaziguar a um dragão, não? Enviar-lhe uma bela jovem virginal.

Mas essa virgem era mais brava que as demais. Poucas damas se atreveriam a irromper em sua biblioteca sem ser previamente apresentadas, especialmente conhecendo os rumores que circulavam sobre ele. E quanto ao de ser virgem, essa mulher era Suficientemente sofisticada para ter ganho o apelido entre a alta sociedade de La Belle me Dê Saris Merci (a formosa mulher sem compaixão), título tirado de um poema do Chaucer que tratava sobre uma mulher insensível.

Era melhor não esquecer que ela representava essa idéia de mulher a que os poetas se referiam quando falavam de morrer de amor.

Era uma fêmea perigosa, sem dúvida.

- Bem? - disparou ele impaciente, desejando que partisse de seu estúdio antes que o enfeitiçasse por completo. - O que são todas essas declarações embrulhadas sobre encontros secretos?

Regina o olhou com descaramento. Que Deus o ajudasse, e por que tinha que ser loira, que era o tipo de mulher que mais o deslumbrava? Os cachos que apareciam por

debaixo do chapéu adornado com uma pluma eram tão dourados como o debrun áureo de sua edição favorita da odisséia. Maldita fosse ela e todas as mulheres parecidas com ela. Nesse momento não tinha vontade dessa classe de joguinhos.

Regina o observou sem perder a compostura.

- Sua irmã e meu irmão estão determinados a ver-se. Se não consentir que a corteje, escapulirão do olhar atento de seus guardiões. Estão certos de que desse modo conseguirão que alguém os pegue em uma situação comprometedora. Mas isso afetaria mais a reputação da Louisa que a de meu irmão.

- E é precisamente por isso, pois ela não ousaria agir de um modo tão desavergonhado.

- Ah, não? - Lady Regina o olhou sem piscar. - Estou aqui justamente porque ela não deseja agir a suas costas até que não saiba qual é sua decisão final.

O alarme se estendeu pelo rosto de Marcus.

- Falou com a Louisa a respeito disto?

- Tentei dissuadi-la, que não é o mesmo. Estava pronta para acatar os planos de meu irmão, mas a convenci de que inclusive um duque não está acima das críticas que se derivariam de tal assunto e que se os pegassem, o escândalo seria...

- As favas com o escândalo! Não quero que seu irmão e seu vicioso círculo de amigos se aproximem de minha irmã!

Os olhos cinza da Regina se endureceram como o aço.

- Sinto lhe comunicar que Louisa não compartilha de sua aversão por Sua Alteza.

Esse era o problema. Louisa nem sequer o compreendia. Ela tinha apenas dez anos quando sua mãe partiu. Tudo o que recordava do Príncipe de Gales era um indulgente "tio George", que de vez em quando lhe comprava algum presente.

Marcus se esmerou muitíssimo para mantê-la afastada dos rumores sobre a natureza verdadeira da amizade de sua mãe com aquele indivíduo.

- Vejo que conhece bem a Louisa - apontou o visconde.

- Sim, somos amigas.

Maldição, sua pobre irmã tinha aterrissado em meio de um ninho de víboras. Como o tinham permitido os Iversley?

- Então, deveria saber que não é tão preparada para confrontar as pautas da alta sociedade, quer dizer, que não seria uma boa escolha para seu irmão.

- Ela o faz feliz; isso é tudo o que importa.

Lorde Draker explodiu em uma amarga gargalhada.

- Uns sentimentos bem estranhos, provindo de você, senhorita.

Regina baixou a cabeça, mostrando um primeiro plano da pluma de avestruz que coroava seu chapéu.

- O que quer dizer? Se nem sequer me conhece.

- Sim a conheço. Quem não ouviu falar de lady Regina Tremaine, a dama a que, apesar de ter rechaçado a um sem-fim de cavalheiros, chovem-lhe mais propostas de matrimônio cada ano que passa? Não encontra ao homem que a faça feliz? Ou acaso nenhum está à altura da deliciosa linhagem de sua família e de suas enormes expectativas?

As faces da jovem se cobriram com um rubor que lhe queimava.

- Parece que lhe interessam os falatórios infundados.

- Pois não me parecem tão infundados, agora que a conheci em pessoa.

- O mesmo poderia dizer eu dos rumores que circulam sobre você.

- Ah, sim? E o que contam de mim nestes dias?

Ninguém na alta sociedade ousava mexericar sobre um homem diante de seu próprio nariz.

Ela desviou a vista com um sorriso envenenado.

- Contam que é um homem obstinado com o temperamento de um ogro. Que guarda segredos tão escuros que não se podem contar, e que faria algo por mantê-los ocultos.

Lorde Draker resmungou, agora era seu turno.

- Pois de você dizem que desfruta pondo aos presunçosos e aos insolentes em seu lugar. Que graças a sua língua viperina se converteu na estrela durante os seis ou sete anos que faz que ingresse em nossa sociedade corrupta.

- Seis, para ser exato - corrigiu ela, mostrando-se tensa. As feições de lady Regina se tornaram mais gélidas. - Mas continuemos com os rumores: dizem que intimida aos comerciantes e expulsa a pontapés aos pobres mensageiros sem nenhuma razão aparente. Além disso, contam que William Blake, esse caipira que se crê artista, inspirou-se em você para pintar um de seus horríveis quadros de dragões.

Por casualidade o visconde possuía um desses horríveis quadros de dragões. O próprio Blake o tinha presenteado, embora ele pensasse que se tratava de uma brincadeira por parte do Blake. Até agora.

Com uma careta de desgosto, lorde Draker inclinou a cabeça até que seus olhos ficaram à mesma altura dos dessa descarada mulher.

- Comentam que não é mais que uma menina mimada arrogante que acredita que o sol sai e se põe por você, por ser a filha de um duque.

Quando os olhos faiscantes da Regina toparam com os do visconde, ele acreditou vislumbrar uma expressão de dor. Mas isso era absurdo. As mulheres como ela careciam de sentimentos.

- Dizem que devora vários meninos pequenos para tomar o café da manhã - indicou ela - com geléia.

A sandice deliberada dessa última acusação deixou a lorde Draker perplexo, e essa era uma sensação que odiava profundamente. Fulminou-a com o olhar.

- Pois a chamam A Belle me Dê Sãs Merci.

Regina aproximou tanto seu rosto do seu impertinente interlocutor que a pluma de avestruz lhe fez cócegas na fronte.

- E o chamam o visconde Dragão. Mas isso é porque à sociedade gosta de endossar ápodos a aqueles aos que teme inveja ou admira. São motes que não refletem absolutamente nossa personalidade, e isso é algo que você, de entre todas as pessoas, deveria saber.

O alegado sagaz sobre os falatórios da alta sociedade fez com que o visconde se detivesse uns segundos a pensar. Então, de repente disse:

- Deixou as piores fofocas que se contam de mim. Que atemorizei a minha mãe e que a forcei a refugiar-se com seus amigos mais bondosos, como por exemplo, os seus pais. Que me neguei a aceitar as últimas vontades de meu pai. Que inclusive cheguei a bater em minha mãe. Ou acaso não ouviu esses rumores?

- Ouvi-os.

- Então, por que não os mencionou?

Lady Regina levantou o queixo de forma altiva.

- Deveria tê-lo feito? Acaso são certos?

Sua resposta deixou ao visconde sem palavras. Ninguém antes se preocupou por lhe perguntar se tudo isso era verdade.

- De qualquer modo pensará o que quiser, assim tampouco importa o que eu possa alegar.

- Pois me importa.

As palavras soaram tão sinceras que lorde Draker esteve a ponto de acreditar nela. E isso o enfureceu ainda mais.

- Pense o que quiser - bradou ele. - Para mim tanto faz.

- Muito bem.

Quando Regina não disse nada mais, ele a amaldiçoou por não lhe indicar o que tinha decidido acreditar. Não era que lhe importasse o que ela pensasse, não, muito menos.

Em seguida, lady Regina teve a audácia de sorrir e acrescentar:

- Não sei como nos desviamos tanto do assunto que nos afeta. Não estou aqui para falar nem de você nem de mim. Vim pela Louisa.

Sim, claro, Louisa. Maldita fosse essa mulher. Estava-o amolando, com suas ridículas asseverações sobre a felicidade de seu irmão. Não era mais que uma hipócrita. Uma mulher sedutora e perigosa, a pura encarnação da hipocrisia embutida em um corpo feito para...

Lorde Draker apertou os dentes. Essa reação era a que Foxmoor provavelmente desejava conseguir quando enviou a sua irmã.

- Sim - respondeu ele com evidente tensão, - estávamos falando sobre como você e seu irmão enganaram a minha irmã. Se não fosse assim, jamais lhe teria passado pela cabeça ir contra minha vontade.

Às vezes pode ser um pouco cabeçuda, mas não tem nem um fio de tola.

Regina arqueou uma sobrancelha com elegância.

- Está claro que jamais se apaixonou, porque então compreenderia que duas pessoas apaixonadas não sejam capazes de agir de forma racional.

- Apaixonados? Já! Depois de algumas voltinhas pela pista de dança no dia de sua apresentação em sociedade? - Um repentino calafrio o percorreu da cabeça aos pés. Separou-se de lady Regina e se dirigiu para a lareira. - Porque Não se viram mais vezes, depois de tal ocasião, suponho.

- As jovens saem para tomar ar no terraço durante as festas, sabe? - Regina o observou enquanto ele agarrava o atiçador do fogo. - E os cavalheiros apaixonados por elas as seguem até o jardim. A atração pode fazer florescer o amor depois de tão somente uns breves encontros.

O visconde atiçou o fogo com vigor.

- É possível que minha irmã acredite estar apaixonada, mas duvido que as

intenções de seu irmão sejam tão nobres.

- Se acreditar que meu irmão tenta manchar a virtude de sua irmã...

- Não, certamente esse não é o objetivo final. - Não, esse joguinho de sedução tinha algo que ver com o Príncipe de Gales, tal como Marcus suspeitava.

Regina piscou.

- Não acreditará que vai atrás de sua fortuna. Meu irmão é sobejamente rico.

- Me alegro. - Lorde Draker deixou o atiçador a um lado e a olhou diretamente nos olhos.

- Porque se ela se casar com ele, juro-lhe que a deserdarei. Seu irmão não tirará nem um miserável penny dela.

Quando lady Regina o observou como se fosse um miserável inseto, o visconde sopesou retirar essa sórdida mentira. Só havia dito essa tolice para que ela o pensasse duas vezes antes de ajudar ao casal.

- Essa ameaça não manterá o meu irmão afastado de sua irmã - sentenciou ela tranqüilamente. - A única coisa que conseguirá será animá-los para que sigam adiante com seus planos de ver-se às escondidas, e me animar a mim para que os ajude.

- O que? E correr o risco de provocar um escândalo? - Lorde Draker a olhou indignado. - Você nunca faria uma coisa assim.

Regina prosseguiu com sua provocação.

- Se eles desejam arriscar-se a provocar um escândalo para serem felizes, então pode estar certo de que os ajudarei.

O visconde se conteve para não lançar uma grosseria em voz alta. Possivelmente tinha chegado o momento de que lady Regina soubesse quais eram as verdadeiras intenções do Foxmoor. Porque se pensava todas essas tolices sobre o amor, certamente não aprovaria os planos de seu irmão.

E se já conhecia os planos do Foxmoor? Nesse caso, era melhor mostrar todas as cartas em cima da mesa.

- E não se perguntou por que seu irmão, que poderia se casar com qualquer mulher que desejasse, decidiu perseguir uma jovem cuja família e amigos se opõem a ele?

Ela levantou o queixo com arrogância.

- Porque está apaixonado.

O visconde lançou um bufido.

- Já, está apaixonado, de acordo. O que acontece com seu irmão é que ambiciona converter-se em primeiro-ministro.

Tinha escolhido as palavras cuidadosamente, sem esperar que ela soubesse quais eram as reivindicações do Príncipe de Gales sobre sua paternidade em respeito a ela.

- Vou expor mais claramente. Verá, Sua Alteza, ou seja, um dos melhores amigos de seu irmão, tomou a Louisa um enorme afeto nos anos em que brincava de ser o "tio George", e agora está zangado porque me nego a permitir que se aproxime dela.

- Diz que não deixa que Sua Alteza veja a Louisa? E ele acata sua decisão?

- Que remédio fica. Sabe que não pode exercer pressão alguma porque entre ele e minha irmã não existe nenhuma conexão. Louisa é simplesmente a filha de uma de suas antigas amantes. Entretanto, não se dá por vencido e continua tentando colocar o nariz em uma história que não lhe concerne. Note-se no que ele e a senhora Fitzherbert fizeram com essa pobre menina, Minney, depois da morte de sua mãe, que era outra das amantes do príncipe.

Todo mundo sabia que não era filha sua, mas não obstante ele solicitou a custódia da menina e ganhou o caso, unicamente graças a seu abuso de poder.

Lorde Draker olhou a Regina.

- Por sorte, conheço suficientes segredos do príncipe para não consentir que me faça uma sacanagem similar. E essa é a razão pela que está tentando chegar até a Louisa através de seu irmão, um homem que faria algo por melhorar sua trajetória política, inclusive urdir um estratagema para introduzir a Louisa na esfera do príncipe contra minha vontade.

Completamente pálida Regina se afastou lentamente dele.

- Acredita que meu irmão... Que o príncipe está usando a meu irmão?

- Acredito que seu irmão está usando a minha irmã. A pedido de Sua Alteza. Seu irmão estará encantado de proporcionar ao príncipe tudo aquilo que lhe peça, em troca de seu apoio político quando esse trapaceiro se converter finalmente em rei.

Regina voltou a olhá-lo no rosto, com um brilho incomum em seus olhos.

- Por que Louisa jamais mencionou suas suspeitas?

- Porque não sabe. Nunca lhe contei o interesse que o príncipe parece ter em seu futuro, nem os interesses de seu irmão. Não quero feri-la.

- Eu tampouco. E não estaria aqui, defendendo a meu irmão, se pensasse que essas são suas intenções. Asseguro-lhe que se quisesse casar-se com ela por razões

políticas, não tentaria a sorte de provocar um escândalo.

- Não acredito que sua verdadeira intenção seja casar-se com ela. Fazer-lhe a corte seria suficiente desculpa para introduzir a minha irmã nos círculos do príncipe.

- Como se atreve! Simon jamais usaria a uma mulher de uma forma tão vil, brincando com seus sentimentos meramente para obter um proveito político. Além disso, se isso for tudo o que ele quer, lhe teria falado da intenção do príncipe a primeira vez que dançaram juntos. Entretanto, jamais o mencionou. Sem dúvida, equivoca-se a respeito de suas intenções.

- Não me equivoco. Não sei por que seu irmão ainda não o contou, mas lhe asseguro que não está perdidamente apaixonado por minha irmã. E com essa patacoada de ver-se em segredo, o que realmente pretende é ficar a sós com ela para levá-la até o príncipe, para que esse vilão possa estar com ela e minar minha autoridade.

- E não acredita que Louisa deveria saber qual é o interesse que o príncipe depositou em seu futuro?

- Não! É muito jovem para que a aflijam com a idéia de mover-se nos círculos da Corte, e ainda não é suficientemente sutil para compreender o grau de periculosidade que rodeia a Sua Alteza.

Aproximando-se de Regina, o visconde desceu a voz.

- Assim lhe proíbo que comente algo sobre isto.

- Não sou uma fofoqueira, senhor - esclareceu ela com evidentes mostra de altivez. - Além disso, não me ocorreria lhe contar uma patranha infundada sobre um plano entre o príncipe e meu irmão.

A lealdade que professava por seu irmão era de admirar, embora estivesse deslocada.

- Se não me acredita, pergunte ao Foxmoor porque está cortejando a minha irmã, e já verá o que lhe responde.

Uma ameaça de dúvida apareceu em seus olhos antes que retrocedesse uns passos.

- Não o farei. Conheço meu irmão. Não é um pérfido calculador como você o pinta. - De novo arqueou uma sobrancelha elegantemente. - E tampouco está tratando a sua irmã como merece. Louisa é uma moça encantadora. Qualquer homem seria feliz de poder casar-se com ela.

- A irmã do visconde Dragão, com uma mãe cuja reputação foi similar a da pérfida Dalila? - O visconde se apoiou em uma das estantes. - Quando decidi que Louisa se desse a conhecer nas altas esferas da sociedade, desejei que encontrasse a um jovem e bonito aristocrata ou a um afável mercador que não se fixasse em seu comportamento popular e em sua conexão comigo, que se casasse com ela porque a valorizasse tal como era. E você olhe por onde, Louisa captou o interesse de um rico duque com possibilidades de um futuro brilhante. Pode me culpar de ter pensado mal?

- Asseguro-lhe de novo que meu irmão é unicamente um de seus admiradores.

Essa observação o desfocou. Odiava que essa mulher pretensiosa soubesse mais sobre as expectativas de sua irmã que ele mesmo.

- Então permitamos que outro de seus admiradores a corteje, porque nunca aceitarei que seu manipulador irmão corteje Louisa. Sei que o príncipe está atrás de tudo isto, e não o permitirei.

- Se algum dia conhecer meu irmão, sei que mudará sua má opinião.

O visconde lançou uma gargalhada ordinária.

- Parece-me, senhorita, que esse dia nunca chegará. A diferença dessa panda de idiotas no Parlamento, eu não me deixo seduzir por um menino insolente com bons dotes oratórios.

Regina se sentiu ultrajada. Suas faces se acenderam e adotaram uma cor escarlate e seu peito começou a mover-se com rápidos espasmos, por causa da enorme agitação que sentia. Que Deus o ajudasse.

Lady Regina estava mais encantadora, se fosse possível, quando se sobressaltava. Ele teria dado tudo por ter a essa mulher cheia de fogo e de paixão debaixo dele.

- Então, os obrigará a fugir por culpa de sua teimosia - replicou Regina.

Com a rapidez de um raio, ele afastou de sua mente esses pensamentos pecaminosos.

- Duvido que seu irmão vá fugir com Louisa, mas agora que sei o que planeja, já achei a solução ao problema: encerrarei a minha irmã aqui em casa, fora de seu alcance.

- Será capaz de truncar suas oportunidades de encontrar um marido, simplesmente para mantê-la afastada de meu irmão?

Lorde Draker esgrimiu uma careta de fadiga.

- Louisa pode esperar até a próxima temporada. Então será capaz de ver a

situação com uma perspectiva diferente.

- Equivoca-se. O que conseguirá é que Louisa o odeie. Se se mostrar teimoso e irracional, ela terá uma perfeita justificação para enganá-lo na primeira oportunidade. - Regina o alfinetou com um olhar esmagador. - A menos que pretenda encerrá-la sob chave na masmorra que se murmura que tem na cripta.

- Não seja ridícula. Quando Louisa estiver aqui, a convencerei de que tenho razões de sobra para...

- Ou possivelmente suas medidas draconianas farão que ela fuja espavorida do Castlemaine. Aviso-o, se sua irmã se apresentar em minha casa em busca de refúgio, o darei.

- Está-se excedendo, senhorita! Se a ajudar, eu...Eu...

- O que? me Vetará da alta sociedade? Verdadeiramente acredita que alguém lhe dará mais credibilidade a você que a meu irmão?

Lorde Draker apertou o punho. O duque tinha amigos que ocupavam postos muito relevantes. Marcus, em troca, só contava com seu dinheiro e seu notório mau caráter. E seus meio-irmãos.

- De acordo. Deixarei que Louisa acabe de passar a temporada em Londres. Mas os proíbo a você e a seu irmão que se aproximem dela.

- Então Simon recorrerá à outra mulher para que o ajude a Louisa às escondidas, uma mulher que você não conheça. E sua irmã aceitará encantada a seus propósitos.

- Está-me começando a pôr muito nervoso - bradou ele. - Mas se pode saber o que quer de mim? Não me dá nenhuma alternativa. Não quero que esse par se vejam às escondidas, mas por outro lado me nego a aceitar que seu irmão corteje ela se o motivo é conduzi-la até as próprias garras do maldito príncipe.

- Olhe, antes de acusá-lo, deveria averiguar os verdadeiros motivos que alberga meu irmão, não lhe parece justo?

A resposta da Regina o deixou sem palavras.

- O que quer dizer?

- Que a solução mais sábia seria deixar que a corteje, mas fiscalizar você mesmo essa relação. Por que não se aproxima dos circuitos sociais e se certifica de como estão realmente às coisas entre sua irmã e meu irmão? Possivelmente, se os vir juntos, mudará seus ridículos receios. E se por uma pequena casualidade ainda continuar convencido das más intenções de meu irmão, gozará de um maior controle sobre a

situação que se estiver aqui, afastado da sociedade.

"Entre esse pando de fofoqueiros desprezíveis?", pensou Marcus.

- Não sabe o que me está pedindo. Odeio a esse grupo de presunçosos, e eles me odeiam, asseguro.

- Por causa desses velhos falatórios? Duvido-o. É provável que a princípio o olhem mau, mas esses reparos desaparecerão rapidamente quando se descobrir o interesse que você professa por sua irmã.

"Lady Presunçosa" estava louca de amarrar, se pensava que a situação se resolveria de forma tão simples.Embora o certo era que se aceitasse essa proposta, poderia vigiar a Louisa mais de perto.

- Está certa de que desse modo evitaremos que se vejam às escondidas?

- Dou-lhe minha palavra. Se der permissão durante um mês para cortejar como é devido, meu irmão poderá provar que suas intenções são totalmente nobres.

Nobres? Ah! Foxmoor desconhecia o significado de tal palavra. Se Marcus podia demonstrar os motivos que levavam Simon a cortejar a Louisa, seria lady Regina capaz de condenar o comportamento de seu irmão?

Certamente não, se ela também formasse parte desse complô. Mas se estava implicada, deveria saber que a intromissão do visconde iria contra os planos de seu irmão. Se Marcus colocasse o nariz nos círculos sociais, poderia deter os malvados planos do Foxmoor.

Lorde Draker a olhou com desdém.

- Espera que rechace sua proposta, não é certo? Desse modo, você e seu irmão poderão contar a Louisa o irracional que sou e lhe oferecer a desculpa perfeita para me desobedecer.

Regina lançou uma careta de incredulidade.

- Não seja ridículo.

- Embora pensando melhor, o plano é perfeito. Ocorreu a você sozinha ou a ajudou seu irmão da alma?

Os belos olhos cinza da Regina o atravessaram com uma raiva extrema.

- Isso é o que faz todo o dia aqui, no campo? Imaginar intrigas e complôs contra você? Sinto muito decepcioná-lo, senhor, mas só procuro a felicidade de meu irmão e da Louisa.

O visconde não achava nenhuma só palavra dessa mulher, e estava disposto a

demonstrar que ela mentia, embora com isso o fosse à vida.

- De acordo, aceito sua provocação. Freqüentarei os círculos sociais e observarei a minha irmã e a seu irmão de perto. Suportarei as intrigas e a especulação, se isso for necessário para que Louisa entre em razão.

- Isso é precisamente o que desejo - declarou Regina com afetação - que lhes dê uma oportunidade.

- Então, com certeza não se importará aceitar a uma insignificante condição.

Regina não pôde ocultar sua perplexidade.

- Como?

Quanto mais voltas lhe dava, mais gostava da idéia. Marcus lhe lançou um sorriso malicioso.

- Parece-me que estou assumindo todos os riscos neste acordo. Você me propõe que volte a entrar nos círculos da alta sociedade, onde terei que suportar uns protocolos sociais que detesto, e tudo o que possivelmente obtenha com isso será a perda de minha irmã nos braços de seu irmão. De acordo. Enfrentarei esse pando de fofoqueiros, mas só se você os enfrentar comigo. Aceitarei que Foxmoor corteje Louisa se aceitar que eu a corteje.

Ela o olhou sem pestanejar, boquiaberta.

"Já a tenho, lady Presunçosa", pensou Marcus com satisfação.

A Belle me Dê Sãs Merci devia mostrar-se a favor das atenções do desprezível visconde Dragão em público? Nem sonhá-lo!

Não se arriscaria a danificar sua reputação convertendo-se na fofoca da sociedade. Além disso, se aceitasse o visconde conseguiria que Louisa pensasse que seus novos amigos eram uns personagens muito frívolos.

Um sorriso se foi perfilando nos lábios de lorde Draker ao mesmo tempo em que o olhar da Regina se tornava mais gélido.

- Acho que não aceitarei sua proposta.

- OH, não, não - pode negar-se gabou ele. - A você só interessa a felicidade de minha irmã. Com certeza suportará minha companhia com alegria, sabendo que a finalidade é unir a dois amantes.

- A verdade é que não me importaria, se soubesse por que deseja fazer a corte a uma jovem de minha classe.

Lorde Draker se encolheu de ombros.

- Como tenho que entrar de novo nesses detestáveis círculos sociais, que melhor que fazê-lo pelo braço de uma bela dama. - Repassou a Regina com clara insolência, aguardando que ela se ruborizasse antes de prosseguir:

- No lugar adequado, inclusive a companhia de uma mulher como você pode ser agradável.

Regina o fulminou com o olhar.

- Está certo que unicamente pretende me fazer a corte para incomodar a meu irmão?

- Admito que esse fator acrescenta um interesse à situação, mas não. - Marcus decidiu emitir a primeira razão que lhe veio à mente, sabendo que de qualquer modo ela ia rechaçar sua proposta.

- Chegou o momento de buscar uma esposa, assim por que não começar a busca pela cúspide da escala social?

- Que adulador! - Remarcou ela com frieza.

- Não lhe estou pedindo que se case comigo. Simplesmente desejo contar com sua companhia exclusiva, do mesmo modo que permitirei que seu irmão esteja com minha irmã. Além disso, se dispuser do apoio de uma mulher de sua posição, será mais fácil para mim me introduzir novamente em sociedade.

Sem afastar nem um segundo a vista dele, Regina ergueu o queixo com arrogância.

- De acordo, aceito sua proposta, senhor.

O sorriso se desvaneceu do rosto do Marcus. Essa mulher não podia falar a sério.

- Possivelmente não entendeu bem minha proposta. Não refiro a um cortejo em privado, convidando-a a dar um passeio a cavalo pela campina inglesa ou acompanhando-a a ver uma peça teatral em um recinto sem luz. Terá que dançar comigo publicamente e passear em minha carruagem pela confluída avenida do Rotten Row. Para amortecer o escândalo de minha volta às esferas sociais, deverá comparecer em, pelo menos, dois ou três eventos públicos pendurada em meu braço.

Regina pestanejou com expressão de incredulidade.

- Isso é tudo? Proponho-lhe que saiamos durante um mês. Você concede ao Simon e há Louisa um mês para cortejar, assim nós faremos o mesmo.

- Acredita que não falo a sério, não é?

- Não. Não me parece o tipo de homem que goste de fazer brincadeiras.

- Exatamente. Não estou brincando.

Embora agora que o pensava com mais calma, seria capaz de suportar esse jogo durante o período de tempo estabelecido?

Sim. Tratando-se de Louisa, pensava tirar a força debaixo das pedras, se fosse necessário, e desafiar a quem fosse. Apesar de que sua aparição em público podia danificar seriamente a imagem de sua irmã, as conseqüências seriam mais terríveis se descobrissem a Louisa em uma situação comprometedora com o duque. E se o Príncipe de Gales conseguia desdobrar seus encantos e seduzir a sua irmã, o desenlace final podia ser nefasto. Marcus sabia de primeira mão com que facilidade seu manipulador pai podia arruinar uma vida, por isso não permitiria que esse patife arruinasse a da Louisa.

E se Foxmoor podia usar à irmã do Marcus, Marcus podia também usar a do Foxmoor. se Asseguraria de que as aparições de lady Regina com ele em sociedade deixassem a ela um amargo sabor na boca, que soubesse o que a esperava se finalmente ficava parente dele. Então "lady Presunçosa" rogaria a seu irmão que cessasse de cortejar a Louisa.

- Muito bem, trato feito - assentiu ele. - Simon corteja a Louisa e eu cortejo a você.

Regina nem piscou.

- Parece-me bem.

- Perfeito. Os Iversley oferecerão uma festa amanhã de noite para exibir o talento musical da Louisa. Passarei por sua casa as sete em ponto para pegá-la.

Marcus pensou que ela voltaria atrás, mas unicamente se limitou a encolher os ombros.

- E Simon também assistirá. Haviam-me convidado, mas a ele não, pois os Iversley parecem compartilhar de sua desaprovação ante o interesse que meu irmão professa pela Louisa. Mas não penso ir a nenhum lado a menos que ele...

- Não se preocupe. Solucionarei-o agora mesmo.

Em seguida, dirigiu-se à escrivaninha para redigir uma mensagem.

- Já que gosta tanto de ir em visita, suponho que não se importará deter-se um momento em casa dos Iversley esta tarde e lhes entregar esta mensagem - disse ao mesmo tempo em que lhe entregava a nota. - Pode lê-la se não confia em minha palavra.

Um pânico estranho se apropriou das feições da Regina.

- Não, não é preciso. Confio em você.

- Então até manhã.

O visconde apertou o passo para a escada que conduzia à galeria superior, esperando que ela soubesse interpretar o gesto claro de despedida. Lady Regina tinha encontrado o caminho até a biblioteca, assim certamente não teria nenhum dificuldade em achar sozinha a saída.

- Uma coisa mais antes de partir, lorde Draker - disse Regina. - Será melhor que tire a barba antes da festa. Agora a moda entre os homens passa por não exibir barba.

Ele se voltou e lhe lançou um olhar frio como o gelo.

- Tampouco estão em moda as mulheres impertinentes, mas em troca isso não parece detê-la. Até amanhã.

- Pensei que desejaria saber...

- Disse até amanhã - repetiu ele com firmeza.

Ela o olhou contrariada. A seguir se dirigiu à porta com porte arrogante.

Depois de entreabrir a porta e se perder pelo corredor, Marcus lançou um bufido. Tirar a barba. Era essa a razão pela qual ela tinha aceito sua proposta? Porque pensava que poderia transformá-lo em um cavalheiro apropriado?

Nesse caso, lady Regina estava bem equivocada. Ele não era o típico pretendente galã ao que ela dobrava com seu dedo mindinho simplesmente para divertir-se. Nenhuma filha de duques com a língua afiada diria a ele como tinha que vestir-se nem comportar-se.

Embora quando recordava o sorriso sedutor dessa mulher e esses seios gloriosos que pareciam lhe suplicar que os beijasse e acariciasse e...

Grosas gotas de suor começaram a inundar sua fronte, e de repente Marcus se amaldiçoou por sua extrema fraqueza. Tinha que ser forte e não cair nessa tentação. Podia fazê-lo. Simplesmente tinha que manter a mente concentrada em seu objetivo.

Além disso, embora ele estivesse disposto a aplicar uma mudança radical a sua vida por essa maldita mulher - coisa que não tinha intenção de fazer - não seria adequado para ele. Quanto mais ofendesse a sensibilidade de "lady Presunçosa", mais cedo rogaria a seu irmão que terminasse sua relação com a Louisa. E isso era a única coisa que Marcus desejava. Quanto antes, melhor.

Capítulo três.

"Seu dever é cuidar de sua pupila.Se ela tropeçar e cair, culparão a você, não a ela."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

- Está bem? - perguntou Cicely a Regina quando as duas estiveram novamente na carruagem.

- Parece sobressaltada.

- Não é nada - mentiu Regina. Que mulher não estaria sufocada depois de passar mais de meia hora com o visconde Dragão, suportando seus olhares insinuantes e selvagens? Não era nada estranho que esse sujeito tão rasteiro não tivesse amigos.

Cicely não parecia convencida.

- Não terá lhe gritado ou tocado?

Regina cravou a vista na janela, tentando não recordar o poderoso braço do visconde ao redor de sua cintura, sustentando-a no vazio.

- Mantivemos uma conversa cordial. É um cavalheiro, sabe? - Com a cabeça mais dura que uma rocha e com um milhão de preconceitos infundados. E uma mente clara e sagaz. Maldito fosse. Regina não deveria ter aceitado sua proposta. Permitir que o visconde Dragão, um indivíduo tão imprevisível como um tufão, lhe fizesse a corte? Certamente tinha perdido a cabeça. Mas que mais podia fazer depois da avalanche de alegações ridículas que tinha proferido a respeito de seu irmão? Tinha que frear essas críticas que atentavam contra a honra de sua família. Se rejeitava a proposta, esse animal arrogante teria considerado que era a prova irrefutável da falta de personalidade que corria pelas veias dos Foxmoor. Teria usado a recusa dela contra Simon. E esse descarado era capaz de descrever ao Simon como uma mente fria e calculista! Pelo menos seu irmão sabia agir como um verdadeiro cavalheiro. A Simon não ocorreria elevar a voz a uma dama nem lhe dar as costas. Simon jamais realizaria propostas indecentes que nenhuma dama com um pouco de bom senso pudesse rechaçar.

"Como tenho que entrar de novo nesses detestáveis círculos sociais, que melhor que fazê-lo pelo braço de uma bela dama."

Sua respiração se acelerou involuntariamente. Um sem-fim de homens a tinham

chamado bela, mas poucos se atreveram a manifestá-lo enquanto a olhavam insolentemente, com olhos ardentes e avaros.

- Está certa de que se encontra bem? - perguntou Cicely. - Tem as faces acaloradas.

- É pelo calor, isso é tudo. - Regina abriu a bolsa e tirou o leque. Não se tratava dos olhares fogosos do visconde. É claro que não.

Ao tirar o leque, uma carta caiu sobre seu regaço. Maldição. Tinha esquecido. Olhou de esguelha à Cicely, que estava ocupada em correr a cortina para bloquear os tênues raios de sol que se filtravam na carruagem, e desdobrou o papel.

Pôs todo seu empenho, suplicando que, por obra de graça, desta vez fosse capaz de interpretar as letras que o resto da gente assegurava que formavam palavras legíveis.

Mas como sempre, o sortilégio não chegou a acontecer, e o papel não elucidou nenhuma palavra que ela fosse capaz de compreender. Um "A" seguida de um "d", logo um "i", depois um "p"...Ou possivelmente um "b"... Que palavra podia ser? Decidiu girar a nota e voltá-la para olhar, se por acaso a estava olhando ao reverso, ou pelo menos ela pensou que possivelmente, lhe dando a volta... Não havia maneira. Se não podia ler letras impressas, como ia enfrentar se a uma mensagem escrita à mão?

Sua cabeça começou a dar voltas e, zangada, lançou a folha de papel a um lado. depois, ergueu a cabeça e se encontrou com os olhos de Cicely, que a olhavam com preocupação.

- O que é isso? - perguntou-lhe sua prima.

Regina encolheu os ombros.

- Uma carta que tenho que entregar aos Iversley. O visconde nem se preocupou em selá-la; entregou-me ela para que desse minha conformidade.

Os olhos de Cicely aumentaram como um par de laranjas.

- OH! E o que fez?

- Disse-lhe que não era preciso, que confiava nele, e com isso pareceu satisfeito.

Cicely procurou seus óculos.

- Quer que lhe leia ela?

Apertando os dentes com raiva, Regina lhe passou a nota.

- Se não se importar.

- Pois claro que não me importa.

Enquanto Cicely olhava a nota, Regina se sentiu novamente como se tivesse seis anos, observando como sua prima e sua tutora liam com uma pasmosa facilidade o que ela não conseguia elucidar nem com esforço.

- Já sabe que para mim não supõe nenhum problema. Não deve se esforçar, seriamente. Estou encantada de poder ler por você.

- Sei, mas tenho a impressão de que não ponho suficiente empenho. Realmente funcionou com...

- Regina! Já sabe que não deve se esforçar! - O rosto de Cicely mostrava uns evidentes sinais de alarme. - Tem dor de cabeça?

- Um pouco, mas...

- O que aconteceria se como resultado de sua imprudência danificasse seu cérebro de forma irreversível? Quem sabe o que poderia acontecer! Recorde o que lhe disse o doutor: Não vale a pena tentar ler se com isso realizar um esforço mental tão grande que pode derivar em um dano cerebral. Seriamente quer se arriscar a perder sua facilidade para falar ou pensar, também?

Regina desviou o olhar para a janela.

- Não, claro que não.

Apesar da opinião do médico particular que Cicely tinha consultado quando Regina era pequena, nenhuma das duas tinha nem a mínima idéia do que podia acontecer se essas dores de cabeça aumentarem. Ninguém parecia sofrer essas doenças pelo mero fato de olhar fixamente umas poucas palavras.

Ninguém mais olhava as letras e as via deslocadas ou ao reverso. Por que era tão diferente seu cérebro? Geralmente Regina compreendia as palavras que ouvia, e tampouco mostrava problemas para entender o que alguém lia em voz alta. Adorava escutar um bom relato, e se sentia plenamente feliz cada vez que ia ao teatro. Entretanto, por que lhe falhava a mente quando abria um livro ou tentava ler uma partitura? Por que as letras e as notas começavam a dançar ante seus olhos até que conseguissem enjoá-la?

Cicely achava que tudo era devido a umas terríveis febres que sua prima sofreu quando só tinha dois anos. Tinham contado a Regina que inclusive sua babá chegou a duvidar que a pobre menina sobrevivesse.

E necessitou de mais tempo que a maioria dos meninos para aprender a falar.

- Bem? O que diz a nota? - perguntou, enquanto Cicely continuava contemplando

a parte de papel.

- Não se pode dizer que o visconde tenha uma caligrafia impecável, mas se entender corretamente sua missiva - apontou lançando um sorriso triunfal a Regina, - conseguiu sair com a sua: mudou de idéia sobre a senhorita North e seu irmão. Pede a lady Iversley que convide ao Simon à festa que darão em sua casa amanhã de noite.

Cicely continuou lendo a nota e leves rugas se desenharam em sua fronte.

- E diz que ele também irá... Com você? Não é possível. Espere, certamente não estou lendo corretamente.

Regina alisou o vestido e adotou um porte sério.

- Sim, aceitei deixar que ele... bom, que me acompanhe. - Não desejava contar à Cicely os verdadeiros motivos de seu pacto com lorde Draker; estava segura de que a sua prima teria um desmaio.

De qualquer modo, Cicely se levantou e começou a realizar uns dramalhões com as mãos e a cabeça tão exagerados que Regina acreditou que, certamente, a sua prima ia ter algo.

- Santo céu! Mas está certa do que faz?

- Não - respondeu Regina com secura. - Mas não resta outra alternativa se quiser que lorde Draker aceite que Simon corteje sua irmã.

Cicely voltou a sentar-se e se abanou efusivamente com a bolsa.

- Que catástrofe. O visconde Dragão e você... - De repente deixou de abanar-se, tirou os óculos e devolveu a carta a Regina. - Está segura de que Simon estará de acordo?

Regina guardou a nota novamente em sua bolsa.

- Terá que fazê-lo, se deseja ver sua amada. - Em seguida, sorriu com malícia. - Além disso, não o descobrirá até que lorde Draker faça sua aparição em casa dos Iversley, e então já será muito tarde. Simon nem sequer sabe que me desloquei até o Castlemaine para conversar com esse indivíduo.

Cicely ficou vermelha como um tomate, afastou o olhar com rapidez e o cravou na parede da carruagem. Regina a contemplou com suspeita.

- Não o terá contado, não é verdade? - Não! Bom, quero dizer, lhe deixei um bilhete. Duvido que retorne a casa antes que nós, e logo que cheguemos, irei a seu escritório e levarei o bilhete.

- Quando Regina começou a olhá-la mau, Cicely saltou na defensiva: -

Simplesmente desejava que alguém soubesse aonde tínhamos ido, se por acaso nos acontecesse algo.

Regina esgrimiu uma careta de incredulidade.

- Mas o que pensava que nos ia fazer lorde Draker? Nos encerrar em sua famosa masmorra?

Cicely se aproximou de sua prima, com um brilho desmedido nos olhos.

- Pense o que quiser, mas ouvi que prende mulheres ali embaixo e faz coisas terríveis com elas.

Regina se conteve para não rir.

- Que tipo de coisas terríveis?

- Regina! - exclamou Cicely, ruborizada.

- Vamos Cicely, só estava brincando. - Bom, possivelmente só brincava pela metade, porque o mero pensamento de lorde Draker realizando coisas inexprimíveis a uma mulher acorrentada em sua masmorra lhe provocou um repentino calor no peito. Podia imaginar a cena: uma mulher amarrada e indefesa ante ele, sujeita a seu olhar inquietante e ávido, com o qual devorava lentamente todo seu corpo. Depois, as mãos do visconde acariciavam lentamente todos aqueles pontos nos que antes tinha parecido o olhar, tocando-a com ferocidade até que a mulher começava a suspirar de puro prazer.

Regina suspirou com cansaço. Prazer. Ora! Como podia pensar que tais coisas podiam originar prazer? E mais provindo desse animal. Que pensamento mais absurdo! Ela demonstrava ser tão pérfida como Cicely, com sua descomunal imaginação.

- De verdade, deveria deixar de ler esses jornalecos de fofoca - recriminou a sua prima. - A única coisa que fazem é lhe encher a cabeça de idéias desatinadas.

"E a mim também, infelizmente", disse-se Regina.

Cicely pareceu vacilar uns momentos.

- Unicamente os leio para mantê-la informada sobre tudo o que acontece na alta sociedade.

Regina se arrependeu imediatamente de ter sido tão crítica.

- Sei, sei. E valorizo muitíssimo os sacrifícios que faz por mim. O que faria sem você?

Sua reação pareceu apaziguar à Cicely, que abriu a cortina com um sorriso inquieto.

Regina sentia cada palavra que acabava de dizer. Se não fosse por Cicely, todo mundo saberia que a filha do duque tinha um problema cerebral tão sério que a impossibilitava de ler. A gente sentiria pena por ela e por seu irmão; inventaria-se mil e uma histórias sobre sua família e esquadrinharia ao Simon e a Cicely e ao resto dos Foxmoor em busca de deficiências.

Não, isso não podia acontecer. Ninguém devia descobrir seu terrível segredo.

Graças a Deus contava com a agilidade mental e a sagacidade de Cicely. No momento em que descobriu seu ponto fraco, sua prima desenvolveu um plano para ocultá-lo, inclusive dos pais da Regina. Cicely sabia que a duquesa queria que seus filhos fossem perfeitos para que não manchassem a honra da família.

Por sorte, as expectativas de mamãe para a Regina se centraram em afazeres femininos em lugar de ambições culturais. Como Regina tinha aprendido a tocar harpa de ouvido e cantava como os anjos, sua mãe se deu por satisfeita até o dia em que

faleceu, pouco antes que sua filha fosse apresentada em sociedade.

Regina não lamentava o fato de ser incapaz de ler. Podia assistir ao teatro, e Cicely lhe lia a imprensa. E se alguma vez morria de vontade por saber do que se falava quando comentava um poema - Cicely detestava a poesia, assim jamais lhe lia nenhum poema - logo lhe passava a ansiedade. Tinha assumido que não podia fazer nada para mudar a situação.

Mas existia um inconveniente, e este se fazia mais patente cada dia que passava: não podia evitar o comichão que sentia ao ter que depender tanto de Cicely, que a dobrava em idade e a quem começava a falhar a vista. Sua prima nunca tinha gozado de uma saúde de ferro, mas ultimamente estava sofrendo achaques com bastante freqüência. Muito em breve, continuar exercendo o papel de acompanhante fiel da Regina suporia à Cicely uma carga impossível de suportar.

- E como é o visconde? - perguntou-lhe Cicely. - É tão aterrador em pessoa como se murmura?

- Não. - Não havia nenhuma necessidade de alarmá-la mais.

- Dizem que era um jovem muito bonito, antes de sofrer o acidente a cavalo.

Esse comentário despertou a curiosidade de Regina.

- Foi assim que fez a cicatriz do rosto?

- Ao menos isso é o que sua mãe lhe contou à sua.

- E o que aconteceu nesse acidente?

- Lady Draker não foi muito explícita, mas aconteceu na época em que morreu seu pai, justo depois de que o jovem visconde alcançasse a maioridade. Provavelmente era muito imprudente em cima do cavalo e se arriscava muito, assim sofreu uma queda muito grandiosa. Embora ninguém sabe realmente o que aconteceu.

O pensamento de lorde Draker cavalgando temerariamente e sofrendo um grave acidente turvou a imagem que Regina forjara dele. Por alguma razão, tinha assumido que algum indivíduo que não apreciava em demasia ao visconde - o que não era de estranhar, dado seu temperamento desprezível - tinha sido o causador dessa horrorosa cicatriz.

A carruagem passou por cima de uma superfície grandemente rugosa e retumbou.

- Que pena sobre a cicatriz - acrescentou finalmente Cicely. - Suponho que lhe deve desfigurar todo o rosto.

- Não - replicou Regina rapidamente.

Agora era Cicely quem mostrava curiosidade.

- Ah! Então, continua sendo bonito?

- Não exatamente. - Lorde Draker lhe tinha parecido um sujeito impressionante, poderoso; um homem realmente intrigante.

Mas não o definiria como bonito, não com esse monte de cabelo que lhe cobria meio rosto. Mas se barbeasse e se vestisse como um cavalheiro em lugar de como um ermitão andrajoso...

- Bom, tampouco importa sua aparência, não? - disse Regina mal-humoradamente. - Só terei que suportar que me corteje durante o tempo que Simon cortejar Louisa.

- Disse cortejar? - chiou Cicely. - Esse tipo vai cortejá-la?

Maldição. Regina tinha batido a língua.

- Bom algo parecido.

De repente, ouviram um grito proveniente da estrada, e a carruagem freou em seco. Regina saiu atirada de seu assento e foi chocar contra Cicely.

- Mas que demônios acontece? - murmurou Regina ao mesmo tempo em que se separava de sua prima.

- Senhor! - uivou alarmado o cocheiro. - Veio em busca de...?

- Sim, de minha irmã! - bradou uma voz que fez com que Regina desse um pulo. Em seguida, a porta da carruagem se abriu e apareceu a única pessoa a que ela não

desejava ver nesse momento. Seu irmão.

Simon a olhava carrancudo, seu cabelo dourado estava totalmente despenteado e seus olhos azuis despediam faíscas de raiva.

- Desta vez passou do limite! - De um salto penetrou na carruagem e se sentou ao lado de Cicely, depois ordenou ao cocheiro que prosseguisse o caminho.

Quando o veículo começou a mover-se, Regina olhou pela janela e divisou como o cocheiro manobrava com presteza o faeton no qual seu irmão se deslocara até ali. Santo céu! Simon tinha saído a procurá-la com o faeton mais veloz que tinha, que reservava exclusivamente para emergências ou para sair a passear com Sua Alteza.

Isso só podia significar uma coisa: que ela se colocara em um grave problema. Regina decidiu não dar a oportunidade a seu irmão para repreendê-la e começou a falar em um tom amistoso:

- Que alegria que tenha vindo até aqui para nos acompanhar, Simon! Mas de verdade, não tinha que se incomodar.

Seu irmão lançou um bufido, como se fosse um touro a ponto de investir em sua vítima.

- Não tente me enrolar com bajulações; sabe perfeitamente que não devia ir ao Castlemaine.

- O que tem de mau visitar o irmão de minha amiga?

- Apresentar-se sozinha em casa de um homem solteiro pode arruinar sua reputação, sabia?

- Mas se não ia sozinha. Cicely estava comigo. Além disso, ninguém me viu. E desde quando se preocupa tanto por minha reputação? Recentemente me pediu que o ajudasse a despistar aos acompanhantes de uma jovem dama para ver-se com ela em particular.

Simon a olhou com suspeita.

- Não terá contado meu plano a lorde Draker, não é?

- O que fiz foi convencê-lo para que lhe permita cortejar a Louisa durante um mês.

Ele piscou, boquiaberto.

- Diz isso em brincadeira, não?

- Não - interveio Cicely. - Regina conseguiu que o visconde escreva uma nota a lady Iversley solicitando que o convide ao baile que terá lugar em sua casa amanhã de noite.

Simon não dava crédito às notícias que escutava. Com o rosto cheio de assombro, relaxou e se acomodou no assento.

- E se pode saber como o conseguiu?

Cicely se dispunha a responder, mas Regina lhe lançou um olhar ameaçador e se limitou a sorrir a seu irmão. Depois de uns instantes em silêncio proclamou:

- OH, se conseguir que o escute, o visconde pode ser um homem muito afável.

- Tenho sérias dúvidas a respeito. - Simon desviou o olhar para a janela com uma expressão especulativa. - Assim, quais são as condições neste cortejo? Posso falar com a Louisa em casa dos Iversley? E acompanhá-la a outras festas?

- Sim.

- E suponho que posso levá-la de passeio no faeton.

Regina engoliu em seco.

- Lorde Draker não fará nenhuma objeção se ... Sim...Se ele puder segui-los de perto em sua carruagem.

Simon voltou a cravar o olhar nos olhos de sua irmã.

- E por que Draker tem de vir?

- Porque essa é sua condição para aceitar que corteje; que ele fiscalize o cortejo.

- Nego-me que esse tipo fiscalize algo! Que classe de cortejo é esse?

- O mais apropriado, sem dúvida nenhuma.

- Mas não posso levar ao Draker nas costas enquanto cortejo com Louisa. Porá tudo a perder.

Os olhos de Regina se entrecerraram com receio.

- A que se refere?

A expressão inquieta de seu irmão não lhe fez nenhum pingo de graça. Então recordou uma das frases de lorde Draker: "Acredito que seu irmão está usando a minha irmã". Podia esse inseto ter razão sobre os motivos que moviam ao Simon?

Seu irmão a pegou olhando-o com desconfiança e ficou tenso.

- Draker passará todo o tempo me criticando, e me verei obrigado a me defender, o que não agradará a Louisa, pode estar certa. Como posso fazer a corte a uma mulher se seu irmão se dedicar a me insultar na primeira volta?

Regina escrutinou o rosto do Simon, mas, realmente, suas palavras tinham sentido.

- Me diga uma coisa, por que deseja cortejar a Louisa? Conheceu-a faz escassas

semanas, e mal sabe como é.

- Sei o suficiente. É uma garota culta, formal, interessante, formosa.

- Assim quer se casar com a Louisa pelas virtudes que viu nela? - perguntou-lhe, tentando ignorar o fato de que seu irmão tivesse posto o apelativo de culta em primeiro lugar. Deu graças a Deus de que Simon não soubesse seu ponto fraco.

Ele a olhou fixamente, sem piscar.

- Pois claro que sim. Acaso Draker lhe disse algo diferente?

Não valia a pena suscitar a ira do Simon lhe contando as suspeitas do visconde, especialmente quando estas eram totalmente infundadas.

- Não é isso. Simplesmente queria estar segura de suas intenções.

"Ah! Vê, lorde Draker? Já lhe disse que se equivocava com meu irmão", disse-se vitoriosa.

- E não lhe importa o escândalo associado com sua família, nem que não seja uma moça sofisticada?

- Importa-se? - contra-atacou ele.

- Não. Mas eu não penso me casar com ela.

Não obstante, Regina teria que conviver com a esposa que Simon escolhesse, já que ela não tinha nenhuma intenção de casar-se. Por isso lhe interessava tanto ajudá-lo a escolher à esposa ideal.

Regina necessitava que Simon encontrasse alguém competente, capaz de ajudar ao Cicely em suas obrigações para que esta não se sentisse sobrecarregada. E tanto ela como Cicely estavam encantadas com a Louisa. Essa cândida moça não tentaria mudar seus hábitos nem encher suas vidas de esplendor e de glamour, como o resto das mulheres enjoativas que pareciam atrair a atenção do Simon. Louisa se converteria em uma boa amiga a quem Regina poderia confiar seu segredo, uma amiga diferente das demais.

As amigas da Regina a viam como uma mulher forte e sofisticada; se averiguassem a verdade, indubitavelmente a rechaçariam. Sua mãe não era a única pessoa que exigia perfeição. Mas Louisa era diferente. E estava segura de que, quando esse encanto de moça se casasse com o Simon, seria leal a sua nova família.

Esses eram os motivos que moviam a Regina a querer emparelhar a Louisa com seu irmão.

- Como sua intenção é se casar com Louisa - argumentou ao Simon - necessitará

do consentimento da pessoa que a custódia. Se não, fracassará no intento. E agora que organizei uma forma para obtê-lo, por que não tira vantagem? Demonstre a lorde Draker que suas intenções são absolutamente honestas.

A mandíbula do Simon se esticou visivelmente quando voltou a acomodar-se no assento.

- Suponho que tem razão. Tampouco significa que tenhamos que passar toda a vida com esse energúmeno. Possivelmente uma ou duas festas. Mas claro, de qualquer modo arrumarei para ver a Louisa em privado, tal como lhe contei. Recorda meu plano...

Regina ficou tensa.

- Não! Olhe, agora que seu irmão aceitou a sua corte formal, Louisa não aceitará sua proposta.

E parte de meu acordo com o visconde foi que o cortejo se levaria a cabo publicamente.

Simon não pôde evitar mostrar certo aborrecimento.

- Durante quanto tempo?

- Um mês.

- Regina! - exclamou Cicely. - Aceitou que esse miserável a corteje durante um mês?

- Miserável? - cortou-a Simon desconcertado. - Cortejar a quem? Mas do que estão falando?

Céus. Às vezes, quando Cicely ficava super protetora, podia ser muito pesada. Regina lhe lançou um olhar exasperado antes de encarar Simon.

- O visconde e eu fizemos um trato: em troca de sua conformidade para que você e Louisa possam estar juntos, eu aceitei que ele me corteje.

- Perdeste a presilha ou o que? - rugiu ele. - aceitou que o visconde Dragão a corteje? Um homem que a despirá com o olhar na primeira ocasião que tenha?

- Não seja ridículo. É certo que pode ser um pouco grosseiro, mas é um cavalheiro. - Assumindo que a definição de cavalheiro pudesse ser bastante ampla.

- Esse tipo é incapaz de estar com uma mulher sem lhe faltar ao respeito, e você lhe prometeu que aceitará suas atenções durante um mês? Por que, Regina?

- Porque não me deixou outra alternativa. Está certo de que você - de que nós - somos umas criaturas malvadas que perverteremos a Louisa. Não podia rechaçar sua

provocação e confirmar sua opinião.

- Embora isso suponha que a partir de agora não será bem-vinda em nenhuma festa, porque levará nas costas ao visconde Dragão?

- Sandices! Tenho a esperança de que minha reputação se mantenha intacta, embora saia com um pretendente tão excêntrico. Quem sabe, igualmente sou capaz de mudar sua fama e conseguir que seja bem recebido nos círculos sociais nos que nos movemos.

Imagina que golpe de efeito tão espetacular. Toda a sociedade falaria disso.

- Disso se trata? Aborrece-se com seu trabalho de voluntária no hospital da Chelsea e necessita de um novo projeto? Espera converter a essa besta em um cavalheiro educado e sofisticado?

- Não exatamente, embora acredite que se com um pouco de sutileza e persuasão...

Simon lançou um resmungo.

- Nem o sonhe. Draker não é como o resto de seus admiradores que até agora têm caído rendidos a seus pés. Não conseguirá domá-lo simplesmente com suas recriminações e sua língua afiada.

Fez uma pausa e olhou a sua irmã com carinho. Depois prosseguiu:

- Embora valerá a pena ver como o tenta. De acordo, vejamos se é capaz de civilizar a esse ogro. Se existir alguém que pode fazer que esse tipo se ajoelhe, essa é você.

- Eu não gosto que o enfoque assim. Não pretendo me divertir com isso - respondeu ela com tristeza.

Assim que seu irmão compartilhava a mesma opinião que o visconde e que o resto da sociedade? Também a considerava uma menina mimada e arrogante?

- Me ocorre uma idéia; façamos este jogo ainda mais interessante: aposto o que quiser que um mês de suas persuasões sutis não é suficiente para que converta ao visconde em um cavalheiro socialmente apto. Se eu ganhar, comprometerá a não interferir mais em meu cortejo com a Louisa.

Ela esteve a ponto de recusar essa odiosa aposta, até que Simon pronunciou as últimas palavras. Por que seu irmão não desejava que lhe ajudasse no cortejo? Deveria estar agradecido.

"Não acredito que sua verdadeira intenção seja casar-se com ela", tinha-lhe

insinuado lorde Draker.

Regina olhou a seu irmão com olhos desafiantes.

- E se eu ganhar, pedirá ao visconde a mão da Louisa formalmente. E acatará sua resposta.

Esperou a reação do Simon agüentando a respiração. Se aceitasse a proposta, então não duvidaria que sua intenção fosse casar-se com a Louisa, e portanto lorde Draker estaria equivocado.

Simon arqueou uma sobrancelha.

- Trato feito. Mas não ganhará. Embora esse tipo tente seduzi-la, jamais se converterá em um de seus peritos mulherengos a quem dirige sem piedade.

- por que assume que isso é o que quero dele? Talvez esteja interessada simplesmente em conhecer um pouco mais a esse homem - disse ela com evidentes mostra de estar perturbada.

Simon soltou uma gargalhada.

- Nunca mostrou o mínimo interesse em nenhum homem com caráter, só em idiotas espetacularmente bonitos a quem pode dominar a seu gosto.

Certo. Mas isso era porque Regina temia que um homem inteligente averiguasse seu terrível segredo. Em troca, era fácil enrolar aos idiotas para que não se dessem conta de seu defeito.

De fato não lhes dava nem a oportunidade de fixar-se nesse tipo de detalhes, já que o único que aceitava deles era que a levassem a alguma festa. Sim, eram o par ideal para uma noite com baile, mas sabia que jamais se casaria com um deles.

Melhor dizendo, não se casaria com ninguém. Embora encontrasse um marido que aceitasse seu grave problema, não desejava aventurar-se a ter filhos. E se seu mal era hereditário? O que aconteceria se tivesse um filho com o cérebro ainda mais atrofiado que o seu? Regina não queria assumir esse risco.

- Olhe - continuou Simon, - Draker é muito feio.

- Não é verdade.

Simon a olhou surpreso.

- Bom, se você o diz. Mas é um tipo inteligente e culto sobre o que pende um sem-fim de rumores escandalosos. Em poucas palavras: não é seu tipo.

- Possivelmente meus gostos estejam mudando.

- Refere-se a que decidiu não afiar mais os dentes cada manhã para morder ao

primeiro que atire? Tome cuidado irmãzinha. Tentar pôr o alvo mais alto é um objetivo admirável, mas começar com um indivíduo como Draker é uma loucura.

- O mesmo lhe disse eu - interrompeu-os Cicely, - mas se nega a me escutar.

Mas Regina tinha adotado a firme determinação de não permitir que lorde Draker prosseguisse com essa fileira de hipóteses arrogantes e, além disso, queria lhe demonstrar que se equivocava.

- Pensem o que quiserem, mas não só aceito a aposta mas tenho a intenção de ganhá-la.

- Embora só fosse para assegurar-se de que seu irmão se comportaria como um verdadeiro cavalheiro com a Louisa.

Simon voltou a rir.

- De acordo. Que se divirta E quando fracassar e esse pobre diabo continuar opondo-se a nossas bodas, Louisa não quererá saber nada mais de seu irmão, e finalmente os dois poderemos fazer o que nos agradar.

Regina apertou os dentes.

- Não fracassarei. Não permitirei que meu irmão aja como um canalha desconsiderado, comprometendo a honra de uma jovem com a descabelada idéia de vê-la às escondidas. Não senhor, disso pode estar totalmente certo.

Capítulo quatro.

" A melhor arma contra um pretendente não desejado é olhá-lo com desdém. Usa um espelho para praticar esses olhares cheios de desprezo."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal

Marcus franziu o cenho quando entrou no espaçoso vestíbulo da mansão extravagantemente decorada que os Foxmoor tinham na cidade. O mordomo lhe tinha anunciado que lady Regina desceria de um momento a outro, mas já estava esperando-a mais de quinze minutos. Certamente era parte do plano dessa pérfida mulher para dominá-lo e aplacá-lo.

Perfeito. Deixaria-a prosseguir com seus joguinhos até que se cansasse. Não pensava alterar-se ante ela. Essa mulher podia ser uma sereia, mas ele atuaria de

forma tão inamovível como Ulises preso ao mastro de seu navio.

Igual a Ulises, se submeteria a escutar o perigoso canto da sereia sem sucumbir a seus encantos.

- Você deve ser Draker - disse uma voz a suas costas.

Marcus se voltou e divisou a um homem jovem, loiro e vestido com um elegante traje de seda cor azul marinho. Se Marcus não tivesse visto o duque na festa de apresentação em sociedade da Louisa, igualmente o teria reconhecido pela enorme semelhança física que guardava com lady Regina. Esse moço era realmente bonito, muito bonito para fazer feliz a uma cândida garota como Louisa.

Marcus sentiu uma grande aversão por ele imediatamente.

- Olá, Foxmoor.

Seu interlocutor se mostrou perplexo.

- Tinham-nos apresentado antes?

- Não exatamente, mas sei quem é você.

- Excelente. - O duque lhe estendeu a mão, mas Marcus a recusou. Depois de uns instantes Foxmoor retirou a mão.

- Veio procurar a Regina, não é assim?

Marcus o olhou desafiante.

- Contou-lhe nosso bem...

- Pacto? Sim. Por certo, um pacto realmente peculiar - precisou com um tom menos afável.

- Não sei se aceitaria, mas Regina tem o feio costume de fazer sempre o que quer, sem se importar com o que eu diga.

Suponho que é um dos inconvenientes de ter uma irmã, não está de acordo?

- Sinto muito, mas não tive o prazer de experimentar esse tipo de problemas - lhe respondeu Marcus ao mesmo tempo em que esgrimia um sorriso anti-social. - Minha irmã jamais ousaria agir sem meu consentimento.

O olhar do Foxmoor se tornou mais gélido.

- Pois me parece que a senhorita North sabe pensar por si mesma, e logo o averiguará se a obriga a escolher entre você e eu.

- Pode estar certo de que Louisa aceitará o que eu disser sem pigarrear, e se mostrar a mínima objeção.

- Mas não o fará - se gabou Foxmoor, exibindo um sorriso entre dentes.

- Aaaah! Já emerge o inseto calculista que se oculta em seu interior, né?

- Parem os dois! Basta!

Ambos os homens olharam para a escada ao uníssono, mas enquanto Simon franzia o cenho ante a aparição de sua irmã embelezada com um deslumbrante vestido de festa, Marcus ficou boquiaberto.

Se antes tinha pensado que era formosa, agora se dava conta que ficara deficitário. A dama que apresentou de improviso no Castlemaine com o fim de visitar um agreste cavalheiro anacoreta não ia vestida para deslumbrar. Em troca, a que tinha agora ante seus olhos se arrumou para cumprir seu papel à perfeição. A Belle me Dê Sãs Merci estava em seu máximo esplendor, com um divino traje entalhado de crepé cor rosa e um vistoso colar de pérolas combinando com brincos como únicos complementos.

E Marcus tinha pensado que não conseguiria seduzi-lo. Se não fosse com cuidado, logo se lançaria irremediavelmente à água e se afogaria aos pés dessa sereia.

Contemplou-a enquanto descia a escada. A capa acetinada branca que mal cobria esse corpo escultural revoava travessamente deixando entrever suas sinuosas curvas. Um acetinado chapéu de cor rosa coroava sua bela cabeleira dourada, com umas borlas brancas que quase não se moveram de seu lugar quando ela se aproximou dos dois cavalheiros. Jamais tinha visto uma mulher que se movesse com tanta delicadeza, com tanta sensualidade, como ela. Inclusive sua expressão severa não conseguiu mitigar o vertiginoso ritmo do pulso do Marcus, que se tinha acelerado somente ao vê-la.

- Quer fazer o favor de se comportar como um cavalheiro? - ordenou Regina, e durante uns segundos Marcus pensou que se referia a ele, pelo desassossego que tomou conta de todo seu corpo.

Mas não, estava falando com o Foxmoor. - Me nego a passar a noite escutando como provoca a lorde Draker.

Regina tinha pronunciado estas últimas palavras em um tom mais suave e calmo, que fez que o sangue de Marcus fluísse ainda mais depressa.

- Eu? - protestou Foxmoor.

- O visconde foi suficientemente atento para aceitar minha petição e te dar uma oportunidade, e não permitirei que o ataque com punhaladas a traição. Ou te comporta de uma forma civilizada, ou o deixamos aqui, e então terá que tomar sua

própria carruagem.

- Uma idéia brilhante - murmurou Marcus.

Depois desse comentário desafortunado, Regina encarou a ele.

- E quanto a você, senhor, suponho que não tenho mais remédio que fazer vista grossa a sua deplorável indumentária passada de moda. - Enquanto um lacaio ia com presteza para ajudá-la a colocar devidamente a capa, olhou ao Marcus de soslaio.

- Suponho que não teve tempo para comprar um novo traje de festa com o que celebrar sua reincorporação à sociedade.

- Nem o tempo nem a vontade de gastar dinheiro tão frivolamente - replicou ele. Especialmente quando já disponho de um bom casaco.

- E eu que pensava que era você rico. Mas já vejo que me equivocava.

Antes que Marcus pudesse replicar esse insulto grosseiro, Regina continuou com voz melodiosa:

- Embora uma lâmina de barbear não é cara, assim, que razão alega para fazer caso omisso de meu conselho sobre tirar a barba?

Acaso essa maldita mulher pensava ensiná-lo sem lhe dar trégua? Marcus não estava disposto a consenti-lo.

- Olhe senhorita, o que se oculta debaixo de minha barba pode danificar a sensibilidade de uma dama. E você, precisamente você, deveria compreender isso, dado o interesse que professa pela aparência física.

Regina não se alterou ante essa resposta impertinente e obviamente provocadora.

- Não me convence. Acredito que deveria me deixar julgar se o que se oculta atrás dessa barba pode realmente danificar a sensibilidade de uma dama ou não.

- Ah, mas se desse o caso de que você se amedrontasse ante tal visão, necessitaria várias semanas para trazer novamente uma barba basta, e durante todo esse tempo me veria privado de sua companhia.

Regina sorriu.

- Claro, e isso lhe suporia um grande desconsolo.

- Fizemos um pacto, e não quero que você o rompa. - Marcus lhe ofereceu o braço, ignorando a rapidez com que se apagou o sorriso no rosto da Regina. - Vamos?

Ao mesmo tempo em que Regina agarrava seu braço, Marcus ouviu uma gargalhada apagada atrás dele, e quando olhou por cima do ombro viu que Foxmoor fazia enormes esforços para não cair na risada.

Regina lançou a seu irmão um olhar seco e afiado.

- Passa-lhe algo, Simon?

- Não, nada - respondeu ele, com os olhos brilhantes. Realmente se estava divertindo muito.

- Irei procurar Cicely, que está na sala de música.

Enquanto Simon se afastava, Marcus olhou fixamente a Regina e lhe perguntou:

- É por algo que disse?

- Meu irmão acredita que você é incapaz de comportar-se como um cavalheiro. E com seu comportamento e suas explicações lhe está dando a razão.

Ele sufocou a irritação que sentia.

- Segundo lembro, nosso trato não incluía nenhuma cláusula em que dissesse que tinha que me comportar como um cavalheiro.

- É certo, mas não pensei que dedicaria este mês que compartilharemos a me pôr em evidencia diante de outros.

Marcus adotou uma expressão severa.

- Olhe, senhorita, a única coisa que pretendo é ser eu mesmo. Se acreditar que isso a porá em ridículo...

- Basta. Embora se mostre como um dragão anti-social, advirto-o que não é fácil me humilhar.

- Não, suponho que sua tática radica em humilhar a outros.

Regina se mostrou ofendida e afastou os olhos.

- Claro. Essa é a especialidade "das de minha classe", não é certo? Que inteligente que é você.

Maldição. Tinha ferido seus sentimentos?

Não, não era possível. As mulheres como ela se gabavam de ser capazes de pulverizar a alguém com somente uma palavra. Lady Regina só estava furiosa porque ele tinha contra-atacado seus insultos.

Uns momentos mais tarde, seu irmão retornou com outra dama. Enquanto Foxmoor fazia as apresentações pertinentes, Marcus examinou a senhorita Cicely Tremaine, quem claramente fazia as vezes de acompanhante de Regina.

Nem sequer a grande lady Regina podia apresentar-se em público sem uma dama de companhia.

Mas essa senhorita, que devia roçar os cinqüenta anos, embora macilenta e

esquálida, parecia estar suficientemente alerta para manter a distância ao pretendente mais decidido. Obviamente pensava cumprir com sua obrigação, coisa que ao Marcus não preocupava o mínimo. Não tinha intenção de insultar a lady Regina com escandalosas saídas de tom; simplesmente fazendo sua entrada triunfal na festa dos Iversley junto a essa mulher seria suficiente para que ela reconsiderasse a possibilidade dos benefícios de uma associação entre ambas as famílias.

Sem dúvida, iniciou-se o efeito que Marcus desejava conseguir, posto que a acompanhante de lady Regina o olhava com expressão de asco. Já na carruagem, ele e Foxmoor se sentaram frente às duas damas e a senhorita Tremaine continuou olhando-o com cara de poucos amigos. Uns minutos mais tarde, quando Marcus tentou acomodar-se no assento e a roçou sem querer com a perna, a expressão de horror no rosto da prima foi quase cômica. Quase.

Apertando os dentes, recordou-se a si mesmo que precisamente essa era a classe de reação que esperava. Desejava que lady Regina fosse testemunha de como o olhava a gente fora das terras do Castlemaine: com temor, aversão, suspeita ou desprezo.

Exceto pela própria Regina. Embora certamente se devesse a que era uma boa atriz e sabia encobrir suas reações.

A carruagem continuou seu rumo, e Marcus fixou o olhar em seu par, que estava sentada diante dele. Realmente era uma perita na hora de ocultar seus sentimentos. Era a única pessoa com a que Marcus se sentia incapaz de averiguar o que opinava dele.

Outro motivo a acrescentar à lista para não confiar-se nessa mulher.

Quando Regina o pilhou observando-a, sorriu e disse:

- Ouvi que Louisa tocará o piano e você harpa esta noite. Não sabia que sabia tocar harpa.

- Toca muito mal. Mas embora o disse em várias ocasiões, insiste em que não sei apreciar o suficiente essa classe de música para julgá-la.

- A senhorita North toca a harpa como os próprios anjos - soltou Foxmoor.

Marcus o olhou de soslaio.

- Sim, verdadeiramente parece um anjo quando toca harpa. Que pena que a música resultante se assemelhe mais a uma orgia de demônios.

Regina pôs-se a rir.

- Simon não sabe distinguir entre uma nota afinada e outra desafinada. Para ele

não existe diferença entre um estrondo de mil demônios ou a doce melodia de um rouxinol.

- E você? - perguntou Marcus a Regina. - Tem bom ouvido para a música?

- Isso é o que dizem. E apesar de que afirme que sua irmã não toca a harpa muito bem - me reservo julgá-la por mim mesma quando a tiver ouvido, - possui uma bela voz e é mais que competente com o piano.

Marcus soltou um bufido.

- Pois me alegra sabê-lo, tendo em conta a fortuna que gastei em professores de música particular.

- Pensei que não gastava dinheiro em frivolidades. - Lhe reprovou Regina.

- Proteger os ouvidos não é nenhuma frivolidade.

Um sorriso zombador se posou nos lábios sensuais da Regina.

- É por isso que Louisa pinta tão bem? Porque você também quis adotar medidas para proteger sua vista?

- Os melhores professores de arte que o dinheiro pôde comprar.

- Santo céu, e tudo esse amparo deve lhe ter custado os olhos da cara! - exclamou Regina com um tom sarcástico. - Então, também procurou professores de dança para proteger seus pés, e professores de equitação para proteger seus puros sangues?

- É claro, e não nos esqueçamos dos tutores para me proteger da mesquinharia e a incultura - acrescentou ele, com um olhar cheio de desprezo. - Mas claro, provavelmente você não considere que educar a mente feminina seja um fator importante. Que Deus tenha piedade da Louisa por ter lido ao Shakespeare e a Aristóteles! Enquanto seja formosa e competente nas artes femininas, não importa que não seja culta nem inteligente mas bem tola, não é verdade?

O sorriso que momentos antes dominava o rosto de Regina se desvaneceu de repente.

- Não, claro que não. - Rapidamente desviou a vista para a janela. - Já chegamos. Que pena, lorde Draker, agora terá que esperar até que cheguemos à porta para continuar enumerando meus defeitos.

A mandíbula do Marcus se esticou visivelmente. Não estava seguro de como o tinha obtido mas, a julgar pelo rosto de Regina, desta vez tinha conseguido feri-la; disso não lhe cabia a menor duvida.Perfeito. Assim aprenderia essa pretensiosa a não jogar com dragões. Depois de abandonar a carruagem, lady Regina se separou dele e tomou

o braço da senhorita Tremaine. Foxmoor ficou também atrasado, ao lado do Marcus.

- Um espetáculo impressionante, sim senhor. A isso o chamo eu uma técnica de cortejo efetiva, refiro a de insultar a minha irmã sem parar. Se continuar assim, pode estar certo de que Regina cairá rendida em seus braços de um momento para outro.

Dito isto, Foxmoor apertou o passo e Marcus ficou com a vontade de lhe dizer que o último que desejava fazer era seduzir a essa mulher, mas sua declaração teria significado descobrir suas intenções ante o inimigo, e isso não formava parte de seu plano.

Marcus levantou os olhos e avistou Louisa, que esperava impacientemente a chegada da comitiva na entrada principal. Nem a embelezadora imagem de sua irmã conseguiu acalmar seu alterado estado de ânimo.

- Marcus! - exclamou Louisa quando ele se aproximou. - É verdade! Veio! Lady Iversley me disse isso, mas pensei que me estava jogando uma brincadeira.

Marcus contemplou a sua irmã da cabeça aos pés, maravilhado, e um nó se apoderou irremediavelmente de sua garganta. Vestida desse modo, Louisa parecia uma mulher feita e direita.

- Como ia perder a genial atuação de minha querida irmã? - disse ele com um tom carinhoso enquanto se inclinava para beijá-la na face.

Ela lhe bateu com o leque no ombro.

- Mas entretanto perdeu minha festa de apresentação e a cerimônia de minha apresentação na Corte. Por isso pensava que hoje tampouco viria.

Corada de alegria desviou a vista para o interior onde nesse momento os Iversley estavam recebendo a lady Regina e ao Foxmoor. - Não se preocupe. Não lhe tenho isso em conta.

O nó da garganta se deslizou até instalar-se no estômago, como se fosse uma rocha. Maldição.

Marcus não tinha pensado como reagiria Louisa quando o visse aparecer junto a lady Regina. Apesar de que o visconde e Regina tinham decidido por mútuo acordo fazer a corte em público, não desejava que sua irmã pensasse que a coisa ia a sério.

- Não albergue esperanças, céu - murmurou ele. - Colocar um dedo na piscina não significa que vai atirar-se de cabeça.

- Mas uma coisa pode levar a outra - respondeu ela com viveza. - Sobre tudo se descobrir que a água não está tão fria.

Ele não esperava que a água estivesse temperada, mas não podia dizer a Louisa.

E não o fez. Ofereceu-lhe o braço e a levou até o vestíbulo transbordante de gente. De repente, apagou-se o enorme murmúrio que uns segundos antes reinava no espaço. Exceto pela conversa que mantinham os Iversley e lady Regina, o silêncio

inudou o ambiente e todo mundo se virou " para contemplar descaradamente a lorde Draker.

Por uns segundos breves, Marcus se sentiu transportado ao seu primeiro baile. Com seus dezessete anos recém cumpridos e um nervosismo patente no rosto, tentou comportar-se como um cavalheiro, tal como sua mãe esperava, mas por causa de sua enorme estatura e de sua robustez não pôde ser tão delicado como ela desejava. A única coisa que conseguiu foi pôr em evidencia a sua mãe diante de todos os convidados.

Recordou que nesse dia os olhares depositados sobre ele não mostravam nada mais que pena ou desprezo. Porém, agora eram abertamente hostis.

O visconde reagiu do modo em que já estava acostumado: mau.

- Vim devorar às virgens - bradou. - Alguém se atreve a me dizer onde posso encontrá-las?

Sua frase conseguiu romper o silêncio reinante, basicamente porque as pessoas abandonaram o vestíbulo de forma precipitada. Os convidados começaram a elevar o tom de seus comentários: "Como ousaram convidá-lo?", "Que desfarçatez!", assim como as palavras "visconde Dragão".

- Já vejo que nada mudou na sociedade durante meus nove anos de ausência - comentou Marcus a Louisa. - Sinto muito, querida, não desejava estragar sua festa.

Ela suspirou.

- Não o fez, mas se continua se comportando como um...

- Energúmeno? - apontou ele para ajudá-la.

- Sim, isso é o que queria dizer. Solta essas tolices diante das pessoas sem pensar que, se se mostrasse mais cortês, as pessoas lhe dariam uma oportunidade e...

- Marcus! - Katherine se aproximou dele com grande rapidez. - Que alegria que tenha vindo!

- Não é necessário que grite - disse ele ironicamente. - Já consegui que todo mundo saia apavorado.

Katherine ficou pálida.

- Sinto muito. Gostaria de sair para recebê-lo na porta, mas pensei que Louisa e você ainda estavam fora. Deveria ter prestado mais atenção.

- Não se preocupe. - O visconde não queria afligir Katherine, uma mulher pela qual sentia um enorme respeito. - Já estou acostumado às reações das pessoas. Felizmente aprendi a não deixar que essas tolices me afetem.

Ao menos se tratava de uma única noite; depois do acontecido estava certo que lady Regina atiraria a toalha. Quando concluísse a noite, ela pensaria duas vezes antes de continuar tentando emparelhar a seu irmão com a Louisa. Marcus poria todo seu empenho para que assim fosse.

Imediatamente apareceu Foxmoor com um radiante sorriso, olhou com ternura a Louisa e lhe ofereceu o braço. Ela lançou um olhar carinhoso a seu irmão e aceitou encantada.

O jovem casal se perdeu entre o resto dos convidados, e Marcus contemplou ao Foxmoor pelas costas. Em seguida se voltou para a Lady Regina.

- Atreve-se a encarar a toda essa turma de bufões, ávida de fofocas? - Marcus lhe ofereceu o braço e esperou que ela soltasse qualquer desculpa ridícula.

Mas Regina aceitou o braço e sorriu. E que sorriso! Por Deus. Se ele não tivesse sabido o que essa mulher e seu irmão se traziam de mãos dadas, esse sorriso o teria deitado de costas. Mas não pensava deixar-se enganar. Já tinha suficiente com que o mero toque dessa delicada mão sobre seu braço lhe estivesse despertando pensamentos pouco cavalheirescos.

Enquanto se dirigiam ao salão, Regina murmurou:

- Suponho que esse comentário sobre as virgens é o que você entende por uma brincadeira audaz.

- Limitei-me a dizer em voz alta o que todo mundo estava pensando - respondeu ao mesmo tempo em que lhe lançava um olhar irado. - Por quê? Acaso mudou de opinião e agora se dá conta de que é possível que alguém a ponha em evidência?

- A mim não, mas a Louisa sim.

Marcus resmungou. Maldição, essa mulher sabia como acertar totalmente em seu coração.

Embora Louisa fosse o motivo pelo qual ele estava suportando toda essa tortura, parecia que lady Regina não se dava conta disso.

- Farei todo o possível por não pôr a minha irmã em evidência.

Faria todo o possível, mas para separar a sua irmã do desgraçado do Foxmoor. E se isso significava fazer que Louisa passasse um pouco de vergonha em público e também reprimir a atração física que ele sentia por "lady Presunçosa", faria-o.

Ao final, Louisa lhe agradeceria.

Capítulo cinco.

" Uma dama pode desfrutar de qualquer festa se a companhia for grata, afável e animada."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A perceptora ideal

Depois de quinze minutos na festa, Regina estava encantada com cada pessoa ali presente. Depois de trinta, os teria estrangulado a todos. E esses eram os membros mais elogiáveis da alta sociedade? Pelo menos deveriam ter-se comportado de forma educada com lorde Draker. Entretanto, ninguém se aproximou para saudá-lo, como se o visconde tivesse a lepra; simplesmente se limitaram a insultá-lo sem sequer descer a voz, como se o visconde fosse invisível.

Mas lorde Draker tampouco contribuía para modificar a situação. Quanto mais hostis eram os comensais, mais sarcástico se tornava ele. Se esse animal não fosse tão enorme, haveria-lhe dado um bom golpe nas mãos com seu leque. Embora certamente ele nem se teria alterado.

Para acabar de encher o copo, agora estava conversando com esse homem de má reputação, o senhor Byrne, seu suposto meio-irmão. Parecia que o visconde não estava bastante satisfeito exibindo sua tosca aparência em público, não; tinha que recordar a todo mundo que unicamente a indulgência do anterior visconde o tinha salvado de ser declarado bastardo, não em sentido figurado mas no significado pleno da palavra.

Prestando só atenção pela metade à marquesa do Hungate, que estava a seu lado fofocando sobre um escândalo, Regina deu uma olhada furtiva aos dois indivíduos. Quando lorde Draker lhe dedicou um sorriso presunçoso, ela franziu o cenho.

Obviamente, o visconde estava desfrutando como uma criança com os resultados obtidos com sua tosca aparência e seu comportamento. Como era possível que não percebesse que com essa atitude só conseguiria piorar as coisas?

Marcus murmurou algo a seu meio-irmão e em seguida se dirigiu para ela. Regina desviou rapidamente a vista na direção oposta. Fantástico. Certamente esse imbecil se aproximava dela com a intenção de arruinar sua reputação.

Justo o que necessitava para animar-se: de um lado, à amargurada lady Hungate, e do outro, o anti-social lorde Draker lançando uma ou outra crítica grosseira.

- O que se passa atualmente aos jovens? - queixou-se lady Hungate. - Não prestam atenção aos modos nem aos protocolos. Quando eu era jovem, as garotas não podiam sair para cavalgar com nenhum cavalheiro até que não tivessem sido apresentadas oficialmente em sociedade.E entretanto, ouvi que alguém viu a senhorita Spruce no parque acompanhada do senhor Jackson a semana passada. Ainda não celebrou sua festa de apresentação, não é verdade?

- Não - respondeu Regina com tom ausente, muito atenta ao visconde, que cada vez se aproximava mais.

Lady Hungate deu uma olhada por cima do ombro da Regina, então colocou os óculos para estudar a lorde Draker com expressão de desgosto.

- E quando eu era jovem, nos bailes e festas se requeria vestir de etiqueta e ter um aspecto totalmente asseado. Antes que Regina pudesse dizer algo, lorde Draker se adiantou:

- Em minha época, as intrigas estavam proibidas na sala de baile.

- Deveria estar mais que contente que já não estejamos em sua época, senhora.

Lady Hungate enrugou o nariz.

- Bom, eu jamais...

- Ah, você jamais critica a ninguém, é isso o que ia dizer?

Com essa assertiva se deu por concluída a conversa. Com um olhar cheio de recriminação para Regina, como lhe querendo dizer: "Como se atreve a trazer esta pessoa com você para nos perturbar a noite?", a marquesa escorreu o vulto em busca de melhor companhia.

Regina não acabava de decidir se estava impressionada pela forma efetiva com que lorde Draker tinha conseguido silenciar à pesada lady Hungate ou zangada ante os métodos tão rudes que o visconde tinha utilizado.

- Parece-me que adora agir como um verdadeiro ogro.

- As arpías intrometidas não merecem respeito algum. Unicamente me limito a lhes dar o que querem: alguém com quem afiar suas unhas. - Marcus a olhou com suma atenção. - Não me diga que estava desfrutando com a companhia e os comentários dessa velha arpía.

- Embora assim fosse - disse ela com polidez. - não sou tão mal educada para...

- Dizer a essa anciã que ela também é uma mal educada pelo fato de fofocar sem parar? Não, segundo você, sou o único que se comporta mau. Não vejo que recrimine a ninguém mais por comportar-se como não é devido.

- Só se comportam com rudeza porque você é um grosseiro.

- Não, agem assim porque são gente ignorante e vazia e não pensam em nada mais que nos falatórios e nas tendências da última moda.

Sem dúvida nenhuma, lorde Draker a incluía a ela nesse grupo. Maldito fosse.

- Possivelmente. Mas a forma adequada de tratar às pessoas ignorantes é dissipar suas fofocas com saídas engenhosas, e não com insultos degradantes. Se der a volta aos rumores de uma forma inteligente e discreta para que lhe sejam favoráveis, as pessoas deixarão de meter-se com você.

Marcus arqueou uma sobrancelha.

- Está tentando me governar, senhorita?

Ela suspirou, cansada.

- Diz isso em brincadeira, não é? É o homem mais indomável que jamais conheci. Só tento ajudá-lo.

Lorde Draker olhou Regina diretamente nos olhos.

- Olhe, não necessito de sua ajuda, entende-me?

O anúncio por parte de lady Iversley de que o concerto estava a ponto de começar evitou que Regina respondesse a essa provocação. Embora ele nem lhe tivesse prestado atenção, disso estava segura.Lorde Draker era o homem mais cabeçudo que tinha conhecido. E como ia ela a melhorar sua popularidade na sociedade se ele se negava a aceitar o mínimo conselho? O visconde lhe havia dito que esperava que o fato de apresentar-se em sociedade com ela lhe aplainasse um pouco o terreno, e agora rechaçava todas suas sugestões. Não conseguia compreender a esse indivíduo.

Regina tomou assento. Para sua surpresa, lorde Draker se sentou a seu lado. Entretanto, quando ele se derrubou pesadamente sobre a cadeira, teve que conter-se

para não lhe dizer que era incorreto ocupar uma cadeira como se fosse um torpe dragão que não podia manter a cauda rígida; embora, de qualquer modo, sabia que não lhe teria prestado atenção. O visconde não aceitava nenhuma crítica. Às vezes inclusive o admirava por isso. Que pena que ninguém mais o visse com seus olhos. Pelo menos, lorde Draker não causaria nenhuma briga enquanto Louisa estivesse cantando. Era evidente que ele a adorava, assim por que não se esmerava mais em comportar-se devidamente na festa?

Logo que começou a atuação da Louisa, Regina relaxou. A música era seu passatempo favorito. Sempre que se sentia nervosa, tomava a harpa e ficava a tocar, apesar de que só podia fazer o de ouvido por sua incapacidade na hora de ler qualquer partitura. Felizmente, tinha um talento inato para recordar e repetir melodias. E desfrutava escutando todo tipo de música, especialmente se a pessoa que cantava tinha uma voz tão bela como Louisa.

Depois da segunda peça, Regina olhou de esguelha a lorde Draker, que sorria orgulhoso a sua irmã.

Sentiu-se atraída por essa nova faceta do visconde. Agora não parecia tão imponente mas surpreendentemente jovem.

Fez cálculos rapidamente. Lorde Draker não podia ter mais de trinta e um anos, só sete mais que ela. Seriamente pensava entrincheirar-se no Castlemaine durante o resto de sua vida? Que pena.

Ele a surpreendeu observando-o, e uma faísca emergiu em seus olhos, um olhar de desejo, tão primitivo que Regina sentiu que um calafrio lhe percorria as costas. Quem quer que afirmasse que a música acalmava às bestas nunca se topou com lorde Draker.

Porque a forma em que a olhava era decididamente selvagem. Nenhum homem se atreveu a despi-lá com um olhar como aquele e, entretanto, não o achou ofensivo. Unicamente fez que Regina se imaginasse...

Ruborizada, afastou a vista dele. Mas a poderosa presença a seu lado foi fazendo-se cada vez mais visível durante o transcurso do concerto. Qualquer comentário positivo que o visconde fazia sobre a maravilhosa atuação da Louisa retumbava no estômago da Regina. Se ele se movia na cadeira, Regina percebia essa deliciosa robustez, essas amplas costas, esses ombros impressionantes... essas pernas tão musculosas.

Tampouco a ajudava o fato de que ele estivesse seguindo o ritmo da música dando batidinhas com seus dedos sobre essas coxas descomunhalmente atraentes. Nem que essas coxas se perfilassem de forma impressionante graças ao tecido apertado de suas calças completamente passadas de moda. Ficou a fantasiar com o que sentiria se seu corpo roçasse essas coxas enquanto dançavam, ou enquanto estivessem abraçados, ou beijando-se apaixonadamente na boca e no pescoço e...

Regina notou um ardor nas faces. Mas o que lhe passava? Em que classe de mulher se estava convertendo, com essas fantasias sobre um homem a quem mal conhecia? Seria melhor que concentrasse sua atenção na atuação de Louisa.

Chegou o momento em que se supunha que a protagonista ia tocar harpa. Louisa se levantou e sorriu.

- Espero que me perdoem se me desvio um pouco do programa, mas esta noite é muito especial para poder resistir. Verão, hoje contamos com um membro muito apreciado de minha família que possui uma voz muito mais excepcional que a minha. Espero que me ajudem a persuadir a meu irmão para que cante comigo.

Louisa começou a aplaudir, e alguns aplausos apagados se uniram pouco a pouco aos dela até formar um coro.

- Mas essa garota está louca - murmurou lorde Draker.

Regina cravou os olhos nele.

- Nem lhe ocorra defraudá-la.

O visconde a olhou com grosseria.

- Malditas sejam as duas. - Mas se levantou e se dirigiu para sua irmã.

Regina se acomodou novamente na cadeira, curiosa por ver se o talento de lorde Draker era genuíno ou simplesmente era o resultado de como o via sua irmã, que o adorava como a um Deus. Quando começou a canção e uma modulada e bela voz de barítono inundou a sala, Regina sorriu. Ah, Ah, uma surpresa atrás de outra. O dragão era capaz de cantar.

Foi uma idéia muito acertada por parte de Louisa utilizar esse recurso para favorecer seu irmão.

Que melhor forma de acalmar a aversão que os convidados professavam para ele que ilustrar os talentos de lorde Draker?

Louisa tinha escolhido uma das canções mais adequadas para a voz de seu irmão, The Last Rose of Summer. O tom médio de Marcus, nem muito grave nem muito

agudo, contribuía para a profundidade adequada a dita melodia, e seu semblante sombrio parecia perfeitamente apropriado para a triste letra que falava sobre a morte e a velhice.

A audiência soube apreciar seu talento. Não se ouviu nem o ruído de uma mosca até que terminou. Inclusive Regina, que se considerava a si mesmo bastante acostumada em reconhecer boas vozes, sentiu-se comovida, especialmente quando lorde Draker desceu mais o tom e ela sentiu a vibração por todo o corpo, recordando como a olhava algumas vezes.

Precisamente do mesmo modo que agora a olhava. Regina notou que mal podia respirar.

Quando lorde Draker cantou uma parte da letra que dizia: "De novo se ruboriza", ela sentiu que o sangue se apropriava rapidamente de suas faces. E quando terminou com a triste linha: "OH! Quem desejaria viver neste inóspito mundo sem companhia?", desejou oferecer-se como voluntária para aliviar a solidão desse indivíduo.

Santo céu! Que atuação mais maravilhosa! E ela não era a única que pensava assim. Quando se apagaram as últimas notas, a audiência conteve a respiração durante uns instantes antes de estalar em um acalorado aplauso.

Regina se sentiu encantada ao ver que lorde Draker se mostrava perplexo ante a resposta do público. Agradeceu com acanhamento e se dispôs a retornar ao seu assento.

Mas sua irmã o reteve.

- Não vá ainda. Canta outra canção.

Marcus sacudiu energicamente a cabeça.

- Ninguém tem vontade de me voltar a escutar, querida, mas possivelmente alguma das senhoritas aqui presentes se anime. - Em seguida, desviou a vista para a Regina. - Estou certo de que lady Regina estará encantada de nos deleitar com sua voz.

Em questão de segundos se formou um forte aplauso ao redor da Regina, e ela só pôde cravar o olhar em lorde Draker enquanto sentia que lhe acelerava o coração. Seriamente desejava ouvi-la cantar, ou simplesmente o tinha feito para não ter que voltar a atuar?

- Sim! - Animou-a Louisa. - Que cante lady Regina!

O ensurdecedor aplauso lhe impossibilitou recusar a oferta, assim como o olhar ardente que lhe lançou o visconde.

Regina se levantou e se dirigiu para a Louisa, e esta última acrescentou:

- Mas deveriam cantar um dueto. OH, por favor, cantem Tho You Think by This to Vex Me. Lady Regina tem a voz perfeita para essa melodia, que, além disso, é minha favorita.

Regina titubeou. Sabia-se a maioria das peças mais populares de cor, mas a canção que Louisa queria tinha mais de vinte e cinco linhas que não tinha memorizado. E estava claro que era incapaz de as ler.

Continuou avançando para os dois irmãos mais lentamente.

- Não, essa não, Louisa, peço-lhe, por favor. O que lhe parece Chastity, Thou Cherub Bright?

Louisa a olhou surpreendida.

- Mas não é um dueto.

- Ah, então talvez... Bem...O que lhe parece...? - por que diabo não podia pensar em um dueto popular que soubesse de cor?

- É a escolha musical de minha irmã o que a incomoda? - perguntou-lhe lorde Draker friamente enquanto ela tentava procurar desesperadamente em sua mente totalmente em branco. - Ou acaso é o companheiro que lhe propõe?

Novamente se fez o silêncio entre a audiência, um silêncio cheio de tensão. Regina sentiu como seu pânico aumentava.

- Não é isso... Quero dizer... Só é que...

- Ah, ou seja, que são ambos os motivos - a cortou ele, dirigindo-se para a audiência. - A Belle me Dê jamais cantaria um dueto, porque isso requereria compartilhar o centro de atenção. E muito menos o faria com um homem, especialmente um que...

- Lorde Draker! Acaba de chegar um mensageiro com uma nota urgente para você - gritou uma voz do fundo da sala. Todo mundo se virou e fixou a vista em lady Iversley, que mostrava um semblante claramente preocupado.

Marcus franziu o cenho.

- Quem a envia?

- Vem de sua propriedade. Segundo o mensageiro, requer sua atenção imediata. - Lady Regina lançou um olhar desafiante a seus convidados, que tinham começado a tagarelar em voz baixa.

- Mas isso não significa que o resto de vocês não possa continuar desfrutando do

serão. Por favor, Louisa, toca algo para que lady Regina possa cantar. Estou segura de que todos os aqui presentes adorarão escutá-la.

O visconde fez um gesto como se quisesse intervir, mas sua anfitriã o atalhou com firmeza:

- E agora, lorde Draker, lhe agradeceria que me acompanhasse. Levarei-o até o mensageiro.

Marcus olhou secamente a lady Iversley, mas se limitou a soltar um "me Desculpem" e abriu passagem entre os convidados até que abandonou a sala, deixando a Regina tremendo dos pés a cabeça pela terrível humilhação que acabava de sofrer.

Em questão de segundos conseguiu acalmar-se, e sua vergonha se converteu em irritação. Que diabo acontecia com esse homem? Como era possível que não soubesse comportar-se corretamente diante das pessoas?

De acordo, ela não tinha sabido enfocar bem a situação. Se não se mostrasse tão alarmada, ele não a teria provocado desse modo. Mas por que esse energúmeno tinha sempre que dizer coisas tão desagradáveis?

Olhou para os convidados. Todos pareciam escandalizados. Lorde Draker tinha conseguido destroçar em questão de segundos tudo o que Louisa fazia por ele. Nem tão somente a clara desculpa de lady Iversley poderia arrumar o ultraje.

Não obstante, Regina se negava a aceitar que os esforços da Louisa caíssem em saco quebrado. Prosseguiu o caminho para o piano e murmurou a Louisa:

- Por favor, pode tocar Chastity, Thou Cherub Bright?

Louisa assentiu. Depois disse com um tom decididamente tranqüilo:

- Me perdoe. Não pensava que se negaria a cantar com o Marcus.

- E esse não foi o motivo, asseguro-lhe. O único é que não conheço suficientemente bem a outra canção para cantá-la diante de todos os convidados.

Apesar de que Louisa se mostrou bem cética ante tal resposta, não pronunciou nenhuma só palavra mais e começou a tocar o piano. Regina ficou a cantar, mas nem sequer sua canção favorita conseguiu mudar seu péssimo estado de ânimo.

Se Louisa não aceitava sua explicação, seu irmão menos. E certamente o resto dos ali presente tampouco a aceitariam. Pensariam que ela tinha agido desse modo com a clara intenção de insultar a lorde Draker.

De qualquer modo, tampouco era justo que ela carregasse com toda a culpa do que acabava de acontecer. O visconde não lhe tinha dado a oportunidade de pensar

em outra alternativa.Um enorme nó de frustração se assentou em seu estômago. Posto que se negava a jogar a toalha com a relação entre o Simon e Louisa, isso significava que teria que continuar suportando a esse indivíduo tão anti-social. Em algum lugar da cabeça desse ogro devia jazer a informação sobre como comportar-se como um gentil homem. Simplesmente tinha que averiguar o mecanismo para trazer a luz o melhor desse sujeito.

Sabia que no fundo não era uma má pessoa mas um cavalheiro. Nenhum homem capaz de cantar com tanta delicadeza podia ser tão desalmado.

Capítulo seis.

"De vez em quando, deixa que sua pupila siga seus caprichos. Isso lhe ensinará a valorizar mais seus julgamentos."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Marcus fez mil e um esforços por conter sua ira enquanto seguia ao Katherine. A doce voz de soprano de lady Regina o seguia, uma voz de sereia que encaixava à perfeição com seu frio coração de sereia.

Maldita fosse.

- Onde está esse mensageiro inoportuno? - gritou.

Katherine se deteve em seco e encarou a ele.

- Sabe perfeitamente que não existe tal mensageiro. Vi-me obrigada a tirá-lo da sala antes que humilhasse mais a nossa querida Louisa.

- Eu? - exclamou ele. - Essa arpía que presume de ser amiga de minha irmã é a que a estava humilhando.

- Porque não desejava cantar com você? E pode culpá-la por isso? Comportou-se como um verdadeiro monstro durante toda a noite. Lady Regina não fez nada mais que...

- Maquinar com seu irmão como estragar a honra da Louisa?

Katherine pestanejou.

- O que?

- Não sabe nada do que acontece, assim será melhor que não se coloque. - Em seguida fez um gesto como se quisesse voltar para a sala de música. - E agora, se me desculpar, devo retornar...

- Ah, não. Não. - Katherine lhe cortou o passo. - Você não volta a pisar nessa sala.

Parecia um camundongo enfrentando a um urso. Em outras circunstâncias, ele se teria posto a rir-se. Mas a imagem da esposa de seu irmão zangada com ele o incomodava.

- Pretende me enviar à cama sem jantar, mamãe Katherine? - disse em tom de brincadeira.

Ela ficou vermelha.

- Não seja tolo. Simplesmente quero que se mantenha afastado da sala de música até que acabe o concerto. Já terá tempo de reemprender seus ataques e insultar às pessoas durante o jantar. Pelo menos ali estará limitado às duas pessoas que se sentem a seu lado.

- De acordo. - Não podia acreditar que Katherine ficasse do lado de lady Regina.

- Me encerrarei no estúdio do Iversley até o jantar desde que ali houver algo decente para beber.

A seguir se dirigiu para o estúdio. Katherine decidiu segui-lo.

- Se embebedar-se, piorará mais as coisas. Lady Regina já tem a certeza de que é um ogro sem educação, quer que além disso pense que é um bêbado?

Marcus lhe lançou um olhar gélido.

- Olhe, importa-me um pepino o que lady Presunçosa pense de mim. E penso beber tudo o que me dê vontade, até me embebedar se for necessário. Assim volta com suas hóspedes antes que mude de idéia e resolva humilhar a todo esse pando de arpías.

Katherine o olhava com impavidez. Apertou os lábios para morder a língua e retornou à sala de música.

Ele se encerrou no estúdio do Iversley e se dirigiu diretamente para o decantador de uísque. Depois de encher o copo generosamente, o bebeu de um só gole, saboreando o comichão que lhe provocava o calor do licor na garganta.

A voz de lady Regina proveniente da sala de música se filtrava no estúdio, pura e aguda, justamente o contrário ad de sua irmã, que era profunda e grave. Elevou o copo

e brindou por essa maldita mulher.

Ainda restava muita noite em frente, e ela já estava considerando romper o pacto que tinham feito.

Devia manter a calma. Seu plano estava saindo como foi pedido; lady Regina lhe estava demonstrando que não queria ter nada que ver com ele. Tinha tentado humilhá-lo diante da Louisa, e isso certamente entristeceria a sua irmã, o que era exatamente o que queria. Então, por que estava incomodado?

Porque se lembrava do olhar que tinha arrojado lady Regina a Louisa quando esta última tinha sugerido que cantassem um dueto. E tinha escolhido uma canção de amor! Mas que fantasia tinha albergado sua irmã? O horror no rosto de lady Regina tinha sido muito claro, indiscutível. Embora rapidamente tentou ocultá-lo, não o conseguiu. Marcus se imaginava o que tinha passado pela cabeça dessa desconsiderada:

Cantar uma canção de amor com o inculto visconde Dragão? O que diriam as pessoas? Possivelmente pensariam que estava cortejando-a, e isso era de tudo inadmissível. Por que lhe dava tanta importância à reação dessa mulher? Realmente o seu não era uma verdadeira corte mas um trato, pura e simplesmente um trato. E quanto mais humilhada se sentisse com sua presença, melhor para ele e seu plano.

A porta do estúdio se abriu a suas costas, e Marcus fungou com desdém. Estava seguro de que se tratava de sua cunhada, que vinha a assegurar-se que não estava bebendo muito.

- Já acatei suas ordens de não apresentar-me na sala de música, Katherine - replicou desafiante ao mesmo tempo em que se servia de mais uísque. - Perde o tempo, se quer continuar me exortando.

- É evidente que não aceita sermões de ninguém, não é? - respondeu uma suave voz feminina da soleira da porta.

Um nó se apoderou de sua garganta. Maldição, maldição e mil vezes maldição.

Virou-se e olhou a lady Regina com cara de poucos amigos.

- Pode estar segura de que não aceitarei nenhum que provenha de você. Assim se pensou que podia me dar uma lição com seu numerozinho na sala de música?

O queixo da Regina começou a tremer.

- Não tentava lhe dar nenhuma lição, idiota. - Examinou o estúdio e decidiu entrar e fechar a porta.

- Está certa de que é conveniente encerrar-se comigo a sós em um aposento, senhorita?

Marcus tentou não prestar atenção às belas faces rosadas e aos olhos cintilantes que mostravam a irritação dessa mulher. - O que pensarão as pessoas?

- Não me importa. De qualquer modo, ninguém me viu vir até aqui.

Ele soltou uma estonteante gargalhada.

- Claro, claro que não. Não lhe escapa nada, quando se trata de preservar sua imagem de rainha imperante da sociedade, não é? - Embora ela não se mostraria tão arrogante se soubesse que com sua figura divina, vestida nesse traje entalhado de seda, Marcus sentia vontade de lhe saltar a jugular e sacudi-la.

Ou beijá-la sem descanso.

Quando ela se aproximou, Marcus ficou tenso.

- Se não saiu bem em sua tentativa de me humilhar diante de todo mundo, incluída minha irmã, o que lhe faz pensar que...?

- Não tentava ridicularizá-lo nem nada parecido - prosseguiu ela com tom lento.

- Vale. - Marcus bebeu um bom gole de uísque.

- Simplesmente não desejava ficar em evidencia diante de todos cantando uma canção que não conhecia.

Maldita fosse por pensar que lhe podia interessar essa questão. E maldito fosse ele mesmo por interessar-se.

- Diga o que disser senhorita, não conseguirá me enrolar. Já sei como funcionam estas coisas.

- É abominável! Sabia? Só tento lhe explicar o motivo de minha reação.

- Não há nada que explicar. De fato, já me tinha esquecido da briga.

- Pois eu não - disse ela nesse tom doce e suave que enfeitiçava a qualquer homem que o ouvisse. - Minha intenção não era ferir seus sentimentos.

- Olhe não me venha com essas. Não sou um de seus pretendentes patéticos que caem rendidos a seus pés quando você se digna a ser condescendente com eles. Importa-me um rabanete o que pense de mim. Ande, retorne com seus amigos. Não penso agüentar sua reprimenda por havê-la deixado em evidencia diante de todos e ter posto de manifesto sua verdadeira natureza.

- Minha verdadeira natureza? - Os olhos da Regina se entrecerraram. - Vejamos senhor, parece-me que se está passando dos limites. A única natureza mesquinha que

você expôs na sala de música foi a sua. Demonstrou que não tem nem idéia de como comportar-se e que carece da discrição que se espera de um cavalheiro. O que disse sobre mim não era certo, e todo mundo sabe.

- Seriamente? Afirma que lhe puseram esse apelido por acidente, A Belle me Dê Sãs Merci?

Pelo olhar que lhe lançou Regina, soube que esta vez a tinha ferido. Deveria sentir-se satisfeito por isso, mas não foi assim.

- Pode dizer o que lhe agrade sobre mim - murmurou ela, - mas pensei que ao menos se preocuparia que sua péssima reputação não danificasse a imagem da Louisa na alta sociedade.

- Se isso for à alta sociedade, será melhor que minha irmã esteja bem afastada dela.

- Claro. Certamente seria mais feliz no campo, apodrecendo-se de asco, com ninguém mais por companhia que você. Você, que prefere entrincheirar-se com um livro antes que manter uma conversa civilizada com alguém.

- E o que tem de mau nisso? - Com seu copo de uísque, apontou as estantes cheias de livros que Iversley tinha em seu estúdio. - Não sou a única pessoa que se refugia neles. Só porque você não gosta de ler...

- Eu jamais disse isso - contra-atacou Regina na defensiva. - A única coisa que digo é que há mais coisas na vida. Nem tudo se pode encontrar nos livros.

- Equivoca-se. Posso encontrar tudo o que necessito em minha biblioteca.

- Música? - cacarejou ela. - Não pode encontrar música.

Marcus depositou o copo na escrivaninha e se pôs a observar com interesse as estantes que forravam uma das paredes do estúdio. Procurou com os olhos até que encontrou o volume correto, tomou entre suas mãos, abriu-o e leu em voz alta: "Os sonhos dourados lhe beijam os olhos, o sorriso se posa em ti para despertar cada manhã". É um poema do Thomas Dekker, que agora se converteu em uma canção de berço muito popular. Provavelmente terá sido capaz de escutar a melodia em sua cabeça enquanto eu lia estas linhas.

- Não é o mesmo que ouvi-la cantar. Ler as palavras de minha ópera favorita, por exemplo, não me enche da mesma satisfação.

- Ah, mas nem sempre é possível ir à ópera. Em troca, um livro sim que está sempre ao alcance da mão.

Regina emitiu um som apagado.

- E o que me diz das ações físicas, como por exemplo dançar? Não há dança nos livros.

- Ah, não? - Marcus agarrou outro livro. - Aqui temos um que explica como dançar, inclusive descreve os passos minuciosamente.

Depois de folhear rapidamente o manual que segurava entre as mãos, Marcus encontrou o que procurava. Rapidamente ensinou a Regina uns diagramas.

- Viu? Sim é possível encontrar dança nos livros.

Ela sacudiu teimosamente a cabeça.

- Ler sobre como se dança não é o mesmo que dançar.

- De fato, é melhor. Prefiro me instruir a respeito desse assunto antes que ter que arrumar isso em salas abarrotadas de gente, nas quais recebo constantes pisões indesejados. - Marcus lhe lançou um olhar desdenhoso.

- Ou ter que suportar a mulheres com ares de superioridade que pensam que não estou a sua altura e que portanto se negam a dançar comigo ou a cantar comigo.

Ela se ruborizou, mas não estava disposta a dar seu braço a torcer.

- Tampouco pode experimentar em um livro o prazer de tocar a outro ser humano - acrescentou ao mesmo tempo em que se aproximava mais a ele. Marcus aspirou profundamente para manter a calma. - Ou o "comichão que provoca a paixão". Não se atreva a me dizer que isso o pode conseguir em um livro, porque não é verdade.

- Deixa-me aniquilado. Pensei que uma dama com uma educação deliciosa como você não teria experimentado o comichão que provoca a paixão.

As faces de Regina ficaram ainda mais encarnadas.

- Sabe perfeitamente que não me referia a isso.

- Claro. - Ele a contemplou com um olhar altivo.

- Pelo que ouvi, não permite nem que seus admiradores lhe beijem a mão.

- Ao menos danço com eles. Em troca, você as únicas mulheres que tem perto são as criadas de sua mansão. A menos que realmente tenha a alguma rapariga encerrada na masmorra.

- Masmorra? De que diabos está falando?

- Bom... Se diz que tem mulheres acorrentadas na masmorra e que faz com elas o que lhe agrada.

- Ah que fileira de tolices! Pelo amor de Deus! E você acredita?

Regina ergueu o queixo com arrogância.

- Possivelmente. Especialmente depois de comprovar que é incapaz de agradar a mulheres que não estão acorrentadas.

Marcus a olhou atônito. Realmente lady Regina se equivocava. Ele não era impassível ao sedutor aroma adocicado que ela desprendia, nem às sinuosas curvas de seu corpo, nem a seu pescoço aristocrático que ele desejava.

- Se me propuser a isso, sei suficientemente bem como agradar a uma mulher.

- Ah, sim? - Ela arqueou uma sobrancelha. - Pois não me parece.

- Mas isso não quer dizer que não possa fazê-lo.

- Pois adiante; demonstre-me isso, me demonstre que pode agradar a uma mulher.

Embora lhe custasse um pouco perceber por causa da ofuscação mental que sentia, compreendeu que ela se referia a uma classe de prazer diferente que o que ele estava pensando. Lady Regina falava de cumprimentos e de cortesias e de comportamentos cavalheirescos. Mas então se disse que não lhe importava o que ela pensasse. Estava farto de suas mentiras e de seus olhares condescendentes. Ia ensinar a essa moça impertinente de uma vez por todas o que acontecia com qualquer mulher que tivesse a ousadia de desafiá-lo.

- De acordo. Já que insiste... - E, sem lhe dar a possibilidade de protestar, inclinou-se para ela e a beijou em plena boca, essa boca que tinha estado torturando-o em sonhos na noite anterior.

Regina retrocedeu assustada, com os olhos abertos como laranjas.

- Mas o que faz?

- Disse-me que lhe demonstrasse que sou capaz de agradar a uma mulher.

- Não referia a essa classe de prazer.

- Ah, mas eu sim. - Como ela ainda não o tinha esbofeteado, Marcus tomou a liberdade de acrescentar: - Parece ser que não a convenci, assim terei que voltar a tentar.

Em seguida, aproximou-se mais a Regina e com uma mão lhe agarrou o queixo.

O alarme se estendeu pelos olhos dela.

- Isto não é aceitável. Não estamos em sua masmorra, sabe?

- Que pena - disse ele ao mesmo tempo em que rodeava sua cintura com a mão livre que ficava. - Embora, bem pensado, poderia usar algo para atá-la.

Golpeou-lhe o peito com os punhos, tentando escapar dele.

- Nem lhe ocorra. Ouça-me? Não o consentirei.

- E o que fará para me deter? Sinto ter que recordar-lhe mas igual a sua tentativa por me humilhar em público não deu resultado, tampouco funcionará na masmorra.

- Repito-lhe que eu não tentei ridic...

Marcus se precipitou sobre ela e lhe deu outro beijo na boca. Não desejava escutar suas mentiras.

Não queria pensar nesses bonecos de pano que infestavam a sala de música. Só desejava beijá-la de novo.

Regina opôs resistência, empurrando-o fracamente no peito para afastá-lo dela. Mas não retirou os lábios nem o rosto, e logo deixou de lutar com ele. Então Marcus pôde beijá-la como desejava e brincar com sua boca, guiado pelo impulso de lhe demonstrar que estava totalmente equivocada, de lhe confirmar que ele era algo mais que uma simples besta sem educação.

Mas isso não era tudo o que ele queria. Ansiava devorá-la, penetrá-la, descobrir o que tinha essa mulher que o tornava louco com somente um olhar.

Que Deus o ajudasse. Tinha imaginado que beijá-la seria como beijar a uma Vênus de mármore, que seus lábios seriam frios e insensíveis, que seu corpo não reagiria ante o contato com ele. Mas em troca, esses lábios eram quentes e trementes, e esse corpo se desfazia como o mel entre seus ardorosos braços.

Quando Regina se aferrou finalmente a suas lapelas, Marcus se sentiu invadido por uma onda de triunfo. Retirou-se um momento e a olhou com vaidade.

- Veja se se atreve a me dizer outra vez que não sei como agradar a uma mulher.

As pálpebras entreabertas dela se abriram de repente para revelar uns olhos de pomba cinza cheios de desejo.

- Realmente sabe como ser impertinente - respondeu ela com a voz rouca. - Isso é o que contínuo pensando de você.

- Pois ainda não me viu quando realmente decido ser impertinente.

E dito isto, rodeou-lhe o pescoço com sua enorme mão e a aproximou para si com a intenção de voltá-la a beijar. Esta vez Marcus quis ir mais longe, e lutou com sua língua contra os lábios entreabertos da Regina até que conseguiu penetrar em sua boca cálida e úmida.

Por todos os deuses, que boca mais sedutora que tinha essa mulher, tão apetitosa

e feiticeira como a de uma sereia. Marcus não era tão idiota para questionar-se por que lady Presunçosa estava deixando que a beijasse de uma forma tão indecorosa.

Simplesmente tirou vantagem de que ela o permitisse, excitando-se cada vez mais com os leves gemidos e a respiração entrecortada com que ela respondia a suas bruscas incursões.

Regina ergueu seus braços e lhe rodeou o pescoço e isso o enlouqueceu ainda mais.

Decididamente, não podia separar sua boca desses lábios. Morria pelo desejo de afogar-se nessa respiração perfumada. Quantas oportunidades tinha um homem de provar a esquiva Belle me Dê? De perder-se no sedoso calor de sua boca e de acariciar com mãos ambiciosas os eloqüentes contornos de sua cintura e de seus quadris?

Até que não a teve completamente a sua mercê entre os braços não afastou sua boca.

- Tome nota. Isto é ser impertinente.

Regina continuava ofegando, com a respiração entrecortada.

- Tem toda a razão - respondeu ela, mas sem nenhuma amostra de rancor.

- Igual a isto. - Marcus a beijou no pescoço. - E isto também.

Assim foi explorando com sua boca outras partes desse corpo divino: as pálpebras frágeis, o pulso acelerado nas têmporas, a delicada curva da orelha.

Mas quando começou a contornar o lóbulo da orelha com a língua, ela resmungou:

- Lorde Draker...

- Marcus - corrigiu ele. - Se a estou cortejando, deveria me chamar Marcus, deixar de formalismos, chamar-me pelo nome.

Regina vacilou, depois suspirou profundamente e repetiu seu nome de batismo em um sussurro sedutor que o tornou louco. Não podia fazer nada mais que seguir beijando-a.

Encurralou-a contra uma das estantes e continuou brincando com sua boca da forma com que sonhava poder brincar com seu corpo, até que o sabor dela encheu tanto seus sentidos que pensou em lhe levantar a saia e...

Regina o empurrou com ferocidade.

- Não, isto não está bem, Marcus. Alguém poderia nos ver e...

A grande frustração que o invadiu o levou a soltar com voz tosca:

- E isso não seria correto para minha dama, não é ?

- Se meu irmão nos encontrar, tampouco seria bom para você.

Ele sorriu com amargura.

- Possivelmente se engana. Foxmoor exigiria uma satisfação no campo de duelo, e eu poderia...

- Nem lhe ocorra pensar nessa barbaridade! - gritou ela, lhe cobrindo os lábios com seus dedos. Ficou paralisado uns instantes. Depois Regina traçou sua boca com uma gentileza a que não estava acostumado. Embora ele começasse a respirar com mais força, ela não se deteve.

Até que passou um dedo por cima da cicatriz.

- Não o faça - murmurou ele.

Seus olhos expunham uma evidente curiosidade, mas decidiu mudar a direção de sua exploração e deslizou os dedos por sua mandíbula.

- Sua barba é suave. Pensava que picasse.

Sua ternura o desbancou.

- Não é diferente do resto do cabelo corporal - explicou ele grosseiramente. - Só pica depois de barbeado. Mas me surpreende que uma mulher elegante como você se atreva a tocar a barba de um homem.

Um traço de acanhamento emergiu no rosto da Regina.

- Acredite ou não, às vezes as mulheres elegantes fazem coisas que não deveriam fazer.

- Já entendo.

Por isso tinha permitido que a beijasse. Aparentemente, inclusive A Belle me Dê ansiava deixar-se levar pelos sentidos ocasionalmente, e isso era algo que não obtinha com seus pretendentes idiotas. Marcus inclinou a cabeça para lhe chupar o lóbulo da orelha.

- Pode fazer o que lhe agrade comigo - sussurrou ele. - Não o contarei a ninguém.

Regina se afastou de um salto, com o rosto novamente morto de calor.

- Não me referia...

Mas o som indicando que alguém queria abrir a porta não a deixou terminar sua conversa. Conseguiu escapar dos braços musculosos do Marcus justo no momento em que a porta se abriu.

Iversley fez sua aparição, e ao vê-los juntos ficou petrificado. Seu olhar ia do

Marcus a Regina e da Regina ao Marcus.

- Sinto interromper - balbuciou com evidente tensão.

Quando Regina se voltou para olhar ao Iversley, a expressão reservada que estava acostumado a mostrar se instalou novamente em seu rosto, apagando a ternura que luzia apenas uns escassos minutos antes. Marcus quase não podia ocultar sua frustração.

- Não se preocupe. - A voz da Regina era temperada, tranqüila. - O visconde e eu só estávamos conversando.

Marcus sabia que ela estava em todo seu direito de preservar sua reputação. Mas com o sangue ainda lhe fervendo nas veias, reagiu ante a calma da Regina como se se tratasse de um assalto.

- Sim - apontou sarcasticamente, - justamente lady Regina me estava explicando por que prefere duetos em privado em vez de em público.

O olhar fulminante que lhe lançou Regina foi tão profundo que Marcus se deu conta de que seu comentário tinha sido absolutamente desafortunado. Os olhos dessa mulher cintilavam uma fúria incontida e, sem poder-se conter, aproximou-se dele e o esbofeteou em pleno rosto.

- Apodreça no inferno - gritou ela. Em seguida se dirigiu para a porta e desapareceu batendo a porta.

Quando os dois homens estiveram sozinhos, Iversley lhe lançou uma reprimenda:

- Mereceu por se comportar como um verdadeiro energúmeno.

- Suponho que sim - respondeu Marcus ao mesmo tempo em que massageava a mandíbula. Para uma dama elegante, essa moça tem caráter. - Mas não tenho feito nada mais que me limitar a expor o que já era claro.

Iversley sacudiu a cabeça.

- Qualquer outra mulher em que te fixe suportará suas grosserias e insultos, mas lady Regina não; ela é a rainha.

- Não me fixei nela - replicou Marcus, depois se dirigiu para a escrivaninha para recuperar seu copo de uísque abandonado.

- Mentiroso. Vi como a olha.

- Não de forma diferente de como olho a outras mulheres atraentes. - Sua mão tremeu quando agarrou o decantador e se serviu de mais uísque.

- Estou certo de que a sua mulher também olhou assim.

- Se o fizesse, desafiaria-o em duelo esta mesma noite - apontou Iversley com secura. - Porque olha a lady Regina como se quisesse se deitar com ela.

Por todos os Santos, era certo.

- Qualquer homem desejaria deitar-se com ela. - Fez uma pausa para beber o licor do copo e prosseguiu: - Ou acaso me equivoco?

- Cuidado; o que tento lhe dizer é que essa mulher não é... Bem...

- Meu tipo? Pois lhe asseguro que nos estávamos passando em grande até que nos interrompeu.

"E até que a insultei", disse-se.

Não, não pensava auto reprovar-se por isso ou pelo olhar de decepção que lhe tinha lançado lady Regina. Ela tinha experimentado o que se sentia ao beijar ao visconde Dragão e depois se comportou como se não tivesse acontecido e tinha esperado que ele agisse do mesmo modo com dissimulação simplesmente porque se sentia envergonhada. Maldita fosse.

- Trocando de assunto, o que faz aqui? - perguntou Marcus.

- Katherine me disse que estava se embebedando, e não considerei que fosse uma decisão acertada. O que não esperava era encontrá-lo assim, metido em outros assuntos.

- Não ouviu lady Regina? Não aconteceu nada. Olhe, vá com seus convidados e deixe que alguém venha me avisar quando o jantar estiver servido.

- De acordo. - Iversley abriu a porta. - Mas se quer ouvir meu conselho, a próxima vez que se meter em outros assuntos com lady Regina, fecha a porta com chave.

Enquanto seu irmão se afastava rindo, Marcus apertou os dentes. Como odiava essas intromissões familiares. Louisa com suas idéias geniais a respeito de duetos, Katherine com seus sermões, e Iversley com observações desagradáveis.

Estavam completamente cegos. Não viam que Foxmoor e sua irmã representavam todo o mau e desprezível dessa sociedade que Marcus passou a vida evitando, Foxmoor era maquiavélico, e Regina...

Bom, ainda não sabia bem como catalogá-la. Ninguém a tinha obrigado a apresentar-se no estúdio e dar explicações. Estava genuinamente arrependida de haver-se negado a cantar com ele, ou acaso tinha outro motivo?

Fosse o que fosse, dava no mesmo. Depois do bofetão, era virtualmente impossível que ela consentisse em prosseguir com a corte. Certamente o deixaria claro

mais tarde, e então ele exigiria que Foxmoor se mantivesse afastado da Louisa, também.

Assim ele ganharia a partida.

E não haveria mais beijos, nem carícias ternas, nem...

Com uma enorme fúria, bateu o copo de uísque contra a mesa. De todos os modos não teria havido mais beijos. A fugaz aventura de lady Regina lhe tinha ensinado certamente o que ele já sabia: que não eram feitos o um para o outro.

Que pena que ele morresse de vontade por voltar a beijá-la.

Capítulo sete.

" Se os olhares diretos e as reprimendas desanimadas não funcionam, certamente não enganará se recorrer aos parentes masculinos da pessoa que lhe interessa."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Descarado! Canalha! Ele e seus duetos em privado Já se encarregaria ela de lhe fazer pagar seus insultos. Ah se o faria!

Se lorde Draker insistia em acreditar que ela tentava ridicularizá-lo em público, se negava a escutá-la, então o mais sensato era dar por finalizada essa relação. Que esse energúmeno passasse o resto da noite insultando a qualquer outra pessoa que se cruzasse em seu caminho. Não pensava ficar para presenciá-lo.

Um dos cachos dourados da Regina se desabou sobre suas costas, e isso ainda a enfureceu mais.

Sem dúvida nenhuma esse mentecapto lhe tinha deslocado seu chapéu Platoff quando brincava com ela.

Provavelmente o tinha feito de propósito, para que todo mundo percebesse que tinha estado fazendo algo escandaloso.

Regina deslizou até um quarto que continha um espelho e examinou seu traje. Graças a Deus o resto estava impecável, exceto pela mecha de cabelo que se soltou das pinzas que seguravam seu penteado.

Rapidamente voltou a recolhê-lo. A não ser por suas faces tão rosadas como seu próprio traje, era impossível que alguém se desse conta de que tinha estado comportando-se da forma mais desavergonhada possível com esse... Esse grosseiro pau.

E presumia saber como agradar a uma mulher. Ah! Se não sabia nada das mulheres. Fixou-se nos lábios exageradamente encarnados, certamente por causa do montão de beijos prolongados a que tinham sido expostos. Bom, possivelmente esse imbecil sabia uma ou duas coisas. Beijava bem, bastante bem. Mais que bem. Podia conseguir que uma mulher se esquecesse de seu nome e de sua reputação e de muito mais quando ele a mantinha presa, com sua ardente boca junto à sua, sem deixá-la escapar.

Maldito fosse esse homem. por que se sentia tão atraída por ele? Deveria tê-lo esbofeteado muito antes, no instante em que tomou a liberdade de beijá-la pela primeira vez.

Ou possivelmente quando a rodeou com seus braços. Sem dúvida nenhuma depois de que tentasse penetrar em sua boca com a língua... Humm...De uma forma tão deliciosa que se perguntou o que haveria sentido se ele a tivesse beijado desse modo durante mais tempo.

Os joelhos lhe tremiam, adotou um ar sério e tentou recuperar a compostura. O que lhe passava?

Esse miserável tinha conseguido que se comportasse como uma dessas mulheres fáceis e libertinas; tinha-lhe permitido que lhe fizesse coisas libidinosas, deliciosas, e ela não tinha pigarreado nenhuma só vez.

Mas isso era porque esse homem a beijava com tanta mestria que lhe tinha anulado o impulso de opor resistência alguma.

Até que de novo se comportara como um absoluto grosseiro. Regina suspirou. Esse era o problema com o visconde Dragão. Em um momento a beijava meigamente e lhe pedia que o tuteara, e em seguida a mordia com insultos envenenados.

Regina não sabia como dirigir a situação. Os homens não costumavam comportar-se desse modo com ela, assim por que ele o fazia? E por que ela estava permitindo?

Temerosa de enfrentar-se à resposta a tal pergunta, deu uma última olhada a seu vestido e a seu chapéu e se dirigiu à sala de música onde estava o resto dos convidados. O concerto tinha terminado, e agora as pessoas se dedicavam a adular as

virtudes musicais da Louisa. Simon, é claro, achava-se entre os admiradores.

Seu irmão se aproximou com um sorriso.

- Vejo que decidiu voltar a se unir ao grupo. Estava aplicando um de seus famosos sermões ao Draker? Suponho que esperava que reagisse mais apropriadamente depois de tê-lo posto em ridículo.

- Eu não o pus em ridículo! - soltou, elevando a voz. Quando se deu conta de que os estavam olhando, voltou a descer o tom. - E não, não estava lhe dando um sermão. Embora lhe diga uma coisa, quando Louisa e você estiverem casados, espero que me trate como a uma rainha, tendo em conta tudo o que estou suportando para que vocês dois acabem juntos.

- É claro, irmãzinha; prometo-lhe gratidão eterna.

- E deixa de me chamar irmãzinha - grunhiu ela. - Faz anos que sou uma mulher feita e direita. Sabe que odeio que me chamem assim.

Mas esse era precisamente o motivo pelo que Simon se referia a ela com dito apelativo. Lorde Draker não era o único que desfrutava fazendo-a enfurecer.

Antes que Simon pudesse alegar algo, um dos criados anunciou que o jantar estava servido.

Regina lançou um sonoro suspiro. esquecera-se do jantar. Quem sabia a que classe de travessuras ou rabugices os submeteria lorde Draker.

Ao menos desta vez não se sentaria a seu lado. Como convidado de categoria por seu título de nobreza, o visconde devia ocupar o assento à esquerda da anfitriã enquanto que a Regina tocava sentar-se à direita de lorde Iversley, na outra ponta

da mesa.

Um calafrio lhe percorreu as costas. Supôs que a lorde Iversley ocorreria emitir algum julgamento sobre o que tinha presenciado no estúdio. Quando passaram vários minutos e ele não fez menção alguma, Regina relaxou e deu graças a Deus de que

esse homem fosse um cavalheiro.

Limitaram-se a falar das terras que o conde possuía no Suffolk, do amor que o pai da Regina professava pelos cavalos. Regina tentou mudar de assunto rapidamente quando o conde começou a falar do interesse de lady Iversley pela poesia, já

que ela podia contar com os dedos de uma mão o número de poemas que conhecia.

Ocasionalmente lançava olhares furtivos para o outro extremo da mesa, onde

lorde Draker se sentava perto de Simon, o convidado masculino de mais alta categoria, unicamente separado dele por lady Iversley.

Pensava lorde Draker comportar-se de forma mal educada com seu irmão? Saltar-se mais normas de etiqueta? Podia ao menos jantar tranqüilamente, sem organizar nenhum escândalo e com boas maneiras?

Aparentemente, sim. Usava o garfo em lugar de cravar a comida com a faca, como faziam outros personagens rústicos. Comia devagar, sem engolir como um porco, e apesar do que ela tinha temido pelo perceptível aroma de uísque em sua boca, não

se excedia com a bebida que serviam os criados; só um pouco de vinho, e em moderação.

A única coisa que a preocupou foi que o visconde estava desfrutando de forma evidente do bate-papo que mantinha com lady Iversley, a que se dirigia em um tom muito familiar e quem chamava pelo nome. Regina não queria que isso a incomodasse,

mas entretanto, assim era.

Tinha levado a lady Iversley alguma vez a sua famosa masmorra? Provavelmente, não. De algum modo Regina não podia imaginar a essa mulher amante da poesia nas garras da paixão desmedida do visconde, especialmente quando tinha um marido novo

muito bonito que parecia beber os ventos por ela.

Lorde Iversley ficou calado, assim Regina se aventurou a lançar um comentário impertinente.

- Sua esposa e lorde Iversley são bons amigos, não é?

- Draker se converteu em um de nossos melhores amigos durante este último ano - acrescentou ele, com um traço de ironia. - É como se fosse parte de nossa família.

- Por isso você e sua esposa decidiram apresentar a Louisa em sociedade?

- Sim; e a verdade, é uma garota tão doce que para nós fazê-lo supõe um prazer.

- Devo lhe confessar que não sabia que o visconde tivesse amigos, como freqüenta tão pouco os círculos sociais, e que quando o faz é tão... Tão...

- Descortês e desalinhado?

- Eu haveria dito sério, mas sim, expressou-o muito bem. Tem muita sorte de ter encontrado um amigo como você, que fiscalize seu comportamento.

O conde começou a brincar com o garfo.

- Como fiz antes, quer dizer? Acaso meu amigo fez... fez algo no estúdio pelo que devesse me preocupar?

O sorriso que coroava a boca da Regina se petrificou.

- Não, claro que não. Sou perfeitamente capaz de me arrumar com os homens quando...Quando não sabem como comportar-se.

Lorde Iversley pigarreou.

- Suponho. Embora temo que deverá investir mais de um bofetão para ensinar ao Draker a comportar-se como é devido. Nosso amigo mostra uma clara tendência a ser muito cabeçudo.

- Seriamente? - acrescentou ela com secura. - Não me tinha dado conta.

- Embora para lhe ser justo, nunca conseguiu nada fácil; sua vida foi bastante complicada, assim espero que saiba ser paciente com ele. Ou possivelmente é que assumo muito pelo fato de que tenha aceito vir aqui com ele?

Regina se ruborizou.

- Sim... Não... Bom, é difícil de explicar.

Ele a olhou com suma atenção.

- Minha esposa e eu esperávamos que algo - ou alguém - o tirasse de seu bastião no Castlemaine. E agora que você o conseguiu, eu não gostaria nada ver como volta a refugiar-se em sua toca antes que tenha a oportunidade de aclimar-se ao mundo.

- Tampouco eu gostaria disso - respondeu ela.

Lorde Draker podia ser arrogante e perturbador e determinado a odiar a todos, mas seu lugar não estava nesse reduto de Castlemaine, dissesse o que dissesse.

Previamente Regina tinha tido a oportunidade de apreciar a vertente mais suave do visconde; sabia, pois, que Marcus podia ser terno e inclusive vulnerável. Era um indivíduo que experimentava a vida através de seus livros porque ninguém tinha

tido suficiente paciência para domar a essa besta temperamental.

E ela? Atreveria-se? Ou melhor dizendo, conseguiria-o?

Regina relaxou os ombros. É claro que sim. Uma aposta pendia no ar e pensava ganhá-la, embora com isso só conseguisse tirar lorde Draker de seu esconderijo. Pensava fazer justiça a seu apelido de La Belle me Dê Sãs Merci e não dar trégua ao

visconde Dragão até convertê-lo em um sujeito decente e apto para mover-se em sociedade, sem importar-se com os chiliques que pilhasse ou os insultos que lhe dera.

Felizmente, lorde Draker se comportou corretamente durante todo o jantar. O resto da noite transcorreu com grande rapidez, e para o grande alívio da Regina, a festa terminou pouco depois das sobremesas, com o que Marcus não teve oportunidade

de ocasionar mais problemas. Embora certamente com isso não teria conseguido escandalizar aos convidados. Todos os ali presente continuavam tratando-o como se tivesse a lepra, assim que poucas coisas podia fazer ele para piorar a situação.

Entretanto, manteve-se retraído e afastado, provavelmente porque desejava passar a maior parte do tempo com sua irmã. Um nó se instalou na garganta da Regina quando viu como se despedia da Louisa. O amor indiscutível por sua irmã era um dos

traços atenuantes do abominável dragão.

Mas logo que se acomodaram na carruagem que os devia levar de volta a casa, as formas beligerantes do Marcus voltaram a emergir. Manteve seu olhar provocador cravado nela enquanto Cicely se agitava nervosamente e Simon falava sobre a noite.

Quando Simon tomou uma pausa, Marcus se decidiu a intervir:

- Perguntava-me se gostaria de ir à ópera em nosso próximo encontro, lady Regina. Já que gosta tanto da música.

Ela ficou tensa, não só porque o comentário fazia referência diretamente a seu frustrado dueto mas sim porque o visconde lançou o convite como se fosse uma provocação. Mas Regina não sabia exatamente de que provocação se tratava.

- Estava pensando em alguma ópera e em algum teatro em particular? - perguntou-lhe.

Lorde Draker franziu o cenho.

- Tinha pensado em ir ao teatro de ópera do Haymarket amanhã de noite. O senhor Naldi dá um concerto beneficente. Para a ocasião escolheu As bodas de Fígaro. ouvi que é brilhante. - Inclinou a cabeça para o Simon.

- É claro, seu irmão e a senhorita Tremaine são mais que bem-vindos, se desejam vir. Louisa me confirmou seu interesse por assistir.

- Tem um camarote na ópera? - perguntou Cicely com um tom tão assombrado como depreciativo.

Os olhos do Marcus brilharam com intensidade.

- Não, mas Iversley me ofereceu o seu. - Olhou diretamente ao Simon e prosseguiu. - A menos que Foxmoor prefira que usemos outro camarote.

- Podem usar o meu, se quiser - o atalhou Simon, - mas eu não poderei assistir. Prometi a...Bem...um amigo que iria ao jantar que fará amanhã de noite.

Regina conteve a respiração. Tinha esquecido que o Príncipe de Gales os tinha convidado ao Carlton House, e posto que durante a festa em casa dos Iversley se falou

de dito jantar, estava segura que Marcus sabia quem era o anfitrião.

Um meio sorriso amargo tocou os lábios do visconde.

- Ah, é claro, e lady Regina irá também.

Assim essa era a fonte de sua beligerância. Ele pensava que ela ia rechaçar seu convite.

- Prefiro ir à ópera - disse sem mais, pois não conseguiu pensar em outra saída mais espetacular.

Um indício de cepticismo emergiu nos olhos do visconde.

- Amanhã de noite. Comigo.

- Por que não? Cicely e eu adoramos a ópera.

- Mas Regina, o príncipe... - começou a dizer sua prima.

- Compreenderá-o - rematou Regina. Ou pelo menos, isso era o que esperava.

Os olhos do Marcus se encontraram com os dela, e uma mudança inusitada ocupou suas bruscas feições. A Regina provocou um agradável calafrio por todo o corpo. Os olhos do visconde falavam de promessas brincalhonas, lhe recordando o que tinha

acontecido no estúdio do Iversley. Quando esse ardente olhar se posou em sua boca, Regina desviou a vista rapidamente.

Por todos os Santos, a que se comprometera? A assistir à ópera, em um camarote, um lugar muito íntimo embora estivesse ocupado por mais gente, especialmente quando se apagassem as luzes. Regina engoliu em seco e esteve a ponto de mudar de

opinião, mas não se considerava a si mesma uma mulher covarde.

- E falando de música - interveio Simon, - o que lhe pareceu o número da Louisa tocando harpa, Regina?

- OH, não ouvi. - Muito tarde quando recordou por que perdeu essa atuação. - Estava...Bem...Bom...

- Estava-lhe mostrando a biblioteca que possuem os Iversley - apontou Marcus.

Regina o fulminou com o olhar, mas a expressão do visconde era ininteligível na semi escuridão que reinava dentro da carruagem. Em questão de segundos se sentiu invadida pelo pânico. Pretendia esse louco arruinar sua reputação? Se se atrevesse

a insinuar o que tinham estado fazendo no estúdio...

- Iversley possui uma ampla coleção de livros que Regina queria ver - continuou Marcus, obsequiando-a com um sorriso de cortesia, - assim me ofereci como guia.

Regina respirou aliviada. Graças a Deus esse sujeito demonstrava ter um pouco de bom senso.

Cicely se havia posto tensa, mas Simon se limitou a soltar uma gargalhada.

- Que minha irmã desejava ver uma coleção de livros? Não me faça rir. Jamais a vi abrir nem um conto.

- Ah, não? - Marcus mantinha a vista cravada no rosto da Regina. - Pois parece muito esperta para ter repudiado a leitura durante toda sua vida.

O coração da Regina deu um salto. Seriamente a considerava esperta?

Não, claro que não. Por esperta ele entendia calculista. Marcus jamais lhe lançaria um cumprimento.

- Bom, de vez em quando pode suportar ouvir um relato - asseverou Simon, - mas sempre demonstrou um escasso interesse pelas coisas e as pessoas que não podem entretê-la fazê-la dar voltas na pista de baile levá-la a passear pelo parque ou

levá-la a fazer compras.

A humilhação fez brecha em seu rosto, morta de quente pelo terrível calor que sentiu de repente.

Cicely lhe pôs a mão sobre o braço, como querendo-a reconfortar, mas Regina se desembaraçou de sua prima e se preparou para soltar a seu irmão uma dura reprimenda.

Mas Marcus se adiantou.

- É possível que sua irmã não seja amante dos livros, mas esta noite demonstrou um enorme interesse por assuntos verdadeiramente apaixonantes como a música, por exemplo.

Ela ficou rígida e o olhou desafiante, como desafiando-o a que se atrevesse a mencionar a horrível cena da sala de música.

- Canta como os anjos - prosseguiu o visconde, - e foi capaz de apreciar a atuação da Louisa.

Além disso, ouvi que toca harpa muito bem. Só me causa pena não ter podido ouvi-la tocar esse maravilhoso instrumento esta noite.

Regina o olhou atônita. Definitivamente, isso era um cumprimento. Parecia ser que a besta sabia comportar-se como um perfeito cavalheiro quando se propunha. Incrível.

E agora que pensava nisso, por que tinha escolhido levá-la à ópera? Não lhe dava

a impressão de ser o tipo de homem que adora esse tipo de música, mas no estúdio tinha comentado que gostava da ópera.

Era possível que lorde Draker estivesse fazendo algo para agradá-la?

Ou se tratava meramente de uma armadilha? Uf! Já não sabia o que pensar. As repentinas mudanças de humor do visconde balançavam sua cabeça. Marcus possuía certos atributos: riqueza, um título, uma mente privilegiada. Podia alcançar uma

posição respeitável na sociedade se agisse como era devido assim por que persistia em comportar-se de uma forma tão abominável, inclusive ante a presença de sua irmã?

A carruagem diminuiu a marcha, e Regina desviou a vista para a janela. Tinham chegado a casa. Os cavalheiros desceram primeiro, e Regina deixou que Cicely descesse antes para que Simon tivesse que acompanhá-la até o alto da escadaria.

Desse modo ela ficou com o Marcus. Com as luzes da mansão dos Foxmoor detrás deles, o rosto do visconde ficava oculto pelas sombras quando a ajudou a descer da carruagem, mas Regina pôde perceber seu afiado olhar sobre ela, perfurando-a até

a alma. E quando se agarrou a seu braço e se encaminharam para a porta, notou como seu coração pulsava rapidamente. Inclusive depois de tudo o que tinha passado, ele continuava lhe provocando esse efeito turbulento, uma sensação vertiginosa, como se

achasse no topo de u escarpa e ele simplesmente queria empurrá-la.

Ou agarrá-la. Regina ainda não tinha decidido.

Enquanto subiam a escadaria, Marcus murmurou:

- Podemos ir à ópera outra noite, se o preferir.

- Não, obrigada - respondeu ela vivamente. - Me acusaria de não ser fiel a nosso trato.

Ele encolheu os ombros.

- Se seu irmão não for à ópera, segundo nosso acordo, você não tem que ir.

Ao escutar tais palavras, Regina se sentiu decepcionada.

- Quer dizer, que não quer que vá.

O braço do Marcus se esticou debaixo de sua mão.

- Tampouco disse isso. Pode ficar em casa, se o preferir. Importa-me um nada se vier comigo ou não.

- Então, por que me disse que podemos ir outra noite diferente? - apressou-o

Regina. Quando Marcus não respondeu imediatamente, ela se arriscou a olhá-lo diretamente nos olhos.

Os lampiões de gás da rua iluminavam sua expressão irada.

- Sabia que pode chegar a ser muito pesada?

- Por quê? Porque me atrevo a esperar uma resposta razoável de parte do visconde Dragão em lugar de uma cortina de fumaça?

Marcus a olhou impávido, embora seus olhos revelaram uma fibra de admiração.

- Porque tem um braço direito muito forte. - E baixando a voz acrescentou: - E sabe como utilizá-lo.

Vermelha como um tomate, Regina desviou a vista para o Simon e Cicely, que nesse preciso instante desapareciam dentro da mansão.

- Se me insultar, não duvidarei nem um segundo em voltar a utilizá-lo.

Tinham chegado em cima da escadaria, mas Marcus tomou por surpresa e a arrastou até detrás da coluna, justo em um dos extremos dos amplos degraus de mármore. Quando ela se deu conta do que o visconde ia fazer, já era tarde: sua boca se posou

sobre a dela, ardente, possessiva, ambiciosa. Esteve um bom tempo, beijando a de uma forma tão escandalosa e pecaminosa que Regina teve que apertar os dedos dos pés dentro de seus sapatos acetinados para não perder o equilíbrio.

Quando Marcus a soltou, ela mal podia respirar; os olhos do visconde luziam um brilho desmedido na escuridão.

- Considera que isto é um insulto? - perguntou-lhe com um tom de voz realmente sedutor.

Regina deveria ter dito que sim, mas não o fez.

- Tem a intenção de soltar a seguir algum comentário desagradável sobre minha preferência pelos duetos privados?

A mandíbula do Marcus se esticou ostensivamente.

- Neste preciso instante, não posso pensar em nenhum.

- Que pena! - exclamou ela com ironia, tentando ocultar sua reação ante o beijo enlevado que acabava de receber. - Porque os encontros extremamente divertidos.

Cicely pôs a cabeça pela soleira da porta e se escandalizou quando viu o casal escondido atrás da coluna.

- Lorde Draker, o que está você fazendo? Regina será melhor que entre em casa

agora mesmo.

Com um sorriso zombador, Marcus tomou a mão enluvada da Regina e a levou aos lábios. O prolongado beijo que lhe deu fez que seu corpo ressoasse como a corda de uma harpa recém esticada.

- Boa noite, senhorita - se despediu Marcus. - Será melhor que vá antes que sua matrona me jogue escada abaixo a pontapés por minhas rabugices.

Mas antes de partir, acrescentou em um sussurro embriagador:

- Amanhã de noite continuarei com minhas rabugices, mas de forma mais discreta.

Regina estava ainda tentando repor-se ante esse comentário presunçoso quando ele se precipitou pelas escadas e desapareceu dentro da carruagem. Então percebeu que o cocheiro e os lacaios a estavam olhando com sorrisos encobridores. Por todos

os deuses, provavelmente tinham sido testemunhas do que ela e Marcus tinham estado fazendo atrás da coluna.Sentiu-se terrivelmente acalorada enquanto entrava na casa atrás de Cicely. Como fazia esse homem para pilhá-la despreparada?

Parecia disposto a deixá-la em evidência, como se fosse uma mulher lasciva, em público. Se não fosse com mais cuidado, lorde Draker seria sua perdição.

Que pena que beijasse tão bem.

Quando Cicely e ela estiveram dentro do vestíbulo, sua prima murmurou:

- Me perdoe por não me haver dado conta do que procurava essa besta imunda. Se me tivesse imaginado que tentaria...

- Não aconteceu nada, Cicely. Não fez nada. - Nesse momento se deu conta de que nos dois últimos dias havia dito a sua prima mais mentiras para defender ao Marcus que em toda sua vida.

Cicely pigarreou nervosa.

- Não entendo por que quer continuar com esta corte tão absurda.

- Para ajudar a Louisa e ao Simon, é claro.

Regina se virou rapidamente para ocultar seu sufoco e entregou a capa ao lacaio.

- Não acreditará que me sinto atraída por lorde Draker.

- Espero que não! Não é um pretendente adequado para você.

Regina voltou a olhar a sua prima.

- Se se refere a seu comportamento...

- Refiro a sua obsessão pelos livros. - Lançando ao lacaio um olhar furtivo, acrescentou discretamente: - Uma obsessão que você não compartilha.

"Porque não posso ler", recordou com tristeza.

Um nó duro como uma pedra se instalou no peito da Regina. Cicely tinha razão.

- Então não há nada de mau com a idéia de sair com ele com o único propósito de ajudar a meu irmão, não é?

Cicely franziu o cenho e abriu a boca para responder, mas Regina mudou de assunto.

- E falando do Simon, onde está? Pensei que estaria me esperando aqui, para mofar-se de mim.

- Desculpe minha intromissão, senhorita - apontou o mordomo, - mas o senhor está em seu escritório com "uma visita muito especial".

Regina ficou tensa.

- Obrigada, John.

"Uma visita muito especial" era o código que os criados usavam para referir-se a Sua Majestade.Por que tinha vindo o príncipe esta noite, quando ia ver o Simon amanhã durante o jantar? Podiam ser certas as suspeitas que Marcus albergava

sobre o príncipe e seu irmão?

Não, é claro que não. Não podia acreditar nisso. Mas por outro lado...

Regina deu uma olhada do vestíbulo para esta ala. Poderia entrar e farejar, para tentar averiguar o que tramavam.Depois de tudo, tinha que desculpar-se ante o príncipe por não poder assistir a seu jantar, e seria melhor fazê-lo pessoalmente.

Deu boa noite a sua prima e se dirigiu para esta ala. Era ridículo pensar que Marcus podia estar certo sobre o Simon. Seu irmão era ambicioso, sim, mas não era a classe de homem que seria capaz de usar a uma jovem de um modo tão mesquinho.

Marcus unicamente tinha arrojado essas afirmações horríveis porque achava que todo mundo era mau por natureza. Se não, só era preciso fixar-se na opinião que lhe merecia.

Embora a essas alturas, Regina já não sabia o que ele pensava sobre ela. Primeiro tinha acreditado que queria lhe fazer a corte meramente para provocá-la, não só a ela se não também ao Simon. E depois de beijá-la tão apaixonadamente

no estúdio de lorde Iversley, seus comentários envenenados tinham parecido lhe confirmar que não albergava nenhum interesse genuíno por ela.

Mas, em troca, na carruagem a tinha defendido. Tinha elogiado sua forma de cantar. Inclusive a tinha chamado de esperta. Jamais ninguém a tinha denominado

assim. Bela sim, e às vezes sofisticada, mas nunca preparada. Ninguém.

Tinha-lhe encantado que a chamasse de esperta. Infelizmente, Marcus não a consideraria inteligente se averiguasse seu terrível segredo. Cicely tinha razão. Se Marcus descobrisse que era incapaz de ler, pensaria que era uma cabeça oca,

uma mulher carente de interesse. Ou talvez pensaria que era uma aleijada. O que ficava claro era que não quereria estar a seu lado.

Nenhum homem em seu são juízo quereria uma esposa que pudesse lhe dar um herdeiro com um atraso mental. Não importava se a mulher era rica ou formosa, só que fosse capaz de cumprir com seu dever. O que aconteceria ela não podia fazê-lo?

Essa possibilidade a deprimiu.

Felizmente, já tinha chegado ao estúdio do Simon, onde poderia esquecer-se do Marcus. antes de bater, aproximou a orelha à porta para ver se podia averiguar alguma coisa, mas unicamente ouviu os murmúrios apagados de dois homens animados com

uma conversa que parecia que queriam manter em privado.

Maldição. Lançou um suspiro e bateu, e a conversa cessou em seco. Simon a convidou a entrar. Logo que Regina irrompeu na sala, ambos os homens se levantaram. Sua Alteza foi o primeiro em saudá-la.

Quando ela se ajoelhou para realizar uma reverência, o príncipe falou:

- Não há nenhuma necessidade de todas essas cerimônias comigo, querida. - Em seguida, derrubou-se sobre o sofá maciço que Simon tinha comprado para tão distinto visitante e deu uns tapinhas no assento.

- Venha, sente-se a meu lado e me conte como vai.

O olhar adverso do Simon tinha por intenção desanimá-la a entabular uma conversa com o príncipe, mas Regina não fez conta.

- Que alegria o ver, Sua Alteza - saudou-o o ao mesmo tempo em que procedia a sentar-se ao lado do príncipe. - Sinto, não obstante, ter que lhe dar uma má notícia: não poderei participar ao jantar que oferece amanhã de noite.

Espero que não me tenha isso em conta.

- Depende do motivo. - O príncipe tomou pelo queixo e a observou atentamente. - E posto que não parece que esteja doente...

- Lorde Draker convidou a Regina à ópera - proclamou Simon antes que ela pudesse pensar na forma mais apropriada de explicá-lo.

O rosto de Sua Alteza se iluminou com uma indiscutível amostra de interesse.

- Ah! Isso é outro cantar. Eu não gostaria de interferir em uma corte.

Depois de escutar tais palavras, Regina olhou a seu irmão perplexa.

Simon se sentou tranqüilamente sobre a escrivaninha.

- Contei a Sua Alteza que tem um novo admirador. achei que lhe pareceria divertido saber como se desenvolveu lorde Draker em sua primeira aparição ante a distinta sociedade.

- Desde quando se dedica a exercer de velha fofoqueira? - replicou Regina, muito zangada, imaginando a terrível imagem que seu irmão teria pintado, recreando a cena que Marcus e ela tinham protagonizado.

- Seu irmão sabe que me interessa muito as intrigas. - Sua Alteza tomou a mão e a apertou entre suas duas enormes mãos. - Mas não permita que essa tolice turve sua bela cabecinha. Foxmoor só me contou coisas boas de você.

A Regina trazia sem cuidado o que Simon houvesse dito a respeito dela. Mas o que tinha contado sobre o Marcus? E por que lhe preocupava essa questão? O príncipe podia ser seu pai, mas Marcus parecia sentir um absoluto desprezo por Sua Majestade.

Então, por que se obcecava com esse assunto?

Regina não achava a resposta a tal pergunta; só sabia que isso era o que sentia.

- Mencionou Simon que lorde Draker canta esplendidamente? - perguntou ela.

O príncipe a olhou com interesse.

- Não, mas não me surpreende.

Provavelmente tinha ouvido cantar a seu filho quando Marcus era pequeno. OH, como lhe teria encantado poder perguntar que tal era Marcus de menino. Mas não se atreveu.

- E que opinião te merece o visconde? - perguntou-lhe o príncipe. - É evidente que o acha muito atraente, se tiver intenção de não assistir a meu jantar para ir com ele à ópera.

Regina tentou controlar sem êxito o rubor que sentia que estava tomando conta de suas faces, especialmente quando Sua Alteza lhe apertou a mão com vigor.

- Suponho que suficientemente atraente - respondeu, como se não quisesse comprometer-se a nada.

- Regina se propôs transformá-lo em um verdadeiro cavalheiro - se gabou Simon.

Sua Alteza lhe cravou um olhar penetrante.

- Se alguém pode fazê-lo, essa é Regina.

Graças a Deus que Simon não tinha mencionado sobre a aposta.

- Não pretendo transformá-lo, mas lhe facilitar o acesso à sociedade. Não suporto ver um homem com qualidades tão deliciosas esbanjando seus dias e seu talento encerrado em suas terras.

- Draker tem qualidades deliciosas? - cacarejou Simon. - Pois devo ter perdido isso.

- Então não é um observador tão acostumado como tinha imaginado - soltou o príncipe com um tom irado.

A julgar pela expressão de desgosto do Simon, estava claro que por um momento tinha esquecido o parentesco que existia entre o Marcus e Sua Alteza.

- Sou bastante bom observador para me haver dado conta que esse sujeito mostra um interesse especial por minha irmã ao qual ela não corresponde.

O esforço por acabar com a irritação do príncipe funcionou, já que Sua Alteza voltou a concentrar sua atenção na Regina com expressão de satisfação.

- É isso certo?

- Acredito que Simon está interpretando mal a natureza do interesse que lorde Draker mostra por minha pessoa - respondeu de forma evasiva. - O visconde só quer me demonstrar que a alta sociedade é tão corrupta como ele acredita. Colocamo-nos em

uma espécie de concurso, por dizê-lo de algum modo.

- E certamente ele não é a classe de homem que minha irmã acha atraente - acrescentou Simon.

- Isso não é verdade. - Regina se ruborizou quando Sua Alteza arqueou uma sobrancelha.

- Digamos simplesmente que nossos interesses são muito distintos. O visconde não vê nenhuma graça à alta sociedade. E não acredito que eu goste muito. Às vezes inclusive parece que me odeie.

- Bobagens! - exclamou o príncipe carinhosamente. - Quem poderia odiar a uma criatura tão adorável como você, querida?

"Marcus" pensou ela.

- Bom, seja como for, duvido que tenha intenção de casar-se comigo.

Ao Simon a conversa parecia começar a impacientar. Levantou-se da escrivaninha e se aproximou do sofá.

- Que tal se obsequiar a Sua Alteza com mais contos sobre sua corte outro dia,

irmãzinha? Agora tenho que tratar de uns assuntos de Estado muito importantes com ele, em privado, e se está fazendo tarde.

Desde quando Sua Alteza tratava assuntos de Estado com seu irmão no estúdio do Simon em lugar de no Carlton House?

Regina retirou a mão de entre as do príncipe e se levantou.

- De acordo. Será melhor que vá.

Sua Alteza se endireitou também.

- Espero que se divirta na ópera, querida.

Ela saiu da sala sentindo enorme desejo de averiguar do que estavam falando.

Podia Marcus ter razão sobre as intenções do Simon? Não era uma grande coincidência que Sua Alteza se houvesse apresentado ali na mesma noite que ao Simon tinham outorgado o direito a cortejar Louisa?

Por um lado, se Sua Alteza desejava realmente exercer uma influência sobre o futuro da Louisa, então tinha sentido que mostrasse curiosidade pela corte de Simon a ela. Isso não queria dizer que os dois estivessem maquinando um plano maquiavélico.

Ou possivelmente fosse verdade que estivessem tratando assuntos de Estado. A ridícula obsessão do Marcus pelas intrigas palacianas parecia ser contagiosa. Aí radicava o problema de permitir que esse homem abominável a beijasse:

conseguia que ela pensasse como ele.

Certamente, achava Marcus atraente, e ele tinha deixado claro a atração física que sentia por ela. Mas isso não era suficiente para que duas pessoas tão diferentes decidissem namorar a sério.

Quando Marcus a devorava com sua boca, entretanto, esquecia-se desse detalhe tão importante.

Assim o que devia fazer a partir de agora era mantê-lo a distância. Não permitiria que a seduzisse outra vez, e não lhe importava quão destro fosse na arte de beijar.

Regina continuaria tentando civilizar à besta e propiciar a união entre a Louisa e Simon, mas se limitaria a ser cordial com o visconde e nada mais. Porque nada bom podia acontecer se deixava que Marcus - lorde Draker - se aproximasse muito.

Logo que Regina desapareceu, o príncipe se voltou para o Simon.

- E está completamente seguro de que ela não sabe nada sobre o que pretende fazer? Sua irmã é mais ardilosa do que aparenta.

- Sim, já sei. - Simon só esperava que Draker, o novo projeto caridoso da Regina,

mantivera-a muito ocupada e não pudesse colocar o nariz em seu plano. - É possível que Draker lhe tenha confiado suas suspeitas,

mas isso não quer dizer que ela acredite nelas.

- Então por que aceitou este intercâmbio de casais tão grotesco?

- Para demonstrar ao Draker que se equivoca com suas suspeitas, tal como ela asseverou.

- Não era preciso mencionar a aposta. Simon duvidava que Sua Majestade visse com bons olhos essa aposta que afetava diretamente a seu filho bastardo. - Enquanto Regina estiver de meu lado, não haverá nenhum problema.

Sua Alteza se endireitou no sofá. Seu corpo excessivamente pesado fez que necessitasse uns segundos para consegui-lo.

- Não estou tão certo de que não surja nenhum problema, se a intenção de meu filho é passar todo o tempo com você e com a Louisa. Como se supõe que poderei ver minha filha e organizar seu futuro?

- Possivelmente deveria me permitir que lhe contasse que é seu pai e.

- Não. A natureza reservada do Draker e sua constante insistência em negar que ela é filha minha me foram favoráveis, porque jamais revelou a Louisa nenhum dos detalhes mais sórdidos de minha aventura com sua mãe. Se lhe contar a verdade, irá

correndo confirmar os dados com seu irmão, e Draker a envenenará contra mim antes que eu tenha a oportunidade de a pôr do meu lado. - Detalhes sórdidos? - Comia Simon a curiosidade. Ser o confidente de Sua Alteza significava não perguntar muito.

- Quando for o momento adequado - acrescentou o príncipe, - revelarei-lhe que é minha filha. Mas primeiro tenho que falar com ela a sós, e se supõe que você deveria me facilitar essa possibilidade.

- Eu o tentarei maldita seja. Não entendo por que não pode convidar aos Iversley a que a tragam para o Carlton House.

- Porque se pressionar ao Iversley, Draker revelará aspectos que possivelmente eu desconheço especialmente dessa época tumultuosa.

- Por que não os revelou previamente?

Sua Alteza fez um movimento teatral com o braço, como se ondeasse uma bandeira.

- Suponho que esse inseto insolente desfruta me fazendo a dita ameaça pelo nariz. E agora pretende manter o pulso comigo, passeando-se com lady Regina pela

cidade e me negando o direito a ver minha filha. Maldito seja!

- Paciência, meu senhor, paciência. Minha irmã e ele têm feito um pacto para namorar um mês, e lorde Draker não agüentará mais de uma semana com a Regina.

Bom, ao menos isso era o que esperava. Simon não suportaria ter que cortejar a Louisa durante todo um mês. Um mês vendo-a coberta em satín azul e pérolas, mas imaginando-a em uma regata semitransparente que deixasse entrever seus seios e sua

barriga e.

Notou como o suor se apropriava de seu corpo e seu pulso começava a pulsar rapidamente. Era tão bonita. Com certeza seria uma esposa perfeita.

Mas não para ele, infelizmente. Como primeiro-ministro, necessitaria de uma esposa preparada para exercer como anfitriã, não uma garota rústica que passou a vida trotando pelo campo. Precisaria de uma mulher com sofisticação e finura e um

perfeito conhecimento do lugar que devia ocupar. Louisa era muito ingênua e cabeçuda para ser a esposa apropriada para ele.

E entretanto desejava-a. Achava sua inocência absolutamente sedutora e sua língua viva genuinamente refrescante. Diferia totalmente das senhoritas calculistas que costumava conhecer nas altas esferas da sociedade.

Se não fosse por suas conexões e pelo futuro que o príncipe desejava para ela, Simon a converteria em sua amante em um piscar de olho.

Essa cascata de cachos negros esparramada pelo travesseiro, esses lábios tentadores sussurrando promessas lascivas, esses graciosos braços nacarados abrindo-se ante seu abraço.

Simon soltou um suspiro. A excitação que sentia era visível na parte superior de suas calças. Era melhor afastar esses pensamentos. Jamais gozaria dela, nunca a provaria como amante. Draker o esconderia vivo para tomar o café da manhã se o

tentasse. E o príncipe se uniria ao festim.

- Esta corte será adequado para nós se deixar que Regina tome as rédeas prosseguiu Simon.

- Aposto o que quiser que dentro de uma semana terá ao Draker rendido a seus pés. Então fará tudo o que lhe peça, incluindo que me deixe cortejar a sós a sua irmã. Já o verá, finalmente, conseguirá falar com a Louisa.

- Isso espero. Charlotte e William se casarão logo, e preciso ter a alguém que vigie à princesa quando o casal viajar aos Países Baixos.

Depois da falta de atenção que a princesa Charlotte, a única filha legítima do Príncipe de Gales, tinha recebido por parte de sua esposa, que vivia separada dele, a Sua Alteza não ficavam muitas alternativas. Não desejava que nada nem ninguém

arruinasse suas vantajosas bodas política entre a princesa Charlotte e o príncipe William do Orange. A mãe do Charlotte tinha demonstrado uma falta de respeito absoluta por sua posição. O Príncipe de Gales não desejava que nenhum escândalo salpicasse

a Charlotte, pois ela era a seguinte na linha de sucessão ao trono.

- E diz que Louisa é uma garota encantadora, com um grande bom senso. Certamente estará encantada de servir a sua meio-irmã como dama de companhia. E eu contarei com alguém que possa me explicar o que vê e ouça em casa da Charlotte, alguém a

quem eu possa moldar, perfilar.

Simon suspeitava que havia mais razões do que o príncipe lhe acabava de contar para que tivesse tanto interesse em que Louisa servisse à princesa, mas Sua Alteza não desejava revelá-las, e isso o punha nervoso.

- Assume que Louisa ficará de seu lado, e não do lado de Draker, a quem adora cegamente.

Possivelmente não goste nada de averiguar que é seu pai.

- Tolices. Passou quase toda a vida sem uma figura paterna. Que garota não deseja ter um pai que vele por seus interesses?

Simon decidiu abordar outro assunto delicado.

- E no melhor dos casos tampouco estará contente quando se inteirar que eu não descida me casar com ela.

Sua Alteza o observou com curiosidade.

- Não terá feito nenhuma loucura, não é? Não lhe terá feito nenhuma promessa que depois não possa cumprir? Ou não a terá seduzido para que se apaixone perdidamente por você?

- Então se aproximou ainda mais e rematou seu discurso com um tom ameaçador: - Ou algo pior?

- Não, asseguro-lhe que não - respondeu Simon, sentindo-se absolutamente incômodo. Preferia reprimir os impulsos sexuais que sentia antes que ter que enfrentar-se ao Draker e ao príncipe. Embora não estava certo de quanto tempo

suportaria a

tortura de estar com a Louisa sem beijá-la. Só uma vez. Para provar essa boca inocente.

- Já ficou claro ao princípio. O mais apropriado é que Louisa se case com um homem cujos interesses não sejam políticos - o acautelou Sua Alteza.

- Entretanto está animando à Charlotte que se case por razões políticas.

- Sim, e eu me casei com a mãe de Charlotte pelo mesmo motivo, também. E veja como mau saiu nosso matrimônio. Mas Charlotte e eu devemos obrigações, assim não podemos nos casar com quem nos dite o coração. Felizmente, Louisa é livre de escolher

ao marido que deseje. Quando se apaixonar, quero que seja de um homem que não brinque com seus sentimentos, um homem capaz de apreciá-la por como é, e não por quem é. E ambos sabemos que você não pertence a essa classe de indivíduos.

Isso não era de todo certo. Simon podia ver na Louisa um sem-fim de virtudes sobre tudo se imaginava estendida na cama. Mas não podia admitir esses pensamentos pecaminosos diante de seu pai.

- Agora só temos que esperar que lady Regina consiga distrair a meu filho o tempo suficiente para que nos saiamos com a nossa. Se não, não estarei nada satisfeito.

E se Sua Alteza não estava satisfeito, Simon perderia todo seu apoio para progredir na carreira política.

- Não se preocupe. Regina não falhará. Asseguro-lhe que não a chamam A Belle me Dê Sãs Merci por nada.

Capítulo oito.

"Uma boa preceptora jamais deve antepor seus interesses aos de sua pupila, nem sequer quando assiste a um de seus passatempos favoritos."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal

"A Belle me Dê Sãs Merci está certamente em plena forma esta noite", pensou Marcus amargamente quando chegaram ao teatro da ópera do Haymarket. A modo da anfitriã de uma festa, comportou-se de forma educada, interessada, remota. Como se

não

se esteve derretendo entre seus braços atrás da coluna na noite anterior.

Maldita fosse essa mulher. Marcus não podia deixar de pensar na noite anterior; ansiava voltar a beijar essa boca, acariciar essa pele suave, gozar com os prazeres mais proibidos.

Teve que realizar um enorme esforço para conter seu mau humor. Acaso tinha perdido a razão?

Assim era como essa pérfida atraía irremediavelmente a outros loucos, fazendo que morressem de vontade por prová-la, e logo tratando-os com uma frieza insuspeitada.

Muito bem; deixaria que jogasse a sua maneira. Ele também guardava alguns azes debaixo da manga. Na noite anterior percebeu que essa pequena hipócrita desfrutava com seus beijos e suas carícias. E isso era algo que pensava lhe recordar.

Repetidamente. lhe recordar o que suportava um cortejo, o que um pretendente tinha o direito a esperar. Se com esse truque não conseguisse que ela fugisse espavorida, então não o conseguiria com nada.

Tinham chegado ao camarote do Iversley. Estava colocado no primeiro piso e se destacava de forma proeminente. Perfeito. Regina não poderia evitar que todo mundo a visse entrar agarrada a seu braço.

Melhor ainda, o camarote que Iversley tinha alugado era indiscutivelmente de um reduzido tamanho. Regina não pareceu contente com esse detalhe quando atravessou a porta.

- Possivelmente deveríamos utilizar o camarote do Simon. É mais amplo.

- Pois a mim este parece perfeito. - Marcus devorou a Regina com os olhos. - Muito acolhedor.

- E a vista do cenário é inexorável - apontou Louisa com alegria.

- Conforme entendo - disse Marcus, - dominar o panorama do resto dos camarotes é tudo o que interessa a uma dama na ópera.

- Como sabe? - perguntou Louisa, levantando a voz para fazer-se ouvir entre o murmúrio reinante. - É a primeira vez que assiste à ópera.

- Mas esse não é motivo suficiente para que seu irmão se abstenha de dar sua opinião - atravessou Regina secamente. - Por que confirmar os fatos antes de pronunciar-se sobre os hábitos da alta sociedade?

- De fato, já tinha estado na ópera - precisou Marcus. - Quando era jovenzinho, era capaz de me deleitar com os movimentos das bailarinas de ópera como qualquer outro cachorrinho imberbe. Assim a menos que as coisas tenham mudado depois, duvido

que nenhum dos aqui presente tenha vindo a escutar a música.

Ao menos ele não. Desfrutava de uma boa peça musical como o que mais, mas a ópera lhe parecia extremamente aborrecida.

- Bom, então, ficamos no camarote do Iversley ou não? - perguntou com impaciência.

- Sim, por favor. - Louisa piscou um olho a seu irmão e em seguida agarrou à prima da Regina pelo braço. - Vamos, senhorita Tremaine, sentaremo-nos em frente.

Marcus esgrimiu um leve sorriso. Sua irmã era mais perspicaz do que parecia, nos assuntos amorosos.

Com sua rápida intervenção tinha conseguido posicioná-lo junto à Regina, detrás da senhorita Tremaine.

Regina tomou assento na fila de trás, e ele esperou até que ela se acomodasse antes de deslizar outra cadeira a seu lado.

A julgar por sua postura rígida, estava seguro de que Regina não se sentia a gosto. Genial. Para pô-la mais tensa, decidiu rodear com seu braço a cadeira que ela ocupava.

Regina arqueou uma sobrancelha, mas ele se conteve para não sorrir. Continuando, ela deixou cair sua bolsa no chão.

- OH, céus - exclamou em uma voz suficientemente alta para que todos a ouvissem. - Me caiu a bolsa. Lorde Draker, faria-me o favor de...?

Ao Marcus não ficou outro remédio que recolhê-la, com o que teve que retirar o braço do espaldar da cadeira da Regina. Quando voltou a endireitar-se, viu que ela tinha afastado sua cadeira tudo o que tinha podido, até abandoná-la contra a parede.

Vá com essa mulher viva. Obviamente pensava que pular às escondidas estava bem, mas parecia determinada a ocultar sua familiaridade com o visconde em público.

Pois ele não pensava permitir-lhe.

- Perdoa - sussurrou a Regina, inclinando-se para ela para que ninguém mais o ouvisse.

- Esqueci minha promessa de prosseguir com minhas rabugices de uma forma mais discreta.

E de forma deliberada, puxou-a pela mão.

Sobressaltada, Regina retirou rapidamente a mão ao mesmo tempo em que o rubor invadia suas faces por completo.

- Preferiria que não se comportasse de forma impertinente, se não se importa - respondeu ela, mantendo a voz baixa.

- Pensei que o que a incomodava era a possibilidade de que alguém fosse testemunha de minhas rabugices - prosseguiu Marcus, e em seguida depositou a mão sobre a coxa da Regina. Quando ela tentou afastá-la,

ele capturou essa delicada mão entre as suas. Ela tentou escapar, mas Marcus a capturou com firmeza.

Regina lhe lançou então um olhar iracundo, logo fixou a vista entre as cadeiras, como pensativa, e acrescentou:

- Lorde Marcus, você tem minha cópia da tradução?

- Sabe perfeitamente que sim. Entregou-me isso na carruagem.

No teatro vendiam traduções do libreto da ópera, mas aparentemente ela tinha contatos que lhe permitiram adquiri-lo com antecipação. Alegou que o tinha feito para poder lê-lo sem pressas, e desse modo poder saborear a música durante

o transcurso da obra. Marcus suspeitou que o tinha feito para poder passar a noite fixando-se no resto dos assistentes ao teatro.

- Pois bem - disse ela com um brilho desmedido nos olhos, - posso vê-lo?

O libreto estava aprisionado entre as duas cadeiras, onde ele o tinha depositado quando tinham tomado assento. E não desejava agarrá-lo fazendo um espetáculo de contorsionismo, obrigatoriamente tinha que soltar a mão da Regina, do que ela

parecia ser completamente consciente. Maldita fosse.

- Onde está a cópia que acabo de comprar? - contra-atacou ele.

- Louisa e Cicely a estão consultando, assim prefiro a minha.

Com um olhar de aborrecimento, soltou-lhe a mão.Inclinou-se para tomar o panfleto dobrado e quando realizou o movimento de querer entregar-lhe Regina o pilhou ao vôo, levantou-se com grande agilidade e se recostou na parede que formava a

esquina do camarote, debaixo do abajur.

A orquestra começou a afinar os instrumentos. Logo começaria a música. Marcus olhou a Regina com ansiedade.

- Tem intenção de estar aí de pé durante toda a ópera, lendo o libreto em voz alta para todos nós?

- É claro que não. Simplesmente queria revisar uma informação do terceiro ato - respondeu ela com as faces acesas.

Como unicamente tinha passado uma página, Regina não podia estar revisando nenhum dado do terceiro ato. Marcus sorriu.

- O terceiro ato está mais adiante.Deime esse panfleto. Já o buscarei eu.

Um pânico repentino emergiu em seus olhos.

- Obrigado, mas me valho eu sozinha para procurar essa informação.

Tinha elevado tanto a voz por cima do clamor para que suas acompanhantes a ouvissem. A senhorita Tremaine se voltou e deu um olhar de aviso. Marcus a olhou desafiante, sem descer a vista, até que ao final ela tossiu e tornou a voltar-se para

o cenário.

- Vamos, sente - ordenou a Regina com um tom irritado ante a evidência de que ela queria evitar que a tocasse. - O espetáculo está a ponto de começar.

A porta detrás deles se abriu repentinamente, e uma voz masculina interrompeu o diálogo.

- Não lhe havia dito que era Regina, Henry?

- Sim, assim é, Richard, e acertou.

Henry e Richard eram dois indivíduos mais ou menos da mesma idade que Regina. Depois da efusiva bem-vinda que ela lhes deu, ambos penetraram dentro do camarote, junto com outro jovem chamado Tom.

Marcus se levantou, e Regina apresentou aos cavalheiros com sua usual graça serena. Henry era lorde Whitmore, herdeiro do conde do Paxton. Os outros dois eram seus irmãos. Marcus averiguou que eram os primos da Regina. Uns primos muito

solícitos, a julgar pela forma em que a olhavam.

Rapazes insolentes. Agora tinham passado a rodeá-la, queixando-se desses camarotes tão reduzidos e convidando-a a que partisse com eles a seu camarote, que era muito mais amplo. Como se Marcus fosse invisível.

Quando ela recusou a oferta e os três sujeitos continuaram insistindo, Marcus não pôde suportar mais.

- A dama disse que não, assim se não querem que lhes torça o cangote, será melhor que a deixem em paz.

Louisa se levantou imediatamente para pôr paz.

- Vamos, Marcus - o sossegou com uma voz tranqüila, - estou segura de que estes cavalheiros não pretendiam incomodar a Regina.

- Não se zangue, Draker - interveio o que se chamava Richard, - só estávamos preocupados com o grau de desconforto da dama. Como pode desfrutar do espetáculo neste camarote tão diminuto?

- Poderia desfrutar mais sem um grupo de fanfarrões faladores revoando a seu redor - bradou Marcus.

Whitmore deu um passo adiante e encarou ao visconde.

- Ouça, parece-me que se está excedendo de.

- Henry - atalhou-o Regina com suavidade, depositando a mão sobre o ombro de seu primo. - Eu gostaria de tomar um refresco antes que comece a ópera. Acompanha-me ao bar?

O rosto do Henry parecia triunfal.

- Será uma honra, prima - anunciou enquanto lançava ao Marcus um olhar cheio de desprezo.

Os quatro abandonaram o camarote, e Marcus ficou ali de pé, irritado - e mordendo-os lábios para não proferir insultos em voz alta.

Quando a porta se fechou, decidiu atacar à senhorita Tremaine, que continuava placidamente sentada em sua cadeira.

- Você é sua dama de companhia, não? Pensa deixá-la ir sozinha com o Tom, Dick e Henry?

A senhorita Tremaine se limitou a encolher os ombros.

- São parentes. Regina estará perfeitamente a salvo com eles. - Então se voltou para ele e o perfurou com o olhar. - Além disso, são cavalheiros dos pés à cabeça.

Sim, Marcus podia imaginar que classe de cavalheiros eram esses três.

- Perfeito, então irei eu - proclamou ao mesmo tempo em que se precipitava para a porta, fazendo caso omisso dos protestos da Louisa e da senhorita Tremaine.

Genial. Estava - se comportando como um verdadeiro bufão, mas odiava a idéia de deixar a Regina com esse trio.

Odiava a forma como a tinham olhado. Odiava como tinham falado com ela. E sobre tudo, odiava que ela tivesse preferido partir com eles em lugar de ficar com ele no camarote.

Regina fazia um trato, e agora estava tentando saltá-las regras do jogo, escapando com três personagens aborrecidos. Se ela desejava concluir o contrato, devia dizer-lhe à rosto, em um lugar onde Louisa também pudesse ouvi-lo. Se não, não valia

ocultar sua corte ao resto da sociedade.

Perambulou pelo teatro durante uns minutos sem encontrá-la. De repente, enquanto abria passagem entre um formigueiro de gente que se apoiava em colunas, ouviu uma voz ao outro extremo.

- Por Deus, Regina. Não posso acreditar que esteja tolerando esse tipo tão desprezível.

Marcus ficou petrificado. Tinha reconhecido instantaneamente o repelente tom de um dos malditos primos da Regina.

O sujeito continuou com seu discurso:

- Ficamos de pedra quando a vimos aparecer com ele. O que opina Foxmoor?

- Meu irmão não se mete com quem eu decido assistir ao teatro - explicou ela, - e tampouco ocorra fazê-lo e nem seus irmãos, Henry.

Marcus lançou um resmungo. Regina tinha esquecido mencionar a palavra chave, que era: corte.

- Somos seus primos, e por isso nos preocupamos com você.

- Lorde Whitmore tem razão, lady Regina - acrescentou uma voz feminina. - Esse indivíduo é um miserável. Não lhe aterra estar perto dele? Já sabe o que dizem sobre...

- Não é mais que uma fileira de tolices. De verdade. Lorde Draker pode comportar-se de um modo absolutamente afável quando se propõe.

Marcus estava atônito. Ela o estava defendendo? Ante seus amigos?

- Pois Draker se negou a ser afável conosco, quando entramos no camarote - continuou outro dos primos. - Se comportou da forma mais grosseira que jamais tenha visto.

- E se fixou em seu cabelo? - opinou outra mulher. - Por todos os Santos, parece-me que nunca ouviu falar da utilidade de uma tesoura.

- Nem de uma navalha de barbear. Nem de um alfaiate. Nem de um sapateiro decente.

Todos se puseram a rir, e Marcus ficou tenso. Bufões patéticos.

Bando ridículo de imbecis. E agora Regina tinha deixado de defendê-lo. Provavelmente se tinha unido à risada dessas hienas.

Deu um passo adiante e emergiu detrás da coluna, com os lábios escuros mas a ponto para lançar uma torrente de grosserias, mas lhe tiraram a vontade quando se deu conta de que Regina não estava ali. No intervalo entre a defesa que tinha levado a cabo dele e as gargalhadas, partiu. E também faltava um de seus primos.

Sua ira subiu de tom. Ignorando o grito de rato que lançou uma das mulheres quando o viu, esquadrinhou todas as curvas do vestíbulo. Avistou a cabeça da Regina ao lado do Whitmore justo no momento em que desapareciam escada acima.

Não! Não pensava permitir que ela tivesse por companhia a outro indivíduo, quando se supunha que tinha que estar com ele. abriu passagem entre a multidão a cotoveladas, sentindo que sua fúria crescia com cada passo que dava. Tinha chegado o momento de recordar a lady Regina os termos de seu acordo.

Capítulo nove.

" No momento em que perca de vista a sua pupila, estará convidando ao diabo a atuar com traição para conseguir seu objetivo."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal

Uf! Finalmente se tinha liberado desse pando de fofoqueiros, pensou Regina enquanto subia as escadas com o Henry. Deveria ter insistido para que os acompanhasse outro de seus primos, mas havia sentido a imperiosa necessidade de escapar daqueles aos que considerava seus amigos e de suas muito duras críticas contra Marcus. Que pena que Henry se ofereceu para ir com ela quando pediu ao Richard que a levasse de volta ao camarote. Henry era a última pessoa com a que desejava ficar a sós.

E suas suspeitas não eram infundadas. Quando chegaram acima das escadas, ele a arrastou para a direita.

Regina, em troca, quis ir para a esquerda.

- O camarote está por aqui.

- Já sei, mas é que desejo falar com você a sós. O camarote de seu irmão está vazio, e ainda não me deu a oportunidade de rematar nossa última conversa.

Regina suspirou. Sim que o tinham acabado, mas ele se negava a aceitá-lo; por

isso estava tentando evitar a seu primo depois. Entretanto, sabia que era necessário acabar de uma vez por todas com as esperanças do Henry.

Aceitou que a levasse até o espaçoso camarote do Simon, mas não permitiu que ele fechasse a porta.

- Não há nenhuma necessidade de fechar a porta - lhe disse com tom firme.

As luzes começavam a apagar-se no teatro, por isso se Henry fechava a porta ficariam virtualmente às escuras no camarote.

Ele a olhou com uma expressão de desgosto.

- Disse que consideraria minha oferta.

- Não, disse que não me casaria com um homem a quem considero como um irmão.

- Isso é ridículo. Passaram muitos anos desde que jogávamos no jardim de sua casa. Eu não a vejo como uma irmã.

- Pois talvez vá sendo hora de que deixe de me olhar com outros olhos.

- Por quê? Posso te oferecer tudo o que procura em um marido, incluindo uma substanciosa fortuna. Não existe nenhuma razão lógica para que me rechace.

Exceto Regina o via como a um tipo pretensioso e aborrecido. A idéia que Henry tinha de uma noite ideal era passar todo o tempo fofocando sobre pessoas conhecidas. Certamente também mexericava sobre a Regina quando não estava presente.

- Sinto muito, Henry. Simplesmente não compartilho seus sentimentos. E nunca os compartilharei.

- O que acontece é que jamais me deu uma oportunidade.

E, tomando-a por surpresa, fechou de repente a porta do camarote e a rodeou com seus braços.

- Me deixe que lhe demonstre.

Henry a beijou antes que ela pudesse detê-lo. Regina não resistiu, primeiro porque estava perplexa, e depois pela curiosidade de averiguar se seu beijo a afetaria tão profundamente como os do Marcus. Mas ao igual ao resto dos homens que

se atreveram a beijá-la, Henry não conseguiu seduzi-la. Seu talento calculista a deixou completamente fria.

Regina o afastou com um tapa.

- Já é suficiente, Henry. Não me sinto atraída por você, e ponto.

- Bobagens! - Ele a agarrou pelos braços para que não pudesse escapar. - Vamos,

me dê uma oportunidade.

O pânico se apoderou da mente da Regina quando se deu conta de que não podia livrar-se dele.

- Me solte!

O rosto do Henry se tornou taciturno.

- Têm razão sobre você - lhe sussurrou ao ouvido enquanto ela lutava para escapar dele. - Não é mais que uma maldita menina mimada arrogante. Você adora flertar e pôr quentes aos meninos, mas quando um homem lhe mostra qualquer traço de afeto

genuíno...

- Solta-a ou se arrependerá - grunhiu uma voz ameaçadora.

A corpulenta figura de lorde Draker ocupava virtualmente toda a soleira da porta, que agora jazia totalmente aberta. Henry a soltou com uma rapidez que teria sido insultante se Regina não tivesse sabido como era covarde seu primo.

Desafiante, enfrentou ao Marcus.

- Este assunto não é de sua incumbência, assim faça o favor de nos deixar sozinhos.

- Deseja que vá, lady Regina? - perguntou Marcus sem retirar a vista do Henry.

Que alguém atasse ao dragão. Suas garras afiadas, sua mandíbula poderosa, e suas ferozes feições eram a vivida imagem de um dragão enfurecido, uma força contida esperando simplesmente uma palavra da criada para lançar-se e destruir algo que

se interpusesse em seu caminho.

Outros indivíduos tinham jurado que lutariam por ela, mas o visconde era o primeiro homem que Regina pensou que realmente o faria. Um calafrio lhe percorreu todo o corpo.

- Por favor, fique, lorde Draker. Henry já se ia.

Henry a olhou sem dar crédito ao que acabava de escutar.

- Regina, não me dirá que prefere a este...

- Já a ouviu. - Marcus entrou no camarote. - Me parece que seus amigos o estão procurando no piso de baixo.

Henry pareceu duvidar uns instantes. Felizmente, a mente do idiota decidiu reagir a tempo. Com uma ligeira reverência para a Regina, abandonou o camarote, deixando ao Marcus e a Regina sozinhos.

Agora que Henry se partiu, ela não sabia se estava agradecida pela aparição do Marcus ou zangada por sua intromissão.

- Como me encontrou?

- Segui-a. Não confiava em seus primos.

- Ou em mim, pelo que parece. Poderia me ter encarregado do Henry eu sozinha, sabe?

Marcus deu uma olhada ao resto dos camarotes do teatro e em seguida fechou a porta. Depois se aproximou da Regina.

- Pois não me pareceu que tivesse o controle da situação.

- Não me deu tempo. Quando veio estava a ponto de utilizar meu poderoso braço direito.

Certamente isso o teria detido.

- Não me deteve. Recorde que ontem ousei beijá-la na porta de sua casa - murmurou na escuridão. Pouco a pouco se ia aproximando mais de Regina.

Ela tremeu de excitação, mas não se moveu. Tinha duas possibilidades: a mais acertada era recusá-lo de um modo tão direto como tinha feito com o Henry; a mais insensata era deixar-se levar e ver no que acabava toda essa história.

Umas horas antes, nessa mesma tarde, teria se inclinado pela primeira opção. Mas o patético beijo de Henry lhe tinha esclarecido o que já achava saber, que jamais se sentiria atraída por um homem de uma forma tão intensa como pelo visconde.

Apesar de sua grosseria, apesar da barba e de seus maus modos, e apesar de como sempre conseguia incomodá-la.

Ou possivelmente esse desconforto era o que a atraía.

- Poderia lhe ter parado os pés ontem de noite se tivesse querido - admitiu ela.

- E por que não o fez?

- Porque não queria.

Os olhos do Marcus cintilaram perigosamente na penumbra.

- Mas esta noite queria me deter. Não me permitiu nem sequer segurar a mão.

- Porque desejava lhe ensinar um pouco de bons modos - mentiu Regina.

- Sei, às vezes posso ser bastante rude. - De repente suas mãos a rodearam pela cintura e a arrastaram até atrás das cortinas, na parte mais reservada do camarote. - Possivelmente deveríamos voltar a repetir a lição.

A insinuação do Marcus lhe fez sentir uma euforia que rapidamente se estendeu

por todo o corpo.

Sem atrever-se a respirar, ela deslizou as mãos até os vigorosos braços que a abraçavam.

- Possivelmente sim.

Isso foi tudo o que Marcus necessitou para atrever-se a beijá-la. E a sensação de vertigem voltou a repetir-se, tal e como ela a recordava, cálida, doce e sedosa. A boca dele devorava a sua, tomando-a toda com absoluta rabugice e segurança,

como em tudo o que ele fazia. Mas assim como a insolência do Henry a tinha incomodado, a do Marcus unicamente conseguia que o desejasse mais.

Regina se aferrou com vigor a esses ombros musculosos. Que agradável era estar fora de controle por uma vez. E agora se sentia realmente tocando o limite. Estavam sozinhos na escuridão; ninguém podia vê-los detrás das cortinas, nem ouvi-los,

com os ruidosos vozeirões dos cavalheiros que conversavam sem prestar atenção à função. Se alguém chegasse para ouvi-los, provavelmente pensaria que algum casal de vivos, ou possivelmente um cavalheiro com sua amante, estavam fazendo bom uso de um

camarote vazio.

Nesse momento desejou ser sua amante, especialmente quando Marcus começou a beijá-la com mais ardor, tentando-a possuir com tanta força que ela se sentiu derreter como a cera de uma vela. Os dois pareciam querer fundir-se em uma chama juntos.

A boca do Marcus se afastou uns momentos para estabelecer uma linha de fogo ao longo do queixo da Regina.

- Defendeu-me ali abaixo, diante desse bando de desgraçados. por que?

- Ouviu-nos? - sussurrou ela enquanto amaldiçoava a seus amigos por ser tão pouco prudentes.

- Ouvi seus comentários idiotas. E também ouvi como me defendia.

- Nem sequer o conhecem - disse ela entre arquejos. A verdade era que lhe custava muito concentrar-se na conversa enquanto lhe lambia o lóbulo da orelha.

- Eu tampouco a conheço - lhe sussurrou Marcus ao ouvido. - Pensei que a tinha catalogado.

Pensei que o que te incomodava era que lhe associassem comigo publicamente. Pensei que esse era o motivo pelo que agia como se me repudiasse. Mas então ouvi

como me defendia diante de seus amigos.

- Não me desagrada, e jamais o rechacei.

Marcus a beijou carinhosamente no pescoço. Sua barba lhe provocava um comichão extremamente agradável.

- Então, por que foi tão fria comigo esta noite?

- Porque não é nada sensato que você e eu...

- É claro que nossa relação carece de toda sensatez. Mas e o que?, que diferença há? - Sua boca aberta acariciou o nacarado ombro exposto e um calafrio de prazer voltou a percorrer todo o corpo da Regina.

- Para mim é diferente. Sempre tento agir com sensatez. Bom, quase sempre.

- Pois eu jamais.

Regina lhe sorriu e fixou a vista em seu cabelo desalinhado.

- Sei. Prefere chamar a atenção insultando às pessoas.

Marcus ficou surpreso.

- Quer dizer que não ajo como você gostaria. É por isso que não considera razoável que a beije?E que a deseje?

O coração da Regina começou a pulsar rapidamente.

"Com certeza se averiguasse meu segredo, se soubesse que não posso ler nenhum de seus apreciados livros, rechaçaria-me sem nenhum olhar", pensou ela.

- Não quero que me deseje.

Marcus deu um passo atrás e a olhou tão fixamente que Regina pensou que ia comê-la de um bocado.

- Suponho que assim é como consegue que todos os bonecos de pano se prostrem a seus pés, fingindo não saber o que lhes faz. - Marcus começou a despi-la com o olhar; primeiro fixou a vista em sua garganta e ombros e logo a cravou em seus seios.

Porque certamente deve saber o que os homens querem de você.

Ela se sentiu decepcionada. Marcus era igual ao resto.

- Refere a meu corpo. Sim, sei que os homens querem meu corpo. Assim tanto faz se tiver um novo boneco de pano prostrado a meus pés?

Regina o afastou a um lado e se dirigiu para a porta, mas ele a rodeou novamente pela cintura e a arrastou com inflexibilidade até que a capturou contra seu peito e uma das paredes do camarote. Ela estremeceu quando notou o contato da parte

inferior de seu corpo pressionada contra as musculosas coxas do Marcus.

- E espera que eu seja diferente? Que não a deseje? - murmurou-lhe na orelha. - Porque não acredito que seja possível, que possa me conter; e por isso está zangada.

O ar de diversão em seu tom só conseguiu disparar o temperamento da Regina.

- Estou zangada porque só quer meu corpo. Desde o primeiro dia me deixou claro que me considera uma mulher frívola e superficial, por isso é de tudo improvável que se sinta atraído por minha serenidade, ou por meu bom senso, ou por meu caráter.

- Se só desejasse seu corpo - resmungou ele, - não estaria aqui, suportando sua língua afiada.Posso comprar a uma beleza complacente em qualquer bordel de luxo de Londres.

Ela adotou um porte irado.

- Se considerar que essa explicação equivale a uma desculpa...

- Não me estou desculpando. Não penso me desculpar por desejá-la. Sei que sou direto e brusco e que acha que não estou a sua altura, mas não me importa.

Marcus desdobrou sua enorme mão em cima da barriga da Regina e começou a massagear com sensualidade o tecido acetinado enquanto apertava com mais força seu peito e cintura e suas coxas contra ela. Cada centímetro dele era tão rígido e

implacável como suas palavras. Regina deveria tê-lo afastado, lhe cravar as unhas no braço, dar um pontapé na tíbia, fazer algo para que ele a deixasse partir. Não deveria nem escutar as palavras desse sujeito.

Porque exerciam certo influxo nela. E apesar de que o visconde era direto e brusco e todas essas coisas que ela achava odiar não lhe importavam nele. OH, que perversidade era essa?

Marcus apertou os lábios em sua orelha, e depois prosseguiu em uma voz com pinceladas de raiva.

- Acha que eu gosto de desejar à irmã de um homem ao que desprezo? Uma mulher que unicamente tolera meus beijos porque necessita de uma aventura para contribuir um pouco de cor a sua vida aborrecida?

- Isso não é verdade - murmurou ela.

- Ah, não? Estive dando mil voltas ao assunto, e só posso pensar em uma razão pela que me deixa que lhe faça coisas como esta - disse ao mesmo tempo em que a enchia de beijos ao longo do queixo. - E esta.

- Marcus lhe lambeu suavemente o pescoço, uma ação que Regina achou extremamente sensual. - E inclusive esta. - E em um segundo, colocou a mão sobre seu

seio.

A princípio ela ficou tão atônita que não pôde articular nenhuma só palavra. Nenhum homem se atreveu nem tentou. Acaso pensava o visconde que lhe permitiria...?

Regina lhe agarrou a mão, mas Marcus começou a movê-la debaixo de seus dedos, lentamente, carnalmente, lhe espremendo o seio com cuidado, como se ela fosse uma...Uma...

Mulher fácil, sua amante.

Regina apoiou a cabeça em seu peito hercúleo. Por todos os deuses, possivelmente Marcus tinha razão; possivelmente tudo o que ela desejava era correr uma aventura. Ou possivelmente passou tanto tempo rechaçando aos homens que agora estava

cansada de continuar mantendo-os à distância. Não, mas isso não lhe passava com todos os homens. Só com ele. Ele era o único a quem desejava ter perto. Mas por quê?

Porque estava fora de seu círculo social. Ou melhor, simplesmente era por que tinha perdido o juízo?

- Se o que busca for uma aventura - murmurou ele, - estarei mais que encantado de poder satisfazê-la.

- Não quero dizer... Não sei por que lhe permito que me faça estas coisas.

- Pois eu não me queixo - atravessou ele enquanto começava novamente a lhe chupar o lóbulo da orelha, o que em Regina produziu uma sensação erótica e hipnótica. - Só peço que não desperte ainda, que siga sonhando.

- Não está sonhando.

- Devo estar. Não seria a primeira vez que sonho com você.

Ainda a abraçava pela cintura e a mantinha apertada contra seu corpo. Conduziu-a até o ponto mais oculto detrás das cortinas, na escuridão profunda do camarote.

Ela se deixou levar, seduzida pela idéia de que sonhasse com ela. Quando Marcus continuou lhe acariciando o seio, Regina começou a ofegar.

- Que tipo de sonhos?

Acariciou-lhe o outro seio, e dos lábios da Regina escapou um prolongado suspiro de prazer.

- Ontem de noite sonhei que a ouvia cantar. Percorri todo Castlemaine seguindo sua voz de sereia e a encontrei em minha masmorra. Todas essas tolices que me

comentou sobre mulheres acorrentadas deveram ativar esses pensamentos. Porque apesar

das más línguas, só baixo à masmorra quando estou de tão péssimo humor que não posso suportar estar com ninguém e preciso ventilar meu temperamento.

- Estava acorrentada?

- Não, mas eu sim, depois de entrar.

- E que fazia eu ali?

- Será melhor que não lhe conte isso.

O rouco sussurro só conseguiu que a Regina lhe entrecortasse mais a respiração.

- Quero saber.

- Estava sentada com uma harpa em meio das pernas, nua dos pés à cabeça, só defendida pela harpa.

Ela conteve a respiração e imaginou a imagem provocadora que Marcus acabava de descrever.

- No momento em que entrei, umas correntes me rodearam os pulsos e me arrastaram até a parede oposta. Não podia tocá-la - prosseguiu com uma voz gutural. - Fiquei ali, sem poder fazer nada, sentindo inveja da maldita harpa que tinha conseguido

recostar-se entre suas coxas e tocar ligeiramente esses lugares proibidos que eu ansiava tanto acariciar, como seus sedosos seios.

Marcus deslizou a mão dentro do vestido para poder acariciar a pele nua da Regina. Tomou entre seus dedos um mamilo, como se fosse a corda de uma harpa, e brincou com ele. O prazer ressoou por todo o corpo da Regina. Tocava-a com mestria,

relaxando-a e provocando-a por turnos. Ela arquejou e Marcus começou a tocá-la com mais vigor e falta de vergonha, mas Regina não podia detê-lo.

Por todos os céus, assim era o prazer que se sentia quando um homem tocava a uma mulher intimamente? A isso teria que renunciar se jamais se casasse?

- Desejava acariciar seu ventre.

Deslizando a mão que ficava livre para baixo, Marcus estendeu os dedos e cobriu todo seu abdômen, depois continuou descendo e descendo até...

- É isto.

Colocou a mão entre suas pernas, justo onde ela sentiu um repentino calor.

- Por Deus, como queria acariciá-la.

Ooooh! Que sensação. Marcus começou a percorrer essa zona, e Regina pensou que ia desmaiar de prazer. Seus dedos acendiam nela desejos desconhecidos. Apoiou a face no ombro do Marcus, sem tentar deter essa loucura, embora fosse a coisa mais

escandalosa que jamais alguém lhe tivesse feito.

E a mais deliciosa.

Quando suas carícias a fizeram ofegar, Marcus lhe perguntou com um tom áspero:

- Você gosta, não é?

- Não sei.

- Posso sentir que você gosta. - Sua voz se tornou mais rouca. - Mas só porque não vê meu rosto; unicamente porque pode imaginar que está com outro homem.

- Não. - Ela levantou o rosto e o olhou na escuridão. - Nunca permiti que nenhum outro homem me fizesse algo assim; asseguro.

- Não? - O olhar selvagem do Marcus brilhou na escuridão, e a aproximou mais a seu corpo. Com a outra mão continuava lhe tocando o seio deliberadamente.

- Não. - Regina conteve a respiração enquanto ele a manuseava lascivamente e a devorava com o olhar - Marcus, não deveríamos...

- Chist! - vaiou ele. Tomando-a de surpresa, ajoelhou-se ante ela e se aferrou a sua cintura.

- Me deixe que a prove - sussurrou ao mesmo tempo em que lhe plantava um beijo no vale que se abria entre seus seios, - só uma vez, para que sua aventura seja superior.

- Nunca disse que queria uma aventura.

Ao menos, não esse tipo de aventuras escandalosas. A boca do Marcus era tão brincalhona e parecia tão insaciável. Mas já tinham ido muito longe. Não devia lhe permitir, não podia deixar .

Regina agarrou sua cabeça com ambas as mãos com a intenção de afastá-lo dela, mas se sentiu fascinada por essa massa sedosa de cabelo e não pôde resistir acariciá-la e afundar os dedos nela.

Agora Marcus estava lhe baixando o vestido, pela parte do decote, com a intenção de deixar à vista um de seus seios. A excitação tomou conta de todo o corpo da Regina, fazendo que encrespasse mais os dedos nesse cabelo que tanto a atraía.

- Marcus, o que está...?

Regina não pôde acabar a frase. Marcus colocou a boca sobre seu peito nu da

mesma forma luxuriosa com que antes o tinha feito com seus lábios. Por todos os deuses, isso era delicioso.

E o que a seguir fez, quando começou a lhe lamber o mamilo. O que gosto!

- Que Deus me ajude - implorou ele quando afastou os lábios por uns instantes. - Inclusive aqui cheira como o mel. Tão doce, tão cálido.

Marcus voltou a lhe chupar o seio enquanto sua mão lhe massageava o outro seio ainda oculto debaixo do vestido. Lambia com força um mamilo e lhe acariciava o outro, até que Regina teve a sensação de que ia explodir de prazer.

Depois afundou a cabeça entre seus seios, desejando provocá-la mais, excitá-la ainda mais. Pouco a pouco deslizou a cabeça para seu ventre e continuou descendo. Só se deteve quando esteve em cima desse lugar secreto que anteriormente tinha

acariciado.

Afastou a mão de seu seio e a empurrou até que Regina ficou sentada sobre seu joelho dobrado.

Ela engoliu em seco quando notou a coxa dura de Marcus apertada justo nesse ponto quente entre suas pernas.

Cada centímetro de sua pele se arrepiou com um prazer inusitado.

Desta vez a boca de Marcus posou sobre o outro seio e começou a beber como se tivesse uma sede incontida. O coração da Regina pulsava com tanta força que sufocava a débil voz da sua consciência.

Mas não a música. além das cortinas, soava o marcado compasso de uma ária, um perfeito contraponto aos lambidos ardentes e luzes de alerta dessa língua em seu mamilo e ao grau de excitação que sentia entre as pernas, que só parecia acalmar-se

se massageava esse ponto contra a robusta coxa do Marcus.

- Muito bem, continua assim - lhe sussurrou Marcus, - verá como sua aventura é um êxito.

- Eu gostaria que deixasse de denominá-la assim - Embora esfregar seu corpo com o dele era uma aventura muito deliciosa. quanto mais se aproximava, mais parecia crescer a necessidade de continuar exercendo pressão nesse ponto exaltado, como se

pretendesse afinar a corda de uma harpa para conseguir que a nota fosse mais doce, mais pura, mais perfeita.

O repentino aplauso do público interrompeu o excelso prazer e devolveu a Regina à realidade. Pestanejou uns momentos, para situar-se, e depois afastou as mãos desse

maravilhoso cabelo cacheado e tentou endireitar-se lentamente.

- Marcus, temos que parar.

- Sim - balbuciou ele enquanto continuava lhe lambendo o mamilo, ignorando a pressão que ela começava a fazer para lhe separar a cabeça. - Só um pouco mais.

- Agora - ordenou Regina com firmeza. - Me parece que se acabou o primeiro ato.

Marcus levantou a cabeça.

- Pois para meu gosto foi muito curto.

Regina não tinha nem idéia de quanto tinha durado. Perdeu a noção do tempo quando ele começou a beijá-la e a acariciá-la.

- Acenderão as luzes de um momento a outro, e não é conveniente que nos vejam sozinhos em um camarote, sem nenhum acompanhante.

Marcus a olhava sem poder ocultar a excitação que ainda sentia, com uns olhos ávidos e sedentos, e obstinado a sua cintura como um polvo, como se não pudesse separar as mãos. Então Regina lhe sussurrou:

- Por favor, não arruíne minha reputação.

As mãos do Marcus se desengancharam de repente.

- Maldita seja! - protestou, embora não tentou detê-la quando finalmente ela conseguiu endireitar-se. - Confunde tudo.

Se não partissem logo, pegariam-nos juntos. Mas, por outro lado, nenhuma mulher respeitável passeava sozinha pelo teatro.

- Depressa! - gritou ela, tomando-o pelo braço para ajudá-lo a que se levantasse com mais urgência. - Temos que ir!

Marcus se ergueu a contra gosto, mas então se apagou o aplauso e a música continuou.

- Só era o final da ária. Ainda temos tempo - esclareceu ele para acalmá-la.

Regina observou o cenário através da cortina, desejando recordar o que Cicely lhe tinha lido da tradução no dia anterior.

- Mas o primeiro ato acabará logo, estou certa - prosseguiu enquanto alisava o vestido e se arrumava o cabelo. Nesse momento se reprovou ter permitido que as coisas fossem tão longe. - Devemos abandonar o camarote agora que ninguém nos vê.

- Não posso. Digo-lhe a sério. Se alguém o vê saindo comigo justo agora, neste momento, sua reputação se irá ao traste.

Ela o olhou sem compreender a que se referia.

Marcus lhe lançou um sorriso incômodo.

- Uma mulher pode ocultar sua excitação, mas um homem não.

As faces da Regina se tingiram de vermelho repentinamente quando recordou a informação que lhe tinham dado suas amigas casadas sobre os homens e o ato de fazer o amor. Resistiu o escandaloso impulso que sentia de descer o olhar.

- E não pode? - Ela ondeou a mão vagamente, assinalando para a área que era o motivo da conversa. - Não pode fazer nada?

O rosto de Marcus se acendeu com paixão.

- Sim, poderia fazer o amor contigo no chão, mas não acredito que refira a isso.

- Claro que não!

- Então teremos que esperar até que baixe a excitação. - Seu tom se voltou irônico. - Vejamos, me fale de seu primo Whitmore. Com certeza com isso me passa o ardor.

O pedido tomou Regina de surpresa.

- O que quer saber?

- Por que estava incomodando-a?

OH, não. Encolheu os ombros e desviou os olhos.

- Quer casar-se comigo, e lhe disse que não, outra vez.

- Outra vez?

- Já me tinha pedido antes, e já o tinha rechaçado. Mas se nega a aceitar minha negativa.

- Quantas propostas de bodas recusou? Quatro? Cinco?

- Não sei. Tampouco importa.

- Quantas Regina? E me diga a verdade, ou o perguntarei à senhorita Tremaine, que certamente me dirá isso para me desalentar.

Maldito fosse ele e todas suas perguntas. Não era nada agradável falar desses assuntos com o homem que uns momentos antes a tinha tentado para pecar.

- Onze - replicou, - contando o Henry.

- Pois claro que sim, não podemos nos esquecer do Henry. E o que tem que mau no Whitmore para que o tenha rechaçado duas vezes?

O aplauso que inundou a sala lhe serviu de desculpa para não responder.

- Vamos, não podemos esperar mais. Não me importa como continua seu ardor.

- Me acredite - replicou ele, - meu ardor está agora sufocado, vamos,

sufocadíssimo.

Regina entreabriu a porta, olhou a ambos os lados do corredor furtivamente e suspirou com alívio.

- Rápido - murmurou enquanto arrastava ao Marcus. - Diremos a Cicely e a sua irmã que fomos visitar a anciã lady Monrgomery a seu camarote. A condessa está tão atrofiada de memória que se alguém lhe perguntar, dirá que estivemos com ela.

Por sorte lhe caio bem.

- Você cai bem a todo mundo - murmurou ele.

- Inclusive a você?

Marcus não teve oportunidade de responder, já que nesse momento se deram de frente com Henry. E seus irmãos estavam com ele. O trio bloqueou o passo ao casal e a obrigou o deter-se.

- Nos deixe passar, Whitmore - ordenou Marcus.

Henry se pôs de um lado e os observou com raiva enquanto se perdiam pelo corredor completamente vazio.

- Esteve no camarote do Foxmoor todo este tempo? - gritou com ira.

- Não seja ridículo - lhe respondeu Regina com frieza. - estivemos no camarote de lady Monrgomery.

- Mentirosa - soltou Henry em um tom insolente. - Esteve com este rufião. Não me concede nem um minuto, mas permite que o visconde Dragão...

- Eu se fosse você morderia a língua - interveio Marcus. - Está falando de uma dama com uma reputação impecável.

- Pois não será tão impecável quando as pessoas souberem deste escândalo - replicou Henry.

- Não seja imbecil, Henry - se misturou Richard.

Antes que alguém pudesse acrescentar uma só palavra mais, Marcus se jogou sobre Henry, agarrou-o pelo pescoço, ergueu-o do chão e o lançou contra a parede.

- Não dirá nada a ninguém - disse com o rosto crispado junto ao do Henry, que se estava pondo vermelho como tomate.

Malditos fossem os homens e seus temperamentos. Rezando para que não aparecesse nenhuma alma pelo corredor, Regina agarrou ao Marcus pelo braço.

- Solte-o, lorde Draker!

De nada serviu; Marcus não pareceu dar-se conta do comentário da Regina.

Começou a sacudir ao Henry com uma pasmosa facilidade, como se se tratasse de um fantoche.

- Não dirá nenhuma palavra, Whitmore. Porque se souber que o fez, cortarei-sua língua e farei que a engula inteirinha. Compreendeu-me?

Os outros dois indivíduos ficaram boquiabertos, tanto pela terrível forma de falar diante de uma dama como pela eminente ameaça de violência.

- Marcus! - As faces da Regina se inflamaram. - Pelo amor de Deus, solta-o!

- Compreendeu? - Marcus o empurrou com força contra a parede. - Responde, compreendeu-me?

Henry conseguiu emitir um grito que se assemelhava a um sim, e Marcus o soltou abruptamente.

O jovem se desabou devagar no chão, como um globo que se estivesse desinchando, e seus irmãos se precipitaram a seu lado.

- Não briga como um cavalheiro, Draker - soltou Henry.

- Não, tem razão - bradou Marcus. - Vejamos se é capaz de recordar a lição da próxima vez que lhe ocorra sujar o nome de uma dama.

O visconde tinha perdido o juízo. Realmente pensava que com essas táticas conseguiria resolver algo? Tinha sorte que Henry fosse tão covarde e não se atrevesse a enfrentar a ele. E embora mantivesse o pico fechado sobre ela e Marcus, jamais

se calaria sobre as sórdidas maneiras de lorde Draker e sua terrível forma de falar.

Marcus ofereceu o braço a Regina.

- Vamos?

As portas dos camarotes se abriram subitamente, e uma multidão de pessoas encheu o corredor em um abrir e fechar de olhos. A Regina não ficou mais remédio que permitir que Marcus a afastasse de seus primos ainda aturdidos.

À medida que se mesclavam com a multidão, o humor da Regina se foi azedando.

Marcus só tinha conseguido piorar mais as coisas. Não tinha suficiente bom senso para saber comportar-se em público? Não compreendia as regras?

Ou não entendia nenhum dos dois conceitos, ou tinha escolhido fazer caso omisso deles. Mas por quê?

Não podia acreditar que sua mãe não lhe tivesse inculcado pautas sobre como comportar-se devidamente, então, por que ignorava os bons modos cada vez que tinha ocasião?

Virtualmente convidava às pessoas a insultá-lo. E claramente lhe incomodavam essas ofensas; se não, por que se tinha mostrado tão ofendido quando pensou que ela queria ridicularizá-lo na festa dos Iversley? Marcus era um homem orgulhoso e,

entretanto, agia de um modo que suscitava as críticas e o desprezo.

Além disso, também havia a forma como se comportava com ela: era capaz de tratá-la com absoluta desconsideração e, ao cabo de um momento, beijá-la e acariciá-la com paixão ou com ternura.

Todas suas ações careciam de sentido.

Quando entraram no camarote do Iversley, Cicely estava meio adormecida; mas Louisa os olhou com expressão de susto.

- Pode-se saber onde tinham se metido? Regina, um de seus primos veio buscá-la e disse que tinha desaparecido com lorde Whitmore. Depois murmurou algo sobre o Marcus, e pensamos que tinha acontecido algo mau.

- Seu irmão esteve muito ocupado, atemorizando ao pessoal - se descarregou Regina.

Marcus a olhou como se não desse crédito a seus olhos.

- Mas se estava defendendo-a!

- Como? Tentando estrangular meu primo?

- Ele merecia. Ia...

- Bobagens! - explodiu ela. - Se me tivesse deixado , lhe teria recordado que as fofocas são uma arma de duplo fio, e que eu também posso usá-las contra ele. Henry não ousaria me ultrajar, sabendo que posso proclamar aos quatro ventos que o recusei.

Isso o humilharia a mais não poder.

- Recusou lorde Whitmore? - O olhar da Louisa ia da Regina ao Marcus com um enorme interesse.

- Não estranho que esse fanfarrão não esteja à altura das grandes expectativas de lady Regina - atravessou Marcus.

- Ou possivelmente Regina não acredita que foram feitos um para o outro - corrigiu-o Louisa.

Marcus resmungou.

- Pois não entendo por que não. Esse idiota tem tudo o que lady Regina procura no marido ideal: título, riqueza, maneiras condescendentes.

- Isso não é o que ela procura - defendeu-a Louisa ao mesmo tempo em que olhava a Regina como se lhe suplicasse seu apoio. - Vamos, Regina, lhe diga que isso não é o que quer.

- Olhe, não faça caso das tolices que solta seu irmão. - Regina estava a ponto de perder a paciência. - Só diz essas coisas para me zangar.

Regina também sabia que o fazia para manipular a sua irmã. Nos últimos dois dias, Louisa tinha duvidado mais dela que em todo o tempo que tinha durado sua amizade, e tudo por culpa dos insultos contínuos que seu irmão lançava contra ela.

De repente viu claro. Esse era o motivo pelo que Marcus atuava de forma tão odiosa! Agora, cada peça do quebra-cabeças começava a encaixar-se. Seu comportamento contraditório, seus insultos, sua má educação.

Marcus a considerava frívola, desumana e superficial, e ansiava que Louisa também a visse assim.

Se conseguisse que Louisa duvidasse de sua amiga, também seria capaz de questionar a personalidade do Simon.

Que truque tão maquiavélico! Marcus não desejava lhe fazer a corte; por isso não tentava impressioná-la com cumprimentos ou vestir-se convenientemente para agradá-la. E ela que tinha acreditado que se sentia atraído.

Olhou-os a ambos os furiosa. Sem poder remediar, seus olhos se encheram de lágrimas. Que ingênua tinha sido! Provavelmente Marcus tinha tentado abusar dela, talvez inclusive pretendia arruinar sua reputação, e tinha sido tão cega pela atração

que sentia por ele que se deixou seduzir. Deveria sentir-se afortunada porque esse monstro não tivesse dito a Henry o que tinham estado fazendo.

Mas nesse instante não se sentia nada afortunada, mas bem utilizada por um homem mais perito na arte de seduzir que qualquer outro membro dessa sociedade que ele tanto aborrecia.

Pois bem, o jogo se acabara. Se o dragão pretendia devorar a uma virgem antes de continuar aterrorizando à população inteira, logo descobriria quão insípida uma virgem podia ser.

Capítulo dez.

"Uma dama jamais deveria tolerar a um cavalheiro descortês."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Marcus sabia que se colocara em uma confusão. Não deveria ter tocado Regina, nem tê-la provado, nem permitir que o seduzisse com sua magia. por que se não o mero pensamento de que

Whitmore arruinasse sua reputação o enfurecia até fazê-lo perder os estribos? Inclusive um tipo anti-social como ele era capaz de saber quando se excedia, e um homem jamais deveria perder o controle diante de seus inimigos.

Marcus cravou a vista na Regina, sentada na carruagem diante dele com o rosto claramente tenso e olhando distraidamente pela janela, enquanto sua acompanhante, sentada ao lado da Regina, observava-o com evidente mostra de satisfação malévola.

Não tinha a menor duvida que a senhorita Tremaine estava encantada de que ele brigara com sua prima.

Maldita fosse essa mulher tão antipática. Malditas fossem as duas.

Regina o tinha ignorado durante o resto da ópera, conversando só com a Louisa ou a senhorita Tremaine, sem dignar-se sequer a obsequiá-lo com um sorriso ou um olhar, tratando-o como se fosse a única nota discordante em sua sinfonia social.

Mas ele não estava disposto a deixar as coisas desse modo. Certo, tinha perdido o controle com o Whitmore, mas ela deveria estar agradecida por ter se contido e não lhe ter quebrado o nariz, que era o que tinha querido fazer desde o momento

em que esse idiota a ameaçou sujar seu nome.

Respirou fundo e também ele desviou a vista para a janela. Se tivesse estado pensando em algo que não fosse seu maldito pênis, poderia ter utilizado as acusações do Whitmore a seu favor. Regina teria terminado sua aposta com Marcus se tivesse

confirmado a seu primo nem que fosse uma pequena parte de suas alegações por escrito.

Em lugar disso, tinha ameaçado ao sujeito, obrigando-o a fechar o bico. E por que? Por algum estúpido impulso cavalheiresco tão deslocado como o gesto de cortesia de colocar a capa sobre um atoleiro para que a dama não manche os sapatos.

Por que depois de provar a doce pele da Regina, não podia suportar a idéia de que alguém fizesse em pedacinhos sua reputação.

E ela o recompensava com uma enérgica frieza. Marcus tinha permitido que

Regina soubesse com que ardor a desejava, e agora ela pensava lhe fazer pagar muito caro seu desejo.

Pois não estava disposto a aceitá-lo.

- Amanhã de noite iremos ao teatro com o Foxmoor e Louisa - lhe disse com secura. - Esse novo cômico, Edmund Kean, atua no Drury Lane.

Sua irmã, que se achava sentada a seu lado na carruagem, olhou-o com interesse.

- Isso seria fantástico. Não lhe parece, Regina?

- Sinto-o - respondeu Regina sem afastar os olhos da janela, - amanhã aceitei ir ao baile do Hungate. Mas Simon e eu esperaremos a você e a Louisa ali, no baile.

Uma bola de raiva se instalou no estômago do Marcus.

- Não me convidaram.

Estava seguro de que Regina sabia.

- Isso significa que Louisa tampouco irá.

- Mas Marcus - implorou Louisa.

- Podemos sair para cavalgar no dia seguinte - prosseguiu ele, - se Foxmoor estiver livre.

- Possivelmente sim estará livre, mas eu não - apontou Regina em um tom tão horrivelmente correto que conseguiu enfurecê-lo. - fiquei de ir à festa de uma amiga, embora esteja segura de que Louisa e Simon estarão encantados de ir com você.

- OH, sim! - exclamou Louisa.

- E o dia depois? - murmurou ele, contendo seu temperamento.

- Refere-se ao domingo? - Regina lhe cravou a vista com arrogância. - Os domingos sempre vou a missa.

- Ah! Que devota que é você! - replicou Marcus.

- Rezo pelas almas daqueles que se desfrutam em sua própria maldade - manifestou ela com sutileza.

- Como seus primos, por exemplo?

Regina esticou os lábios.

- Como certos cavalheiros que conheço, sim.

Louisa colocou a mão sobre o braço de seu irmão, mas Marcus a afastou com brusquidão.Começava a perder a paciência.

- E o que lhe parece na segunda-feira de noite? Kean ainda atuará no Drury Lane.

Maldição. Não tinha querido formular sua proposta como se com isso fosse a vida.

negava-se a implorar a essa mulher. Já tinha conseguido que ele se prostrasse a seus pés uma vez essa noite, e não pensava prostrar-se mais.

- Na segunda-feira de noite também tenho um compromisso. E também na terça-feira.

Antes que Marcus pudesse abrir a boca para queixar-se, ela se adiantou e acrescentou com o tom mais doce que pôde:

- E na quarta-feira tenho que assistir à noite no clube social Almack"S. Não acredito que lhe tenham enviado um convite, não?

- Amputaria-me a mão direita antes de solicitar um convite desse bando de abutres.

- Que pena! Claro, necessita a mão direita para estrangular a cavalheiros.

- Maldita seja, Regina! - explodiu Marcus.

- Seriamente, minha agenda social está muito cheia durante esta época do ano; não sei quando poderemos voltar a sair os quatro juntos. Mas vocês três podem sair sem mim. Prometo-lhe que revisarei minha agenda quando chegar a casa para ver se

posso ficar com você daqui a duas semanas.

Seu frágil sorriso fez que Marcus sentisse vontades de estrangulá-la.

Ela queria castigá-lo por não haver-se comportado como um cavalheiro. Mas estava, além disso, tentando escapar de seu trato? Essa hipótese só conseguiu enfurecê-lo mais do que já estava. Esperava que não fosse assim. Regina tinha aceito que lhe

fizesse a corte, e mais lhe valia continuar com o trato até o final ou rechaçá-lo diante de sua irmã, com o qual ele conseguiria tirar algo positivo, com certeza.

A carruagem se deteve diante da casa dos Foxmoor, e o lacaio se precipitou a abrir a porta.

- Fique aqui, Louisa, enquanto acompanho às senhoritas até sua casa. Não demorarei - ordenou Marcus ao mesmo tempo em que saltava rapidamente antes que Regina pudesse protestar. depois de ajudar às duas damas a descer da carruagem,

escoltou-as até acima da escadaria.

Irritou-o modo tão frio com que Regina se agarrou a seu braço. Parecia como se se negasse a tocá-lo, quando somente uma hora antes se derreteu com seus beijos e carícias. Maldita fosse essa mulher.

Logo que entraram na mansão, Marcus se voltou para a prima da Regina.

- Eu gostaria de manter umas palavras com lady Regina a sós, se não se importar.

A senhorita Tremaine pareceu duvidar uns instantes.

- Bom, Não sei se...

- Não acontece nada, Cicely - cortou-a Regina. - Eu também desejo trocar umas palavras com o visconde. Só será um momento.

Depois dessa frase cortante, Regina se apressou pelo corredor, caminhando com a graça de uma verdadeira aristocrata. Marcus trotou atrás dela, dolorosamente consciente de sua enorme e desajeitada figura. Por que diabo tinha herdado a

compleição robusta do Príncipe de Gales em lugar de suas finas maneiras? Isso era um terrível inconveniente.

Pensou em como a imagem graciosa e esbelta da Regina encaixaria nos braços do Whitmore; duas pessoas elegantemente entrelaçadas em um beijo elegante. Mas entretanto ela tinha preferido os braços dele.

Os beijos do Marcus tinham sido bem mais um ataque de um lobo faminto. E seu inoportuno e enorme tamanho o tinha obrigado a ajoelhar-se para poder chupar esses maravilhosos seios.

Ela não tinha protestado. A resposta da Regina ante o primeiro beijo lhe tinha parecido um convite e não tinha feito mais que incrementar sua sede, especialmente quando ela o tinha olhado de forma tão sensual, com essa linda cabeleira loira,

como tentando-o para que ele provasse seu corpo. Qualquer homem teria sucumbido ante tal provocação. Por todos os deuses, como podia supor ela que ele fosse capaz de conter-se ante tanta beleza?

Marcus ainda ouvia os suaves arquejos da Regina provocados pela excitação, ainda recordava a textura desses mamilos, como se haviam posto duros como pedras ante o contato com sua língua. Como se atrevia a renegar de seu trato depois de aceitar esses excessos?

- Bem? - Ela se voltou para olhá-lo - se pode saber do que desejava falar comigo?

Sobressaltado, Marcus olhou a seu redor. Nem se tinha dado conta de que tinham chegado a uma das saletas de estar. Tinha-a seguido às cegas, como um perito mulherengo.

"Cuidado", disse-se; provavelmente ela o tinha conduzido até esse enclave revestido de móveis supérfluos e delicados de propósito; Com certeza essas coisas muito finas se quebrariam no momento em que ele se sentasse nelas. Queria lhe

recordar

que não era feita para tipos tão desajeitados como ele, mas cavalheiros refinados.

- Pretende me castigar por minha frieza, não é assim? - começou ele.

- Não sei a que se refere.

- Não me minta. Do espetáculo no corredor, quando...

- Amassado ao meu primo? Utilizado uma linguagem repugnante? Tentado arruinar minha reputação?

Ele a olhou atônito.

- Whitmore era quem tentava arruinar sua reputação, e você sabe. Maldita seja, deveria me estar agradecida por tê-la defendido.

- Agradecida? Com sua conduta selvagem não só conseguiu ganhar um inimigo, mas também três: Henry e seus irmãos. Se tivesse recorrido a uma tática mais sutil - Regina não pôde continuar. Teve que fazer uma pausa e respirar fundo.

- E isso está precisamente vinculado com o assunto do que lhe queria falar.

Estava claro. Regina ia romper a relação; exatamente o que ele tinha desejado, assim, por que de repente lhe custava respirar?

- Acredito que interpretei mal seus motivos para me cortejar.

Seu comentário o pôs em guarda.

- A que se refere?

- Disse que queria a alguém que lhe facilitasse o acesso à sociedade. Pensei que desejava apoiar Louisa mas, em troca, cada vez que está com pessoas se comporta de uma forma mal educada com todos os que se cruzam em nosso caminho.

- E por que deveria ser educado com esse pando de imbecis? Desprezarão-me sempre, não importa o que faça.

- Isso é ridículo. Se o desprezam é porque você busca isso. E, seriamente, não posso culpá-los. Insulta-nos, a mim e ao resto, sempre que se apresenta a oportunidade; não mostra o menor empenho em exibir formas cavalheirescas, e se veste como

se fosse à colheita de uvas em lugar de eventos da alta sociedade.

- Só me mostro tal e como sou. Você já sabia como era quando me conheceu.

- Pensei que agia com tanta rudeza comigo por causa de meu irmão. Jamais imaginei que não tivesse nem a mínima idéia de como se comportar em sociedade.

Marcus suspirou com irritação.

- Pois não, não sei me comportar. E tenho que admitir que passei dos limites quando Whitmore a ameaçou, mas isso não lhe dá direito a renegar nosso trato.

- Quem disse algo sobre renegar nosso trato?

- Isso é o que interpretei, depois de ter recusado que acompanhe a nenhum lugar.

Regina esgrimiu um de seus sorrisos condescendentes.

- Pois se equivoca. Simplesmente te estou afastando-o até que possamos resolver esta situação.

- Ah, sim? - disse ele com desdém.

- Se começarmos as lições agora mesmo, estará preparado rapidamente.

Marcus piscou.

- Preparado para que?

- Para reaparecer em sociedade. Se você e eu temos que continuar com nosso namoro, não pode continuar fazendo-se de palhaço desse modo, insultando às pessoas quando lhe agradar. Tenho que manter minha reputação.

Marcus a olhou boquiaberto, enquanto ela se movia graciosamente pela sala, tocando os elementos ornamentais com a ponta dos dedos com gentileza.

- Como é tão amante dos livros, enviarei-lhe os mais atualizados sobre comportamentos corretos. Pediremos a lorde Iversley que nos recomende um alfaiate, e estou certa de que Simon estará encantado de lhe explicar as regras de cavalheirismo.

- Não penso me deixar influenciar por seu maldito irmão! - explodiu ele. - Não há nada mau em minha forma de vestir, e ajo como me dá a vontade. Não tem nada que ver desconhecendo as regras.

Regina virou-se lentamente e o olhou nos olhos com as sobrancelhas arqueadas.

- Está-me dizendo que escolhe não seguir as regras de conduta cavalheiresca?

- Assim é - resmungou Marcus.

- Mas não o entendo. Insistiu em que namorássemos tal como era devido, que não fosse um ato particular, que me deixasse ver em público com você. Interpretei que em troca pensava me tratar do modo que se espera de um homem que corteja a uma mulher,

com cortesia e respeito. Mas parece ser que isso não é o que você entende por namorar como é devido. Para você é... O que? Estou tentando compreender.

Uf! Marcus não queria que a conversa fluísse por esses roteiros.

- Pois é...

- Estou certo de que é consciente de que suas más maneiras nos afetam tanto a mim como a sua irmã, assim por que o faz? Talvez é que não se trata de um namoro como é devido se não só de uma forma retorcida para tentar que atire a toalha com a

relação entre Simon e Louisa.

Ao Marcus lhe gelou o sangue. Acaso tinha averiguado seu plano? Não, isso era absurdo.

- E toda sua exposição sobre querer a uma mulher bela agarrada ao seu braço? Era também uma potranha? E seus beijos e sua declaração de que me desejava? - As mãos da Regina começaram a tremer, e seu lábio inferior também.

- Sabe perfeitamente que a desejava e que a desejo, eu...

Por todos os céus; Regina começava a enjoá-lo.

- Deseja-me, mas se nega a me agradar.

- Não disse isso - protestou ele.

- Olhe, nem disse nem fez nada para que pense o contrário, assim como pode me culpar por pensar que está brincando com meus sentimentos só para satisfazer seus propósitos mais infames?

Do mesmo modo que diz que Simon brinca com os da Louisa?

A comparação lhe assentou como um soco no estômago. Algo se tinha torcido nessa conversa, e não era capaz de averiguar o que.

"A Belle me Dê Sãs Merci está acostumada a derrubar a todos os homens, recorda?", repetiu-se a si mesmo.

- Duvido que pudesse brincar com uma mulher que recusou onze propostas de matrimônio - rebateu ele, desesperado por ganhar novamente o terreno que de repente se tinha tornado adverso.

Um olhar de ódio fez brecha nos olhos da Regina.

- Assim decidiu que pode brincar comigo simplesmente porque demonstrei minha fortaleza com os pretendentes que tive no passado.

- Maldita seja; não estava brincando. Eu só... - soprou com força. - Mistura tudo. Sabe o que sinto pela alta sociedade. Por que deveria seguir suas ridículas regras?

- Possivelmente porque me está cortejando?

Marcus a olhou com desdém, e ela acrescentou rapidamente:

- Não importa. Acredito que agora entendo suas intenções.

- Entende o que?

- Se sua intenção não era brincar comigo - Regina fez uma pausa para lhe cravar um olhar inquisidor - porque isso é o que me está dizendo, certo?

- Assim é - anunciou ele, cada vez mais desconfortável com a conversa.

- Então tem que ser o que disse a princípio: que não sabe se comportar devidamente em público. Deveria me ter dado conta antes. É muito orgulhoso para admiti-lo. Toda essa grosseria e seus protestos são a amostra evidente de como se comporta

um homem quando se sente deslocado e não quer que ninguém perceba.

- Deslocado? - titubeou ele perturbado.

- Suponho que não deveria pô-lo mais em evidência lhe dizendo que necessita de lições sobre como se comportar de forma cavalheiresca.

- Não necessito de nenhuma maldita lição! - rugiu Marcus.

- Não há necessidade de elevar a voz - prosseguiu Regina com tom comedido. Seu rosto mostrava que sentia pena por ele. - Calma ; comigo não deveria se envergonhar de suas evidentes imperfeições.

um milhão de sombras de diferentes tons escuros se apoderaram da mente do Marcus. Pena por ele?

Ninguém sentia pena por ele! Nem sua irmã nem ninguém. Possivelmente não agia do modo mais acertado quando estava com pessoas, mas era sua reação ao trato que recebia desse pando de arrogantes. Acaso

Regina esperava que ele se comportasse com gentileza com eles? Quando eles eram extremamente mal educados com ele? Que sorrisse e fizesse reverências e...

Nem pensar! Marcus aproximou seu rosto de Regina.

- Não necessito de nenhuma lição. Simplesmente me inclino por não seguir as regras absurdas de uma sociedade degenerada.

- Perdoa, mas isso é o que sempre alegam os tipos incompetentes quando não sabem como dançar ou comportar-se apropriadamente ou fazer comentários acertados. Mas, de verdade, estarei encantada de ajudá-lo a aprender.

- Não necessito de sua maldita ajuda! Não necessito da ajuda de ninguém!

Marcus percebia que estava cavando sua própria sepultura e que provavelmente jamais seria capaz de levantar a cabeça, assim decidiu que o melhor era bater em retirada.

- Já tive suficiente dessa fileira de tolices.Boa noite, senhorita.

Enquanto se dirigia a grandes passadas para a porta, Regina reclamou sua atenção:

- Lorde Draker?

- O que? - soltou ele sem olhar para trás.

- Como não é capaz de comportar-se como um cavalheiro e não mostra nem o mínimo interesse em aprender, temo que não fica outra opção que rechaçar sua companhia.

Marcus deu um pulo.

- Quer dizer, que quer romper nosso trato.

- Aceitei um cortejo como era devido e fica claro que você não sabe o que isso significa.

- Sim, ah, confundo tudo - Se dava conta de que estava pondo tudo a perder. - De acordo. Então diga a seu irmão que se vá embora. Porque se eu não conto com sua companhia, ele não terá a Louisa.

Abandonou a sala feito uma fúria, e esteve a ponto de se chocar com a senhorita Tremaine, que estava escutando atrás da porta. Marcus se deteve apenas uns instantes para fulminá-la com o olhar.

- Parabéns! Finalmente se livrou de mim. E depois desapareceu.

Capítulo onze.

" As jovens pupilas agem às vezes de forma matreira e impulsiva.Uma boa preceptora deve se antecipar a qualquer eventualidade."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A precepetora ideal

Marcus entrou bruscamente na carruagem e gritou ao cocheiro que se pusesse em marcha. Maldita fosse Regina, e malditos fossem todos. Em primeiro lugar, devia ter perdido a cabeça para aceitar esse contrato infame. Lições! Essa presunçosa queria

lhe dar aulas de comportamento, pelo amor de Deus!

- Está bem? - perguntou Louisa do assento oposto.

- Sim.

Genial, agora tinha jogado a lady Presunçosa de sua vida.

Adeus às noites em casa de seu meio-irmão para evitar o longo caminho de volta ao Castlemaine, e aos custos extras em carruagem e em cavalos, e a pôr os melhores trajes que tinha para que depois essa mulher exaltada se dedicasse a criticar.

Adeus à língua viperina dessa garota mimada e arrogante. Adeus aos intercâmbios mais estimulantes. Acabaram-se os beijos apaixonados pela escuridão. acabou-se provar essa pele com sabor a mel.

Maldita fosse! Por que fazia isso a ele?

Bom, já não importava; tudo se tinha acabado. Assim, que mais dava se ela opinava que era incapaz de comportar-se apropriadamente? Isso era o que queria, não?

Não, maldição. Ele desejava provar que seus amigos eram uma manada de lobos que desejavam descarnar aos cavalheiros honestos, que sua irmã jamais seria aceita entre eles por causa das infundadas expectativas que tinham.

Não porque ele não pudesse seguir as regras. Marcus sabia que, se se propusesse , era capaz de comportar-se como o melhor cavalheiro.

"Isso é o que sempre alegam os tipos incompetentes quando não sabem como dançar ou comportar-se apropriadamente ou fazer comentários acertados."

Santo céu! Essa mulher o estava deixando louco.

- Marcus? - pronunciou Louisa, rompendo o silêncio dentro da carruagem. - De verdade acha o que disse? Que Simon e você e eu poderíamos sair para cavalgar juntos?

Maldição. Agora tinha que enfrentar às expectativas de sua irmã.

- A situação mudou.

Inclusive sob a tênue luz cinza que se filtrava na carruagem proveniente dos lampiões da rua, Marcus pôde ver sua expressão de decepção.

- Por quê?

- Foxmoor já não acompanhará a nenhum outro lugar.

Uma palidez alarmante se estendeu pelas faces da Louisa.

- Por que não?

- Porque não, e ponto.

Louisa o olhou sem pestanejar.

- Suponho que o que aconteceu foi dizer algo extremamente desagradável a lady

Regina; por isso ela se mostrava tão fria com você. OH, Marcus, mas o que fez?

Não tinha comentado com sua irmã o trato com a Regina, mas Louisa não tinha nem um pingo de tola. Devia saber que sua associação com a Regina estava necessariamente vinculada com a sua com o Foxmoor.

- O que a faz pensar que fiz algo? Ela é quem se mostra arrogante e condescendente e...

- Regina é adorável, e você sabe disso. - Louisa se recostou no assento com o rosto crispado. - Mas você estragou sua relação. Estará contente.

- Nego-me a fazer a corte a uma mulher que se empenha em me converter em alguém que não sou.

- Quer dizer um cavalheiro?

Não, só lhe faltava Louisa com a mesma história. Seria possível escapar do esnobismo das mulheres?

- Já sou um cavalheiro, maldita seja.

- Pois não age como tal. É o que comentava a Simon.

- Simon? Sua relação progrediu tanto que já o chama pelo nome?

Ela se ruborizou.

- Sim. Agora já faz mais de um mês que nos conhecemos.

Marcus esgrimiu uma careta de incredulidade.

- E não lhe ocorreu pensar por que um duque acomodado, que presume de ter tão bons contatos, decidiu fazer a corte à filha de uma dama, nossa mãe, envolta em rumores indecentes?

- Pois sim, me questionei isso. Assim perguntei diretamente, e ele me disse que tinha conhecido a nossa mãe quando era pequeno e que lhe tinha parecido uma boa pessoa.

- Comparada com quem? Com Jezabel?

Louisa franziu o cenho.

- Sei que mamãe te tratou às vezes muito mal, mas também era capaz de ser agradável.

- Como sabe? Nunca estava perto. Importávamos-lhe tão pouco que nem se incomodava em ficar em casa conosco.

Louisa ficou muda, depois desviou os olhos para a janela. Maldição. Não era sua intenção trazer à tona esse assunto e ferir os sentimentos de sua irmã. Mas quando ela

voltou a olhá-lo, seus olhos eram tão afiados como um par de facas de aço.

- Não se trata de mamãe. Estou apaixonada pelo Simon, esse é o assunto.

A noite parecia piorar por momentos.

- Mas está ele apaixonado por você?

Louisa encolheu os ombros.

- Isso é o que acredito, sim.

- Disse-lhe isso?

- Ainda não, começamos a sair juntos recentemente. E agora pretende que rompamos antes que descubra o que sente por mim.

- Não é suficientemente bom para você e, como seu guardião, devo agir segundo minha consciência.

- Em troca, pensava que era suficientemente bom para mim quando namorava a Regina.

Marcus decidiu ser honesto.

- Não, nem inclusive então. Mas achei que você compreenderia a verdade se lhe desse a oportunidade de cortejá-la.

- E de passagem você podia namorar a Regina - soltou ela. - E agora espera que Simon e eu rompamos, simplesmente porque você agiu como um idiota e feriu os sentimentos da Regina.

- Está louca? É claro que feri seus sentimentos. Não percebeu com que frivolidade me tratou esta noite?

- Porque você se comportou como um simples imbecil mal educado. Não a culpo. Se se atrevesse a me tratar desse modo, jamais voltaria a lhe dirigir a palavra.

Em seguida, inclinou-se pra frente para aprisionar entre suas mãos a mão do Marcus com essa expressão de sinceridade que sempre pressagiava problemas.

- Quando quer sabe ser realmente encantador, como quando conversa com lady Iversley. Por isso não compreendo por que agora que tem a uma mulher que se mostra atraída por você...

- Lady Regina não está interessada em mim - replicou ao mesmo tempo em que escapava das mãos da Louisa. Supunha-se que sua irmã se tinha que pôr de seu lado, e não do dessa mulher. - Me considera inferior. Se não é capaz de vê-lo, então é que está cega.

- Você é que está cego. Não observou como o olha?

Marcus a olhou perplexo.

- O que quer dizer?

- Regina lhe lança os típicos olhares furtivos que usam as damas só com o cavalheiro a quem desejam.

Marcus decidiu ignorar o súbito batimento acelerado de seu pulso. Regina só o queria para satisfazer sua curiosidade virginal com um macho perigoso.

- A única coisa que expressa essa mulher é sua obsessão por criticar todas minhas falhas na conduta pouco cavalheiresca.

- Ah, sim? Então, por que me pergunta tantas coisas pessoais sobre você?

Marcus conteve a respiração.

- Como o que?

- A que escola foi, por que não gasta nem um penny em roupa. - Louisa arqueou uma sobrancelha. - Se sempre foi tão resmungão.

Que uma mulher respeitável, qualquer mulher, interessasse-se por ele, desconcertava-o.

Sim, Regina tinha respondido a seus beijos, mas jamais teria pensado que pudesse demonstrar interesse em nenhum outro aspecto vinculado a ele. A possibilidade o intrigou. E isso era perigoso.

- E você o que lhe respondeu?

- Terá que perguntar a ela. Eu não gosto de arejar conversas particulares.

- Mas se acaba de comentar - Marcus mordeu os lábios para não lançar de novo outra maldição em voz alta, lutando por conter o impulso que sentia de estrangular a sua irmã.

- Que mais. Não me importam suas fofocas a minhas costas.

Louisa suspirou.

- Vamos, sei que você gosta. por que não vai e lhe pede perdão? Por que não luta por recuperar sua amizade?

- Não penso pedir perdão a essa arpía! - Não se podia evitá-lo. Pensava que com a Regina estava tudo perdido, mas não desejava perder o controle nem a influência sobre sua irmã. - Apesar da situação entre a Regina e eu, você não verá mais ao Foxmoor.

Pela primeira vez, Louisa encarou a ele com ar altivo.

- Ah, não?

- Não - respondeu ele com firmeza. - E não há nada mais que falar.

- Ah.

- Acatará minhas ordens, de acordo? - interrogou-a Marcus com ar ameaçador.

- Sim, claro; o que você disser.

- Não pensa protestar? Nem objetar? - perguntou-lhe desconfortável.

- Não. - Obsequiou-lhe com um sorriso condescendente, similar às da Regina, e isso gelou o sangue a seu irmão.

"O que conseguirá é que Louisa o odeie Se mostrar teimoso e irracional, ela terá uma perfeita justificação para enganá-lo na primeira oportunidade", tinha-lhe comentado Regina no Castlemaine.

Que Deus se amparasse dele. Louisa também o abandonaria. Durante esse mês que tinha passado entre a sociedade, sua irmã se encorajou. Se deixasse de ir a Londres com ela, então unicamente poderia confiar nos Iversley, quem estavam absortos em

seu bebê recém-nascido e não se mostravam plenamente convencidos da validez de seus preconceitos contra Foxmoor.

Maldição, maldição, e mil vezes maldição.

Podia fazer de acompanhante da Louisa com os Iversley, mas isso significava que teria que assistir a todas as festas e ver a Regina e a energúmenos como Whitmore prostrando-se aos pés da deusa. Não, não poderia suportá-lo.

Embora, de qualquer modo, sabia que não o convidariam às festas às quais Louisa desejaria ir.

Apesar de que sua associação com a Regina lhe tinha aberto a porta a uma ou duas festas, isso se acabaria no momento em que ela solicitasse a seus amigos que não o convidassem mais.

E esse pensamento o levou novamente a sopesar a possibilidade de que os Iversley custodiassem a Louisa.

Apertou os dentes com raiva. Que pena que não pudesse encerrar a sua irmã na masmorra. Mas inclusive no tal caso, Regina seria capaz de averiguar seu paradeiro, ajudá-la a escapar, e lhe dar abrigo em sua própria casa; na casa do Foxmoor.

Era melhor ter a seus inimigos diante do nariz, onde pelo menos não os perderia de vista.

Possivelmente tinha chegado o momento de mudar de tática. Seu primeiro plano não tinha funcionado como esperava; Louisa ainda estava do lado da Regina. E se

Regina dizia a sua irmã que tinha rompido com ele porque não era mais que um pobre idiota que não sabia comportar-se de forma cavalheiresca, Louisa lhe faria a vida impossível. Ou as duas uniriam forças contra ele. Sim, que Deus se amparasse dele.

Uma corte apropriada podia ser mais efetiva. Se não esbanjava todos seus esforços tentando fazer com que Regina se zangasse, poderia vigiar ao Simon e Louisa com mais comodidade, e ao final o resultado seria o mesmo. Porque se agisse como um cavalheiro e lady Presunçosa se dava conta de que igualmente a sociedade continuava condenando-o, acabaria rompendo com ele.

Mas então Louisa não poderia acusá-lo por isso. Quando visse que Regina o rechaçava sem escrúpulos apesar dos esforços dele por agradá-la, Louisa ficaria certamente de seu lado. Então romperia com o Simon, também, porque não poderia sair com ele depois de que sua irmã tivesse repudiado ao Marcus.

- De acordo; você ganha - declarou . - Farei as pazes com a Regina.

- E posso continuar sair com o Simon?

Sua expressão cheia de esperança não agradou nada a Marcus.

- Bom, de momento.

Com um pouco de sorte, com seu novo plano conseguiria recuperar a cumplicidade de sua irmã. E se não, teria que recorrer à masmorra.

Talvez poderia encerrar a Regina, em lugar da Louisa. Uma variação do sonho que tinha tido a noite anterior se plasmou em sua mente: Regina encerrada na masmorra, oferecendo-se a fazer tudo o que lhe pedisse. Regina ajoelhada ante ele, com o cabelo solto sobre os ombros, sua boca de sereia lhe implorando que a levasse até a cama. Regina nua, sem a harpa para defender a do olhar felino do Marcus.

- E o que pensa fazer para recuperar sua amizade? - perguntou-lhe Louisa.

Sua fantasia se evaporou rapidamente, deixando-o incomodamente excitado. Marcus depositou seu chapéu em seu regaço e se concentrou na pergunta da Louisa.

- Não sei.

- Aceita uma sugestão?

- Claro - suspirou ele.

- Se quer impressionar Regina...

Várias horas depois, Marcus se achava na entrada do Blue Swan, completamente

empapado pela chuva torrencial que não cessava de cair do céu, solicitando ver seu meio-irmão. Depois de deixar a Louisa com os Iversley, dirigiu-se a casa do Byrne,

onde lhe haviam dito que Byrne jamais retornava a casa antes das quatro da madrugada. Assim era a vida de um proprietário de uma sala de jogos.

E como era a primeira vez que Marcus entrava no clube pela porta principal, o porteiro opôs certa resistência.

- Sinto muito, senhor. Não posso deixá-lo entrar. Não é sócio - se desculpou o indivíduo, enrugando o lábio superior como mostra do desagrado que lhe causava a imagem do casaco antiquado e a barba empapada do Marcus.

- Só está permitida a entrada aos sócios ou aos convidados de um sócio.

- Se não for procurar o dono agora mesmo, juro que...

- Draker! - exclamou seu irmão, apresentando-se de repente no vestíbulo. - Que diabo está fazendo aqui?

- Queria vê-lo.

- E se atreve a tentar entrar pela porta principal de meu clube? - Byrne fez gestos ao porteiro para que se afastasse ao mesmo tempo em que punha-se a rir. - Que idéias mais descabeladas lhe ocorrem!

- Pois não me faz graça. - Marcus entrou no vestíbulo e sacudiu o barro das botas que se acumulara com suas idas e vindas pela cidade. - Esta noite não estou de humor para agüentar suas brincadeiras.

Enquanto o porteiro se fazia encarregado do casaco e do chapéu empapados com um olhar de asco, Byrne pôs-se a rir, sem mostrar-se zangado pelo comentário de seu irmão, e o levou até seu escritório.

- O que se passa? Por que veio para ver-me em um tempo de cães como este?

- Nada que não se pudesse resolver se se erradicasse a toda a raça feminina do planeta.

- Ah, um problema de saias.

Entraram no escritório, e Byrne fechou a porta.

- As mulheres são uma praga na Terra. - Marcus foi direto para o fogo da lareira para esquentar suas mãos geladas.

- E está descobrindo isso agora?

Marcus lançou ao Byrne um olhar de poucos amigos.

- Entretanto, você não parece ter problemas com elas.

- Porque as mantenho em seu lugar. Quando uma tenta me levar pelo caminho da amargura deixo-a e procuro outra.

- Eu não tenho essa escolha. Uma das problemáticas é Louisa.

- Então temo que não posso ajudá-lo. Graças a Deus não tenho irmãs, assim se tiver vindo em busca de conselho...

- Vim porque necessito que me faça um favor.

Os olhos do Byrne se encheram de curiosidade. Apesar de que Marcus, Iversley e Byrne se tinham prometido apóiar-se uns aos outros, Marcus jamais tinha requerido a ajuda do Byrne até então.

- Que classe de favor?

Marcus fixou a vista no fogo.

- Necessito um convite para uma dessas noites no Almack"S.

- Acho que poderei conseguir um convite para Louisa, embora não posso garantir.

- Não é para a Louisa - explicou Marcus, apertando os dentes, - é para mim.

Durante uns instantes, o aposento se encheu de um silêncio espectral. Depois Byrne começou a cair na risada.

Marcus se voltou e lhe cravou um olhar aceso.

- Não é divertido.

- OH, sim... É que... - Byrne não podia prosseguir; as gargalhadas lhe oprimiam o peito e não havia forma de atalhá-las. - A idéia de que você... Nesse clube social com todas essas arpías secas e sérias...

- Pode conseguir o maldito convite ou não?

Byrne conseguiu sufocar sua risada.

- Céu santo! Então fala a sério?

- Pois claro que sim. Pensa que viria até aqui a estas horas da madrugada só para fazê-lo rir com semelhante patacoada? Asseguro que posso investir meu tempo em coisas mais interessantes.

- Como ir a uma festa no Almack"S. Byrne voltou a estalar em uma estonteante gargalhada.

Marcus desejava estrangulá-lo.

- Olhe se não pode conseguir o maldito convite...

- Então, ninguém mais o conseguirá. - Byrne apontou rapidamente, fazendo esforços por conter a risada. - Bom, terei que falar com os maridos de cada uma das

organizadoras.

- Não tinha uma amante que era uma das organizadoras?

- Sim, mas ela só pode tentar convencer ao resto dessas mulheres.

- Tinha entendido que aceitam a presença de homens solteiros com títulos de nobreza porque são bons partidos.

Byrne soprou.

- Ah, mas duvido que o termo "bom partido" compreenda a homens com apelidos que incluam a palavra "dragão", ou que tem barbas abundantes, ou que se vistam com roupagens absolutamente passadas de moda, que nem o criado mais pobre se atreveria

a usar, ou...

- Basta. Já entendo por onde vai. - Byrne estava misturando tudo, igual a Regina.

- Não posso fazer nada para remediar que continuem usando esse apelido mas pensei que igualmente poderia me sugerir quem pode me indicar que alfaiate usar.

- É claro que sim - afirmou Byrne, aliviado de não ter que prosseguir com a lista de aspectos críticos de seu irmão. - Meu alfaiate o porá em dia em um abrir e fechar de olhos, se não, eu mesmo me encarregarei de assassiná-lo.

- Necessito do convite e da roupa para a festa da quarta-feira.

- Quase não pede nada, né? - suspirou Byrne. - Não acredito que possa conseguir o convite para essa data, mas posso obter um passe para convidados. Se Louisa receber seu convite, poderá assistir com ela como seu convidado se passar pelo exame

das organizadoras dessas festas nesse prestigioso clube social.

Apresentar-se ante as organizadoras? Como um estudante? Marcus esteve a ponto de dizer ao Byrne que se esquecesse do assunto, mas se desejava fazer as pazes com Regina, tinha que passar na prova.

- De acordo.

- Além disso terá que me prometer que agirá com decoro.

- É claro.

- Está certo de que sabe como fazê-lo?

"Não de todo", pensou. Agora que sua fúria inicial pelos comentários da Regina se aplacara, admitia que algo de verdade havia em suas palavras. Fazia muitos anos que não se esforçava por agir

corretamente em sociedade. E se tivesse esquecido? E se fizesse o ridículo?

Marcus resmungou. Como se esse pando de arpías fosse preocupar-se com seu comportamento; não importava o que fizesse, sempre o tachariam de inapresentável. Mas tinha que tentá-lo, ao menos pela Louisa.

- Marcus? - insistiu seu irmão.

- Sim, com decoro. Terá que me recordar o que significa isso.

Byrne lançou um risinho.

- Pois claro, até que estejamos seguros de que o entende. Mas ainda há algo mais: terá que te cortar o cabelo.

- Sei.

- E tirar a barba.

Maldição. Tinha decidido deixá-la crescer no dia em que uma de suas criadas desmaiou ante a visão da terrível cicatriz. Os bigodes haviam coberto seu rosto durante mais de nove anos.

- Mas se verá a cicatriz - assinalou tensamente enquanto agarrava o atiçador do fogo para avivar as brasas.

- Às organizadoras dessas festas importa menos uma cicatriz que o fato de não ir na moda. E com o fim da guerra e nossos soldados valentes de retorno a casa, as cicatrizes são o último grito em Londres.

Marcus duvidou de tal explicação, mas não tinha alternativa.

- Muito bem - aceitou, olhando fixamente o atiçador do fogo. - Me barbearei.

Um prolongado silêncio encheu a sala até que Byrne disse:

- Essa mulher o caçou de verdade, né?

- Quem?

- A Belle me Dê Sãs Merci.

Marcus depositou o atiçador lentamente no chão.

- Não seja ridículo.

- É uma beleza. E suponho que sabe disso.

"Sei que os homens só querem meu corpo."

Marcus ficou tenso.

- Sim, sabe; mas não é presunçosa, se a isso se refere.

- Ah, e é tão desumana como dizem?

- Recusou onze propostas de matrimônio - respondeu Marcus evasivamente. - O que acha?

Seu irmão ficou de pé e desceu o tom de voz.

- Acredito que deveria ir com cuidado. Essa mulher foi educada para caçar a um indivíduo melhor que você.

Marcus se aproximou do Byrne com o semblante taciturno.

- Primeiro você, depois Iversley. Por que classe de energúmeno monstruoso me tomam? Já lhe contei que se trata simplesmente de um contrato entre ela e eu. Unicamente a estou cortejando para poder vigiar à Foxmoor.

- Se você o diz. Mas recorde: são muitos os homens que caíram rendidos aos pés dessa mulher.

- Pelo amor de Deus, sei como cobrir minhas costas contra essa classe de mulheres. Tinha vinte e dois anos quando abandonei a alta sociedade. Antes tinha sofrido freqüentemente por causa das brincadeiras pesadas que circulavam sobre minha

estatura e minha falta de interesse por assuntos tão aborrecidos como jogar cartas, saber atar o lenço ao pescoço corretamente, e adular às mulheres de forma hipócrita.

Fez uma pausa, como recordando esses tempos, depois lançou uma gargalhada seca e prosseguiu:

- Então havia várias garotas intocáveis que não se advinham aos cuidados de um homem rude com uma Jezabel por mãe. Embora a lei me considere filho legítimo, as intrigas sobre meu verdadeiro pai pululavam ao meu redor em boca de todas essas

garotas tão refinadas.

- O mesmo aconteceu comigo - o interrompeu Byrne. - Mas com os anos aprendi a dar a volta a meu favor a meu desafortunado nascimento.Aprendi o que é o que querem essas mulheres refinadas de um homem, e o uso para que caiam rendidas a meus pés.

- Nas costas de seus maridos.

- E diante deles, sim posso consegui-lo. - Os olhos do Byrne cintilaram como duas safiras azuis.

- Já ninguém se atreve a me chamar bastardo na cara, asseguro isso. A maioria desses tipos não podem assumir o risco de me ter como inimigo.

Por um momento, o rosto do Byrne se tornou ameaçador, como o de um demônio recém saído do inferno. Continuando, recorreu a um sorriso forçado.

- Mas você, querido irmão, passou o último terço de sua vida em uma cova. E agora uma espantosa mulher aceitou que a corteje, e isso é algo que não consegue acreditar nem digerir.

- Não sou a classe de louco excêntrico que você e Iversley pensam - replicou Marcus. - Tenho tudo planejado e sob controle, assim conseguirá esse maldito convite para o Almack"s ou não?

- Farei tudo o que possa. - Em seguida esgrimiu uma careta de malícia. - Mas que Deus tenha piedade de todos os assistentes à festa se o conseguir.

Capítulo doze.

" Sempre se está a salvo com sua pupila no Almack"s o prestigioso clube social."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal

Os dedos de Regina deslizaram suavemente pelas cordas da harpa, procurando a configuração adequada de notas que expressasse seu descontentamento. Mas esse instrumento não estava precisamente feito para essa classe de música. O que precisava era um violino, para projetar uma música mais profunda.Ou talvez um par de címbalos, para estampá-los contra a dura cabeça de certo sujeito.

- Está certa de que não deseja tomar uma xícara de chá? - perguntou uma voz da mesa localizada no outro extremo da sala.

Cicely estava rabiscando em um caderno que sempre levava em cima e a que denominava diário.

Regina às vezes se perguntava o que sua prima anotava nele, tendo em conta que sua vida carecia de qualquer tipo de emoção ou interesse. Mais ou menos como a sua. Regina suspirou e atacou sua peça musical favorita com vingança, desejando que soasse menos bela.

- Não estou de humor para tomar chá.

- Talvez prefere que lhe leia um pouco em voz alta.

- Não! - exclamou com raiva. Quando percebeu o rosto contrariado de sua prima, suavizou o tom de voz. - Sinto muito, mas não tenho vontade de escutar nenhuma história de nenhum livro.

"Nem recordar que Marcus prefere estar com livros antes que comigo", pensou. Seus dedos se crisparam entre as cordas.

- Estará melhor sem ele, e você sabe disso - atravessou Cicely.

Regina levantou a cabeça, e se ruborizou ao ver como sua prima a observava fixamente, como se fosse capaz de ler seus pensamentos.

- Essa é a razão pela que está de tão mau humor ultimamente, não é? Brigaram e lorde Draker pôs fim a sua corte?

- Não seja ridícula. Fui eu quem cortou, não ele.

- Porque o visconde não queria fazer o que você queria.

E porque lhe estava mentindo para obter seus propósitos ignominiosos. Regina tinha tentado ferir seu orgulho, fazer que admitisse que a tinha utilizado para separar a Louisa do Simon. Mas em lugar de ferir seu orgulho, a única que tinha saído

perdendo tinha sido ela.

Já tinham transcorrido quatro dias desde que Marcus partira arrebatadamente. Depois, nenhuma palavra. Como podia terminar seu contrato de uma forma tão fria, tão grosseira?

- Não entendo o que a incomoda - prosseguiu Cicely. - Lorde Draker não é suficiente bom para você; rejeitou cavalheiros mais interessantes e mais refinados, e jamais esbanjou nem um segundo de seu tempo em pensar em um homem que desaparece de sua vida.

Certo. Mas esses cavalheiros tendem a comportar-se como uns peritos mulherengos, arrastando-se a seus pés para lhe suplicar clemência, algo que Marcus não tinha feito nenhuma só vez.

Suspirou de novo. Os dragões jamais suplicam. Engolem e devoram e jogam fumaça, queimando tudo aquilo que desejavam muito, só para estar bem.

O mesmo que tinha feito Marcus: que ela ardesse de paixão.

"Umas correntes me rodearam os pulsos, e senti inveja da maldita harpa que tinha conseguido recostar-se entre suas coxas e tocar ligeiramente esses lugares proibidos que eu ansiava tanto acariciar"

Regina sentiu como uma onda de calor inundava suas partes mais íntimas e se recostou na harpa, quase esmagando-a. Maldito fosse Marcus. Acaso não tinha suficiente intrometendo-se em seus sonhos noturnos, lhe provocando fantasias rudes, com situações improváveis que sempre acabavam com ele lhe fazendo coisas eróticas?

Agora se intrometia em seu passatempo favorito, que era tocar harpa?

Cada vez que ela acomodava a harpa entre suas pernas, lembrava-se da mão do Marcus, firme e cálida e sensual, lhe acariciando precisamente esse lugar proibido. Cada vez que seus seios roçavam a harpa, imaginava a boca do Marcus lhe lambendo os mamilos.

Respirou fundo e fechou os olhos.

- Não me importa nada o que lorde Draker faça ou deixe de fazer, desde que não afete a relação entre Simon e Louisa.

Cicely a olhou com enorme interesse.

- Pois não parece que lhes tenha afetado o mínimo. Seriamente, a senhorita North alegou estar indisposta durante os últimos três dias cada vez que seu irmão tentou contatar com ela, mas finalmente Simon conseguiu vê-la hoje.

Era a primeira notícia que tinha a respeito. Tinha decidido não comentar com Simon que brigara com o Draker, esperando que ele dissesse algo em qualquer momento. Mas em troca não o tinha feito.

- Como sabe?

Cicely encolheu os ombros.

- Simon me disse que ia ver a Louisa e me pediu conselho sobre que presente podia comprar.

- E por que não me comentou isso?

Cicely desviou a vista e começou a alisar o vestido.

- Disse que preferia não provocá-la, com esse mau humor que apresenta ultimamente.

- Bom, possivelmente foi vê-la, mas isso não significa que lhe tenham permitido vê-la.

- Pois acredito que sim, porque quando retornou me comentou que o presente foi um êxito.

- Ah. - Recostando-se na cadeira, Regina fixou os olhos em um ponto da parede, com ar ausente.

Quando Marcus partiu furioso de sua casa, havia dito que atalharia o cortejo entre o Simon e Louisa, mas em troca não o tinha feito. O que significava isso?

- O que estão fazendo aqui, a estas horas? - inquiriu uma voz da porta da sala de música. - São quase cinco.

Regina deu um pulo, levantou a cabeça e avistou a seu irmão.Sem lhe fazer caso, retomou sua prática com a harpa.

- Olá, Simon - o saudou Cicely.

Ele não respondeu. Olhou com escasso interesse a sua prima e depois fixou os olhos em Regina.

- Não vai à festa no Almack"s esta noite?

- Não, não estou de humor.

- Não está de humor - repetiu Cicely com afetação.

- Obrigada, Cicely, não é preciso que repita o que diz minha irmã; já a ouvi. - Entrou na sala e se dirigiu para a Regina. - Que estranho, você nunca perde as festas do Almack"S. O que acontece?

Os dedos da Regina brincaram nervosamente com as cordas do instrumento.

- Nada, simplesmente que hoje não quero ir. Não é um assunto de sua incumbência.

- A mim não dirija com esse tom, vale? Eu não lhe fiz nada.

"Ah. Graças a você me meti na guarida do dragão de onde saí bem escaldada."

Realmente não podia lhe jogar a culpa por isso.

- Sinto muito. Hoje não tenho vontade de ir; isso é tudo.

O mero pensamento de ter que contar as mesmas tolices por milésima vez a toda essa gente que só se preocupava com a aparência e pelas últimas intrigas não lhe parecia uma idéia tão interessante como de costume.

Simon retirou a harpa, e ela ficou com os dedos no ar.

- Simon! - protestou ao mesmo tempo em que tentava recuperar o instrumento.

Mas seu irmão afastou a harpa ainda mais.

- Tem que ir. Eu irei com Louisa.

- Como? Mas se você odeia essas festas.

- Sei, mas recebeu seu convite e morre de vontade por ir, assim que você e Cicely têm que vir como acompanhantes. Lady Iversley está doente, provavelmente com mesmo resfriado que manteve a Louisa em cama durante vários dias. Mas Draker disse

que aceitava que eu a acompanhasse se vocês duas também viessem.

O coração da Regina começou a pulsar com mais força.

- Lorde Draker estava em casa dos Iversley?

- Pois claro.Estava-se comportando como de costume, muito rude, insistindo em

que Louisa só poderia ir se você também fosse, mas isso não deveria surpreendê-la. É parte de seu contrato com ele, não?

"Já não", disse-se com tristeza. por que Marcus não o tinha contado? Acaso tinha mudado de parecer sobre a Louisa e Simon? E se fosse assim, o que significava isso? Tinha renunciado a lutar contra ela?

Impossível. Esse homem era muito cabeçudo para fazer algo similar. Mas fosse qual fosse a razão que Marcus albergasse para recorrer a essa nova tática, não lhe ocorria do que podia tratar-se.

- E lorde Draker tem a intenção de ir ao clube Almack"s, também? - perguntou, tentando conter seu iminente interesse. - falou que não tinha convite.

- Suponho que é certo. E tampouco mencionou que iria, assim provavelmente não, não irá.

Agora estava absolutamente desconcertada. Se não pensava ir, então isso significava que estava confiando a custódia da Louisa a ela e ao Cicely e ao Simon. Mas esse indivíduo não confiava em nenhum deles para vigiar a sua irmã. O que estava tramando?

- Mas me perguntou por você - acrescentou Simon . - Me disse que tinha estado muito ocupado no Castlemaine e que por isso não tinha podido vir à cidade durante os últimos dias.

- Ah - murmurou ela sem grande entusiasmo. Sim, claro, compreendia-o perfeitamente. Marcus tinha decidido não lhe fazer caso durante uns dias. Esse mentecapto se negava a agir do modo que lhe pedia, e provavelmente pensava que poderia acalmá-la com esse gesto. Possivelmente tinha pensado que uns dias separados suavizariam seu temperamento.

Besta arrogante.

- Assim não tem desculpa para não vir conosco esta noite - continuou Simon. - Pode desfrutar muito sem que Draker lhe estrague a festa.

- Parece-me uma proposta muito atraente, mas de verdade, não estou de humor para agüentar as perguntas e os comentários perniciosos das pessoas sobre ele. Além disso, não necessita que vá. Com a Cicely como aço não.

- Disse que tinha que vir.

- Olhe, ele já sabe o que tem que fazer para ganhar minha confiança de novo.

Depois de tal revelação, Regina percebeu que tinha falado mais da conta.

Levantou-se para recuperar a harpa, e Simon a olhou fixamente.

- Assim na ópera aconteceu algo grave entre você e Draker.

Ela abraçou a harpa com ar contrariado.

- Não sei a que se refere.

Simon desviou os olhos para Cicely, que estava seguindo a conversa dos dois irmãos com suma atenção.

- Cicely, por favor, importaria-se de ir vestir-se para ir ao Almack"s ? Regina subirá em um momento.

- Não penso ir - protestou Regina, mas sua prima já se levantara e se dirigia para a porta. Jamais desobedecia a uma ordem direta.

Tão logo teve desaparecido, Simon se plantou diante da Regina.

- Hoje vi ao Whitmore.

O alarme se expandiu pelo rosto de sua irmã.

- Ah, sim? - disse, tentando forçar a voz para soar calma.

- Reprovou-me por permitir que um indivíduo como Draker saísse com você. Expliquei-lhe sobre nossa aposta.

- Fez o que? - gritou ela, lhe lançando um olhar assassino. - Não tinha nenhum direito a fazer isso!

- Estava lhe fazendo um favor. Henry quer casar-se consigo, e não queria estragar suas oportunidades lhe fazendo pensar que está considerando seriamente se casar com o Draker.

- Para sua informação, Henry já me pediu duas vezes que me case com ele, e em ambas as ocasiões rechacei sua oferta.

- Ah. - Simon a surpreendeu quando pôs-se a rir. - Não posso dizer que o lamente. Esse menino, mais tolo e não nasce; mas como em geral prefere a meninos tolos...

- Isso não é verdade. - Regina ficou escarlate. Como era possível que seu irmão a conhecesse tão pouco?

Embora, pensando-o bem, tampouco tinham compartilhado muito tempo juntos. Quando foi suficientemente mais velha para conhecê-lo melhor, Simon partiu para estudar em Eton, e quando retornou se uniu à camarilha do príncipe, com quem passava

virtualmente todas as horas. Inclusive quando seu pai morrera uns anos antes, e Simon se convertera na cabeça de família, assumiu que ela era capaz de arrumar-se

sozinha, assim jamais se intrometia em seus assuntos. Bom, até há pouco tempo.

- De qualquer modo - prosseguiu Simon, - Whitmore fez uns comentários vagos alegando que Draker não era um cavalheiro digno de você. Mas quando o apressei, não quis me dar mais detalhes.

"Uf! Graças a Deus."

- Ora! Simplesmente está com ciúme.

Simon arqueou uma sobrancelha.

- Também perguntei a Cicely a respeito, e me respondeu que não sabe o que é que aconteceu.

Ou mente ou verdadeiramente não sabe, e posto que Cicely nunca me mentiu, devo assumir que não sabe nada. Assim, só fica uma opção: que você mesma me conte o que aconteceu na ópera.

Regina desviou a vista e se agarrou à harpa com mais força.

- Henry insultou a lorde Draker, e o visconde atuou com sua rudeza habitual. Isso é tudo o que aconteceu.

- Duvido-o. - Simon se aproximou mais de sua irmã e depositou a mão na harpa, quase roçando os braços da Regina. - Como Whitmore estará esta noite no Almack"s, possivelmente deveria falar com ele outra vez.

Talvez mostre mais vontade de me contar o que aconteceu se ofereço algum incentivo, como por exemplo, se lhe prometer que o apoiarei em seu esforço de obter sua mão.

Regina voltou a fulminá-lo com o olhar, mas os glaciais olhos azuis de seu irmão a fizeram estremecer.

- Não será capaz de fazer algo assim. Mas se acaba de dizer que é um idiota completo.

- Ah, mas quem sabe o que posso chegar a dizer se estiver sozinho. Se você, Cicely e Louisa não estiverem no Almack"s para me distrair não terei nada melhor que fazer do que falar com o Henry.

Regina o olhava sem dar crédito ao que ouvia. Isso era uma suja chantagem, embora muito efetiva, por certo. Não estava de todo segura se as ameaças diretas do Marcus manteriam a boca de seu ciumento primo fechada, sem ventilar suas

desagradáveis suspeitas, se pensasse que com isso poderia tirar algum proveito.

- De acordo. Irei ao Almack"s mas não posso lhe prometer que seja uma boa

companhia esta noite.

Simon encolheu os ombros.

- Dá-me igual se for ou não uma boa companhia. Só quero que vá.

Em seguida, deu meia volta e se dirigiu para a porta com o habitual porte seguro que adotava depois de conseguir o que queria. Regina não se pôde conter e recorreu ao gesto infantil de lhe mostrar a língua.

Maldito fosse seu irmão. E maldito fosse Marcus, também, por pô-la em tal apuro. Não podia deixar que Simon descobrisse a verdade sobre o encontro entre o Marcus e Henry. Certamente ficaria feito uma verdadeira fúria.

Mas umas horas mais tarde, quando ela e o resto da comitiva se aproximaram da magnífica escadaria do vestíbulo abarrotado de gente do seleto clube arrependeu-se de haver-se deixado convencer para que fosse à festa. Que diabo lhe passava?

Lhe encantavam esses eventos. Sentia-se a gosto com a música, o baile e as conversas, e gostava de observar o que cada assistente vestia.

Se nos últimos anos se mostrava um pouco enfastiada de tudo isso era só porque agora lhe preocupava mais a questão de com quem ia se casar Simon, quem seria a mulher com a que Regina deveria compartilhar a casa dos Foxmoor.Portanto, não tinha nada que ver com que já não lhe atraíram essas festas. Não, era algo diferente.

Então, por que seu estado de ânimo fraquejou quando avistou a ampla sala de baile com suas seis grandes janelas que se erigiam como sentinelas tristes sobre a multidão? por que lhe parecia que essa noite inclusive a orquestra soava com menos força do Que o habitual? absurdo; negava-se a permitir que Simon ou Marcus ou Henry ou qualquer outro homem lhe complicassem a existência e destruíssem sua ilusão por dançar, por passar bem.

Essa noite pensava dançar até que os pés lhe fizessem tanto dano que não pudesse dar um passo mais.

Dançou com o senhor Markham, ao que todo mundo considerava um sujeito muito inteligente, mas não prestou atenção a seus comentários loquazes. Dançou com lorde Brackley, embora não foi capaz de seguir seus passos tão intrincados, e isso porque geralmente o conseguia.

Tinha transcorrido uma hora interminável quando o eloqüente lorde Peter Wilkins a tirou para dançar.

Graças a Deus se tratava de um real, um baile de ritmo rápido que não lhes

permitia trocar muitas palavras. Se ouvisse mais um desses ridículos cumprimentos em boca de outro cavalheiro efusivo com vontade de impressioná-la, não se poderia conter e enviaria o indivíduo a passear, fosse quem fosse.

Aonde tinham ido parar as conversas interessantes?, a honestidade franco e direta? E por que de repente lhe incomodava tanto essa questão?

- Não imagina quem acaba de chegar - murmurou lorde Peter ao mesmo tempo em que ocupavam seu posto e aguardavam que começasse a música.

- Quem? - perguntou ela, embora duvidasse que fosse alguém que lhe importasse.

- Seu último pretendente. Draker.

Regina ficou gelada. Não era possível. Louisa não lhe havia dito nada, e às organizadoras do evento jamais teriam ocorrido lhe enviar um convite, embora ele se atreveu a pedi-la.

Mas, além disso, Marcus estava tão louco para atrever-se a ir ao Almack"s? Superou o medo de virar-se, lentamente se voltou e olhou para a porta; o coração pulsava a mil por hora. Então acreditou que ia cortar a respiração. Porque o homem que abria passagem na sala de baile não era o lorde Draker que conhecia.

Esse sujeito era o filho de um príncipe, com uma graciosa forma de andar e uma aparência impecável.

Vestia à última moda, e sua juba desalinhada já não existia, agora exibia um cabelo curto, penteado em ondas para trás que destacavam os contornos de seu rosto completamente barbeado.

Seu pulso se acelerou até um ritmo trepidante. barbeou-se, trazia roupa nova, e de algum modo milagroso tinha conseguido um passe para entrar no Almack"S.

Tinha-o feito por ela? Por isso lhe tinha solicitado? Ou por outra razão que não conseguia ver?

Sentiu um pânico instantâneo ao pensar que o tinha feito por ela, depois de que previamente a tivesse decepcionado em repetidas ocasiões.

E entretanto... Se barbeou, tal como lhe tinha pedido. Isso tinha que significar algo.

Especialmente tendo em conta que a enorme cicatriz que lhe atravessava a face direita era tão visível como lhe tinha assegurado. O estranho era que deslizava em uma linha perfeitamente reta nada parecido à cicatriz dentada que ela esperava por causa de uma estrondosa queda de cavalo. Além disso era longa, prolongava-se da curva

superior de sua face até o extremo de seu queixo.

Que Marcus se atreveu a expor a cicatriz que nenhuma dama devia ver provocou que seu coração se acelerasse ainda mais.

E isso não era a única coisa que a alterava de tal modo. Se não fosse pela cicatriz, esse homem seria espetacularmente belo, especialmente vestido com essa roupagem tão elegante. Não lhe cabia dúvida de que o nó da gravata o tinha realizado umas mãos peritas, e esse casaco de seda de cor marfim lhe sentava maravilhosamente; só o reputado alfaiate do Beau Brummell podia ter confeccionado uma peça tão singular.

E céus! Essas calças ajustadas aos joelhos ficavam perfeitas! Regina conteve a respiração. Supunha que o visconde tinha umas pernas esbeltas, mas com as calças velhas e deformadas que estava acostumado a usar não era possível estar certa disso.

Agora sabia que tinha razão, porque esses músculos robustos e escuros em suas panturrilha se exibiam sem temor, provocando um efeito espetacular nas meias e as calças ajustadas.

De repente, lembrou-se da incrível sensação que havia sentido quando esfregou sua parte mais íntima com essas coxas firmes, hercúleos.

Reprovando-se a si mesma por esses pensamentos tão obscenos, levantou rapidamente a vista e se encontrou com os olhos do Marcus, que a olhavam fixamente. Certamente devia pensar que era tola, repassando-o com tanto descaramento de cima abaixo boquiaberta, como o resto dos idiotas ao redor dela.

O ambiente era evidentemente tenso, mas antes que Regina pudesse fazer nada mais que obsequiar ao Marcus com um leve sorriso, a música arrancou com força, e se viu obrigada a iniciar a dança.

Era-lhe impossível concentrar-se. Era difícil prestar atenção aos passos quando seu interior ardia com um montão de perguntas sem resposta. Como tinha conseguido entrar no clube? Por que tinha vindo? Tinha-o feito por ela?

Não podia remediá-lo; a vista ia para ele com mais freqüência do que desejava. Agora Marcus estava falando com sua irmã e com o Simon. Quando terminou de dançar com lorde Peter, viu que Marcus tirava a Louisa a dançar ao mesmo tempo em que ela se via arrastada novamente à pista por um jovem aborrecido a quem tinha prometido uma dança a princípio da noite.

Seguiram outras duas danças mais aborrecidas, com dois jovens também aborrecidos, enquanto Marcus dançava com o Cicely e depois com uma viúva que tinha

fama de contar com numerosos amantes.

Antes, Regina tinha pensado que essa mulher era interessante, mas agora se deu conta de que era realmente formosa.

Regina sentiu como lhe fervia o sangue quando viu que a viúva flertava e sorria e parecia estar desfrutando muito com a companhia de lorde Draker. A aparição dos Iversley momentos depois acabou por encher o copo. Assim Marcus não confiava nela para fazer de acompanhante da Louisa. Só o havia dito para que fosse ao baile e fosse testemunha de sua espetacular apresentação em cena.

Assim que essa era o estratagema, não? Marcus ansiava lhe demonstrar que se queria podia exibir-se no Almack"s como um Adônis e conseguir que todas as damas suspirassem por ele.

De acordo. Deixaria que se divertisse, mas não lhe daria a satisfação de lhe demonstrar que lhe importava. Porque não era certo. Não, não. Ao inimigo, nem caso. Regina estava tão ocupada por demonstrar que não lhe importava o que fizesse Marcus que quando chegou a hora da valsa se deu conta de que não tinha com quem dançar. Mas então apareceu ele, um pedaço de homem de quase dois metros de altura, esquisitamente polido e elegantemente vestido. Nesse momento lhe começaram a tremer as pernas e pensou que ia desmaiar. Maldito fosse esse homem.

Sua agitação aumentou quando ele fez uma reverência e disse:

- Se estiver livre, eu gostaria que me concedesse sua próxima dança.

Uma petição expressa com toda cortesia. Acaso não iriam cessar os milagres? Ela unicamente conseguiu assentir com a cabeça.

No momento em que encontraram um espaço livre na pista, o pulso da Regina ficou a pulsar a um ritmo tão frenético que temeu por sua saúde. Era a primeira vez que dançava com ele, apesar de lhe haver permitido que se tomasse com ela outras liberdades mais escandalosas.

Um delicioso comichão lhe percorreu as costas quando ele a olhou e cobriu sua mão enluvada com a sua. Com a outra mão, agarrou-a pela cintura, mantendo a distância adequada entre seus corpos, tal como exigia o decoro. No momento em que se atreveu a olhá-lo diretamente nos olhos, descobriu que ele a estava observando com um olhar que não encobria nem o mínimo desejo de possuí-la.

O comichão que sentia cessou imediatamente, e todas suas perguntas se amontoaram em sua boca com a clara intenção de explodir.

- O que...Como conseguiu...Quando se há...?

- Não me diga que por fim consegui deixar a Belle me Dê, sem fala - disse, e um leve sorriso se desenhou em seus lábios, que agora pareciam mais sensuais sem a sombra do enorme bigode. - Não achei que isso fosse possível.

O rubor se apoderou das faces de Regina, e em seguida levantou o queixo de forma altiva.

- Pensei que tinha se convertido em um cavalheiro, mas já vejo que de novo se inclina pelos insultos.

- Brincadeiras, não insultos. - Seu sorriso se tornou mais amplo. - Disse que queria que me comportasse como um cavalheiro; não disse nada sobre agir de forma aborrecida.

Como se ele pudesse ser aborrecido.

A música começou, e Marcus a arrastou pela pista com a graça de um perito. Outra surpresa.

Regina podia entender que fosse hábil com as danças mais simples e conhecidas, mas a valsa tinha irrompido na Inglaterra fazia pouco. Inclusive nem todos os assistentes às festas no Almack"s o dançavam com mestria.

- Onde aprendeu a dançar a valsa?No Castlemaine? - perguntou-lhe enquanto ele a fazia girar pela pista com desenvoltura.

- Quem acha que era o companheiro de Louisa em suas aulas de dança? - A seguir franziu o cenho e olhou à multidão que os rodeava. - Embora deva confessar que jamais tinha visto tão pouco espaço disponível para dançar.

Só então ela se deu conta de que a multidão se foi aproximando do casal cada vez mais, para escutar do que estavam falando A Belle me Dê e o visconde Dragão, agora que ele tinha decidido apresentar-se como um verdadeiro conde.

- Parece que todo mundo sente curiosidade por você - apontou ela. - E não são os únicos. Morro de vontade de saber o que está fazendo aqui.

O sorriso dos lábios do Marcus se apagou.

- Achava que não deixariam entrar em um tipo incompetente como eu não é certo?

Regina se sobressaltou ante tal asseveração, porque era precisamente o pensamento que tinha tido.

- Pensei que não seria capaz de se atrever a vir. Não me diga que se rebaixou para

solicitar um convite a "esse pando de abutres", tal como você lhes chamou.

- Não. Outro homem se encarregou de solicitá-lo em meu nome, um homem a quem não deixariam atravessar estes muros. Felizmente, meu título e nome bastaram para obter um passe para convidados. Deixaram-me entrar como convidado da Louisa.

O que significava que tinha tido que se apresentar ante as organizadoras da festa para obter seu visto bom. De novo, seu coração começou a pulsar desenfreadamente. Não devia ter sido nada fácil para ele. Que conclusão podia tirar de tudo isso?

- Isso explica como chegou até aqui, mas não o porquê.

- Sabe perfeitamente o motivo. Desafiou-me de um modo que não podia ignorar.

- Que desafio? - perguntou, tentando fazer-se desentendida.

- Demonstrar-lhe que não sou um idiota incapaz de comportar-se como é devido em sociedade.

Marcus inclinou a cabeça para indicar um casal próximo que lhes estavam lançando olhares nada sutis. - Não é que me importe, mas tal como lhe disse embora me vista de seda da cabeça aos pés a pessoas continuarão me olhando com desdém.

- Volta a olhar - o animou ela com suavidade. - Verá que não há nenhum pingo de repulsa em seus rostos.

Ele olhou ao casal fixamente, e o mesmo fez Regina. Certo, em seus rostos se vislumbrava uma grande dose de curiosidade, mas nada mais, como no resto dos rostos dos ali presentes. Só os que já o conheciam, e que tinham sido vítimas de seus

insultos, olhavam-no com desagrado, e inclusive com eles havia mais curiosidade e incredulidade que desprezo.

Marcus voltou a cravar a vista nos olhos da Regina, e sua boca se esticou até formar uma linha muito fina.

- Olham minha cicatriz.

Regina duvidou uns instantes. Se tentava desmerecer a importância dessa cicatriz, ele não acreditaria, assim era melhor ser honesta.

- Claro, é impressionante.

- Pois eu não a haveria descrito desse modo - respondeu ele.

- Isso é porque você já está acostumado, mas o resto de nós não. - Regina cravou a vista na cicatriz. - Por isso não podemos evitar olhá-la. É como uma marca que distingue a um puro sangue do montão de pangarés. Diferencia-o do resto.

Marcus agarrou sua mão com mais força.

- Uma marca? Interessante escolha de palavras.

Ela continuou observando a cicatriz impúdicamente.

- Parece-se muito a uma queimadura severa que vi uma vez. ouvi que é a lembrança que ficou de uma terrível queda de cavalo, mas o certo é que por sua forma não parece que seja fruto de um acidente.

A julgar pela postura rígida do Marcus, tinha atingido o alvo.

- E como pode saber que aspecto tem uma cicatriz que deriva de uma queda de cavalo?

- Às vezes trabalho de voluntária no hospital da Chelsea. Vi suficientes feridas para saber a diferença que há entre uma queimadura e a classe de cicatriz que fica na pele depois de uma queda.

- Você? Voluntária em um hospital? - exclamou com tom cético.

- Cuidado - avisou ela . - Está se aproximando perigosamente da franja de descortesia, e até agora o estava fazendo muito bem.

Marcus se mostrou ofendido ante o deliberado esforço de Regina por provocá-lo, e ela esperou a inevitável resposta ácida de seu interlocutor.

Mas não aconteceu nada.Limitou-se a respirar profundamente, como se se preparasse para uma missão onerosa e acrescentou:

- Será melhor que mudemos de assunto.

Regina se sentiu aliviada e sorriu para demonstrar sua grata surpresa.

- Sim, tem razão.

Mas o certo era que teria preferido continuar com o assunto. Não lhe tinha esclarecido como fizera essa cicatriz. Tratava-se de uma queimadura, estava convencida, mas como se pôde queimar de forma tão terrível só nesse lado do rosto e em nenhum lugar mais?

- Assim, tem a intenção de deixar que Louisa e Simon prossigam com seu namoro? - perguntou-lhe com interesse.

- Desde que você me permita que continue cortejando-a. Acredito que te demonstrei que posso ser um cavalheiro, para satisfazer seus gostos tão refinados.

Regina arqueou uma sobrancelha.

- Ainda não. Vestir bem e dançar uma valsa sem me insultar não é de todo suficiente.

- Então terei que me esmerar mais, não? - Declarou ao mesmo tempo em que lhe

acariciava a cintura com a mão, com o que conseguiu que o coração da Regina voltasse a disparar. - E possivelmente mais tarde, você possa me recompensar por meus esforços.

- A virtude leva consigo sua própria recompensa - recitou polidamente.

Marcus se pôs a rir, e essa risada penetrante estimulou um nó de desejo no estômago da Regina.

- Não estamos falando de virtude, querida. Estamos falando dos requisitos sem sentido que vocês as mulheres impõem aos homens para que nos convertamos nos acompanhantes ideais. E se seguir tais requisitos, espero algo em troca. - inclinou-se para ela. - Suponho que já me entende.

Essa declaração fez que seu pulso se acelerasse ao galope.

- O que entendo é que é um impertinente.

Marcus esgrimiu uma careta zombadora.

- Pois achava que de vez em quando você gostava das rabugices no lugar apropriado, é claro - respondeu ele com os olhos acesos.

Regina engoliu em seco e baixou a vista até a imaculada gravata. Sabia que não devia lhe dar adulação, mas as cinco noites sonhando com cada uma das carícias dessa boca, essa língua e essas mãos presunçosas lhe tinham avivado mais o apetite.

Desejava mais beijos, mais carícias. Mais excessos obscenos.

Marcus a agarrou com mais força e a atraiu para si. O aroma de sabão perfumado começou a embriagá-la, e o enorme tamanho desse homem acabou de seduzi-la; fazia com que se sentisse segura, protegida, desejada. Perigosamente desejada.

- Não deveríamos dançar tão juntos.

- Provavelmente não - murmurou ele.

- As pessoas começarão a fofocar.

- Pois deixa-os que o façam.

Graças a Deus a valsa terminou antes que Marcus a reduzisse a uma simples bonequinha entre seus braços. Mas suas palavras ficaram flutuando no ar enquanto ele a levava fora da pista, sem afastar sua mão enluvada, cálida e possessiva, da dela:

"Possivelmente mais tarde, você possa me recompensar por meus esforços". Regina começou a excitar-se em apenas pensar na idéia.

E provavelmente por esse motivo não se deu conta de que lady Hungate se aproximava deles até que essa fastidiosa mulher se jogou quase em cima.

A marquesa observou ao Marcus através do monóculo.

- Cavalheiro, não sei o que deviam estar pensando as organizadoras da festa para lhe permitir entrar no Almack"S.

Regina ficou tensa.

- Poderia dizer o mesmo sobre você senhora - lhe respondeu Marcus, mas justo no instante em que lady Hungate começava a enrugar o nariz e se preparava para responder, ele acrescentou: - Ambos somos muito inteligentes para a média de pessoas que vem a este clube. Graças a Deus sabemos seduzi-las com nossos outros encantos e não se dão conta disso.

Regina conteve a respiração ao mesmo tempo em que contemplava maravilhada como o rosto de lady Hungate exibia um amontoado de emoções, primeiro de incredulidade, logo depois de receio. Mas como lady Hungate sempre se gabava de sua inteligência,

seu rosto terminou mostrando um esplêndido sorriso de satisfação.

- Assim já não deseja me desprezar, lorde Draker?

Regina voltou a conter a respiração.

Marcus desceu a voz até um sussurro grave.

- Acaso não ouviu os rumores que circulam sobre mim? Sempre gosto de fustigar às belas damas. Mas só em minha masmorra, e só para nosso gozo mútuo.

Meu deus. Gozo mútuo ante tal atitude? Bebeu-se o juízo, esse homem? Mas para surpresa da Regina, a marquesa se limitou a abrir o leque e começou a dar-se violentamente. Depois lançou a Regina um olhar penetrante e proclamou:

- Tome cuidado, senhorita. Não estou segura de que esteja preparada para os gostos tão sofisticados deste cavalheiro.

Lady Hungate lançou ao Marcus um sorriso charmoso e se esfumou da cena como uma menina de quinze anos, tímida e graciosa ao mesmo tempo. Regina suspirou aliviada.

- Não posso acreditar no que lhe disse. E tampouco entendo como essa mulher não lhe cortou a cabeça aqui mesmo.

- Eu tampouco o entendo - admitiu pensativo, - mas uma vez me aconselhou que usasse os rumores para minha própria conveniência. E não posso negar que alguma vez tenha usado a palavra fustigar.

- Tiveste muita sorte de que reagisse tão bem ante suas... Insinuações ridículas.

Marcus soltou uma gargalhada.

- A sorte não interveio para nada. Lady Hungate e minha mãe foram boas amigas faz tempo; ambas professavam um gosto para as ações obscenas e perversas. Quando lady Hungate era jovem, se murmurava que tinha um amante com, digamos, gostos especiais.

- Mas certamente uma mulher não poderia... Não seria...

- Capaz de desfrutar com tais entendimentos? Algumas mulheres sim, embora não chego a imaginar o porquê.

- Mas lady Hungate?

- Por que acha que me ocorreu mencionar a palavra fustigar? - Disse-lhe piscando um olho. Marcus tinha senso de humor! - Antes de me exilar voluntariamente ao Castlemaine, vivi intensamente, sabe?

E, além disso, minha mãe era uma fofoqueira empedernida.

- Igual à minha, mas... Mas...

- Acaso acha que uma mãe contaria a sua filha inocente essas coisas indecentes? Não. Mas isso não significa que não existam.

Ela o olhou com novos olhos. Marcus não estava tão fora da sociedade como ela pensava. Propunha-se, sabia e podia dirigir-se a gosto em meio dessa matilha.

- Tinha razão. Não é certo? - sentenciou Regina.

- Sobre o que?

- Que estava se comportando de um modo impróprio para afastar ao Simon da Louisa. A corte comigo era só uma tática para provocar sua separação, para destroçar sua corte.

Ele analisou seu rosto atentamente.

- Digamos que não vi a necessidade de me esforçar muito.

Embora finalmente estivesse se justificando sobre seus propósitos, não pôde continuar por essa via quando lhe perguntou:

- E é o mesmo que está fazendo agora?

Marcus sorriu e cobriu a mão da Regina com a sua.

- Já deveria saber a resposta a tal questão. Que homem foi capaz de permanecer imune ante seus encantos?

Essas palavras recordaram a Regina a adulação hipócrita de lady Hungate que acabava de presenciar. Não estava segura de se gostava dessa versão tão pouco sincera

do Marcus.

- Não insulte minha inteligência. Sei perfeitamente que sua intenção não foi jamais que o nosso seja um cortejo real.

- É sua intenção? - recriminou-lhe ele, olhando-a com severidade, abrasando-a com os olhos - Se quer obter a verdade, senhorita, possivelmente deveria ser também sincera. Sua única razão para aceitar a esta corte foi ajudar a seu irmão.

E me parece que forma parte de seu plano para levar a Louisa até o campo de influência do príncipe.

- Louisa é minha amiga. Jamais trairia tal amizade - respondeu ela, elevando o queixo com altivez. - E se esse fosse meu objetivo, jamais teria permitido que me beijasse.

- Fez isso para satisfazer seus gostos perigosos que lhe impulsionam para a aventura.

- Não é certo. Não foi o único motivo pelo que deixei que me beijasse - sussurrou ela.

Os dedos do Marcus se crisparam dolorosamente sobre a delicada mão da Regina.

- Ah, não?

Apesar de que notava como lhe ardiam as faces, ela se forçou para olhá-lo nos olhos.

- Não.

Parecia que Marcus queria acrescentar algo mais, mas então se apresentou Cicely e se esmerou por cumprir seu papel de acompanhante.

A Regina ficou um mau gosto na boca. Como tinha sido tão insensata para admitir o efeito que lhe provocava? Não deveria lhe dar motivos para fazê-lo acreditar que se desfazia por suas atenções. Uma coisa era quando pensava que ele tentava lhe

fazer a corte para zangá-la a ela e ao Simon. Mas se sua mudança milagrosa se devia a seu desejo por agradá-la, se realmente pretendia cortejá-la, se imaginou a si mesma como sua esposa. Na cidade assistiriam à ópera e ao teatro, beijariam-se nos camarotes, e se acariciariam com ternura na carruagem. Fora da cidade, ela seria a proprietária e senhora da mansão do Marcus, jantaria com ele, dirigiria ao pessoal, levaria as contas do imóvel com a ajuda de seu assistente.

Não, impossível. Jamais poderia interpretar nem ler as contas. Seu ânimo se veio abaixo. Que fantasia tão vã. Nunca poderia casar-se com ele. O que aconteceria com

seus descendentes? Embora não se vissem afligidos pela mesma aflição dela,

como poderia suportar a humilhação de não lhes poder ler um conto de noite, ou que pensassem que sua mãe era uma néscia? Ou inclusive que ele chegasse a considerá-la uma néscia?

Jamais se poderia casar nem com o Marcus nem com ninguém. Mas pela primeira vez em sua vida, ansiou podê-lo fazer.

Capítulo treze.

"Nada mais infalível para conseguir que uma jovem dama se comporte devidamente com um jovem cavalheiro que a ameaça de um irmão que fale mais da conta."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

"Não foi o único motivo pelo que deixei que me beijasse."

A frase ressoou na cabeça do Marcus durante muito tempo. Tinha vindo demonstrar de uma vez por todas que os amigos da Regina eram muito desumanos para a Louisa; agora todo seu plano se foi ao traste. Inicialmente, tinha recebido as mesmas olhadas depreciativas, os comentários desagradáveis, e o trato cruel que sempre esperava obter quando aparecia em público, mas rapidamente todos esses contratempos se desvaneceram no ar. Agora se dava conta de que os assistentes o olhavam com curiosidade diferente, como lhe dando a entender que estava em todo seu direito de querer pertencer a essa sociedade distinta.

No centro do embrulho estava Regina, com seu vestido de seda azul e sapatos brancos. Por uma vez, tinha adornado seu cabelo dourado com flores em lugar de com um chapéu. Brilhava como uma manhã cálida da primavera e seu comportamento em público para ele encaixava perfeitamente com sua aparência.

Tinha estado observando-o com atenção, na pista de dança e na sala dos refrigérios. A distância e quando tinha estado a seu lado, de onde não se moveu desde que tinham terminado de dançar a valsa.

Rodeavam-na a multidão usual de admiradores, tão masculinos como femininos, mas, entretanto,ele era o único ao que lhe dedicava seus sorrisos, ele era o único com

o que ela conversava quase todo o tempo.

Marcus não sabia o que pensar. Equivocou-se, não só com ela, mas também com o resto dessa turma? Era inclusive possível que se equivocasse com o Foxmoor e Louisa?

Não, não podia acreditar. Aceitava que Regina não estivesse implicada no plano do Foxmoor, mas se negava a admitir que o plano do Foxmoor fosse fruto de sua imaginação.

- O que opina sobre a guerra, lorde Draker? - perguntou-lhe Regina. - Acredita que Napoleão foi derrotado por fim?

Ele enfocou novamente sua atenção para a conversa entre a Regina e um grupo de amigos que pareciam estar surpreendentemente contentes de poder compartilhar o mesmo grupo que ele.

Seu primeiro impulso foi admitir que a guerra lhe importava um pepino, mas começava a acostumar-se a evitar essas respostas tão pouco cavalheirescas.

- Bonaparte não conseguirá escapar da Elba com uma falange de soldados ingleses vigiando-o.

- Especialmente se os soldados ingleses são tão monumentais como você - apontou uma jovem com um marcado sotaque espanhol, a prima de outra dessas mulheres. Quando ele a olhou, ela baixou os olhos timidamente. - E tão fortes.

Marcus piscou. Por todos os Santos, estava essa jovem flertando com ele? Mal podia recordar a última vez que isso tinha acontecido, se é que tinha acontecido alguma vez.

- Considero que um rifle Purdey seria mais útil para manter à distância Napoleão que o braço musculoso de um soldado inglês - resmungou ele, sentindo-se desconfortável ante tal adulação.

- Disparou alguma vez, Draker? - perguntou outra voz, nesta ocasião masculina. Depois de observar atentamente ao jovem, respondeu:

- Sim, alguma vez. Tenho que vigiar que a população de codornas não se aumente muito no Castlemaine ou se comeriam inclusive a lã de minhas ovelhas.

Para sua surpresa os ali presentes riram da brincadeira. Uma risada genuína. E isso sem se esforçar em ser engraçado.

- Que classe de arma utiliza? - perguntou outro cavalheiro não tão jovem. - James Purdey desenha rifles de muito boa qualidade, mas eu prefiro ao Manton. Seus rifles

disparam melhor.

- Viu o último desenho do Purdey? - replicou Marcus, sentindo-se cômodo com tal conversa. - Ouvi que é superior ao que está usando o exército.

Continuaram conversando sobre armas de fogo até que uma das damas perguntou:

- Foi assim como se fez essa cicatriz, lorde Draker? Com um rifle?

Ele ficou tenso, mas antes que pudesse pronunciar alguma só palavra, Regina respondeu por ele:

- A fez em uma queda de cavalo; nada incomum para um homem ativo como o visconde.

E dessa forma tão fácil, ela converteu um assunto que o tinha atemorizado durante toda sua vida em uma insígnia de honra. Regina mudou de assunto com sutileza, iniciando um debate sobre a ópera a que tinham assistido, e para seu assombro, ninguém pareceu alterar-se.

Marcus lançou a Regina um olhar de admiração. Ela não tinha expresso sua própria opinião sobre como fizera a cicatriz, uma versão que estava surpreendentemente perto da realidade. Por que não o tinha feito? Para protegê-lo de mais perguntas desrespeitosas?

A conversa continuou fluindo com suma calidez, e os olhos dela toparam com os dele, e seu terno olhar o deixou sem fôlego. Assim seria sua vida se se casasse com essa mulher. Ela o defenderia inclusive nas ocasiões em que ele não necessitasse que ninguém o defendesse. Iriam juntos a todos os eventos sociais, ela dançaria com ele sempre que ele quisesse, e de noite jantariam juntos compartilhariam a cama. E todo o resto, também.

Uma estranha sensação o invadiu da cabeça aos pés. Era possível formar parte desse mundo, deste mundo? Podia sonhar tendo um futuro real, uma esposa e uns filhos e também amigos? O que aconteceria se assumisse o lugar que lhe correspondia na sociedade e...?

Maldita fosse Regina por lhe inculcar tais pensamentos. A idéia estava condenada ao fracasso. Não funcionaria, como sempre. Mas, entretanto, não podia deixar de pensar nisso. Gozar de uma vida completa, além do Castlemaine, uma vida como qualquer outro indivíduo. Todos seus planos de usar a Regina para separar a Louisa e Simon se esfumavam quando pensava nessa possibilidade perigosamente tentadora.

"Calma", disse-se. Tais pensamentos eram claramente prematuros. A Belle me Dê tinha rechaçado a onze homens; por que ia aceitar ao décimo segundo?

E por que não? Ele era um bom partido. Seu título, sua riqueza e sua linhagem o convertiam em um personagem atraente para essa sociedade, se não fosse por sua falta de cavalheirismo. Agora que suas maneiras estavam melhorando, as coisas podiam ser diferentes.

No melhor dos casos era possível. Regina gostava de seus beijos, ao menos isso era o que lhe parecia. E podia lhe oferecer todo o bem-estar que desejasse, se ela aceitasse viver longe da cidade durante uma parte do ano. Certamente se teria que esforçar mais para que ela quisesse estar com ele todo o tempo.

Dar-lhe um ou dois filhos, e com isso estaria irrevogavelmente atada a ele e ao Castlemaine.

"Isso não funcionou com minha mãe", recordou.

Não, mas sua mãe tinha sido tentada a pecar pelo próprio diabo. Se Regina acabasse sendo sua, manteria-a bem afastada desses ignominiosos demônios. Esforçou-se por concentrar a atenção de novo na conversa do grupo, que agora falava sobre as tarefas de reabilitação de uma propriedade de um dos cavalheiros ali presentes. Os comentários da Regina eram surpreendentemente ardilosos. Jamais teria imaginado que ela soubesse o que era um mirante, ou que tivesse uma opinião formada sobre como projetar beirais. Possivelmente seus interesses eram mais amplos do que ele tinha pensado.

- Soube que seu pai realizou uma renovação extensiva do Castlemaine faz alguns anos - disse um dos cavalheiros ao Marcus, para convidá-lo a entrar na conversa. - Conseguiu que as obras não se excedessem em demasia no tempo?

- Levou-lhe vários anos - respondeu Marcus . - De menino pensava que era normal ter a sala de refeições repleta de andaimes.

A moça espanhola, que agora estava ao lado da Regina, olhou-o com uma enorme curiosidade.

- Castlemaine é seu lar, lorde Draker?

Ele assentiu.

- É um castelo, não?

- Não, Silvia - disse sua prima, lady Amanda, em um tom superior. - Não acredito que seja um castelo. Ainda não passou suficiente tempo na Inglaterra para

compreender como funcionam as coisas aqui, mas tem que saber que há muitos lugares que contêm a palavra castle em seu nome mas que não têm nada que ver com castelos.

Quando a jovem se ruborizou, Marcus esgrimiu uma careta de nervosismo. Mas antes que pudesse pôr a lady Amanda em seu lugar, Regina sorriu a pobre estrangeira e esclareceu:

- Realmente tem você razão. É um castelo, que data de...Que século? - voltou-se para o Marcus. - De princípios do século XV?

- Mais ou menos. - Ele se relaxou, comovido não só pelo tato com que Regina se dirigiu a jovem, mas também por descobrir o interesse que demonstrava Regina em sua propriedade. Isso era um bom sinal, verdadeiramente um bom sinal.

Regina adotou um ar de mistério e continuou contando a Silvia:

- Inclusive tem uma masmorra.

- De verdade? - exclamou a garota, que a seguir cravou a vista no Marcus. - Uma masmorra de verdade?

O entusiasmo da jovem era pegajoso. Marcus sorriu.

- Pelo que me contaram, usaram-na como tal durante o reinado do Enrique VIII, mas depois unicamente serviu como armazém de carne ou de vinho ou de qualquer outra coisa que cada um dos progressivos donos tenham escolhido.

- E o que é o que guarda na masmorra, senhor? - perguntou lady Amanda, com um olhar tímido e ao mesmo tempo provocador.

Outra mulher que queria flertar com ele. Surpreendente.

Regina suspirou e precisou:

- Nada de seu interesse Amanda, estou certa.

Marcus a olhou boquiaberto. Não podia ser que estivesse ciumenta.

- Ah, não? - Lady Amanda reagiu altivamente. - Como pode sabê-lo? A menos que o tenha visto com seus olhos. Deve ter estado em sua propriedade, para saber tanto desse castelo.

Regina se ruborizou.

- Bom... Eu fui porquê...

- Seu irmão está apaixonado por minha irmã - interveio Marcus rapidamente. - Claro que visitaram Castlemaine.

Enquanto lady Amanda e o resto dos interlocutores trocaram olhares de

cumplicidade, Marcus decidiu que tinha chegado o momento de atalhar essa conversa tão perigosa.

- E agora, se nos desculparem, prometi a lady Regina próxima dança. Está preparada? - E em seguida lhe ofereceu o braço.

Ela aceitou com um sorriso agradecido, e o casal entrou na pista de baile. logo que estiveram fora do alcance do grupo, Regina murmurou:

- Obrigada.

- Tenho a impressão de que a lady Amanda adoraria humilhá-la.

- Amanda só está contente quando outros são desventurados.

- Ah, e essa é a classe de mulher a que considera amiga? - inquiriu ele ao mesmo tempo em que sacudia a cabeça em sinal de desaprovação.

- Essa é a classe de mulher a que considero uma malvada necessária - respondeu ela. - me Diga, passou bem com a conversa sobre rifles?

- Sim, suponho que sim.

- Um desses homens é o irmão da Amanda. É muito agradável. Eu gosto de falar com ele; mas para gozar de sua companhia às vezes não fica mais remédio que suportar a Amanda, e isso é o que faço.

- Pois não vejo o porquê . Não daria nem um só penny por nenhum desses indivíduos.

- Mas provavelmente haverá gente pela qual sim daria um penny, os Iversley, por exemplo. E, certamente, para gozar de sua companhia às vezes terá que suportar os seus amigos.

- Não tenho que suportar aos amigos dos Iversley para gozar de sua companhia. Embora o certo é que me sinto confortável com os poucos amigos que têm.

- Então possivelmente haja alguém mais que o interesse o suficiente para suportar a seus amigos. Seu irmão, por exemplo?

Marcus a olhou perplexo.

- Irmão?

- OH, vamos, não se faça de inocente comigo. Está claro que você e o senhor Byrne são amigos, e todo mundo sabe que são meio-irmãos.

- Pois o Príncipe de Gales não opina o mesmo.

- É verdade. Mas não é necessário que o príncipe reconheça ao senhor Byrne como filho para que a gente saiba. E o mesmo se passa com você. E aposto o que

quiser que se um dos dois fizesse o esforço por aproximar-se de Sua Alteza, trataria-os com a mesma generosidade com a que tratou a seus outros filhos naturais.

- Embora isso fosse certo, não acredito que nos oferecesse sua ajuda sem nenhuma condição. E não estou interessado em aceitar suas malditas condições.

Regina se deteve ante a mesa de refrigérios, virtualmente deserta. Enquanto lhe oferecia um copo, ela o observou com um porte tranqüilo, sincero e honesto.

- É esse o motivo pelo qual expulsou o príncipe de suas terras faz anos?

- Expulsei-o porquê converteu a minha mãe em uma puta.

- Como diz?

Podia ver claramente o que ela estava pensando: "São necessárias duas pessoas para obter uma puta". Marcus tinha tentado ignorar essa dolorosa verdade durante mais da metade de sua vida.

E não estava disposto a pensar nessa idéia agora. serviu-se de um copo de limonada a si mesmo.

- Não estávamos falando de minha mãe - grunhiu . - Estávamos falando do Byrne, e não vejo que relação tem com tudo isto. por que acha que ele e eu somos tão bons amigos?

Regina encolheu os ombros.

- Foi ele quem lhe conseguiu o passe para entrar. Todo mundo sabe que ele e determinada senhorita, que é uma das organizadoras, foram companheiros íntimos - apontou ela com naturalidade.

- Para ser só uma jovem dama, sabe muitas coisas.

Ela sorriu.

- Obrigado, tento me manter informada sobre os falatórios.

- por que motivo?

- Para distinguir a meus amigos de meus inimigos.

- Que mundo tão maravilhoso o que você habita, não? Que a obriga a tomar tais medidas preventivas - comentou ele levantando o copo para simular um brinde.

- E seu mundo é diferente? Desatende as intrigas sobre seus parceiros? Não sabe em quem pode confiar ou quem maltratou a sua família ou quem é muito orgulhoso para aceitar um pouco de caridade? Não se rege por esses conhecimentos?

Marcus tomou um gole de limonada.

- Não é o mesmo.

- por quê? Porque estes não são seus servos? Admite-o: seu mundo não é distinto ao meu. Contém coisas boas e más, coisas perigosas e benignas. E se uma pessoa sensata quer sobreviver em um desses mundos, tem que ser capaz de distinguir entre o bem e o mal.

Ele jamais o tinha considerado desde esse ponto de vista.

- Suponho que tem razão - confessou.

- Você converteu esse mundo em algo seu; compreende-o e se sente a gosto nele. Mas também poderia compreender o meu, se quisesse. De acordo, pertence ao seu, sabe e por isso o defende, mas não consigo entender por que luta tanto contra o meu.

- Porque jamais pertenci a seu ditoso mundo.

- Não, o que acontece é que nunca tentou pertencer.

- Jamais lhe vi nenhuma vantagem, e continuo sem vê-la.

- O matrimônio da Louisa não seria mais simples se pudesse estar perto dela para vigiá-la?

Marcus pigarreou com cepticismo.

- É muito esperta para seu próprio bem, sabia?

Lhe observou com um sorriso brilhante.

- Não, não até que me disse você.

Seu sorriso enganador fez em pedacinhos as correntes que se encarregavam de conter cativo o coração do Marcus, e se sentiu invadido por uma sensação de quietude, de uma doce calidez. Desejava a essa mulher. Não tinha sentido, e só Deus sabia a magnitude de tal insensatez, mas a queria. E não só para meter-se com ela na cama.

Desejava estar junto a ela no Castlemaine e, se fosse necessário, em uma casa em Londres. Ansiava tanto possuí-la que seu corpo se intumescia ante tal desejo. Recordava-lhe à mulher cheia de luz que Blake tinha imortalizado no quadro do dragão e que ele tinha em sua casa. Queria que sua luz brilhasse só para ele só para o dragão.

Mas podia o dragão possuir à mulher sem consumi-la? Ou sem ele mesmo ser consumido por essa luz que irradiava dela? Não estava tão certo.

- Mas olhe a quem temos aqui! Se é o casalzinho feliz - proclamou uma voz sarcástica a suas costas.

O sorriso da Regina se congelou e se converteu em uma máscara educada quando se voltou para saudar o recém-chegado.

- Olá, Henry. Alegro-me de vê-lo.

Marcus o olhou e se esforçou por saudar o de forma cortês.

- Whitmore, tudo bem? Justamente, íamos de caminho à pista de dança.

- Com os copos cheios de limonada? Não acredito. - Whitmore se situou em meio do casal e se serviu de um copo de limonada. - Além disso, comigo não têm que fingir. É possível que enganem ao resto destes néscios, mas eu sei o que trazem entre mãos.

O alarme se estendeu pelo rosto da Regina.

- Não sei a que se refere. - Depositou imediatamente o copo de limonada sobre a mesa e se agarrou ao braço do Marcus. - E é certo que nos dirigíamos à pista, assim se nos desculpar...

Tentou arrastar ao Marcus e ele não opôs resistência. Não desejava protagonizar outra cena similar há de uns dias antes na ópera que tinha derivado na fileira de acusações por parte da Regina.

- E o que tiraste da aposta, Draker? - gritou Whitmore.

Sua pergunta paralisou ao Marcus, especialmente quando percebeu o pânico que invadia os olhos da Regina. Confundido, escapou da garra de seu acompanhante e olhou ao Whitmore.

- Que aposta?

- Entre ela e seu irmão. Já sabe a aposta que Foxmoor propôs a Regina; sim, homem, de que ela não seria capaz de domá-lo e fazer de você um homem respeitável ante a sociedade.

Ao ver que Regina não o negava abertamente, Marcus disse:

- Ah! Essa aposta.

A julgar pelo sorriso de satisfação que coroou o rosto do Whitmore, o primo da Regina se deu conta de que Marcus desconhecia a aposta. Elevou seu copo para a Regina e continuou:

- Assim, me diga, que incentivo lhe ofereceu Foxmoor se conseguisse mudar Draker, como se fosse um de seus projetos caridosos?

- Não seja ridículo! - explodiu Regina com raiva. - Lorde Draker não é meu projeto caridoso.

- Aposta, projeto caridoso dá no mesmo. Converteu Draker em um cavalheiro. E em vista a como todo mundo fala dele esta noite, ganhou claramente a aposta.

As palavras "aposta" e "projeto caridoso" ressoavam na cabeça do Marcus enquanto observava a expressão de satisfação do Whitmore.

Henry tomou um sorvo de limonada.

- Vamos, Regina, me diga o que ganhou.

- Nada, quero dizer não se tratava de dinheiro - sussurrou Regina.

Marcus notou que lhe retorcia o estômago. Até que ela não pronunciou essas palavras, albergou esperanças de que Whitmore se equivocasse. Mas não, era certo que Regina tinha aceito uma maldita aposta com seu irmão em que ele era o objetivo.

Tudo encaixava perfeitamente. Por que a não ser ela teria tolerado esse contrato tão pouco razoável com ele? Pobre idiota! E ele que tinha feito ilusões sobre compartilhar sua vida com essa mulher no Castlemaine!

Deveria ter feito caso a seus instintos em lugar de deixar-se seduzir pelo sortilégio com o que ela o tinha encantado tentando-o a inundar-se plenamente no oceano traidor. Deveria ter sabido que ela jamais seria capaz de interessar-se por um

sujeito como ele. por que chegou a pensar que o faria? Porque a tinha beijado algumas vezes? Porque lhe tinha deixado que a acariciasse? Essa era provavelmente uma tática que desdobrou para ganhar a aposta.

E sim, definitivamente tinha ganhado a aposta, claro que sim. Agora todo mundo sabia que ele era uma criatura patética que tinha sucumbido aos desejos dessa deusa e a outras tentações até converter-se em outro perito mulherengo mais, como o resto.

Nesse momento Foxmoor devia estar partindo-se de risada.

"Pertence a seu mundo, mas não consigo entender por que luta tanto contra o meu."

Por Deus, como tinha sido tão cego?

Mas se acabou. Mas não pensava lhe deixar ver nem a ela nem ao Whitmore o mal que se sentia ao averiguar o baixo que tinha caído.

- Eu lhe direi o que ganhou. - Depositou o copo na mesa e ofereceu o braço a Regina, embora o que realmente queria era rodear esse belo pescoço com suas mãos até estrangulá-la. Parece que Foxmoor não lhe contou toda a história. Ele se negava

a aprovar que cortejasse a sua irmã, aludindo a minhas maneiras rudes como a razão principal. Assim a aposta consistia em que se ela era capaz de me converter em um cavalheiro, tal como você acaba de expressá-lo, daria-nos sua bênção para que nos casássemos. E como podia eu resistir a não experimentar a sorte, com um prêmio tão apetitoso?

Whitmore empalideceu enquanto Regina aceitava o braço do Marcus.

- Cortejo? - balbuciou Whitmore, olhando insistentemente ao Marcus e depois a Regina.

Marcus conseguiu esgrimir um sorriso, embora tivesse a impressão de que o rosto havia se tornado de cartão.

- Sim. Verá, Regina não rechaça minhas propostas de matrimônio. - Enquanto o rosto do Whitmore adotava a cor da cinza, Regina conteve a respiração, e Marcus acrescentou suavemente:

- E agora, se nos desculpar, vamos dançar.

Continuando, deu a volta tranqüilamente e se dirigiu à pista de baile. Por sorte, Regina não opôs resistência e se deixou levar, porque se não fosse assim, ele a teria arrastado à força.

E não desejava lhe dar a satisfação de saber o muito que as revelações do Whitmore lhe tinham afetado. Estava certo de que ela devia estar felicitando-se a si mesma por ter ganho a aposta. Essa era a única satisfação que pensava lhe permitir.

- Dirigiu a situação cabalmente - disse Regina em voz baixa.

Sua adulação lhe assentou como um soco no estômago, mas reuniu forças para não perder a serenidade.

- Alegra-me saber que aprova minha conduta - respondeu com voz tensa.

Os dedos dela se cravaram como agulhas afiadas em seu braço.

- Marcus, não é o que acredita.

Mas não pôde prosseguir, porque um jovem se aproximou. Era o mesmo jovem com quem Marcus a tinha visto antes.

- Lady Regina! - exclamou o indivíduo . - Prometeu-me esta dança, lembra-se?

Pela primeira vez, Marcus se alegrou de que ela fosse tão popular. Não achava que pudesse suportar dançar com ela justo nesse instante, sabendo que ela continuaria fingindo com ele enquanto se congratulava pela efetividade de sua artimanha.

Regina olhou primeiro ao jovem e depois ao Marcus.

- Sinto muito, senhor Jerrold, mas tinha esquecido e aceitei dançar com este cavalheiro.

- Não se preocupem - declarou Marcus. - Se previamente tinha ficado com o senhor Jerrold, vá com ele. Eu esperarei até a próxima dança.

- Mas...

Antes que Regina pudesse acrescentar alguma palavra mais, ele se livrou de sua

mão, saudou o cavalheiro e partiu. Dirigiu-se para a porta, forçando-se a si mesmo a saudar à direita e à esquerda, a comportar-se como se nada tivesse acontecido.

Odiava ter que fingir, mas tinha que pensar na Louisa. E como estava decidido a romper todo contato com Regina, teria que arquitetar outro plano. Respirou fundo para relaxar; não queria dirigir sua fúria para nenhum indivíduo, embora isso significasse ter que controlar-se até uns limites inusitados.

Mas não achava que fosse capaz de permanecer nessa sala, vendo como ela desfrutava em seu brilhante êxito. Por sorte podia ir-se quando quisesse. Tinha vindo sozinho, assim que ninguém acharia estranho que partisse sozinho.

Já tinha descido a metade da escadaria do vestíbulo quando ouviu uma voz proveniente de suas costas. Não precisou voltar-se para reconhecer a voz da Regina. Apertou os dentes, reagiu como se não a tivesse ouvido e acelerou o passo para a entrada principal do clube.

O sapateio dos sapatos de Regina atrás dele, descendo precipitadamente as escadas, também se acelerou. Desgraçadamente, quando Marcus chegou à porta teve que esperar que o lacaio preparasse sua carruagem, e ela conseguiu alcançá-lo.

- Mas se pode saber o que está fazendo? - perguntou-lhe Regina.

Tomou o chapéu e o casaco que lhe oferecia o lacaio e respondeu:

- Nada de sua incumbência. Simplesmente decidi ir para casa. Parece-me que já tive suficiente por esta noite; não acredito que seja capaz de suportar nenhuma baixeza mais das que oferece este clube.

- Não pode partir!Antes temos que falar - protestou ela.

- Realmente fez uma aposta com o Simon sobre se poderia me converter em um cavalheiro?

- Sim, mas...

- Então não há nada mais que falar. Ganhou a aposta.

Marcus avistou sua carruagem que se aproximava e iniciou a marcha para subir nela.

Regina o seguiu.

- Marcus, por favor, me escute.

Sem incomodar-se em responder, subiu na carruagem e lançou o casaco e o chapéu sobre o outro assento. Mas antes que o lacaio pudesse fechar a porta atrás dele, Regina se encarapitou na carruagem e se sentou justo em cima do casaco.

Ele a olhou iracundo.

- Agradeceria-lhe que desembarcasse de minha carruagem, senhorita. Penso ir, assim a menos que não deseje ir dar uma volta...

- Não será capaz de ir, comigo dentro da carruagem - desafiou-o ela com teimosia. - Sabe que isso significaria minha ruína. Volte para o Almack"s para que...

- John! - gritou ele. - Adiante!

A carruagem iniciou a marcha e Marcus a olhou com desprezo.

- Aviso-a, é sua última oportunidade. Direi ao John que se detenha, mas só para que desça.

Regina engoliu em seco e olhou nervosamente pela janela. As luzes do Almack"s começavam a dissipar-se na escuridão. Mas com uma rapidez pasmosa , adotou novamente o porte teimoso e o fulminou com o olhar. Depois ergueu o queixo e cruzou os braços.

- Se quiser que desça, terá que me jogar. Não penso ir até que tenhamos falado.

Maldita fosse essa mulher. O fato de que se arriscara tanto para sair sozinha atrás dele tinha conseguido acalmá-lo um pouco, mas se começava a soltar desculpas baratas...

Não, não importava o que pudesse alegar. Essa mulher desejava que ele se prostrasse aos seus pés; é o que sempre fazia com todos os homens. Fosse o que fosse o que tivesse ganho na maldita aposta, ele se encarregaria de que não tirasse nenhuma recompensa mais a sua custa.

Ah, estava certo disso!

Capítulo quatorze.

" Não o esqueça: Os homens estarão à espreita para arruinar a reputação de sua pupila no momento em que lhes dê as costas".

- Como quiser - soltou Marcus. - Pode ficar na carruagem se o desejar, não me importa absolutamente.

Regina piscou ante o veneno dessa voz. Seu ato impulsivo provavelmente lhe cobraria mais tarde, mas se o deixava partir agora, estava quase certa de que não o voltaria a ver nunca mais, e não desejava correr esse risco.

Depois de presenciar sua expressão de traição quando Henry mencionou a aposta, negava-se a permitir que Marcus continuasse pensando que o tinha utilizado de um modo tão abominável. Não podia culpá-lo por sua reação, mas isso não significava

que aceitasse que a jogasse de sua vida para sempre.

- Parece-lhe bem se falarmos do ocorrido? - perguntou-lhe ela.

- Não temos nada que falar - rugiu ele, desviando a vista para a janela.

Maldito fosse esse homem tão cabeçudo. O dragão havia tornado, envolto em um armação de pontas agudas e uma aparência feroz enquanto se retirava a sua cova.

Regina não queria esbanjar o tempo com essas tolices. Inclusive a filha de um duque não podia escapar com um cavalheiro sem nenhum acompanhante. meteria-se em um grave apuro se alguém a descobrisse, o que era muito provável que acontecesse se não fosse capaz de solucionar o problema de uma forma civilizada.

- Pois eu acredito que temos muito que falar.

Regina procurou um modo de provocá-lo para que viesse a falar.

- Ao menos me explique por que disse a meu primo que tinha aceito sua oferta de me casar com você. Ambos sabemos que isso é uma áspera mentira.

Apesar de Marcus ficar ainda mais rígido, as palavras da Regina não conseguiram o fim esperado.

- Olhe. Faça o que quiser. Se gostar, diga a seu primo que inventei isso. Já lhe disse isso antes, importa-me um nada.

Mas que cabeçudo era esse homem!

- E se lhe dissesse que não tinha entendido bem sobre a aposta? Que jamais tomei por um "projeto caridoso"?

- Diga-lhe o que lhe der vontade.

- Por Deus, sabe perfeitamente que não o vejo com esses olhos.

Um músculo se distendeu da mandíbula do Marcus.

- Agora sei como me vê, mas te asseguro que me traz sem cuidado.

O ogro irado emergia de novo. Nem todos os esforços por projetar essa nova conduta tão correta e formal podiam ocultá-lo.

- Como lhe ocorre pensar que aceitaria que me cortejasse só para me enrascar em uma classe de "projeto caridoso"? Certamente terá se dado conta de que tenho muitas coisas melhores que fazer com meu tempo que tentar domesticar a um homem cabeçudo e teimoso como você até convertê-lo em um perfeito cavalheiro.

- Ah, mas a aposta foi o que deu sentido ao projeto, não?

Essa maldita aposta.

- Para sua informação, foi Simon o que sugeriu a aposta depois de descobrir que tinha aceito que me cortejasse. Pensou que o fazia para te ajudar a ser mais cavalheiresco, assim decidiu pôr umas condições ao jogo. Estive a ponto de rechaçar

sua proposta. Até que me disse quais eram os termos e descobri uma oportunidade para averiguar se realmente estava disposto a casar-se com a Louisa.

- Não tem que me dar nenhuma explicação - replicou ele. - Não quero saber nada mais dessa miserável aposta.

- Acha que tudo tem que ver com uma aposta absurda da que quase já nem me lembrava. Não quer saber quais eram as condições?

Marcus adotou um porte mais seco, claramente forçado.

- Pois a verdade é que não, lady Regina. Traz-me sem cuidado se se tratava de ganhar uma harpa nova ou uma jóia. Acredito que já falou muito. Quer que ordene ao cocheiro que dê a volta?

- Nem pensar! - Esse estúpido presunçoso não achava nenhuma só de suas palavras.

- Se Simon ganhasse, eu aceitava não me intrometer mais em sua corte com Louisa. E se eu ganhasse, ele tinha que pedir formalmente sua mão e acatar sua decisão. Não se tratava, pois, de uma harpa nova nem nada material. Pensei que se aceitasse a aposta, demonstrava-me que era sincero. Essa é a única razão pela qual acessei a dita aposta.

Por um momento, pensou que tinha conseguido convencê-lo. A mandíbula do Marcus pareceu relaxar mais. Mas então ele lançou um bufido e lhe dirigiu um olhar gélido.

- Não tem necessidade de inventar uma desculpa para suavizar a raiva que sinto. Não me importa por que fez essa aposta, fica claro? Estivemo-nos usando mutuamente, e ambos obtivemos o que queríamos. Assim não há nada mais que falar.

- Isso não é certo! Além disso, o que quer dizer com isso de que ambos nos utilizamos?

A expressão do Marcus se tornou ainda mais tosca.

- Whitmore tinha razão. Eu procurava um modo de voltar a entrar nos círculos da alta sociedade, e você me pôs isso em bandeja, embora só pretendesse ganhar sua aposta. Mas agora que sei que posso acessar a esses círculos por meus próprios méritos, já não a necessito. Assim muito obrigado, mas já não me serve.

Essas cruéis palavras deixaram a Regina sem fôlego. Seriamente tinha mostrado interesse por ela só para que o ajudasse a voltar a entrar nas esferas da alta sociedade?

Não, não podia acreditar. Tinha o orgulho ferido, e por isso contra-atacava dessa maneira. Bom, deixaria que se desafogasse.

- Então, nossos beijos e carícias não significavam nada para você? Só uma via para obter seu objetivo?

Ele esgrimiu uma careta de apatia.

- Olhe, estava aborrecida e queria uma aventura; eu a agradei. Era o único modo de estar certo de que continuaria me ajudando.

- Entendo.

Sim, agora o entendia tudo: não ficava a menor duvida de que Marcus mentia. Se lhe tivesse alegado que tinha perdido o interesse por ela, ela haveria... haveria... O teria acreditado. Mas não podia acreditar que ele jamais a tivesse desejado.

Nem o próprio visconde Dragão era tão bom comediante para ocultar essa classe de sentimentos.

Regina desabotoou as luvas, primeiro uma, depois a outra. Quando tirou a luva direita, pareceu-ver um traço de tensão no rosto do Marcus.

- E suponho que agora que conseguiu o que queria de mim, está seguro de que já não me deseja, é isso o que me está dizendo?

Ele duvidou durante uma fração de segundo, e seus olhos não puderam evitar cravar-se nos movimentos que realizava a mão nua da Regina, tirando lentamente a outra luva.

- Sim.

Depois de depositar as luvas a um lado, ela se inclinou para frente como se quisesse ajustar o sapato, embora em realidade sua intenção era exibir parte de seus seios. Procurou não fixar-se no rosto do Marcus, embora sabia perfeitamente que ele tinha o olhar cravado nessa parte de seu corpo. Os homens eram extremamente previsíveis.

- Está-me dizendo que não se sente nada atraído por mim.

- Isso é - se gabou ele com a voz cada vez mais rouca.

Tomando-o de surpresa, ela trocou de assento e foi sentar se a seu lado.

Então, enquanto ele tentava sobrepor-se ante essa manobra que o tinha pilhado despreparado, Regina depositou uma mão nua sobre sua coxa.

- Assim não lhe afeta se fizer isto.

Marcus engoliu em seco.

- Não.

Com a outra mão, Regina começou a lhe acariciar a face barbeada.

- Não o excito?

- Eu não estou excitado.

Ela aproximou a boca a sua orelha.

- Não acredito em você.

E a seguir o beijou na orelha, e no pescoço, e na face que ainda cheirava à emulsão fresca e ligeiramente perfumada que aplicou depois do barbeado.

Marcus começou a respirar ruidosamente.

- Só porque não está acostumada a que nenhum homem resista.

- Não acredito em você, porque não é verdade. E ambos sabemos.

Continuou acariciando sua face, e o beijou docemente na boca. Depois começou a lhe mordiscar seu lábio inferior, e nesse instante, Marcus a afastou bruscamente.

- Não continue - ordenou em um rouco sussurro.

- Por quê? Pensei que não me desejava.

- Não a desejava... Não a desejo. Está se pondo em evidência inutilmente.

- Espero que não - manifestou ao mesmo tempo em que tomava as faces dele entre suas mãos e o obrigava a olhá-la nos olhos. - Porque provavelmente, quando as pessoas souberem que subi sozinha em sua carruagem, minha reputação se verá arruinada para sempre, assim ao menos espero que minha ousadia tenha valido a pena.

Voltou a beijá-lo na boca, desta vez com mais atrevimento. Apesar de que Marcus sentisse um agradável comichão em todo o corpo, manteve-se firme, sem mover nem um só dedo. Até que ela deslizou a ponta da língua por cima de seus lábios escuros, selados. Então notou que não poderia resistir por mais tempo.

Retrocedeu para observá-la fixamente. Seus olhos despediam uma clara mensagem: estava excitado, estava preso a ela.

- Maldita seja - exclamou enquanto a arrastava até seu regaço. - Maldita seja mulher.

Essas foram suas últimas palavras antes de beijá-la na boca com uma paixão desmedida.

Foi o beijo mais glorioso da vida da Regina, tão poderoso que, se fosse a classe de garota que costumava desmaiar, o teria feito sem dúvida nenhuma. Rodeou-o com seus braços pelo pescoço e se entregou ao agradável prazer do beijo.

Por fim tinha ganho. Não estava certa do que tinha ganho mas o que sabia era que a partir desse momento, como era ela quem o tinha provocado, não poderia manter ao Marcus a distância. Mas não se importava. Marcus a estava beijando com uma paixão e um ardor que a faziam sentir-se viva; nada mais importava.

Depois desses intermináveis momentos nos quais a boca dele consumiu a sua e deslizou livremente as mãos sobre sua cintura e seus quadris, separou os lábios dos dela e lhe perguntou:

- Está contente agora?

Rapidamente voltou a beijá-la nas faces, queixo e pescoço.

- Porque demonstrei que ainda me deseja? - argumentou Regina ao mesmo tempo em que arqueava o pescoço para que ele tivesse mais fácil acesso para seguir beijando-o. - Sim, estou muito satisfeita.

Marcus lhe chupou o pescoço com arrebatamento.

- Mulher arrogante, sereia impudica - Levou a boca até sua orelha e lhe lambeu o lóbulo.

- Não podia descansar até que não me reduzisse ao típico perito mulherengo a que está acostumada, a me comportar como o resto de seus malditos pretendentes.

Ele se afastou novamente dela para observá-la com solenidade.

- Se ficar mais tempo na carruagem, asseguro-lhe que sua honra se romperá em mil pedaços.

- Sei.

- E não se importa?

O mais curioso era que não lhe importava. Não nesse momento.

- Não.

- Ganhou a aposta, sabe. Não tem que continuar com este "projeto caridoso".

Agora foi ela que se separou dele.

- Não é meu projeto! - exclamou profundamente ofendida. - E se ainda acredita que o vejo dessa forma, então não quero ter nada que ver com você.

Regina tentou escapar dele, mas Marcus não quis soltá-la.

- Muito tarde, querida - sussurrou ao ouvido, com uma voz terna e ao mesmo tempo divertida. - Agora que chegamos até aqui, penso tirar vantagem da situação.

Seu tom carinhoso a excitou. E a idéia de que ele pensasse aproveitar-se dela sortiu o mesmo efeito. Não obstante, não pôde evitar se ruborizar quando ele começou a lhe desabotoar o vestido.

- De verdade pensa arruinar minha honra?

- Não. - Acabou de lhe desabotoar o vestido e depois começou a lhe desabotoar o sutiã. - Mas se recordar o que lhe disse antes, espero uma recompensa por todos meus esforços por me comportar de uma forma tão cavalheiresca.

Nesse momento abriu o sutiã e um dos seios da Regina ficou descoberto. Marcus o contemplou com luxúria.

- E exijo minha recompensa agora.

Antes que ela pudesse protestar, acomodou-a entre seu braço para poder alcançar o seio com sua boca. Que Deus tivesse piedade dela; era igual à última vez, fabulosamente delicioso.

Regina entreabriu os olhos e com as mãos se agarrou aos braços musculosos do Marcus. Sua boca continuava brincando com o mamilo, até que este ficou tão duro que lhe provocou inclusive certa dor que só se aplacava com as suaves lambidas dessa língua quente.

Então ele decidiu enfocar suas atenções obscenas para o outro seio, e começou a acariciá-lo com sua boca de uma forma tão perita que muito em breve Regina arqueou as costas para se aproximar ainda mais a ele, desejando mais, necessitando de mais.

Sua excitação era tal que não se deu conta de que, com sua mão livre, Marcus lhe tinha levantado o vestido até os joelhos e agora começava a manuseá-la por cima de

sua roupa mais íntima.

- Marcus - sussurrou ela, - de verdade acha que é conveniente que...?

- Sim; se não me deixar que a toque, vou me tornar louco.

- E eu perderei o juízo se me tocar precisamente aí - acrescentou ela, entre arquejos, tentando endireitar-se para sentar-se.

- Isso espero - respondeu ele enquanto sorria. Em seguida a ajudou a endireitar-se um pouco, de modo que Regina ficou meio sentada e meio estendida sobre seu regaço. Sua mão, essa mão poderosamente perita, continuou com a exploração escandalosa até que achou uma fenda na roupa interior.

- Quero que enlouqueça tanto como você me tem feito enlouquecer na última semana.

Regina deveria ter protestado. Mas em lugar disso, esperou impacientemente a ver o que lhe ia fazer. Marcus introduziu a mão entre o linho e começou a lhe acariciar o púbis até que alcançou uma parte de pele sensível oculta debaixo desses sedosos cachos. Então colocou o dedo polegar e ela acreditou que ia desmaiar de prazer.

Assim esse era o modo em que pensava fazê-lo, Mmm... Que delícia. Ele continuou acariciando-a, e ela reagiu com um espasmo.

- Por Deus! Estou a ponto de tocar o céu.

- Ainda não - disse ele, sorrindo dissimuladamente. - Mas prometo levá-la até o sétimo céu.

E tinha razão. Enquanto continuava tocando sem compaixão esse ponto tão sensual com o polegar, deslizou o indicador mais abaixo até lhe separar os delicados lábios e lentamente lhe introduziu o dedo.

Os olhos da Regina se aumentaram como um par de laranjas ante a impressão que lhe causou essa ação lasciva. Cravou as unhas em seu braço e se preparou para protestar, mas então ele retirou o dedo. Só para momentos depois voltá-lo para introduzir, uma e outra vez, com um ritmo firme e sedoso que a deixou sem respiração.

Tinha ouvido o suficiente sobre o ato de fazer o amor para saber como funcionava, mas nunca tinha ouvido nada sobre essa outra arte. O dedo dentro dela a fazia sentir na glória; por nada do mundo queria que se acabasse.

Entreabriu os olhos e se concentrou nessa mão traidora e sagaz, que lhe estava fazendo coisas maravilhosas, conseguindo que se retorcesse e desejasse mais.

- Parece-lhe isto uma rabugice? - sussurrou ele.

- Sim, mmmm... é maravilhoso - balbuciou ela entre arquejos. Em seguida, amaldiçoou-se pelo que acabava de dizer. - Ai! Não quis dizer isso.

- Por que não, se é verdade? - Sua voz rouca só conseguiu excitá-la mais. - Não se envergonhe de desfrutar deste prazer. Além disso, eu adoro vê-la gozar assim.

Sua respiração entrecortada o confirmava, assim como o vulto inchado que Regina notava debaixo de seu traseiro. Isso deveria havê-la incomodado, mas nesse momento não sentia pudor por nada.

Não agora que sentia como a mesma excitação que tinha sentido na ópera se incrementava de grau, mais e mais.

- Me diga a verdade, Regina - lhe ordenou enquanto acelerava o ritmo de seu dedo. Deslizou outro dedo dentro dela e Regina começou a ofegar com mais força, abrindo mais as pernas para que essa mão pudesse fazer com ela o que quisesse, como uma virgem que se oferecia em sacrifício às fauces do dragão. - Quando Foxmoor perguntou por que tinha aceitado a fazer um trato comigo, disse-lhe que eu era seu projeto caridoso?

- Não - murmurou ela ao mesmo tempo em que se desfazia com suas carícias. - Já lhe disse isso, não.

- Mas não o negou quando ele o asseverou - prosseguiu Marcus.

- Não - sussurrou ela, seu centro de atenção dividido entre suas malditas perguntas e o calor cada vez superior em sua parte íntima.

Marcus acelerou o ritmo de seus dedos.

- Por que não?

- Não queria que averiguasse a verdadeira razão pela qual tinha aceitado.

- Qual era?

- Que apesar da barba e de suas maneiras toscas e sua obstinação - Regina se sentiu incapaz de continuar falando. As fabulosas sensações que estava experimentando lhe bloqueavam a mente, consumiam todos seus sentidos.

A marcha dos dedos se apaziguou, suave muito suave.

- Marcus, por favor - lhe pediu ela sem vergonha alguma, sabendo instintivamente que ele tinha baixado o ritmo justo antes que ela chegasse a alcançar a glória.

- Responde - ordenou. Em seguida voltou a penetrá-la com força com os dois dedos, e um gemido de prazer escapou dos lábios da Regina, que rapidamente se tornou em um lamento de decepção quando ele não repetiu o movimento.

- Apesar de minha barba e todo isso, o que? Qual foi o verdadeiro motivo pelo que aceitou meu trato?

- Porque o achava fascinante! - Apertou seu quadril contra a mão do Marcus como o animando a continuar. Sua frustração aumentou quando a mão dele não se moveu, e então resmungou: - Desejava-o, vale? E agora, por favor.

- De acordo, querida - murmurou ele. Parecia que as palavras dela tinham sortido o efeito desejado, porque Marcus não só retomou o ritmo mas também desceu sua boca até a dela. - De acordo.

A partir desse momento não houve mais pergunta nem mais palavras, unicamente sua boca maravilhosa indagando dentro da Regina ao mesmo tempo em que seus hábeis dedos a acariciavam e a excitavam, alimentando as chamas, enchendo a necessidade

até que uma explosão de luz e de cor e de calor insuportável a consumiu em corpo e alma. Marcus sufocou o grito da Regina com um beijo quente e lascivo.

Enquanto ela se convulsionava contra ele agarrando-se a seus braços hercúleos, arqueando-se até adaptar-se perfeitamente a sua mão firme, ele afastou a boca desses lábios sedentos e a encheu de beijos nas fogosas faces e o queixo e o pescoço.

- Ohhh... Marcus! - sussurrou Regina quando finalmente recuperou a voz. - Foi... Foi como alcançar...

- O sétimo céu?

- Sim. - Teve que fazer um enorme esforço para sobrepor-se e recuperar o fôlego. Lentamente o ardor que sentia foi dando lugar a uma fabulosa sensação de calidez, de relaxamento.

- É isso, é sempre...?

Marcus a beijou no pescoço.

- Às vezes. Nem sempre. Embora ajuda se o homem souber o que está fazendo, e a mulher...

- Comporta-se como uma desavergonhada? - De repente a inundou um sentimento de pudor. De novo retornava à realidade; foi consciente do ruído das rodas da carruagem se chocando contra o chão, do murmúrio do vento através da janela, do sussurro do toque da roupa de seda quando lhe desceu a saia até cobrir as meias.

- Deseja ao homem - a corrigiu ele.

Perplexa, abriu os olhos tudo o que pôde, meio assustada pelo reflexo que via no

rosto dele. Se a intenção do Marcus tinha sido vingar-se pela humilhação ante a maldita aposta, tinha achado a forma perfeita para consegui-lo, fazendo que lhe suplicasse que lhe desse prazer.

Mas seu rosto não mostrava nenhuma expressão desdenhosa, só essa vontade de devorá-la que nunca pareciam saciar-se.

Ela se sentou em seu regaço, e sentiu certa culpa quando o vulto que notava debaixo de seu traseiro se inchou ainda mais.

- Há algo que possa fazer para...? Uf! Não sei como dizê-lo. Para que se sinta mais aliviado, já sabe, aí embaixo?

Marcus rompeu a rir a gargalhadas e depois a beijou na fronte.

- Não a menos que deseje arruinar sua honra completamente.

Ela o olhou fixamente, desconcertada.

- Acaso um homem não pode achar satisfação deixando que uma mulher o toque, do mesmo modo que você fez comigo?

Um desejo selvagem emergiu em seu rosto.

- Sim que pode. Mas não seria o mais acertado agora. Se me tocar desse modo, duvido que nada deste mundo possa me convencer para que te devolva ao Almack"S. E ambos sabemos que deve retornar.

Marcus a ergueu de seu regaço e a depositou no assento diante dele enquanto que com voz resignada acrescentava:

- Só espero que não tenhamos estado ausentes muito tempo.

- E se assim for? - perguntou ela.

Ele a observou atentamente, com um olhar ardente e intenso.

- Então nos casaremos, é claro.

Regina conteve a respiração.

- Casaria-se comigo? Com a irmã de seu inimigo?

- Não acredito que seja justo fazer que uma mulher pague pelos pecados de seus familiares. Além disso, sabe perfeitamente que não há nenhuma outra solução. Se nos pilharam, é o único que podemos fazer.

- Se nos pilharam - repetiu ela.

Quando Regina não acrescentou nada mais, Marcus franziu o cenho. A seguir ordenou ao cocheiro que retornasse ao Almack"S. Enquanto o cocheiro dava a volta, Regina se entreteve arrumando o cabelo e sua vestimenta para voltar a ter um aspecto

formal, tentando não pensar no que Marcus acabava de dizer.

Casar-se com ele. Por um momento fugaz, sentiu-se seduzida ante a idéia de converter-se na esposa do Marcus. Mas a euforia se desvaneceu rapidamente. Seus problemas não desapareceriam porque se casasse com ele. Ao contrário, certamente se incrementariam.

Marcus a observou durante uns instantes em silêncio. Então pigarreou.

- Se nossa aventura ameaçar arruinar sua reputação, então devemos nos casar. Suponho que está de acordo.

- Sim, claro. É só que... Bom, jamais pensei que me casaria.

Ele a olhou com cepticismo.

- Jamais? Fala a sério?

- Sim.

Marcus ficou em silencio por um momento.

- Por isso rejeitou todos seus pretendentes.

- Sim.

- Por que uma mulher de sua posição, que poderia ter a qualquer homem que desejasse,inclinou-se por uma opção tão absurda?

"Porque estou atrofiada. Porque meus filhos podem herdar também meu problema. Porque não suportaria que me olhasse com desprezo quando descobrisse meu segredo", pensou com amargura.

Forçou um sorriso em seus lábios e respondeu com suavidade:

- Suponho que sou uma menina mimada, tal como todo mundo diz. Estou acostumada a fazer o que me agrada. E sei que as mulheres casadas não gozam de tal liberdade. Só os maridos mais indulgentes permitem a suas esposas ir ao lugar que queiram, ficar na cidade todo o tempo que desejem, com os amigos que elas escolham.

Marcus ficou tenso.

- Duvido que possa ser um marido tão indulgente.

Regina soltou um risinho nervoso.

- Nem sequer é um pretendente indulgente, assim seguro que como marido seria um absoluto tirano.

Ante tal declaração, ele a olhou boquiaberto mas então ela acrescentou docemente:

- Só estava brincando. Mas para ser sincera, acredito que tentaria me manter

afastada da cidade todo o tempo, enclausurada no Castlemaine, equivoco-me?

Marcus desviou a vista para a janela, e ela soube que tinha atingido o ponto.

- E também tentaria escolher a meus amigos - prosseguiu Regina. - Sei que o faria. E uma coisa é certa: Negaria-me o direito a ver sua Alteza ou a assistir a festas nas que ele pudesse aparecer.

- Pois claro que sim! - confessou ele, fulminando-a com o olhar, mostrando-se ferozmente protetor. - Jamais permitiria que esse inseto se aproximasse de menos de um metro de ninguém que quero.

O coração da Regina começou novamente a pulsar rapidamente.

- E eu lhe importo?

- De verdade tem que me perguntar isso?

- Suponho que não. - Depois se entreteve colocando as luvas. - Se posso voltar a entrar no Almack"s sem que ninguém me veja então, o que acontecerá?

- Direi-lhe o que não acontecerá. Se não se casar comigo, não voltaremos a estar assim sós nunca mais. Não a cortejarei e não nos beijaremos mais. - Quando Regina o olhou surpreendida ele apontou.

- Não poderia suportá-lo. Desejo-a muito para aceitar que sou unicamente mais um de seus bonecos de pano, que tudo o que quer de mim é um pouco de diversão.

- Isso não é verdade!

- Ah, não? Não quer se casar comigo e, entretanto, age como uma mulher que o deseja.

Como devo interpretar isso? - Sua voz se tornou mais desanimada. - A menos que esse seja o modo que usa para rechaçar a todos seus pretendentes inaceitáveis... Argumentando que não quer se casar, quando o certo é que não quer se casar com eles.

- Jamais seria tão desonesta.

- Então, melhor que não lhe pilhem entrando no Almack"s, porque se for assim casaremos sem importar suas objeções.

Realizaram o resto do trajeto em silêncio, com o peso dessa promessa suspensa no ar. Por um momento, Regina pensou em lhe contar a verdade, mas era muito vergonhoso para admiti-lo, especialmente se estavam a ponto de separar-se para sempre.

E se não estavam, bom, se não, já se justificaria chegado o momento.

À medida que se aproximavam do Almack"s Regina se sentiu esperançada ao não ver nem uma alma fora do local. Unicamente havia uma carruagem, no qual estavam subindo uns indivíduos. Mas seu alívio logo se truncou quando reconheceu a crista ducal da carruagem.

A carruagem do Marcus se acabava de deter quando alguém abriu a porta de fora com grande ímpeto. Imediatamente emergiu um rosto vermelho de ira: era o rosto do Simon.

- Desça agora mesmo de sua carruagem, desprezível!

- Encantado. - Enquanto Marcus se apeava, lançou um olhar a Regina como lhe indicando que pensava cumprir sua palavra.

Apesar de todo o acontecido, o coração da Regina se acelerou como um cavalo desenfreado.

Ignorando a seu irmão que jogava fumaça pelas presas, Marcus a ajudou a descer como se nada grave tivesse acontecido. Isso foi suficiente para demonstrar a Simon que ela subiu na carruagem porque tinha querido, e não porque a tivessem obrigado.

- Maldita seja, Regina - rugiu Simon. - Como lhe ocorreu agir de uma forma tão indecorosa?

- Nesse momento me pareceu a única saída possível - respondeu ela, mais aliviada ao reconhecer que o pior já tinha passado.

Um leve sorriso despontou nos lábios do Marcus, mas Simon se voltou com o rosto aceso.

- Não é um assunto para levar em brincadeira.

- Não a condene - o atalhou Marcus. - Ela não tem a culpa.

- Pois claro que não tem a culpa - replicou Simon. - Você é o único culpado, e terá que saldar esta afronta, ou lhe juro que nos veremos ao amanhecer, em um duelo no Leicester Fields.

- Não seja ridículo, Simon - começou a manifestar Regina.

- Marcus! - gritou uma voz a suas costas. Louisa desceu da outra carruagem e correu para eles.

Agora foi Marcus que ficou feito uma verdadeira fúria.

- Maldição! Louisa, o que estava fazendo sozinha na carruagem deste vadio?

- Não estava sozinha - corrigiu Simon. - Cicely!

- O que quer? - Cicely pôs a cabeça pela carruagem.

Simon olhou ao Marcus com desprezo.

- Tive o bom senso de levar uma acompanhante.

- Íamos sair para buscá-los, a você e a Regina - explicou Louisa com a voz entrecortada. - A senhorita Tremaine estava preocupada e...

- Onde estão os Iversley? - interrompeu-a Marcus. - Se supõe que eles são seus acompanhantes.

- Não os encontramos - respondeu Louisa. - De qualquer modo, a senhorita Tremaine é totalmente capaz de...

- Sim, claro, de encher as necessidades do Foxmoor. - Marcus olhou ao Simon com um porte ainda mais feroz. - Nós dois sabemos que a senhorita Tremaine faria a vista grossa se fizessem uma parada em, digamos, Carlton House.

- Carlton House? - repetiu Louisa. - Mas do que está falando?

- Nada - respondeu Simon precipitadamente, muito depressa.

Regina olhou a seu irmão com suspeita, mas ele a ignorou.

- Deixe já de tentar desviar a atenção de sua própria falta muito grave, Draker. Quero saber o que pensa fazer sobre esta ofensa a minha irmã.

Marcus tomou a mão da Regina.

- Regina e eu nos casaremos. Já falamos nisso.

- Fantástico! - gritou Louisa, corada de alegria.

Apesar de Cicely pôr cara de pânico, um sorriso calculista se instalou nos lábios do Simon.

- Perfeito. Eu me encarregarei dos preparativos.

- Não. Eu me encarregarei dos preparativos - contra-atacou Marcus. - Se me indicar o nome de seu advogado, irei a...

- Um momento! - exclamou Regina. Toda essa história vai muito depressa. E sua conversa com o Marcus na carruagem a tinha deixado mais inquieta do que esperava.

Ambos os homens a olharam perplexos.

- O que acontece? - perguntou Simon.

Ela afastou a mão da do Marcus. Era plenamente consciente de que o que ia dizer era um ultraje. É claro que se tinha que casar com ele; uma multidão formou redemoinhos perto deles, e não necessitariam de muito tempo para averiguar o que estava acontecendo. Algumas perguntas ao lacaio, e todos saberiam que...

Não, não conseguiria sobreviver a um escândalo de tal magnitude. E a alta

sociedade era seu mundo; se a rechaçavam, ficaria louca. Mas tampouco podia suportar a idéia de ver-se encerrada em uma casa na campina inglesa durante muitos meses com o Marcus. Especialmente quando ele descobrisse a verdade sobre ela, o que indevidamente aconteceria cedo ou tarde.

Tinha que justificar-se com ele, agora. Mas o que aconteceria se ele se tornava atrás no compromisso de casar-se com ela? Então estaria acabada, e rechaçada por todos. Não podia permitir que isso acontecesse.

Preferia converter-se em uma virgem do sacrifício que em uma mulher sem honra. Além disso, o matrimônio com Marcus não tinha por que ser um sacrifício se ela tomasse as devidas precauções.

- Casará-se com este cavalheiro - proclamou Simon firmemente. - Não tem nenhuma outra opção.

- Sei, mas... - Regina aspirou com força.

- Antes que dê meu consentimento, ele terá que aceitar certas condições.

- Dadas as circunstâncias, não está em posição de impor nenhuma condição - Cortou-a Simon.

- Deixe que fale - interveio Marcus, olhando Regina com curiosidade. - Me Diga o que quer.

Ela desviou a vista para Cicely, que permanecia de pé completamente consternada.

- Primeiro, tem que deixar que Cicely me siga no Castlemaine. Não pode continuar vivendo com o Simon se a mansão Foxmoor se converter agora na morada de um solteiro.

À medida que o rosto do Cicely se ia relaxando e mostrando-se mais aliviada, Simon a olhou estupefato.

- Não se preocupe por Cicely.Assegurarei de lhe dar uma posição confortável em uma de minhas propriedades.

- Não. Quero-a comigo. - Um plano tinha começado a adotar forma em sua mente. Se Cicely estava ao seu lado para ajudá-la a ler e a organizar as contas da casa, possivelmente jamais tivesse que contar a Marcus seu problema.

- O visconde deverá aceitá-la em sua casa.

- De acordo - aceitou Marcus. - Castlemaine é muito grande. Há lugar de sobra para sua prima. Alguma coisa mais?

Regina engoliu em seco. Sabia que indubitavelmente teria problemas com a seguinte condição.

- Quero uma casa na cidade. E a liberdade de residir nela quando o desejar, especialmente durante a temporada de festas. - Ao ver que Marcus franzia o cenho, acrescentou rapidamente: - Você também poderá ficar comigo, é claro.

Mas se não me permite realizar minhas viagens à cidade, não aceitarei me casar com você.

- Como que não aceitará? - grunhiu Simon encolerizado. - Senhorita, parece-me que papai lhe consentiu todos seus caprichos, mas...

- De acordo - o interrompeu Marcus. - Aceito também essa condição.

Regina se voltou para ele e lhe ofereceu um sorriso de agradecimento. Mas então Marcus acrescentou:

- Mas em troca, eu também exigirei duas condições.

Agora foi ela quem ficou visivelmente tensa.

Simon, por sua vez, ergueu a vista ao céu.

- Por todos os Santos, pode-se saber quais são suas premissas?

- A primeira é que sua irmã aceite me ser fiel.

Regina olhou ao Marcus como se ele a tivesse insultado.

- É claro que lhe serei fiel.

Marcus enfrentou a esse olhar irado e prosseguiu:

- Refiro-me a ser fiel para sempre. Não fiel até que gere um herdeiro. Não tolerarei nenhuma infidelidade, seja discreta ou não. Sei como entendem alguns de seus amigos o conceito de matrimônio, e não o compartilho. Não me importará o escândalo. Não duvidarei em me divorciar de você se me inteirar de que me foi infiel, embora só seja uma vez. Compreende-me?

Regina ergueu o queixo com ar altivo.

- Perfeitamente. E repito: é claro que lhe serei fiel.

Ele esquadrinhou seu rosto e pareceu satisfeito com o resultado, mas então se voltou para Simon e declarou:

- Minha outra condição vai dirigida a você, Simon.

- Farei tudo o que esteja em minhas mãos para que Regina seja...

- Não se trata de dinheiro. Aceitarei me casar com sua irmã só se aceitar não voltar a ver a minha nunca mais.

Capítulo quinze.

" Tome cuidado com os cavalheiros jovens exaltados."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Marcus ficou impassível ante o olhar desconcertado do Foxmoor e os protestos instantâneos das mulheres. Sabia que o resto dos ali presente não considerariam nada lógica sua condição. Por algum motivo surpreendente, a roda da fortuna lhe tinha dado Regina em bandeja, e não queria perdê-la. Ah, se não queria perdê-la! Apesar das malditas condições que lhe tinha imposto.

Mas a imagem do Foxmoor a ponto de escapulir-se com a Louisa o tinha indignado a mais não poder. Sem dúvida nenhuma, o duque tinha recorrido à desculpa do desaparecimento da Regina para maquinar um encontro entre a Louisa e o Príncipe de Gales.

Não, não estava disposto a permitir que isso voltasse a acontecer. Tinha que conseguir que Louisa se livrasse do Foxmoor para sempre.

- Vá para o inferno - murmurou Foxmoor.

- Não é uma condição negociável.

- Então o verei na alvorada no Leicester Fields.

- De acordo - respondeu Marcus. - Não me importa o modo de me liberar de ti; o que sei é que o quero bem longe de minha irmã.

- Basta! - interveio Regina com o rosto mais pálido que neve. Isto é absurdo. Ninguém se baterá em duelo contra ninguém.

- Marcus, parece-me que não está sendo razoável - acrescentou Louisa ao mesmo tempo em que se colocava ao lado de seu irmão e colocava uma mão sobre seu braço. - Não permitirei que brigue com o Simon.

- Então se despeça dele, céu.

- Não acreditará que aceitarei a...

- Sou seu guardião - replicou ele. - Assim acatará minhas ordens. E eu digo que a partir de agora a proíbo ver esse rufião.

- Não conseguirá nada com essa atitude - lhe sussurrou Regina.

Marcus a olhou fixamente.

- Aceitei suas condições. Agora seu irmão aceitará a minha, ou juro que não me casarei com você.

O queixo da Regina começou a tremer, e então ela encarou a seu irmão.

- Simon, diga a lorde Draker que aceita sua condição.

- Nem sonhe! Baterei-me em duelo contra esse animal na primeira hora de...

- Não. Não o fará - o cortou ela, lhe lançando um olhar suplicante. - Não penso me converter no assunto de um escândalo interminável durante anos só porque você insiste em arrumar as coisas com um maldito duelo.

O visconde está agindo de um modo reprovável, mas isso não significa que queira vê-lo morto. Nem a você tampouco. Ou que os dois acabem mortos.

- Não haverá nenhum duelo - sentenciou Louisa, tal como Marcus supunha que reagiria se a punha entre a espada e a parede. Causar pena olhou ao Foxmoor e prosseguiu: - De acordo. Simon, aceite ao que lhe pede meu irmão.Daqui a dois anos poderei me casar sem sua permissão. Amo-o suficiente para esperá-lo até que seja maior de idade. Então nada poderá me deter.

Marcus ia replicar, mas então observou o rosto de angústia do Foxmoor. Dois anos eram muitos para os planos do duque. Pela razão que fosse, Sua Majestade desejava introduzir a Louisa em seu círculo agora, e não dentro de dois anos.

Um sorriso se foi estendendo pelo rosto do Marcus.

- Ouviu Foxmoor? Ela o ama o suficiente para esperar. - Seu tom se tornou sarcástico.

- Estou certo de que você também a ama o suficiente para fazer o mesmo por ela. Olhe, serei generoso e mudarei minha condição: se os dois permanecem separados até que Louisa cumpra os vinte e um anos, lhes darei minha bênção.

Desse modo saberei que a quer de verdade.

Foxmoor lançou ao Marcus um olhar abatido.

- Também me parece razoável - indicou Regina.

Ao ouvir o tom gélido na voz da Regina, Marcus se voltou para ela e a observou sem dizer nada.

Olhava a seu irmão de um modo estranho, com uma expressão doída.

Imediatamente se sentiu invadido por um halo de alívio.

"Regina se deu conta. Certamente desconhecia as intenções de seu irmão, mas

agora sabe", disse-se a si mesmo.

- Além disso, recorda - prosseguiu ela com o mesmo tom de voz, - ganhei a aposta, o que significa que deve pedir formalmente a mão da Louisa e acatar a decisão de lorde Draker. E isso é o que precisamente acaba de fazer.

- Não aceito que tenha ganho. Não acredito que uma noite no Almack"s seja suficiente para ratificar que o conseguiu.

Até agora Marcus se negou a acreditar que lhe tivesse estado contando a verdade sobre os termos da aposta. Mas pelo que parecia, era certo. Embora fosse estranho, isso o reconfortou. Se ela esteve preocupando com os interesses da Louisa

desde o começo, ainda havia possibilidades de que se acabassem casando.

- Disse que lorde Draker se tinha que converter em um cavalheiro apto para a sociedade - o repreendeu Regina. - E o demonstrou.

Foxmoor quis opor resistência, mas ela se adiantou:

- Além disso, Louisa acaba de ser apresentada em sociedade. Não lhe virá mal ver um pouco mais desse mundo antes de converter-se em sua esposa, assim por que não esperar até que seja maior de idade?

Foxmoor começou a olhar inquieto a Regina e logo ao Marcus; sabia que estava apanhado. Se insistisse na questão, teria que explicar a Louisa por que tinha tanta pressa por estar com ela. Mas se aceitasse a condição do Marcus, teria que casar- se com ela.

- Está de acordo? - apressou-o Marcus.

Foxmoor duvidou uns instantes, e finalmente proclamou:

- Sim, de acordo.

- Deve jurá-lo por sua honra - lhe pediu Marcus.

Os olhos do Foxmoor se encheram de um brilho estranho, uma mescla entre impotência e ódio.

- Juro-o por minha honra. Já está, parece-lhe suficiente?

- Estou satisfeito - replicou Marcus.

- Obrigada, Simon - disse Regina, aliviada.

E então foi quando Marcus percebeu. Estava conseguindo tudo, tudo o que queria: casar-se com a Regina e afastar ao Foxmoor da vida da Louisa.

Um sorriso radiante e jovial coroou seu rosto.

- Isto merece que o celebremos - anunciou, sentindo-se de repente magnânimo.

Ofereceu um braço a Regina e outro a Louisa. - Vamos senhoritas, retornemos à festa e atalhemos os rumores desagradáveis que certamente já teriam começado a circular. Temos que anunciar um casamento.

Algumas horas mais tarde, de retorno a casa com o Simon e Cicely, Regina tinha a vista cravada na janela e a cabeça feito uma verdadeira confusão.

Uma parte dela se sentia ridiculamente encantada de casar-se com o Marcus. A outra parte não podia deixar de pensar na discussão desanimada que se encadeou sobre o Simon e Louisa. Quando Marcus tinha usado o fim do cortejo de sua irmã como uma condição para que eles se casassem, Regina tinha desejado estrangulá-lo. Como podia humilhá-la desse modo?

Então tinha visto o rosto do Simon, e uma terrível suspeita começou a afogá-la. Ainda sentia a mesma pressão no peito, mas não se atrevia a falar sobre o assunto até que não estivesse a sós com seu irmão, porque igualmente se equivocava.

Rogou porque fora certo.

Logo que chegaram à casa que os Foxmoor tinham na cidade, Cicely se foi diretamente ao seu quarto, e Regina e Simon se dirigiram à sala de estar. Ela escolheu as palavras com supremo cuidado para evitar que seu irmão ficasse na defensiva.

Necessitava que fosse honesto, se não era que desconhecia o significado de tal atitude.

- Quero lhe agradecer o sacrifício que fez, Simon. Sinto ter que adiar seus planos de matrimônio por minha atuação insensata. Sinto-me culpada por tê-lo posto nessa situação.

- Não se preocupe. Em realidade me fez um favor.

- Pois não vejo como. - Incapaz de olhá-lo nos olhos, Regina se dirigiu para o secreter, sua pequena escrivaninha imprestável, puramente ornamental, e fingiu procurar uma nota de papel. - Agora terá que esperar dois anos para poder cortejar a Louisa.

- Seriamente acha que deixarei de lhe fazer a corte a essa garota só porque esse idiota de seu irmão me tenha obrigado a jurar que o farei?

Não, infelizmente, ela sabia que isso não seria possível.

- Assim planeja vê-la às escondidas?

- Pois claro. Depois de suas bodas, irão de lua de mel e...

- Lua de mel? - resmungou ela, alarmada.

- É claro. É o que fazem todos os casais de recém casados, ou não?

Santo céu! Uma viagem a sós com o Marcus. Sem dispor da ajuda do Cicely? Regina estremeceu de pânico. Teria que entreter ao Marcus de algum jeito. De qualquer modo, quantas possibilidades teriam para dedicar-se à leitura durante a lua de mel? Supunha-se que essas viagens eram para...

De repente se ruborizou. Possivelmente sim poderia se arrumar perfeitamente sem Cicely.

- Como ia dizendo - prosseguiu seu irmão, - enquanto estejam em sua lua de mel poderei ver Louisa facilmente e convencê-la de agir contra os desejos de seu irmão.

Suas palavras a concentraram forçosamente de novo em suas suspeitas, em suas arrepiantes suspeitas.

- Se obtiver sua cumplicidade - continuou Simon, - já não importará quando retornem, pois você manterá ao Draker felizmente distraído no Castlemaine enquanto eu...

- Está organizando um encontro secreto entre Sua Alteza e Louisa.

Por resposta só obteve um incômodo silêncio.

Regina se virou e o olhou nos olhos.

- Esse é seu plano, não é certo?

- Não sei do que me está falando.

Sem poder suportar mais, Regina estalou com cólera.

- Não me minta! Por sua culpa me impliquei em um acordo com lorde Draker, e como resultado disso vou casar com ele, assim acredito que mereço saber a verdade.

Simon lhe lançou um olhar defensivo.

- Sua Alteza só quer reunir-se com sua própria filha e...

- Sua filha? - cortou-o Regina. - Louisa é filha do príncipe?

- Sim. Por que acha que deseja lhe oferecer um posto na Corte?

- Marcus não me disse nada disso. Além disso, soube que sua mãe e o príncipe romperam a relação durante uns anos, precisamente quando Louisa nasceu.

- Sim, mas já conhece o príncipe. Tiveram um encontro fortuito, e como era de esperar ele bem... Não pôde resistir. E Louisa nasceu nove meses mais tarde.

- Isso não significa necessariamente que Louisa seja filha dele.

- Sua mãe disse que o era, e ele acredita. Mas o gastador de lorde Draker não o aceita, assim que se nega a que pai e filha se vejam.

De repente, Regina se lembrou das palavras que Marcus lhe havia dito: "Jamais permitirei que esse inseto se aproxime de menos de um metro de ninguém que quero".

- Assim o príncipe e você maquinaram este falso cortejo para enrolar a essa pobre garota e...

- Maldita seja! Draker não nos deixou nenhuma outra alternativa.

- Não - respondeu ela ao mesmo tempo em que notava como lhe formava um angustiante nó no estômago. - Ele é muito preparado para vós dois. Falou-me de seu plano faz tempo, mas não acreditei. Não podia imaginar que fosse capaz de fazer algo tão detestável. Como lhe ocorre enganar a uma pobre garota?

Os olhos de seu irmão se entrecerraram.

- Se não me acha capaz, então é que não me conhece.

Regina se sentiu ultrajada ante a evidente traição. Tudo o que tinha feito, tudo pelo que tinha lutado, e tudo o que teria sido capaz de... Capaz do... Que?

- Por que, Simon? Por que deseja Sua Alteza introduzir a Louisa na Corte tão desesperadamente para perpetrar tal engano?

- Deixa de dizer isso! Não é um engano. Não me declarei a ela.

- Comprometeu-se a pedir sua mão. Me diga, beijou-a?

O rosto dele parecia que ia explodir de ira.

- Isso não é seu assunto.

- Assim a beijou, e deixou que acredite que...

- Fiz o que tinha que fazer para servir ao príncipe, sim.

Então se justificou e contou a Regina a história da princesa Charlotte e o interesse do Príncipe de Gales por fazer da Louisa sua espiã e informadora.

Com cada palavra, o estômago da Louisa se retorcia um pouco mais.

- E suponho que você obteria uma recompensa por tudo isso.

Simon ficou visivelmente tenso.

- Ambiciono chegar a ser primeiro-ministro, Regina. Esse foi sempre meu objetivo, tal como você já sabe.

As mãos da Regina começaram a empapar-se de um suor frio.

- Assim jamais pensou em se casar com a Louisa. Nem sequer a ama um pouco?

- Não é uma questão tão simples.

- Sim que o é. - Regina pensou em sua amiga, na inocentemente apaixonada que estava, tal como o tinha demonstrado nessa mesma noite diante de todos. - Ou a ama

ou não a ama, assim me diga: - Sim ou não?

As feições do Simon se endureceram por momentos.

- Eu não lhe pedi que se apaixonasse por mim. Não formava parte de meu plano. Não é meu problema se ela...

- Acreditou em suas adulações? Acreditou que foi sincero? Acreditou que seu interesse por vê-la estava unicamente motivado por sentimentos verdadeiros? Como pôde fazê-lo?

- Não tem direito a me criticar. Acaso você sentia algo por lorde Draker quando aceitou que a cortejasse? Ou simplesmente estava usando a esse pobre desgraçado para obter o que desejava?

- O único que me importava era seu possível matrimônio com a Louisa. Além disso, Marcus e eu sabíamos que nosso cortejo não era real mas era só um pactuo do que ambos nos beneficiávamos. - Bom, ao menos assim era como tinha começado. – Louisa não sabia nada de suas verdadeiras intenções. E quais são? Se pelo menos me dissesse que te casar com ela forma parte de seu plano.

Simon estava realmente tenso.

- Sabe perfeitamente que Louisa não seria a mulher apropriada como esposa de um primeiro-ministro.

- Por Deus! - Regina se sentiu cúmplice de um plano repugnante, embora o certo era que ela não se implicara o mínimo. - Mentiu quando aceitou a aposta. Jamais albergou a intenção de se casar com ela.

- Disse que tinha que pedir sua mão formalmente e acatar a decisão do Draker. Posto que soubesse que ele nunca me aceitaria, não corria nenhum perigo.

- Não, só o coração da Louisa estava em perigo.

- Se tiver chegado a pensar que quero me casar com ela, é seu problema.

- Que é seu...? Parecia que bebia os ventos por ela, lisonjeava-a, comprava-lhe presentes, e quem sabe que mais coisas têm feito para conseguir seu objetivo. E tudo isso para que? Pensava lhe anunciar finalmente que não está realmente interessado nela? Em que classe de criatura malvada e ruim se converteu Simon?

Ele a olhou fixamente.

- Só sou um indivíduo que serve a seu futuro rei com absoluta lealdade. Tal como todos seus súditos deveriam fazer. Você também.

Regina sacudiu a cabeça perplexa.

- Está cego se acredita que serei capaz de enfocar esta questão desde seu ponto de vista. E mais, não permitirei que continue com um engano tão...

- Fará o que eu lhe peça! - gritou ele ao mesmo tempo em que se dirigia com passo irado para ela. Seus belos traços estavam acesos com uma clara determinação. - Manterá a boca fechada sobre meus planos, entreterá a seu maldito marido, e me deixará acabar com isto sem interferir.Entendeu?

- Não. Não penso fazê-lo.

- Sim que o fará. Ou contarei a seu querido futuro marido que conhecia meus planos desde o começo.

Regina notou que lhe gelava O sangue.

- Não seria tão cruel.

- Equivoca-se, irmãzinha. Se contar a ele ou a Louisa meu plano, lhes direi que sabia tudo desde o começo. Que enviei a sua casa para distraí-lo e poder manobrar, para poder me aproximar de sua irmã mais comodamente.

- Não acreditará em você - sussurrou ela, apertando os dentes.

Simon soltou uma desagradável gargalhada.

- Esse homem confia tão pouco em você que pôs como condição a seu matrimônio que lhe jure que lhe será fiel. Seriamente pensa que acreditará em você?

- Sim.

Embora Regina não estivesse tão certa disso. De repente se lembrou que ele a tinha acusado de formar parte dos planos do Simon. Se seu irmão confirmasse essas suspeitas, Marcus acreditaria.

- Se estiver tão segura, por que não vai e o conta? - repreendeu-a Simon friamente. - Verá o que acontece. Só recorda que depois que lhe revele como o traiu, terá que viver com as conseqüências. Se lhe contar algo antes das bodas e ele decide acreditar em minha palavra, provavelmente não haverá bodas. E isso suporá pô-la em evidencia diante da sociedade. E se o conta depois... - Fez uma pausa e esgrimiu um sorriso malvado. - Só espero que todos esses rumores a respeito da masmorra sejam falsos.

- Pois eu espero que não - replicou ela. - Porque quando descobrir o que está fazendo, certamente o prenderá nela por toda a vida.

Por um momento Simon pareceu atemorizado ante as duras palavras da Regina, mas rapidamente recuperou a compostura e lhe lançou um sorriso condescendente.

- Não deveria falar desse modo. Parece-me que está se irritando um pouco, não é, querida irmãzinha?

- Não me chame "querida irmãzinha" nunca mais. Se acha que pode me forçar a jogar seu jogo sujo, renego-o. A partir de agora não o reconheço como irmão.

- Não a estou forçando a nada - respondeu enfastiado. - Unicamente lhe estou explicando por que me vi obrigado a agir assim e o que penso fazer se você se intromete. - Em seguida apoiou a mão no ombro da Regina. - Mas se fizer o que lhe digo, prometo que jamais direi ao Draker que formou parte de meus planos. Quando descobrir que Louisa escolheu viver na Corte com seu pai, a única coisa que terá que fazer é se mostrar surpreendida.

- Seu pai? O príncipe nunca se comportou como um pai com a Louisa. E agora só pretende aproximar-se dela para aproveitar-se. - Sua respiração era perceptivelmente acelerada. - Marcus lhe dá mil pontapés como cavalheiro. Rompe-me o coração pensar que alguém possa enganá-lo.

- Então não deveria se ter intrometido em meus projetos. Eu nunca lhe pedi que aceitasse esse ridículo contrato com ele. Nem muito menos que se perdesse a sós com ele em sua carruagem.

- Porque sabia que jamais aceitaria fazê-lo para satisfazer seus repulsivos planos.

Não obstante, Regina se dava conta de que ela o tinha feito para saciar seus próprios motivos, assim era tão culpada como ele.

- Mas o fez, e agora tem que assumir as conseqüências. Está comigo? Ou devo manter um bate-papo informal com meu futuro cunhado?

Regina pensou que o sangue deixaria de correr por suas veias, que morreria, ante o simples pensamento de como a trataria Marcus se acreditasse nas acusações do Simon.

- Jurou por sua honra que se manterá afastado da Louisa - o urgiu ela em um último esforço desesperado de fazê-lo mudar de opinião. - Será capaz de romper sua palavra?

- Também fiz um juramento a Sua Alteza, e por questão de posição social, tem mais valia minha palavra com o príncipe. Se Draker me pedir satisfações por ter infringido minha promessa, não duvidarei em aceitar um duelo. - Simon a olhou gelidamente. - Mas se realmente quiser a esse sujeito, será melhor que se assegure que não exija nenhuma satisfação. Sou muito bom com a pistola.

Efetivamente, era. E pelo que sabia, Marcus era incapaz de dar em um alvo situado só a vinte passos.

- De acordo. Não direi nada. Mas nunca o perdoarei pelo que faz. Nunca.

Simon não pronunciou nenhuma palavra mais quando ela abandonou a sala. Possivelmente se dava conta de que tinha superado os limites da decência. Ou possivelmente se sentia muito orgulhoso de tê-la vencido. Fosse o que fosse, não demoraria para descobrir que Regina não era a classe de pessoa que se deixa intimidar nem que fica de braços cruzados ante uma ameaça. Sua irmã não acatava ordens sem mais.

Regina se dirigiu diretamente ao quarto de Cicely, rogando que sua prima estivesse ainda acordada e aceitasse ajudá-la. Normalmente tinha que cravar um pouco a sua prima para conseguir pô-la contra Simon, mas agora que ele tinha solto com toda tranqüilidade que pensava dar ao Cicely uma posição cômoda em uma de suas propriedades, ou seja, encerrá-la, possivelmente não mostraria tanta disposição para Simon.

E Regina pretendia usar essa carta a seu favor. Entre ela e Cicely poderiam assegurar-se de que Louisa não se deixasse seduzir pelas maquinações do Simon. De um modo ou outro, Louisa sempre teria a alguém a seu lado.

Capítulo dezesseis.

"As núpcias de sua pupila não têm por que interferir em seu futuro. Uma mulher

inteligente terá realizado os preparativos indispensáveis com a família para quando sua pupila se case."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Durante os últimos nove anos, Marcus tinha assumido que as bodas eram para outros. A filha do granjeiro se casava com o impetuoso jovem lavrador; a professora da escola, um pouco entrada em anos casava-se com o boticário; a dama de alta linhagem de quem tanto falava a imprensa se casava com um famoso cavalheiro cuja face não estava sulcada por uma detestável cicatriz.

E, entretanto agora se achava diante de um bispo, com cicatriz incluída. Sustentava a mão delicada da mulher mais bela de toda a Inglaterra, não, do mundo inteiro. E estava a ponto de convertê-la em sua esposa.

Incrível.

Sim, as bodas se levaram a cabo rapidamente graças a uma licença especial. Tratava-se de uma cerimônia privada, com poucos convidados, sem toda a parafernália a que Regina provavelmente estava acostumada. Mas apesar de tudo era um casamento, e a noiva estava ali de boa vontade. Ao menos isso parecia.

As poucas ocasiões que tinha tido de vê-la na semana anterior, durante os preparativos para o casamento, comportou-se de um modo bem formal com ele. Agora, não obstante, Regina estava dando o sim, aceitava casar-se com ele de boa vontade.

Embora sem evidentes mostra de estar radiante, tampouco. Quem podia culpá-la? As deslumbrantes filhas dos duques não se casavam com tipos desajeitados e solitários como ele, e aceitavam levar uma vida aborrecida no campo, afastadas da fina sociedade.

"Quero uma casa na cidade. E a liberdade de residir nela quando o desejar", tinha sido uma das condições que lhe tinha imposto Regina.

Marcus resmungou. Essa mulher se enganava; confundia-o tudo. Ele pensava fazê-la feliz, muito feliz. Asseguraria de que se sentisse ditosa no Castlemaine, tanto na cama como fora dela, para que se esquecesse da cidade. Já tinha alugado uma casa na capital, tal como ela tinha exigido, mas não lhe parecia bem deixá-la residir nela a sós quando desejasse muito. Negava-se a seguir os passos de seus pais, inclusive se isso

significasse tê-la a seu lado todas as horas do dia.

O bispo os benzeu como marido e mulher, mas quando ele foi beijá-la, ela baixou os recatadamente. Marcus notou um estranho nó na garganta. Regina não era recatada. Possivelmente um pouco altiva sim, inclusive às vezes reservada, mas não recatada.

Era possível que a essas alturas ela já se estivesse arrependendo de haver-se casado com ele?

Pois pensava lhe pôr remédio.

Em lugar de lhe dar o beijo receoso nos lábios que todos os convidados provavelmente esperavam, agarrou-a entre seus braços e deu um sonoro beijo, com a firme determinação de demonstrar a todos o muito que a desejava.

Quando se retirou, em meio de viva educadas por parte dos convidados, ela respirava com dificuldade, mas uma faísca havia tornado a conquistar seus belos olhos. Embora fosse uma faísca de ódio era melhor que sua repentina modéstia.

Não a deixaria ser modesta, não com ele e menos ainda nesse dia tão famoso.

Depois de uma semana de recordar o doce gosto de sua boca, Marcus desejava devorá-la. E ansiava que ela quisesse o mesmo. Nessa mesma noite pensava fazê-la sua, total e irrevogavelmente. Sua esposa. E que Deus tivesse piedade dela se o rechaçava.

O casal se deu a volta para os convidados e começou a descer o curto lance de escadas e a percorrer o corredor central da igreja do Saint James.

- Suponho que estará contente - murmurou ela entre dentes. - De verdade, não posso entender como às vezes me faz.

- Quer dizer que quantas vezes não pensei na sorte de que saísse detrás de mim essa noite no Almack"s? - cortou-a ele.

Regina lhe lançou um olhar perplexo.

- Não. - E a seguir acrescentou: - Mas tem que mostrar a todos, de uma forma tão descarada, por que decidimos nos casar?

Um leve sorriso apareceu nos lábios do Marcus.

- Farei tudo o que for preciso para demonstrar a seus antigos pretendentes que já não está disponível.

- Certamente já perceberam com o casamento; não é preciso dar um espetáculo - replicou ela.

Mas a amargura tinha desaparecido de sua voz, e agora exibia um exíguo sorriso.

Fora da igreja um espantoso e elegante carruagem os aguardava para levá-los até a mansão do Foxmoor onde teria lugar o banquete nupcial. Enquanto saudavam os convidados e aos curiosos com a mão, Marcus lhe disse em voz baixa:

- Não podemos saltar o banquete e iniciar diretamente nossa lua de mel?

Regina evitou olhá-lo diretamente no rosto.

- Acaso os homens de sua estatura podem passar sem comer?

Ele ergueu a mão da Regina e estampou um beijo fugaz em sua palma.

- Depende de quão famintos estejam. A classe de manjar que desejo degustar agora é melhor prová-la em privado.

O repentino rubor no rosto de Regina fez que Marcus recordasse que agora era um cavalheiro.

- Se comporte - murmurou ela, com uma voz gutural.

- De acordo. Tentarei. Ao menos de agora em diante.

Infelizmente, o banquete nupcial foi idealizado para exibir as mais finas maneiras. O casal não gozou nem de um segundo de intimidade desde o momento em que pisou na mansão do Foxmoor. Por tratar-se de bodas discreta, havia um grande número de convidados.Além da senhorita Tremaine, dos Iversley e do Byrne, estavam presentes diversas damas e cavalheiros do grupo que freqüentava Regina, e Marcus não conhecia a metade deles.

Whitmore e seus irmãos também se achavam entre os assistentes, mas Marcus não se sentia incomodado ante tal presença. Durante a inacabável sessão de felicitações no vestíbulo, recreou-se contemplando a Whitmore, que pulava com porte taciturno.

Assegurou-se de que os estivesse olhando cada vez que se inclinava para sussurrar algo ao ouvido da Regina ou tomava pelo braço ou lhe tocava a mão. Quando Whitmore partiu, muito antes que seus irmãos, Marcus se estava divertindo muito.

Exceto por outra questão que o incomodava. Inclusive quando Foxmoor se estava comportando devidamente, inclusive quando era irremediável ter que suportar a visão de seu cunhado nas bodas, ao Marcus não o fazia nem pingo de graça que se aproximasse da Louisa.

Quando ele e Regina abandonaram o vestíbulo, Marcus olhou a Louisa e franziu o cenho ao vê-la conversar com a senhorita Tremaine.

- Desde quando minha irmã e sua prima são tão amigas?

O sorriso da Regina parecia certamente forçado.

- E por que não podem ser amigas? Cicely é agora a convidada dos Iversley, assim ambas devem compartilhar muitas horas juntas.

- Ainda não compreendo por que a senhorita Tremaine não pode ficar no Castlemaine ou em nossa nova casa na cidade.

- Está farta de... Não quero que fique tanto tempo sozinha.

- Meus criados podem atendê-la perfeitamente.

- Não insista. A lady Iversley não importa tê-la como convidada, e eu me sinto muito melhor sabendo que alguém cuida dela.

Marcus pensou que ainda tinha que estar agradecido de não apontar à lua de mel. Tinha tido que batalhar duro para convencer a Regina de não levar a nenhuma dama de companhia. E entretanto...

- Será melhor que sua prima não se confabule com seu irmão para ajudá-lo a romper sua promessa.

- Cicely me é absolutamente leal, e sabe que jamais aceitaria que fizesse uma coisa assim. Nem somente que o tentasse.

Regina falava sem olhar ao Marcus, e isso o pôs nervoso.

- Ele o tentará. Pode estar certa. Não confio em seu irmão.

Rapidamente ela levantou o rosto e o olhou nos olhos.

- E confia em mim?

"Não quando se trata de questões que afetam a seu irmão", pensou, mas não era tão insensato para expressar abertamente.

- É claro que confio em você.

- Então me acredite quando digo que Cicely é de confiança. - Regina desviou a vista para a Louisa. - Se não confiar no Simon, por que não o diz a Louisa? Acautelava; punha em guarda.

- Não me fará conta. Sabe perfeitamente de minhas suspeitas sobre o príncipe e de seu círculo de amigos. Acusaria-me de não ser objetivo. E para convencê-la, teria-lhe que contar que... Marcus se deteve em seco e se amaldiçoou por ter falado mais da conta.

- lhe contar o que?

Marcus suspirou. Agora Regina era sua esposa, assim o mais conveniente era não

lhe ocultar nada.

- Que existem dúvidas sobre quem é seu pai, pelo menos isso é o que opina o príncipe, que assegura ser seu pai.

Regina não pareceu nada surpreendida ante tal declaração.

- Mas você não está de acordo, não é assim?

- Não é a filha do príncipe, diga o que disser esse rufião.

- Tem certeza?

- É impossível, pelas circunstâncias desses anos. E o príncipe sabe, também. Se pensasse que Louisa é sua filha, me teria desafiado para me tirar à custódia faz muito tempo, como ele e a senhorita Fitzherbert fizeram com a filha de lady Horária Seymour.

- Mas Minney não tinha nenhum familiar direto que pudesse reclamá-la depois da morte de sua mãe, só tios e primos.

- E nenhum deles achava que o príncipe fosse seu pai, embora a mãe da moça tivesse sido uma de suas amantes. Entretanto, o príncipe se encetou em uma batalha legal até que ganhou a custódia da jovem.

- Talvez não se atreva a lutar contra você porque sabe que Louisa está em boas mãos.

Marcus a observou com atenção.

- Ele sabe o muito que o desprezo. Só esse insulto seria suficiente para animá-lo a lutar contra mim.

Regina ficou pensativa durante uns instantes.

- Seria um anúncio atroz que Louisa fora a filha de Sua Alteza?

A ira se amotinou no estômago do Marcus.

- Passei quase toda minha vida sabendo que era filho ilegítimo; nem um verdadeiro herdeiro de um príncipe nem tampouco um verdadeiro herdeiro de um visconde. Sabia que era o fruto ilícito de uma união repudiada pela Igreja e desdenhada pela gente respeitável, o símbolo de tudo aquilo que é repulsivo em nossa sociedade. Não quero que ninguém tenha que carregar com a mesma cruz, e menos Louisa.

- Mas agora ela é uma mulher. Pode assumir essa verdade.

- Seriamente? Pois não vejo que você a esteja acautelando de que seu irmão é um miserável que só a quer por motivos políticos.

Regina ficou pálida e desviou o olhar.

- Porque não é verdade - acrescentou em um sussurro. - E se o fosse, lhe partiria o

coração.

- Exatamente. Por isso não quero que saiba nada deste turvo assunto. Prefiro separá-los. Posso suportar o papel de irmão tosco e super protetor, se isso for o que se necessita para afastar ao Foxmoor durante um tempo até que se canse de sua manobra e atire a toalha.

- E se não se cansar? - Quando Marcus arqueou uma sobrancelha e a olhou, ela acrescentou.

- Quero dizer se não se cansar de cortejá-la, claro.

- Se persistir em sua atitude asseguro que o matarei. - Então lançou a Regina um olhar impávido. - E se você ajudar a seu irmão, te juro que também a matarei.

- Não tenho nenhuma intenção de ajudá-lo, se isso significa ferir sua irmã - acrescentou ela em uma voz calma cheia de tristeza. - Acredite ou não, sempre pretendi o melhor para a Louisa.

- Perfeito.

Mas essa conversa deixou ao Marcus um mau gosto na boca, que não conseguiu eliminar com todos os deliciosos manjares que se serviram no banquete. Regina lhe ocultava algo, sabia, mas não podia averiguar do que se tratava.

Esse mal-estar se prolongou até que terminou o banquete e ambos subiram na carruagem de Marcus para empreender a viagem de núpcias. Os dois estavam um pouco altos por causa do champanha, e ela tinha trocado seu fabuloso vestido de noiva por um traje de viagem bem formidável. Tratava-se de uma blusa de cor pêssego grampeada até quase o queixo com um considerável número de borlas, e estava debruada em sua parte superior com uma gola com pontinhos nas pontas . Parecia gritar: "Não tocar!"

Essa questão não o teria preocupado tanto se ela não se sentasse no assento diante dele, em lugar de seu lado. A tarde não começava nada bem.

Tentando acalmá-la, rebuscou em seu bolso e tirou algo que Louisa lhe tinha dado umas horas antes.

- Toma - disse, lançando algo sobre a saia da Regina. - Louisa me pediu que lhe dê isto quando nos tivéssemos partido. Suponho que se trata de alguma tolice feminina, para lhe dar as boas-vindas na família.

Mas seu gesto pareceu incomodá-la mais que não acalmá-la. Com mãos trêmulas, guardou o pacote na bolsa.

- Obrigada.

- Não pensa lê-la?

- Lerei-a mais tarde.

- Não me importa se ler agora.

- Prefiro estar sozinha quando leio minhas cartas. Isso é tudo.

- Entendo. - Embora o certo fosse que não o entendia. Era esse o modo no que ela pensava organizar seu matrimônio, de uma forma rígida e formal e privada? Não lhe assentou nada bem, mas o que podia fazer para mudar essa atitude?

Seguiram o caminho em um tenso silêncio antes que ela acrescentasse:

- Aonde vamos?

- É uma surpresa.

Ela engoliu em seco.

- Uma surpresa que eu gostarei?

- Isso espero. Dará-nos a oportunidade de estar sozinhos.

- Durante quanto tempo?

- Até que nos cansemos.

Regina conteve a respiração, a seguir cravou a vista em suas mãos.

- Não vamos a nenhum lugar... muito remoto, não?

Essa pergunta acabou de encher a paciência do Marcus.

- O que quer dizer?

- Haverá algum criado que possa enviar uma mensagem à cidade?

- Se o desejar, sim. E a quem quer enviar uma mensagem?

- Quero que Cicely saiba onde estou se por acaso precisa ficar em contato comigo.

- De acordo. - Sua pergunta e sua estranha dependência em sua prima o exasperou ainda mais. - Desde que não planeje que ela venha nos ver, poderá lhe enviar tantas mensagens quanto quiser.

Então, sem poder evitar, Marcus olhou a Regina fixamente e lhe perguntou:

- É que tem medo de ficar a sós comigo?

- Não, claro que não - respondeu ela.

- Então, o que se passa? Agora que é minha esposa se mostra menos coquete que quando não estávamos nem sequer noivos.

Regina se esforçou por sorrir.

- Qualquer mulher fica nervosa no dia de suas bodas.

- Então tenho o remédio infalível. - Marcus se sentou no assento que ocupava Regina, levantou sua esposa e a depositou em seu regaço.

- Marcus! - gritou, tentando escapar dele. - Pelo amor de Deus! Que ainda é de dia e há muita luz!

- Não diga tolices. Começa a anoitecer. Além disso, estamos casados.

Antes que ela pudesse protestar mais, ele a beijou com uma paixão desmedida. Primeiro Regina pareceu um pouco tímida, como se lhe desse vergonha devolver o beijo, mas não demorou para deixar-se levar pela imensa sensualidade que emanava de seu marido.

Quando seus braços se enredaram no pescoço do Marcus, ele soltou um suspiro de alívio e a beijou no pescoço com ardor. Não pensava desvirginá-la na carruagem como uma besta incivilizada, mas podia prepará-la para quando fizessem o amor mais tarde.

Chegariam a seu destino em algumas horas, o que deixava a ele suficiente margem para excitá-la e livrar-se dessa atitude virginal que não lhe agradava.

Embora não sabia se seria capaz de suportar. Cada beijo era mais apaixonado, até que chegou a pensar que ficaria em evidência se não provava logo essa carne tão doce.

Inclinou-se para beijá-la no pescoço, mas se cravou com algo bicudo no olho.

- Mas que diabo? - balbuciou ao mesmo tempo em que se separava dela. Então prestou atenção à gola do vestido. - O que são essas coisas bicudas?

- É uma gorguera - replicou ela indignada. - Com arame para que se agüente reta.

- É letal! - protestou ele. - É que não quer que a toque?

Uma risada musical escapou dos lábios da Regina.

- Não pensei nisso quando a costureira me confeccionou o vestido. A Belle Assembléia o define como o traje de viagem de mais novidade e elegante que apareceu em muito tempo. Não está de acordo?

- É novidade. Nisso estou de acordo.

- Pois eu o acho realmente especial, muito atraente.

- Atrativo no sentido draconiano, possivelmente.

Regina piscou divertida.

- Então é perfeito para a esposa do visconde Dragão.

Ele esgrimiu um leve sorriso.

- A viscondessa Dragão. Fica bem. Só você é capaz de escolher um vestuário

desenhado para torturar a um homem.

- Jamais me ocorreu que começaria a me atacar logo que entrássemos na carruagem - contra-atacou ela, arqueando uma sobrancelha.

- Isso é porque ainda não conhece seu marido - respondeu ele ao tempo que lhe lambia o lóbulo da orelha. - De agora em diante terei que ajudá-la a escolher seus trajes, porque não estou disposto a sofrer esta tortura cada vez que tente beijar a minha esposa.

- OH, pobre dragão! - brincou ela. - Se sente frustrado por um simples traje de viagem. Acha que será capaz de manter a cabeça erguida diante do resto dos dragões?

- Espero que não existam mais dragões - lhe sussurrou ao ouvido. - Quero ser o único.

Quando ela o fulminou com um olhar irado, Marcus soube que havia dito algo incorreto.

- Jurei ser fiel. E antes me disse que confia em mim.

- Não desconfio de você, mas não confio nos outros dragões.

- Não me casei com os outros dragões, mas com você.

- Porque se viu obrigada - disse ele, expressando suas reservas.

- Tinha outras opções, mas me inclinei por esta.

- Porque as outras alternativas não eram muito interessantes.

- Certo. Não obstante, estou contente com minha decisão.

- De verdade?

- Estou sentada em seu regaço, não?

- Vestida com o traje mais diabólico inventado para enaltecer as graças femininas.

Ela começou a rir muito.

- De acordo. Não porei isso nunca mais.

- Não, não é isso. Pode pôr isso quando estiver perto de todos esses outros dragões, mas não comigo. Inclusive ajudarei a pôr isso eu mesmo.

Com um brilho nos olhos, Regina rodeou carinhosamente o queixo do Marcus com suas mãos.

- É adorável quando está ciumento.

Ele a observou calmamente.

- Não estou brincando. Não penso compartilhá-la com ninguém.

- Nem eu tampouco; compartilhar você com ninguém, quero dizer. Continuou-a

olhando, mas agora boquiaberto.

- Não é possível que ache seriamente que isso seria um problema.

- Acaso não se deu conta de como as mulheres no Almack"s flertavam com você?

- Bom, só umas poucas - murmurou ele, satisfeito de que observara. E que mostrasse interesse por essa questão. - Mas só porque era carne fresca, era novo nesse grupo. Se lhes der a oportunidade de escolher entre seus bonitos pretendentes e um homem com uma cicatriz que lhe desfigura o rosto...

- Não é verdade, não lhe desfigura o rosto - atalhou ela com ferocidade. Em seguida, deslizou os dedos por cima da ferida. - Mas a acho fascinante.

Regina só tentava animá-lo, afastá-lo de seu repentino mau humor. E pelo que parecia, estava conseguindo.

- Sim, fascinante - voltou a repetir.

Acariciou-lhe a face com a mão.

- Agora que estamos casados, contará-me como fez isso?

- Por todos os demônios! E por que quer saber?

- Porque sou sua esposa. Quero saber tudo sobre você - disse enquanto se sentava mais erguida em sua saia. - Se não me contar isso, cravarei-te com minha gola.

Um sorriso genuíno se formou nos lábios do Marcus.

- De acordo. Não quero mais cicatrizes, obrigado.

- Não foi por uma queda de cavalo, não é verdade? - animou-o a falar.

Marcus emitiu um prolongado suspiro, e a acomodou em seu regaço.

- Não, acertou no Almack"S. É uma queimadura. Fiz isso com um atiçador de fogo que estava ardendo.

Regina o olhou com perplexidade.

- Aqui? No rosto?

- A pessoa que o brandia não me queria estampá-lo no rosto. Se tivesse acertado em minhas robustas costas, tal e como era sua intenção, provavelmente me teria queimado o casaco e eu me teria sobressaltado, mas dei a volta no momento fatídico, e me deu totalmente na face.

- Céu santo! - Regina se mostrou claramente horrorizada. Voltou a deslizar os dedos por cima da cicatriz, como se quisesse apagá-la com seu doce tato. - Deve ter sofrido muito, querido.

Querido. Tinha-lhe chamado querido. Se tivesse sabido, lhe teria contado sobre a

cicatriz muito antes.

- Doeu-me muito a princípio, sim - explicou um pouco desconfortável. - Mas poderia ter sido muito pior se não tivesse contado com os cuidados de minha irmã. A pobre insistiu em me aplicar um cataplasma cada dia, um remédio que tinha lido na revista Lady"S. Fosse o que fosse, conseguiu que se curasse mais rapidamente.

- Louisa estava ali quando aconteceu?

- Não foi testemunha do que aconteceu, não, e jamais lhe contei todos os detalhes. Mas sim, estava em casa nesse momento.

Os olhos da Regina se entrecerraram com apreensão.

- E aconteceu no Castlemaine? Que pessoa tão pérfida se atreveu a lhe fazer uma coisa assim em sua própria casa?

- É melhor que não saiba. - viu-se invadido por um sentimento de vergonha, e sentiu um calafrio quando recordou o acontecido.

- Quero saber. Sou sua esposa. Pode contar tudo, querido.

"Querido." De novo essa palavra maravilhosa. Nunca teria imaginado que a chegaria a escutar na boca de uma mulher, e muito menos de sua mulher. Sua magia era efetiva, porque não duvidou em dizer:

- Foi minha mãe.

Por uns instantes, Regina ficou muda. Agora certamente se daria conta de com que família tão horrorosa se havia aparentado, e se arrependeria de haver-se casado com ele.

Mas a única expressão que despontava em seu rosto era de ofensa.

- Sua mãe? Sua mãe lhe fez isto? Mas como se atreveu a...! Juro que se a tivesse aqui diante eu ...Eu ...Bom sei que não me poderia conter. Fazer isso a seu filho com um atiçador? Mas o que acontecia com essa mulher? Estava mal da cabeça?

A ofensa que ela sentia em nome dele o deixou transposto.

- Não exatamente. Fez isso em um momento de raiva incontida. Não estava agindo nem pensando de forma racional.

- Não me importa. Nada pode justificar que uma mulher faça mal a seu filho com um atiçador ardendo.

Marcus se achou na posição sem precedentes de ter que defender a sua mãe.

- Minha mãe estava atiçando o fogo quando disse a ela e ao príncipe que os queria fora das terras do Castlemaine, agora que me tinha convertido em visconde. Isso a

enfureceu muito e, depois, quando o príncipe protestou lhe respondi iradamente, disse-lhe o que pensava dele, o que pensava sobre... - Não.

Não se via com forças para prosseguir. Ao menos não em sua noite de núpcias. - Bem, o fato é que perdeu a cabeça. Aproximou-se de mim com o atiçador, o príncipe gritou para me avisar, voltei-me, e voilà. Assim fiz esta cicatriz.

- Deveriam tê-la fuzilado por ter marcado este bonito rosto - proclamou ela com ardor.

"Bonito rosto? Sua esposa pensava que tinha um bonito rosto? Incrível."

- Teve o que merecia. O príncipe não gostou nada desse incidente, ou possivelmente o que não gostou foi que o expulsassem de umas terras publicamente. Isso foi o princípio do fim de sua relação. Por que acha que ela difundiu esses rumores infames sobre todas as coisas que eu supostamente lhe tinha feito, como por exemplo não lhe dar a parte que lhe correspondia segundo o testamento de meu pai, ou bater nela ou todas essas patranhas que inventou? Nunca me perdoou por ter estragado sua relação com o príncipe.

- Mas se foi ela quem a estragou! Por que não o contou às pessoas?

Marcus encolheu os ombros.

- Contar-lhes que minha mãe me desprezava tanto para me ferir com um atiçador ardendo? Não queria que ninguém soubesse a verdade. Além disso, certamente ela lhes haveria dito que eu lhe tinha batido e que se viu obrigada a defender-se, ou qualquer outra mentira similar.

- Mas o príncipe...

- O príncipe teria apoiado sua alegação por escrito. Não lhe interessava que seus súditos soubessem que sua amante era uma mulher tão horrível. - Apertou os dentes. - Pelo que concernia ao tratamento que ela me havia dado, ele sempre desculpou sua conduta.

- O que quer dizer? - perguntou-lhe Regina.

- Nada. Mas se me tivesse ocorrido contar a verdade sobre ela, essa mulher teria inventado os embustes mais incríveis a respeito de mim. - A vergonha retornou com toda sua força. - E não era nada difícil para ela fazer-me ficar como um monstro diante de todos. Acabava de expulsar a um príncipe real de minha casa. Além disso, em meus vinte e dois anos, era um menino inepto, áspero e não inclinado a suportar a idiotas; ah, assim como agora. Não me parecia mal me isolar dessa sociedade ingrata. Estava

farto de ter que brigar desde muito menino contra todos os que se punham desagradáveis e contra as injúrias sobre meu pai.

- O príncipe?

- O visconde - pronunciou com amargura.

- Mas o príncipe é seu pai natural, não é certo? Soube que o visconde retornou de uma viagem de seis meses pela Itália e encontrou a sua mãe recém grávida.

Marcus resmungou.

- Sim. A eterna tristeza de minha vida é que todo mundo sabe que sou um bastardo. Minha mãe não pôde esperar para gerar um filho do visconde, OH, não. Seu marido se foi uns meses e ela não pôde resistir: meteu-se na cama do príncipe jovem em troca de uns quantos elogios e um ou dois presentes.

- Mas quanto tempo fazia que seus pais estavam casados?

- Dois anos.

- E ele decidiu empreender uma viagem tão longa, de seis meses?

- Ele não a abandonou - replicou Marcus. - Ele desejava agradá-la, reabilitar Castlemaine para que estivesse à altura de uma mulher de sua classe e sua beleza.

A mãe do Marcus provinha de uma família de antiga ascendência que nesses anos atravessava uma época de graves apuros econômicos, e o visconde saldou todas as dívidas da família com sua própria riqueza.

- Assim partiu para a Itália para selecionar mármore, ver mansões de amostra e esse tipo de compromissos.

- Durante seis meses? Sem sua esposa?

Quando Regina o olhou com curiosidade, Marcus se deu conta pela primeira vez de quão estranho isso parecia.

- Ela poderia ter ido com ele - Marcus tentou defender ao visconde, - mas minha mãe preferiu ficar em Londres.

- Não conheço nenhuma mulher que gostaria de ficar só sem seu marido durante seis meses, sem importar qual fosse o motivo que o mantivesse afastado de seu castelo.

- Assim acha que ela tinha uma justificação para manter uma aventura amorosa? - perguntou-lhe em um tom seco.

- É claro que não. - Os olhos dela o perfuraram. - Mas se meu marido me achasse tão onerosa para preferir viajar pela Itália sem mim, eu o perseguiria até descobrir o

motivo. Não suportaria que um homem se separasse de mim, ignorasse-me.

Por sorte, a explicação lhe pareceu bastante lógica e se acalmou.

- Não posso imaginar nenhum homem capaz de ignorá-la. - Em seguida, deu-lhe um beijo na testa. - E tampouco tenho a intenção de fazer a prova para ver como reage.

Regina sorriu amplamente.

- Pois fará bem em não me provocar.

Marcus a beijou, e o beijo se transformou rapidamente em uma necessidade abrasadora para ele. Depois de vários beijos apaixonados que só o conduziram a carícias frustradas por cima do grosso traje da Regina, ele estava a ponto de rasgar esse maldito tecido, mas nesse momento a carruagem se deteve bruscamente, fazendo com que o casal se separasse.

Desconcertado, olhou pela janela e descobriu que tinham chegado a seu destino. Uma careta perversa se desenhou em seus lábios.

- Já chegamos querida.

Capítulo dezessete.

"Ensina a sua pupila a ser sempre honesta com seu marido.Isso lhe facilitará sua vida de casada grandemente."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Regina olhou também pela janela, mas a única coisa que viu nesse lado da carruagem foi um bosquezinho de carvalhos.

- Onde estamos? - perguntou. Sua curiosidade crescia muito.

Marcus entrelaçou seus dedos com os de sua esposa.

- Em minhas terras, embora não na casa principal.

Lançou-lhe um olhar divertido ao mesmo tempo em que alisava o traje; depois começou a pentear o cabelo.

- Vamos passar nossa lua de mel em uma cabana de caça em nossas terras?

- Não exatamente. Venha e verá.

Um lacaio se havia apresentado eficientemente para abrir a porta da carruagem. Enquanto desciam, Regina olhou a seu redor, incapaz de acreditar no que viam seus olhos. Se não lhe houvesse dito onde estavam, teria pensado que Marcus a tinha levado muito longe dos limites da Inglaterra, a umas terras longínquas como a Índia ou Turquia. Uma cúpula em forma de cebola se erigia altivamente no céu, ladeada por dois minaretes. O quadro estava embelezado com adornos de metal dourados, janelas ovais e colunas esculpidas em forma de palmeiras.

- Esta cabana de caça é realmente peculiar! - exclamou ela.

Marcus não se pôde conter e soltou uma estonteante gargalhada.

- Meu pai tinha gostos muito ecléticos pelo que concernia à arquitetura. Depois de sua viagem pela Itália, decidiu construir um palácio oriental em miniatura como uma parte mais deste castelo. Chamamo-lo Illyria.

- Que nome mais peculiar.

- É do Shakespeare - indicou ele olhando-a de soslaio. - Me parece que não tem lido muitas novelas.

- Não, receio que não - disse ela com ironia. Os servos emergiram com sigilo, descarregaram a bagagem e o levaram para dentro, enquanto ela continuava observando fascinada o imponente edifício.

- Estamos muito longe da casa principal?

- Alguns quilômetros.

As terras do Castlemaine deviam ocupar uma extensão muito vasta. Pelo menos estavam o suficientemente perto da casa para poder dispor de tudo e reunir-se com Cicely em Londres se fosse necessário. Mas por outro lado, não seria nada fácil enviar o endereço à Cicely. Regina tinha planejado subornar a um servo para que escrevesse e lesse cartas para ela quando necessitasse. Mas subornar a um dos servos do Marcus era algo inaceitável. Teria que pensar em outra possibilidade. Mas qual?

- Meu pai construiu Illyria como sua casa de retiro - explicou Marcus, - para que ele e Louisa se instalassem nela quando determinados bem...certos hóspedes se achassem na casa.

- Ah! - Regina continuava encantada ante o palácio oriental. - É fascinante. Viu o príncipe alguma vez?

- Não. Nem ele nem minha mãe tinham permissão para vir aqui.

- Está certo?Assemelha-se muito a um desenho de renovação que Sua Alteza

esteve considerando para sua casa de Brighton, e se mal não recordo, esse desenho contém um número de dragões.

Marcus ficou visivelmente tenso.

- Meu pai não teria permitido que eles se aproximassem nem a um quilômetro deste lugar; asseguro-lhe.

Eles. O ressentimento de sua voz a entristeceu. Não era que o culpasse depois do que lhe acabava de contar na carruagem.

- Em qualquer caso - prosseguiu ele, - pensei que passar nossa lua de mel aqui lhe permitiria se familiarizar pouco a pouco com a vida do Castlemaine. Poderemos visitar a casa e outras partes das terras quando quiser, mas também poderemos estar sozinhos.

Marcus deslizou a mão ao redor da cintura da Regina e continuou, embora agora com uma voz mais grave e sensual:

- Pelo que me respeita, gosto muitíssimo de estar a sós com você durante bastante tempo.

Beijou-a diante dos criados, e o coração da Regina começou a palpitar desenfreadamente. E quanto era bastante tempo? Esteve tentada a perguntar-lhe mas certamente ele interpretaria mal seus motivos para expor tal questão. Não lhe podia contar que estava terrivelmente preocupada com a Louisa.

Só lhe ocorria rezar para que Cicely a substituísse no trabalho de proteger a Louisa e de manter ao Simon afastado dela. Ou para que Simon não encontrasse uma forma de burlar Cicely.

Recordou a atuação horrível da mãe do Marcus e pensou que ele tinha motivos sobrados para suspeitar dos próprios motivos da Regina para casar-se com ele. Mas não sabia o que podia fazer para que ele confiasse plenamente nela. Se lhe contasse os planos do Simon, só conseguiria piorar as coisas. E se justificava e lhe referia seu outro problema... Não, não podia, ainda não. Até que não tivessem compartilhado o leito, ele tinha o direito de declarar nulo seu matrimônio. Sua atrofia mental lhe proporcionaria uma causa justificada, e isso suporia uma humilhação que não poderia suportar. Esperaria até que passasse a noite de núpcias. Depois, se ele exigisse uma retribuição porque não lhe tinha contado seu defeito até que tinha sido muito tarde, lhe daria o que lhe solicitasse, fosse o que fosse.

Delegaria também nele a decisão sobre ter filhos. No melhor dos casos ele não

considerava que fosse um assunto tão importante e perigoso. Possivelmente não lhe importaria ter um filho que não pudesse ler, que tivesse um defeito mental ou algo pior.

Mas ele estava são, assim possivelmente seus filhos também sairiam completamente sadios. Essa saga de homens robustos e vigorosos poderia rebater a sua saga esquálida.

Sim, isso era o que pedia a Deus. Certamente, depois de tudo o que Marcus tinha sofrido na vida, Deus teria piedade dele e não lhe daria filhos pelos quais tivesse que continuar sofrendo.

- Voltou-se, observou a seu marido, e forçou um brilhante sorriso em seus lábios. Desejava que ele fosse feliz.

- Por que não me mostra a casa? Morro de vontade de vê-la.

- De acordo. - Com um sorriso voluptuoso, voltou a deslizar a mão ao redor da cintura de sua esposa. - Quer que lhe mostre primeiro nosso quarto?

- Agora? - disse ela. - Quero dizer...

- Está bem - murmurou com um tom divertido. - Não a envenenarei. Temos toda a noite à frente. Esse pensamento ficou gravado na cabeça de Regina todo o tempo, enquanto lhe mostrava o espaçoso vestíbulo oriental, banhado de tonalidades verdes e douradas e a seguir uma adorável sala de estar mobiliada inteiramente com mobiliário laqueado em negro e madrepérola. Regina não podia reprimir-se ante um espetáculo tão belo, mas sua mente se movia em outra direção: recordava tudo aquilo que lhe tinham contado suas amigas casadas durante a última semana sobre o que acontecia na noite de núpcias.

Tinham recorrido a palavras tais como "estranho" e "humilhante". Haviam dito que "a primeira parte é agradável, mas o final é horroroso", e a tinham reconfortado acrescentando que não se preocupasse, "que passava rápido, graças a Deus".

E todas as histórias tinham acabado com um "mas ao menos, quando tudo tenha acabado, ele a encherá de jóias, assim terá valido a pena".

Como se isso fosse suficiente para compensar o que soava como uma experiência horrorosa. Além disso, ela não podia imaginar-se ao Marcus lhe dando de presente flores, e muito menos jóias. Não era esse tipo de homem.

Mas parecia muito ágil na hora de beijar e acariciá-la. Assim igualmente o ato propriamente dito não seria tão horroroso com ele. Depois de tudo, não parecia que

ele fosse inexperiente na matéria. Havia todas essas belezas que ele podia comprar em qualquer bordel. Possivelmente aos maridos de suas amigas faltava experiência.

Mas claro... Regina olhou ao Marcus de soslaio, e se fixou em seus amplos ombros e sua grande estatura. Comparado com os maridos de suas amigas, Marcus era um gigante. E além disso parecia insaciável. Não podia imaginar a nenhum dos maridos de suas amigas arrastando a sua mulher até sentá-la em cima de seu regaço. Ou tentando seduzi-la em uma carruagem.

Mas Marcus podia ser exigente e forte e... Uf! Santo céu!

- E esta é a cozinha - dizia ele quando a introduziu em um pequeno aposento limpo e ordenado, do tamanho das cozinhas nas casas da capital. - Tem fome?

Regina fez um enorme esforço para esgrimir um sorriso.

- Depois do copioso ágape de nossas bodas? Deve estar brincando.

- Bem. - Os olhos do Marcus brilhavam quando a rodeou com seus braços. - Ordenei aos criados que nos deixassem um lanche frio no caso de sim, mas eu quero algo diferente para jantar.

Beijou-a nos lábios, e como não havia nenhum servo perto, foi um beijo descaradamente luxurioso. Entretanto, ela não conseguia relaxar em seus braços. Uma coisa era estar sentada em seu regaço na limusine, onde sabia que ele não se podia exceder, e outra distinta era estar agora a sós com ele.

Possivelmente era verdade que de forma inconsciente tinha escolhido esse traje com a idéia de freá-lo.

Mas sabia que não podia adiar mais o inevitável.

Quando notou os dedos de seu marido lhe desabotoando o traje, deu um saltinho e retrocedeu. Sentia-se completamente morta de calor.

- E o que acontece com os criados? E se nos vêem na cozinha?

- Dei-lhes a noite livre. Não voltarão até amanhã de manhã, para ocupar-se de nós, mas pensei que poderíamos passar sem eles em nossa noite de núpcias, que estaríamos mais confortáveis. - Marcus a olhou nos olhos. - Ainda está nervosa?

- Só um pouco - disse ela, tentando manter um tom depravado e engolindo a ansiedade que a consumia.

Com um sorriso decididamente draconiano, abraçou-a com força.

- Vamos lá cima. Tenho o que necessita para relaxar.

Quando a guiou para as escadas, o coração da Regina começou a pulsar a mil por

hora. O quarto. Levava para o quarto.

- É muito tarde para aceitar esse lanche frio?

Marcus a abrasou com o olhar.

- Façamos um trato: depois que lhe mostre a surpresa que lhe reservei, se o desejar desceremos para comer algo, de acordo?

Ela arqueou uma sobrancelha com evidente nervosismo.

- A surpresa não tem nada que ver com...Bem...já sabe.

Ele rompeu a rir.

- Não, não de um modo direto.

Seu comentário despertou suficientemente a curiosidade para não lançar mais protestos e se deixou levar até o piso superior. Uma vez ali entraram em um amplo quarto, com a lareira acesa. Ela analisou o aposento, impressionada ante a calidez que proporcionavam as paredes revestidas de papel de seda vermelho e o fabuloso tapete oriental estampado com motivos dourados e escarlate.

E então a divisou. A harpa mais impressionante que jamais tinha visto. Com o nariz apontando ao teto, como uma rainha ofendida pela decoração circundante mas bem vulgar, o pesado instrumento repousava ao lado da fastuosa cama a China.

- Ohhh, Marcus! - balbuciou ela, e depois acrescentou desconcertada: - É para mim?

- É claro que é para você. Pode imaginar, com estas titânicas mãos, tocando um instrumento tão delicado?

Regina deixou ver sua alegria através de uma incontrolável e genuína gargalhada e, sem poder resistir, precipitou-se para a harpa para examiná-la. Sentia-se como uma menina de cinco aninhos no dia de Natal. O pescoço do instrumento estava gravado ornamentalmente com a forma de um dragão com uma longa cauda. Estava claro que Marcus tinha encarregado a elaboração desse instrumento, embora não pudesse imaginar como tinha conseguido que o tivessem preparado em tão pouco tempo.

Deslizou os dedos pelas cordas, sorrindo ante o delicioso som. Marcus inclusive tinha feito que o afinassem.

Ele avançou até ela e se colocou a suas costas.

- Você gosta? Confesso que não entendo muito de harpas, mas Louisa me ajudou a dar as diretrizes ao indivíduo que a fez.

- É maravilhosa. - Regina se virou e lhe estampou um beijo na boca. -

Absolutamente maravilhosa! Eu adoro!

Ele a agarrou com vigor e lhe devolveu o beijo, um beijo tão passional e provocador que Regina estremeceu da cabeça aos pés. Quando a soltou, os olhos de seu marido despediam um brilho especial, como os de um felino.

- Leu a inscrição?

O prazer veio abaixo em um piscar de olhos.

- A inscrição?

- Na harpa. Fiz que a gravassem especialmente para você.

- Não a vi, lerei mais tarde. - Ela o rodeou com os braços pelo pescoço e levantou a cabeça para lhe dar outro beijo. Entre a opção de meter-se na cama com ele e a de lhe revelar seu defeito nesse preciso instante, preferia a primeira, sem dúvida nenhuma.

Mas ele a afastou suavemente.

- Não. Quero que leia agora. Vamos.

O coração da Regina se encolheu quando Marcus a virou para a harpa e assinalou umas palavras gravadas em uma plaquinha dourada cravada na caixa de música.

- O que lhe parece?

Regina simulou que lia a inscrição.

- Sim, que bonita.

- Bonita? Acha que é bonita? - inquiriu ele ao mesmo tempo em que o sorriso se apagava de seu rosto.

Ela assentiu com a cabeça, espremendo os miolos para tentar averiguar o que ele tinha escrito na bendita placa.

- Bonito - repetiu Marcus, com uma crescente amargura em seu tom. - Perfeito. Ou seja que quanto menos comentemos essa inscrição escandalosa, melhor.

- Não sei do que está falando - sussurrou ela.

- Não se faça de idiota, Regina; não lhe fica bem. - Deu-lhe as costas e começou a lamentar-se: - Claro, disso se trata, não? O fastidioso traje, seu nervosismo, seu estranho desejo de que sua prima viva conosco, É evidente que o mero pensamento de ficar a sós comigo, de intimar comigo, provoca-lhe uma grande aversão.

- Não disse isso! - gritou ela, alarmada ante a amargura que se desprendia da boca do Marcus.

- Não foi necessário que o dissesse com palavras.

Santo céu. Indubitavelmente, tinha dado um fora.

- Por favor, me diga o que está na placa - se aventurou a perguntar, esperando que lhe respondesse sem que fizesse mais perguntas. - É que possivelmente não tenha entendido bem o que está escrito.

Marcus a olhou com receio.

- Anda, me diga o que está escrito - sussurrou Regina.

- Você adoraria me escutar dizer essas palavras, não é? Para depois rir de mim. - Sua mandíbula estava totalmente rígida. Passou a mão pelo queixo e logo lançou um bufido, como se sentisse falta de sua basta barba. - Como consegue que sempre me esqueça?- Bajula até que baixo a guarda com sua ternura, e então aparece a feia cabeça de sua verdadeira natureza.

- Que verdadeira natureza? A que se refere?

Por todos os deuses, Regina se sentia totalmente confusa.

- Que é A Belle me Dê Sãs Merci, que desfruta humilhando os homens que a desejam. Pois bem, não se preocupe, esta noite não penso incomodá-la, não lhe tocarei nem um só cabelo.

Marcus se virou para a porta, mas ela o agarrou pelo braço.

- Maldito seja! Me diga que diabo pôs na inscrição! - As lágrimas se acumulavam em seus olhos. - Por favor, diga-me isso.

Seu pânico pareceu sortir efeito no Marcus, porque lhe lançou um olhar exasperado e ao mesmo tempo atônito.

- Deixa de fingir. Sei que a leu. Pedi que a gravassem com as letras suficientemente grandes, assim não tem desculpa para...

- Não a li - interrompeu-o. - Não a li.

- Pois então lê-a agora.

- Não posso. - As palavras brotaram de sua boca sem que ela pudesse remediá-lo.

- Claro que pode. - Puxou-a pelo braço com a intenção de plantá-la diante da harpa. - Vamos tenta-o.

- Não posso lê-lo! - gritou, escapando de sua garra. - Maldito seja, Marcus, não posso ler nada. Não posso ler... Não posso...

Regina se deitou dramaticamente sobre a cama e continuou soluçando sem parar.

Marcus ficou de pé, imóvel, incapaz de assimilar suas palavras. O que queria dizer com isso de que não podia ler? É claro que podia ler. Era a filha de um duque, pelo amor de Deus, e não uma pobre e desventurada criada. Tinha-a visto ler algumas

coisas.

Embora, agora que caia na conta, seriamente a tinha visto?

Então se lembrou de sua negativa a ler a nota da Louisa na carruagem. E sempre lhe tinha parecido que odiava a obsessão que ele sentia pelos livros. E o que havia dito Foxmoor? Que jamais a tinha visto abrir nem um conto.

Mas ela tinha estampado sua assinatura na licença de matrimônio nessa mesma manhã. Tinha-o visto com seus próprios olhos.

Notou um nó que se constipava em sua garganta. Sim, tinha assinado com um gancho de ferro ilegível. Não com uma assinatura graciosa e delicada, como correspondia a uma dama de sua classe. E quando ele tinha brincado sobre a questão, Regina tinha mudado de assunto sutilmente.

- Queria lhe dizer isso antes - conseguiu dizer Regina entre soluços. - Sei, deveria... Sinto muito.

- Não se preocupe. Não há nada que perdoar - apontou ele rapidamente com a clara intenção de acalmá-la, embora sua mente continuasse sem compreender o que acontecia. Sentou-se na cama, ao lado de sua esposa, e a rodeou com os braços.

- Calma , querida.

Em seguida, Marcus lhe levantou a cabeça com cuidado e a apoiou sobre seu peito.

As lágrimas da Regina lhe atravessaram o coração. Nunca antes a tinha visto chorar, e pensar que ele a tinha provocado com seu estúpido temperamento.

- Você é um ávido leitor - sussurrou ela, levantando o rosto cheia de lágrimas. - Desde que o conheci, vivi com um pânico constante por este momento, quando o descobrisse. Cicely costuma ler por mim, mas com ela em Londres...

- Meu deus! - disse ele, abraçando-a com toda sua força.

Agora muitas coisas começavam a encaixar, como por exemplo por que queria que Cicely vivesse com eles, por que preferia as festas aos livros, por que se tinha negado a cantar com ele naquela primeira noite. Claro, ela não conhecia a canção, e não podia ler a partitura.

Um enorme sentimento de culpa o assaltou quando recordou como a tinha humilhado publicamente por não cantar com ele.

- Queria dizer lhe sussurrou ela, - mas não sabia como. Morria de vergonha. Então, anunciou nosso casamento tão subitamente e entrou pânico de pensar que pudesse

me rechaçar. E agora...

Regina tinha deixado de soluçar, mas seu olhar continuava mostrando um profundo sentimento de dor.

- Por favor, não anule nosso casamento. Não poderia suportar tal humilhação. Farei o que me peça, ficarei com você sempre aqui, no campo. Eu... Eu...

- Calma querida. - Marcus a beijou docemente nos lábios. Não suportava vê-la suplicar. Sentia-se como se lhe tivessem enfiado uma estaca no coração. Todos os comentários desagradáveis e acusações impensáveis que ele tinha chegado a lhe dizer na cara emergiram de novo, como fantasmas, para atormentá-lo. - Não vou anular nossas bodas, nem por este motivo nem por nenhum outro.

- Não entende - murmurou ela. - Não posso ler porque... Porque tenho um problema mental.

- Não diga bobagens. Não acontece nada a seu cérebro - protestou ele, abraçando-a com força.

- Sim! - Empurrou-o para afastá-lo dela. - Pergunte à Cicely; ela lhe confirmará isso.

Regina tinha soltado essas palavras com uma patente convicção. Então se decidiu a explicar seu problema, suas dúvidas e sua angústia:

- Não vejo as letras corretamente, e quando tento ler tenho uma terrível dor de cabeça. E se tiver um filho, é possível que tenha o mesmo defeito ou inclusive pior...

Não pôde continuar. As lágrimas afloraram novamente em seus olhos.

- Morreria se isso acontecesse!

- Nem lhe ocorra pensar em algo assim. - Marcus a voltou a beijar, sentindo como se fosse ele quem se fosse a morrer. - Os nossos filhos não acontecerão nada mau, prometo-lhe.

Por isso ela se negara a casar-se, por isso tinha rechaçado a todos seus pretendentes, por isso podia ser o anjo mais doce do universo e em seguida converter-se em uma sereia cruel. Porque tinha tentado sobreviver sem que ninguém averiguasse seu segredo. Até que ele tinha aparecido.

E o que se passaria se ela tivesse razão? Se realmente sofria de um dano cerebral? A debilidade mental e a loucura eram enfermidades comuns em algumas famílias. O que aconteceria a seus filhos...

Não, fosse o que fosse o que acontecesse com Regina, estava certo de que não

sofria de nenhuma debilidade mental.

- Ocuparemos deste problema juntos querida. É minha esposa, até que a morte nos separe. Não a abandonarei, estarei ao seu lado nesta questão e em qualquer outro problema, assim não lhe ocorra falar de anulação de casamento.

- Mas Marcus, não o culparei se...

- Se persistir em falar sobre anulação matrimonial, pensarei que é você quem deseja pôr fim a nossa união.

Lançou-lhe um olhar cheio de ferocidade e de segurança.

- Jamais. Prometi estar ao seu lado, no bom e no mau.

Marcus pensou que o coração lhe ia explodir de alegria.

- E eu fiz a mesma promessa diante de muitas testemunhas.

Mais tarde já se encarregaria de analisar atentamente essa tolice que Regina insistia em definir como dano cerebral, e faria que sua esposa lhe explicasse como era possível que a filha de um duque não soubesse ler. No momento, sentia-se contente de ver que Regina ia recuperando lentamente a compostura e que voltava a sorrir. Com a clara determinação de salvar o que restava da noite, Marcus sorriu e começou a lhe desabotoar as borlas desse traje tão complicadamente chato.

- Só me ocorre uma forma de lhe assegurar que não haverá anulação possível.

Regina suspirou profundamente. Seus olhos brilhavam através das lágrimas como duas gotas de orvalho prateadas sob a luz das velas.

- O que pôs na inscrição, Marcus?

Ele pensou que o sangue lhe ia estalar quando abriu o vestido e divisou uma sedutora roupa interior de seda quase transparente, que deixava entrever uns mamilos perfeitos, duas pontas rosadas que ele morria de vontade de provar.

- Diz: "A minha querida esposa, a única mulher a que desejaria acorrentar em minha masmorra".

Um sorriso vacilante tocou os lábios da Regina.

- Isso não é muito... Bem...Bonito. Possivelmente a descreveria mais como uma inscrição viciosa, perversa.

- Tem toda a razão. É perversa. - Notava que o sangue fluía por suas veias a toda velocidade. Então aproximou sua boca a dela e disse: - E nós faremos muitas coisas perversas antes que esta noite chegue a seu fim.

Capítulo dezoito.

" A mãe de sua pupila tem a responsabilidade de lhe explicar o que terá que esperar da noite de núpcias. Mas se sua mãe não pode ou não consegue cumprir com esse dever, então deve fazê-lo você."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Regina se deleitou com o beijo do Draker, tão quente, tão terno. Ou melhor, a ele realmente não importava. Se a desejava tanto, possivelmente podia deixar de lado seu defeito. Quem era ela para continuar discutindo sobre essa questão?

Especialmente agora que ele tinha as mãos sobre seus seios e os estava acariciando de uma maneira absolutamente mágica. Que prazer, que sentimento mais delicioso.

Marcus inclinou a cabeça para beijá-la no pescoço, mas em seguida soltou um gemido.

- A maldita gola assassina de seu vestido resolveu me deixar torto! Acabou-se! Não a suporto mais! - Rapidamente acabou de desabotoar as últimas borlas e depois lhe tirou bruscamente o vestido.

Regina pôs-se a rir, avermelhada de alegria porque ele não a tinha rejeitado como esposa.

- Possivelmente deveria acorrentá-lo em sua masmorra - brincou enquanto ele lançava o vestido à outra ponta do quarto.

Os olhos de Marcus brilhavam de excitação. Não podia deixar de observar esse corpo maravilhoso que tinha ante si.

- Não, antes preferiria acorrentar a si.

- Nem sonhe - o ameaçou ela. Mas sua respiração se acelerou quando começou a imaginar a erótica situação que podia surgir entre ele e ela na masmorra.

- Ou melhor, gostaria. - Marcus a empurrou suavemente para que deitasse na cama. Quando Regina recostou a cabeça no travesseiro, ele tomou suas mãos, levou-as para trás e as colocou sobre as duas barras de metal que constituíam a cabeceira a

China.

Continuando, inclinou-se sobre ela e começou a lhe chupar um dos mamilos por cima da roupa interior transparente, o que o excitou ao máximo.

- Talvez você adoraria que a acorrentasse em minha masmorra, esperando a que...

- O dragão viesse me devorar? - sussurrou ela, perdida nessa luxuriosa fantasia.

- Exato - disse ele sobre seu peito.

Pouco antes Regina tinha sentido apreensão por sua noite de núpcias, mas agora, em troca, esse diálogo e essas ações viciosas lhe estavam provocando o efeito contrário. Seu corpo relaxou debaixo das lambidas da língua cálida do Marcus, ficou tonta com os prazeres estimulantes dessa boca tão perita.

Desabotoou-lhe os laços da roupa interior com os dentes. Mas quando se pôs a tirar-lhe só pôde baixá-la até que seus seios ficaram descobertos, pois Regina continuava com os braços levantados.

Então Marcus mudou de direção e decidiu lhe tirar a roupa por cima, pela cabeça. Tomou as mãos da Regina, ainda agarradas às barras de metal, e as separou da cabeceira o suficiente para lhe tirar a roupa pela cabeça. Depois voltou a colocar as mãos entre os dois barrotes.

- Não as solte - ordenou-lhe. - Está acorrentada.

- Ah, sim?

- Sim, de momento sim - respondeu Marcus com o olhar aceso, totalmente excitado.

Regina se sentiu invadida por um desejo de comportar-se como uma prostituta desavergonhada.

- De acordo - sussurrou sensualmente.

Imediatamente, lhe tirou as meias e o resto da roupa interior que cobria sua parte mais íntima, deixando-a totalmente nua ante ele. Observou-a com luxúria, da cabeça aos pés. Que maravilha, a situação era esquisitamente libidinosa.

Então Marcus se levantou e se sentou em uma poltrona que havia junto ao lado da cama, de onde continuou olhando-a, devorando-a com os olhos.

Um delicioso calafrio percorreu todo o corpo da Regina. Gostava que a olhasse dessa forma. Com as sombras que projetava a luz da chaminé sobre o rosto marcado dele, Marcus se assemelhava a um dragão que se preparava para devorar uma mulher cativa.

Ela engoliu em seco, mas não se soltou da cabeceira.

Marcus começou a tirar uma bota.

- Acho que eu gostaria de acorrentá-la. - Sua voz era gutural, esfomeada.

O comentário fez com que Regina se excitasse ainda mais.

- O que demonstra que é um homem perverso.

A outra bota rodou pelo chão.

- Então devo lhe estar agradecido por ter se entregue voluntariamente para saciar minha sede. Poucas mulheres aceitariam seu papel. - levantou-se para aproximar-se da cama. Seu olhar continuava sendo penetrante, como se pretendesse atravessá-la.

- E ainda seriam menos as que gozariam com tais perversões.

Envergonhada por ter se mostrado igualmente pecaminosa como ele, Regina desviou o olhar e começou a observar o quarto. Mas isso só conseguiu piorar a situação, porque o quadro que pendurava da parede justo em frente da cama, um quadro que não casava com o estilo chinês do resto da estadia, exibia uma pletora de ninfas meio nuas. Não, eram sereias, fazendo gestos a um navio que alojava a uns necessitados marinheiros com o fim de que a nave se estrelasse contra as rochas.

Rapidamente voltou a fixar a vista no Marcus.

- De quem é este quarto?

- Meu.

- E seu pai permitia que tivesse esse quadro na parede?

Marcus sorriu com malícia.

- Mas não. Pendurei-o uns anos mais tarde. Professo um interesse particular pelas belas sereias - replicou enquanto continuava observando-a impúdicamente.

- Como com essas belezas que pode comprar em qualquer bordel? - cravou-o ela com um tom cheio de aspereza.

- Como você - rebateu ele. - Jamais poderia pagar uma beleza tão excepcionalmente cara como você, querida.

A aprovação descarada em seus olhos eliminou qualquer fresta de vergonha que ela pudesse ainda sentir, e a deixou a ponto de mel. Excitada, e estranhamente sedenta.

Então ele começou a despir-se. Fez lentamente, sem afastar a vista de seu corpo enquanto tirava o casaco. Em seguida, desabotoou o colete com movimentos lentos, deliberados, que fizeram que a ela lhe acelerasse a respiração com antecipação.

Regina podia divisar o vulto inchado que me sobressaía em suas calças, mas ele continuou despindo-se com a mesma lentidão.

Na parte mais baixa de seu ventre, ela notou como sua pele começava a encolher-se mais e mais até que sentiu umas pontadas de dor. Pensou que se derreteria se ele não a tocasse logo.

Marcus tirou a gravata, então se aproximou da cama e passou essa tira de seda por cima dos seios extremamente sensíveis, pelo ventre até chegar ao púbis. Esse pedaço de tecido excitou sua necessidade até limites inusitados, mas não conseguiu satisfazê-la.

Ela ofegou quando ele passou a gravata uma última vez por cima de seus seios antes de atirá-la ao chão.

- Agora já sei por que lhe chamam dragão - sussurrou Regina. - Porque às vezes pode se comportar de um modo absolutamente brutal.

Marcus sorriu e desabotoou a camisa.

- Mas você gosta que seja brutal, não? Alimenta sua sede de aventura.

- Eu não - Mas foi incapaz de acabar a frase. Seu marido acabava de tirar a camisa por cima da cabeça. - Santo céu!

Foram as únicas palavras que Regina conseguiu pronunciar. Seu tórax não tinha nada que invejar ao de qualquer competidor de luta livre: um peito perfeitamente moldado e duro que se estreitava até uma cintura surpreendentemente magra.

- Cumpro as expectativas da dama? - perguntou ele com um sorriso zombador.

- É perfeitamente brutal.

Depois de desfazer-se das calças, Marcus se deitou na cama a seu lado. Ainda levava as cuecas, embora esse objeto de roupa não deixasse muito espaço para a imaginação.

- Então, será melhor que me descarregue de meus deveres brutais.

Quando inclinou a cabeça para lhe lamber o peito, Regina soltou um prolongado suspiro.

- Você gosta? - perguntou-lhe ele, e depois começou a lhe mordiscar o mamilo.

- Mmmm... Sim - ofegou ela, ao mesmo tempo em que suas mãos se agarravam com mais força às barras de metal da cabeceira. O simples pensamento de estar completamente exposta a sua boca e a seus dentes e a suas mãos acendia sua libido até limites insuspeitados.

- Quer mais? - inquiriu ele, formando uma cadeia de beijos desde seus seios até o umbigo enquanto com uma de suas mãos brincava com um seio sem piedade.

- Sim, Marcus, sim - balbuciou ela sem fôlego. - Mais, por favor.

Regina voltou o rosto e se deu de frente contra as pérfidas sereias do quadro, que pareciam estar rindo-se dela. Elas jamais suplicariam a um homem, nunca lhe pediriam mais, mas lhe dava na mesma; com o Marcus não sentia pudor algum.

Entreabriu os olhos para não vê-las. Mas quando notou que Marcus afastava a mão de seus seios, ela arqueou as costas para aproximar-se mais a ele.

- Por favor não pare.

Nesse instante, a boca do Marcus a tocou em um lugar totalmente inesperado. Justo ali embaixo Entre suas pernas. Que delícia.

Regina abriu os olhos como laranjas. Sem que reparasse nisso, ele tinha colocado a cabeça entre suas coxas, e com as mãos tentava lhe separar os lábios do púbis para beijá-la em...

- Marcus! - protestou, sentindo-se absolutamente ultrajada. Tentou fechar as pernas, mas ele não a deixou.

- Quieta, querida - ordenou ao mesmo tempo em que erguia a cabeça para olhá-la fixamente nos olhos . - O dragão está jantando.

Sem retirar os olhos dos olhos da Regina, cravou sua ardente boca no púbis da Regina. Era como se um amante a estivesse beijando, exceto em lugar de fazê-lo na boca, o fazia em sua parte mais íntima. Sua língua se movia com rapidez, lambendo-a incansavelmente, e ela pensou que ia desmaiar de prazer.

Que Deus a ajudasse. Que incrível loucura era essa? Mal podia respirar. Nem pensar.Nem fazer nada mais que entregar-se ao delicioso prazer que a devorava.

Marcus inclusive estava usando os dentes! E a sensação era maravilhosa. Incrível. impactante. Certamente se supunha que os lugares que ele estava acariciando com sua boca não deviam ser tocados de um modo tão pecaminoso. Nem lambidos com tanta luxúria, nem martirizados tão...Tão...

- Marcus - ofegou de novo sem poder evitar. - Isso é... uf... muito...

Sua boca brincou com ela com mais insolência. Regina estremeceu, desejando mais. Com cada toque de sua língua, ela arqueava mais as costas, cada dentada com seus dentes despertavam um novo arquejo na garganta até que notou uma ligeira dor ao gritar.

Logo se achou imersa no mesmo estado de exultação que havia sentido naquela noite na carruagem, quando se tinha escapulido do Almack"S.

Como resistir a tanto prazer? Se pudesse só... Alcançar... Essa... Incrível...Loucura...

Mas nesse momento, Marcus ergueu a cabeça.

- Ah, não! Desta vez não, minha querida sereia. Não sem mim. Não até que a penetre e compartilhemos o prazer.

- Marcus! - gritou meio alarmada e meio envergonhada quando ele se levantou da cama.

Regina tentou lhe alcançar. - Aonde vai?

- Tirar isto. - Tirou as cuecas, e ela ficou sem fôlego. Um imenso falo lhe sobressaía entre os escuros cachos, atraindo toda sua atenção. Essa... Essa coisa ia penetrá-la? Regina pensou que seria incapaz de suportar a grande excitação que sentia.

Os olhos do Marcus brilharam na penumbra.

- Interpretarei esse olhar como um convite. - Então cravou a vista nas mãos de sua esposa e acrescentou: - O que aconteceu a suas correntes?

Ela não estava segura de se tinha soltado das barras de metal ou se as tinha quebrado.

Marcus estalou em uma gargalhada enquanto retornava à cama.

- Essa é minha mulher, mais forte que o aço.

Antes que ele pudesse ajoelhar-se no colchão, Regina o agarrou pelos quadris.

- Um momento!

- Não há mais momentos que valham - murmurou, lhe afastando as mãos. - Quero tocá-lo - protestou ela. - E olhá-lo.

Embora parecesse estranho, Marcus se ruborizou.

- Não.

- Você se deleitou me olhando - insistiu ela, - assim agora me toca.

- Agora?

- Sim, agora - respondeu ela sem pestanejar.

Marcus resmungou. Entretanto, manteve-se quieto e permitiu que lhe passasse uma mão tentativamente pela zona entre as pernas, e finalmente que lhe acariciasse o falo.

- Alguém a preparou para esta noite, não é assim? - disse ele com a voz áspera. -

Lhe contaram o que tem que fazer?

- Minhas amigas casadas me contaram algo. Mas de qualquer modo não esperava que seu... Bom...Que fosse tão... Imenso.

- Não se preocupe. Caberá tudo - disse ele com voz tensa.

Regina deslizou suavemente um dedo por cima dessa pele tão delicada, maravilhando-se como reagia com seu toque. Moveu-se, indubitavelmente, quando ela o apertou. E gostou disso, porque se sentiu reafirmada.

- E o que te contou a senhorita Tremaine?

Regina suspirou.

- Disse-me que me faria coisas desagradáveis e vergonhosas, e que eu devia permanecer deitada e deixar que me fizesse isso, embora eu não gostasse. Porque é meu marido.

- A solteirona instrui à sereia. Não faça caso de nada do que lhe disse sua prima.

- Tento isso. - Ela fechou os dedos ao redor de seu pênis, surpreendida pela firmeza que tinha adquirido em tão pouco tempo, e Marcus lançou um resmungo.

- Deus me libere das virgens curiosas. - Afastou-lhe a mão de seu membro e acrescentou: - Já é suficiente.

- Mas eu...

Marcus não a deixou prosseguir. Atalhou-a com um beijo apaixonado enquanto se acomodava entre suas pernas. Brincou novamente com a mão, acariciando seu púbis bruscamente e depois com suavidade, só o suficiente para excitá-la outra vez.

E então já não era sua mão quem brincava porém seu imponente membro, abrindo passagem dentro dela.

Regina afastou a boca da dele.

- Me vai partir em duas.

- Não, asseguro que não - murmurou ofegante.

- Juro isso. É tão... E eu estou tão...

- Tensa, sim. - Ele parou de mover-se para lhe passar os lábios pela fronte com ternura. Regina pôde apreciar a rigidez de sua mandíbula. - Assim é como se faz. Confia em mim. Os homens estão fazendo-o durante muitas gerações e...

- Mas não comigo - protestou ela.

Marcus rompeu a rir a gargalhadas.

- Isso espero!

Ele deslizou dentro dela um pouco mais, antes que Regina tivesse tempo de voltar-se para pôr em guarda. Mas pelo que pareciam, suas palavras a tinham deixado suficientemente pensativa para que não se desse conta do que passava lá embaixo.

De repente Regina descobriu que podia acomodar-se a ele com mais facilidade.

- Já está - lhe sussurrou ao ouvido, totalmente excitado. - Abra-se mais, querida. Me deixe entrar.

E isso foi o que fez ela. E pensou que era possível, por não dizer que inclusive agradável.

Marcus empurrou um pouco mais e topou com o hímen. Agora Regina podia senti-lo dentro dela, e uma apreensão repentina a pôs novamente tensa.

Ele se parou em seco e a olhou com os olhos bem abertos.

- Me escute, Regina.

- Sei, me vai doer - suspirou ela. - Suponho que não há nenhum outro modo, que não podemos saltar essa parte.

- Que eu saiba não.

Até esse momento, suas amigas não se enganaram. Podia-se dizer que a primeira parte era mais bem agradável. Mas estava deixando de ser; agora se tinha tornado em uma ação decididamente incômoda e humilhante.

Regina fechou os olhos.

- Pois venha. Faça de uma vez. Mas tenta não me matar.

Marcus franziu o cenho.

- Não lhe...Bom, dá na mesma, não me acreditará até que a pior parte tenha passado.

Penetrou-a com uma única e vigorosa investida.

Uma dor repentina vibrou como um eco dentro de todo seu ser. Mas foi acalmando-se rapidamente, dando passagem a simples incômodo quando ele a penetrou outra vez com força. Manteve-se dentro dela, com todos os músculos tensos.

Transcorridos uns instantes, perguntou-lhe:

- Bem? Ainda está viva?

Regina tinha estado contendo a respiração, mas então soltou todo o ar de repente.

- Acredito que sim.

- Bem. Porque isso de matar à própria esposa na noite de núpcias é algo muito

sério. Estou certo de que a alta sociedade não me perdoaria isso jamais, que me fechariam novamente as portas.

Sua brincadeira conseguiu arrancar a Regina um sorriso, apesar da decepção que sentia ao dar-se conta do pouco que supunha desvirginar a uma mulher. Tinha esperado mais, sonhando que a experiência seria muito melhor que o que lhe tinham contado suas amigas.

- Está certa de que está bem? - perguntou-lhe de novo.

Ela moveu suas partes baixas experimentalmente, surpreendida de não sentir-se angustiada, tal como tinha suposto, pelo fato de ter dentro dela.

- Pois é verdade, sobrevivi.

- Não por muito tempo se continua se movendo assim - acautelou-a ele.

- Refere a isto? - Regina moveu a parte baixa de seu corpo sensualmente, e agora foi Marcus quem conteve a respiração.

- Se não deixar de te mover, não poderei manter a calma, como deveria ser.

- Manter a calma? Mas se pensava que já tínhamos terminado.

- Estamos a ponto.

Mmmm... Se ainda não tinham acabado.

- Assim se fizer isto - disse ao mesmo tempo em que voltava a mover o traseiro debaixo dele, - você se afeta?

- Deixa-me louco - se justificou ele.

Possivelmente suas amigas se enganaram. Deliberadamente começou a mover os quadris lenta e sensualmente.

- Eu gosto de torná-lo louco.

- Provocadora impudica. - Marcus saiu dela, para em seguida voltar a penetrar; logo voltou a sair, e voltou a entrar.

Que interessante. Suas genitálias se foram esquentando e um comichão agradável se ia tomando conta de toda essa zona. Levantou os quadris para coincidir com a próxima investida e acreditou morrer de prazer; de repente o comichão se converteu em uma necessidade abrasadora.

- Ohhh, Marcus mmmm

Ele acelerou o ritmo.

- Tinha razão a respeito de você, não é verdade?

- O que? - Regina tentou prestar atenção, mas os rítmicos e vigorosos golpes do

Marcus provocavam uma sensação maravilhosa dentro dela. Sentia o ventre tremente e quente, e cada vez que ele a penetrava, um novo calafrio percorria todo seu ser.

- Verdadeiramente é... A Belle me Dê Sãs Merci; uma sedutora inata.

- Sim - replicou ela, encantada com esse pensamento e sentindo o fôlego quente do Marcus na face. Possivelmente não pudesse ler nem gerar filhos perfeitos, mas talvez fosse capaz de satisfazer plenamente a seu marido nesse aspecto. - Sim, assim é.

Agora as investidas do Marcus eram mais ferozes, mais intensas, e Regina sentiu como essa doce tensão, a mesma que havia sentido na noite do Almack"s quando estava na carruagem, acendia-se subitamente dentro dela.

Soltou um gemido de prazer, agarrou-se a ele firmemente e se arqueou para ele tudo o que pôde,desejando saborear sem parar essa fantástica sensação.

- Sedutora sereia - acusou-a ele com a voz ofegante.

Regina voltou o rosto para o quadro no qual agora as sereias pareciam animá-la a continuar.

- Sim - gritou cravando as unhas nos braços hercúleos de seu marido. - Sim.

- Minha sereia - sussurrou ele apenas sem voz.

- Sim... OH, sim...

Marcus investiu com força, como se quisesse consumi-la. Levantou a cabeça para olhá-la diretamente nos olhos e sentenciou:

- Não haverá nenhum outro dragão.

- Não... - murmurou ela, incapaz de deixar de mover-se debaixo dele.

Marcus colocou a mão no meio deles, justo nesse ponto tão tenro que parecia voltá-la louca de prazer quando o tocava.

- Ninguém mais que eu.

- Ninguém mais - gemeu ela. Marcus continuou lhe acariciando esse ponto tão sensual implacavelmente. - Não, nunca.

Depois dessa promessa, não houve mais palavras, só o corpo dele devorando o da Regina, seus dedos peritos excitando ainda mais a sede de sua esposa até que ela começou a mover-se com espasmos contra ele, desejosa de consumi-lo do mesmo modo que ele pretendia consumi-la.

- Ohhh querido... mmmm sim... Sim... Sim! - gritou Regina quando o mundo explodiu a seu redor. - Marcus!

Investiu uma última vez. E se correu dentro dela, unindo-se em seu estalo de

prazer, enquanto ela se aferrava a seus musculosos ombros, sentindo um imenso alívio misturado com um prazer indescritível.

Agora ele era seu marido. Já não havia marcha atrás.

Graças a Deus.

Capítulo dezenove.

" Instrui bem a sua pupila.Se não, quando crescer, abandonará seus ensinos."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal

Fazia já muito tempo que Regina dormia placidamente, mas Marcus jazia acordado. Por fim possuía à mulher que tanto tinha desejado durante as últimas semanas. Tinha assumido que saciaria a sede que sentia por ela quando conseguisse lhe fazer amor, mas não foi assim. Inclusive agora desejava mergulhar novamente dentro dela, despertá-la com mil beijos para prová-la outra vez e acariciá-la e...

Não, Regina precisava descansar e repor-se da apaixonada noite de amor que tinham gozado. Só esperava que sua necessidade selvagem não a tivesse alarmado.

O que aconteceria quando despertasse saísse correndo espavorida a refugiar-se em Londres, com companheiros mais civilizados que ele?

Como esse pensamento severo ameaçava envenenar sua satisfação, afundou deliberadamente o nariz entre a cabeleira emaranhada de sua esposa para empapar-se de seu aroma embriagador.

E isso o acalmou. Parecia-lhe que ela tinha desfrutado fazendo amor, embora não sabia até que ponto. Uma vez que superaram a parte mais difícil ela se tinha entregue com todo o entusiasmo que um homem poderia desejar. Ela se aninhou junto a ele, e Marcus a envolveu com um quente abraço. Só então foi capaz de conciliar o sono.

Despontava já a alvorada quando o som da música despertou. Era música de harpa.

Uf! Certamente havia falecido e agora se achava no céu. E tudo isso depois de uma única noite desenfreada com a Regina.

Entreabriu um olho e se deu conta de que ainda estava na Illyria. Mas, entretanto, ouvia a música proveniente de uma harpa. Então ouviu um claro gemido feminino, e a música cessou.

Isso o acabou de despertar. Sentou-se e divisou a sua esposa não muito longe da cama. Estava sentada em um tamborete, ajustando a harpa e balbuciando algo para si mesma.

E estava completamente nua. Igual ao seus sonhos.

Seu pênis também despertou por completo.

- Espero que sua intenção seja despertar assim cada dia do ano. - Afastou o lençol e se endireitou na cama, contente e aliviado ao descobrir que seus pesadelos noturnos não se cumpriram.

Ela levantou a vista, sobressaltada, e a seguir o olhou com o cenho franzido.

- Pois sinto ter que lhe informar que seu sonho no qual tocava harpa nua terá que ficar simplesmente nisso, em um sonho. Decididamente, não é nada prático tocar harpa nua.

Regina parecia tão frustrada ante tal descobrimento que Marcus fez um esforço por sufocar a risada.

- E como é isso? - perguntou-lhe enquanto se aproximava dela.

- Arranhei os joelhos algumas vezes - se lamentou. - E a madeira me produz danos no ombro nu e...

- Não, não queremos que isso aconteça, não é? - brincou ele, colocando-se atrás de sua esposa. - Embora deva admitir que a imagem é absolutamente cativante.

Continuando, ajoelhou-se para beijá-la no pescoço.

- Sim, igual ao meu traje de viagem. E já viu que bom resultado - respondeu ela ao mesmo tempo em que começava a rir. Marcus deslizou a mão para lhe acariciar o seio.

Regina respirou fundo e em seguida se aninhou em sua mão.

Era tudo o que Marcus necessitava para animar-se. Convidou-a a levantar do tamborete e a guiou até a cama.

- Então, teremos que nos arrumar sem a harpa e sem o traje, de acordo?

Por resposta ela levantou o rosto e o beijou nos lábios.

Um momento depois, após saciar sua sede carnal, ambos jaziam deitados na cama, nus e satisfeitos, e ele a abraçou com força. Regina se deixou abraçar, e repousou a cabeça em seu peito.

- Espero não tê-la machucado, querida - murmurou Marcus. - Deveria lhe ter dado mais tempo para que se recuperasse, depois de ontem de noite.

- Se o tivesse querido - replicou Regina, agarrando o lençol para cobrir-se tanto ela como a seu marido, - não o teria despertado tocando harpa nua. Além disso, não me tem feito mal mas...

Não pôde continuar. Sua elucidação se viu atalhada por uma risada mordaz.

- Do que ri? - perguntou ele com curiosidade.

- De minhas amigas. São um pando de bobas. Deveria ter ouvido o que me contaram sobre a noite de núpcias. Quase me tinham convencido de que a minha seria horrorosa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Espero que isso signifique que não foi.

Um sorriso de sereia tocou os lábios da Regina.

- Sabe perfeitamente que foi genial, surpreendente.

- Você sim, esteve surpreendente.

Regina lhe lançou um olhar desafiante.

- Quer dizer que me comportei como uma vulgar prostituta.

- Deliciosamente vulgar, graças a Deus.

- Não se importa?

- Ter a uma mulher que desfruta compartilhando minha cama? Por todos os céus, por que deveria me importar?

Os olhos de sua esposa diminuíram grandemente.

- Não estará dizendo isso só para economizar uma fortuna em jóias, não?

Marcus piscou desconcertado.

- Como?

- Minhas amigas me disseram que a única vantagem das relações maritais é que seus maridos depois lhes compram jóias.

- E você quer jóias?

- Não se isso significa nos esquecer do que gozamos.

Marcus esgrimiu um sorriso.

- Não, isso não se pode esquecer. Mas não me tinha ocorrido comprar nenhuma jóia.

Ela pôs-se a rir.

- Sabia. Sabia que não o faria. Não é dessa classe de homens.

- Comprei-lhe uma harpa - recordou ele.

- Sim, e eu adoro.

- Embora não possa ler a inscrição.

Regina ficou tensa, e toda sua alegria se desvaneceu no ar. Marcus se arrependeu imediatamente deter articulado essas palavras.

Mas agora que tinham feito o amor pela segunda vez e que se acalmou sua libido, desejava saber como era possível que não pudesse ler.

- Assim não pode ler nada?

Regina sacudiu a cabeça negativamente e se virou para o outro lado da cama.

Ele também deu meia volta e ficou observando-a de costas, depois lhe passou o braço pela cintura.

- Não me importa, querida. Mas eu gostaria de saber como é possível que a filha de um duque seja...

- Tola? - pronunciou ela com amargura. - Uma completa idiota?

- Iletrada - corrigiu-a ele. Aproximou-a até seu peito e lhe fez carinhos no pescoço. - Não tem nem um fio de tola. Isso é o que quero dizer. Como é que não conseguiu aprender a ler?

Ela voltou o rosto e o olhou fixamente.

- Tentei-o, sabe? Centenas de vezes. Milhares de vezes. Asseguro-lhe isso. Pus todo meu empenho. Mas não consegui. - Seu lábio inferior tremeu ligeiramente. - Já lhe disse isso, minha mente não funciona tal e como deveria fazê-lo.

- Como sabe?

Regina soltou um suspiro.

- Quando Cicely me começou a dar aulas...

- Cicely? Pensei que era sua dama de companhia.

- É, mas é muito mais que isso. Antes foi minha preceptora .

Marcus arqueou uma sobrancelha, desconcertado.

- O duque não podia permitir-se pagar uma preceptora?

- Claro que podia. Mas felizmente Cicely o dissuadiu. - Virou-se, para ficar de frente ao seu marido. - Verá, Cicely era prima irmã de meu pai, e deveu viver conosco pouco depois de que eu nascer.

Seu pai acabava de morrer. Era uma mulher simples proveniente de uma família

humilde, assim tinha todos os números para converter-se na típica solteirona. Foi ela a primeira que se deu conta de meus problemas e como conhecia as pretensões que minha mãe albergava a respeito de seus filhos, arrumou para converter-se em minha preceptora antes que alguém mais descobrisse meu problema.

- Seus pais não sabiam?

Ela sacudiu negativamente a cabeça.

- Minha mãe teria morrido de vergonha. E meu pai compartilhava muito poucas horas conosco. Passava a maior parte do tempo ocupado em seus afazeres sociais, e quase nunca estava em casa. Nem sequer Simon sabe.

Marcus franziu o cenho.

- Assim Cicely é a única que sabe que não pode ler?

- Sei o que está pensando. Mas Cicely não tentou jamais tirar vantagem de meu segredo. Pôs todo seu empenho em me ensinar a ler. Ensinava-me uma letra, mas eu via outra. E quando cresci, fiz a prova com outras pessoas. Às vezes pedia ao Simon que me lesse uma palavra fácil, uma das poucas que tinha conseguido aprender de cor. Lembro perfeitamente quando lhe pedi que me lesse "as", e ele me disse que não era "as" porém "sa". - Grossas lágrimas brotaram de seus olhos.

- Sou incapaz de ler nem sequer uma só palavra.

- Assim atirou a toalha?

Regina lhe cravou um olhar agudo.

- É claro que não, mas é muito frustrante. Entretanto, teria insistido ainda mais se não fosse por essas dores de cabeça.

- É certo, mencionou-o ontem.

- Se tento ler, invade-me uma terrível dor de cabeça. Cicely consultou a um doutor em segredo e ele sugeriu que não continuasse tentando. Que minha mente estava danificada, possivelmente por alguma febre infantil, e que se continuava com essa obsessão, poderia danificá-la ainda mais. Assim tivemos que abandonar nossas lições.

- E não tornou a tentar.

- Às vezes o faço, mas então reaparece a dor de cabeça.

- Compreendo.

E era certo. Compreendia-o. A senhorita Tremaine tinha consultado a um incompetente, ou possivelmente tinha tido a clara intenção de consultar com um incompetente, e Regina, que confiava às cegas em sua prima, tinha acreditado nas

palavras desse mentecapto, e tinha assumido que sofria de um problema mental que não tinha remédio.

Marcus quis averiguar mais.

- Então, se não pode ler nada. Como lê as concertas? Não é fácil ocultar uma questão como essa ao resto da sociedade.

- Tenho meus métodos. - Seu sorriso parecia forçado. - Se alguém me pede que leia algo desculpo-me alegando que tenho a vista cansada ou que esqueci as lentes ou que prefiro ler em privado.

Tal como tinha feito no dia anterior com a carta da Louisa.

- E se alguém insiste muito, como você fez ontem de noite, minto sobre o que li ou mudo de assunto. - Olhou-o com resolução. - A maioria das pessoas não é tão insistente. E tampouco me pediriam que lesse algo que fosse escandaloso.

- Como pode estar tão segura, se não pode ler?

Regina encolheu os ombros.

- Cicely sempre está perto para me dizer o que está escrito quando ninguém põe atenção. De fato, Cicely lê tudo por mim. Compra-me as traduções das óperas com antecipação suficiente para me ler com calma. Escreve e lê todas minhas notas. Lê a imprensa e as revistas da alta sociedade...

- E deste modo conseguiu ocultar durante todos estes anos - refletiu ele com secura. - SE não fosse assim, se teria visto obrigada a aprender, e então não teria necessitado da senhorita Tremaine.

Lançou-lhe um olhar desdenhoso.

- Marcus, não culpe ao Cicely, por favor. Minha prima esteve de meu lado durante todos estes anos. Tampouco foi fácil para ela, sempre obrigada a estar ao meu lado, lendo e escrevendo por mim, e ao mesmo tempo ocultando o assunto ao mundo inteiro. Quando preciso ler algo, ela coloca rapidamente as lentes e lê sem queixar-se.

- É melhor isso que estar de quatro na rua, não acha?

A expressão da Regina se tornou mais dura.

- Ela sabe perfeitamente que jamais a jogaria na rua.

- Ah, sim? Pois seu irmão estava disposto a relegá-la a uma de suas casas no campo. Se não tivesse sido por você, teria se visto obrigada a partir. Claro que lê sem queixar-se. Ao ser um familiar pobre não conta com nenhuma alternativa melhor.

Regina se sentou na cama e o observou perplexa.

- Se estiver sugerindo que Cicely me enganou sobre meu defeito...

- Não completamente - murmurou Marcus, suavizando o tom tudo o que pôde, embora isso fosse precisamente o que pensava. - Mas possivelmente exagerou o problema para que te veja obrigada a depender dela.

- As dores de cabeça são reais! Não as inventou. Nem eu tampouco!

- É claro que não. - Marcus também se sentou e envolveu as faces acesas de sua esposa com suas mãos amorosamente. - Mas querida, há muita gente que sofre dores de cabeça por causas diversas. Entretanto, convivem com esse problema e não o vinculam com nenhum dano cerebral.

As lágrimas começaram a rolar pelas faces da Regina. Para ocultá-las, desviou rapidamente os olhos para a parede.

- Não compreende.

- Equivoca-se. - Rodeou-a com seus braços para reafirmá-la. - Seriamente, compreendo. As dores de cabeça são certamente desagradáveis. Tenho a sorte de não adoecer delas, mas Louisa sim, e sei que sofre muitíssimo.

Marcus sabia que tinha que fazer alguma coisa para sossegá-la, assim que a abraçou ainda com mais força. O corpo da Regina estava totalmente tenso.

- Me diga Regina, sabe montar a cavalo?

- Sim, um pouco.

- E depois da primeira vez que subiu a um cavalo, não lhe doeram os músculos durante vários dias? Seu... Não bem... Seu traseiro não lhe doía cada vez que se sentava? E não lhe parecia que em lugar de pernas tinha dois paus rígidos, duros?

- Sim - respondeu em uma voz já mais calma.

- E nesse momento pensou que lhe acontecia algo grave nas pernas e no traseiro?Que jamais seria capaz de voltar a montar?

- Não. - voltou-se para ele. - Mas isso acontece com todo mundo. Doem-lhes as pernas e as nádegas, e sabem que continuarão notando essas partes até que aprendam a montar. Em troca, eu sou a única que sofre dor de cabeça quando lê.

- Como sabe? Ocorreu-lhe alguma vez perguntar a cada uma das damas que conhece? Perguntou a suas amigas quando era adolescente? Não sabe. Poderia haver vinte, cinqüenta, centenas de damas que sentem dor de cabeça quando lêem. Inclusive pode ser que se passe o mesmo com os homens.

A respiração da Regina se estava acelerando, e tinha a vista cravada nos olhos do

Marcus.

- Se jamais se atreveu a falar disso - continuou ele, - o que a faz pensar que o resto queira falar do assunto? Por que se arriscariam a que as pessoas os visse como preguiçosos ou idiotas? Como sabe que não existem centenas de indivíduos com "problemas mentais" passeando neste preciso instante por Londres?

- Aonde quer ir parar? - sussurrou ela.

- Que não acredito que possa lesar a mente se tenta ler, querida. Mas estou certo de que jamais o averiguará se não experimentar.

O brilho de alegria no rosto da Regina fez que Marcus se sentisse melhor. Agora compreendia por que ansiava tanto ser aceita pela sociedade londrina, por que temia ficar apanhada, encarcerada, no campo.

Para uma dama como ela, que não podia ler mas que era muito esperta para resignar-se a encher sua vida com os deveres de uma mulher casada, ficar no campo seria o pior que lhe poderia acontecer.

Em Londres podia ocupar a mente com outras atividades, como ir ao teatro e assistir a festas. Seus amigos podiam ser um pando de idiotas, mas certamente conseguiam entretê-la, distraí-la do pesar que carregava às costas, e que ela denominava

"dano cerebral".

Enclausurada no Castlemaine, morreria de aborrecimento, assim se queria mantê-la a seu lado...

- Mais tarde - continuou Marcus, - me aproximarei da casa principal e recolherei alguns dos cadernos da Louisa, de quando começou a ler. Se começarmos lentamente.

Uma fibra de esperança coroou o rosto da Regina.

- Seriamente acha que posso aprender?

- Sei que pode.

- OH, Marcus, se pudesse me ensinar, não sabe o que isso suporia para mim.

- Imagino. Se não tivesse tido a meus livros para preencher todas as horas de solidão durante os últimos nove anos, certamente teria me tornado louco.

De repente, Regina trocou o rosto de esperança por um porte visivelmente taciturno.

- Mas e se o doutor estava certo? E se leso o cérebro ainda mais?

- Não. Isso não acontecerá. - Tampou-lhe a boca suavemente com seus dedos. -

Não o permitirei. E já sabe que nós, os dragões, sempre nos saímos com a nossa.

Marcus se deu conta de que sua explicação não tinha acabado de convencer a sua esposa, então decidiu experimentar a sorte por outra via:

- Além disso, se fui capaz de enfrentar aos sócios do Almack"s por você suponho que você poderá enfrentar umas poucas dores de cabeça por mim.

Possivelmente se não era capaz de fazê-lo por ela mesma, faria-o por ele, como um dever. De um modo ou outro, Marcus ia conseguir que sua esposa tentasse ler novamente. Tinha que fazê-lo. Era o único modo de mantê-la a seu lado.

- De acordo - aceitou Regina, apoiando-se contra seu peito e soltando um suspiro. - Prometo que tentarei.

Capítulo vinte.

" Sua pupila seguirá suas regras com mais obcecação se primeiro vir as conseqüências do que lhe pode acontecer se as infringir."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Regina tinha tentado, uma e outra vez. Mas depois de quatro dias de tortura, estava tão longe de aprender a ler como o tinha estado em todos os anos anteriores. Pior ainda, ansiava estrangular à pessoa que tinha inventado esse horrível invento da escritura. Também desejava estrangular ao Marcus, porque se negava a atirar a toalha.

No meio da amanhã do quinto dia de sua lua de mel enquanto se achava sentada em uma das bonitas salas da Illyria tentando seguir o caderno que seu marido havia trazido da casa principal, sentiu-se cansada e estúpida, cansada das evidentes mostra de preocupação no rosto do Marcus quando ela pronunciava a palavra equivocada, cansada de suportar a frustração de seu marido, que não era mais que um reflexo da sua própria.

E o pior de tudo, estava cansada dessas dores de cabeça. Mas Marcus não esquecia sua missão nem um só minuto, não mostrava compaixão alguma, e não a deixava deitar-se na cama para aliviar a dor com uma compressa fria na fronte. Não a

menos que o seduzisse, o que não conseguia fazer quando lhe doía a cabeça.

Sua lua de mel tinha adotado uma direção asfixiante.

- Outra vez, Regina - lhe ordenou enquanto passava a página da caderneta com as estampas vermelhas que ela começava a odiar. - Fixa lhe na forma da letra. Um "d" tem uma barriga na parte esquerda, não na direita. A letra que está escrevendo é um "b".

- "B" de burro - murmurou ela. - Ou também nisso me equivoco?

- Não é nenhuma burra.

- Não estava falando de mim. - Afastou a caderneta a um lado, e o olhou com aborrecimento. - Quando admitirá que não posso fazê-lo? Depois de todas estas horas de trabalho, mal posso ler meu nome, muito menos um livro. E quanto a escrever...

- Sei, sei. - Marcus se esfregou o queixo pensativo. - Realmente pensava que ia ser mais fácil. Confesso que agora sinto um maior respeito pela senhorita Tremaine que antes. Mas se tentasse...

- Tentar! - gritou, levantando-se da cadeira raivosamente. - Como se atreve! Concentrei-me nesta maldita caderneta até que me fecham os olhos e me doem as nádegas de estar tanto tempo sentada, e tem a audácia de...

- Não me deixou terminar, querida - atalhou-a ao mesmo tempo em que a agarrava pela mão e a obrigava a sentar-se em seu regaço. - Já sei que tentou. O que ia dizer é que se tentasse não pensar que é algo impossível de conseguir, certamente poderíamos avançar um pouco mais. Mostra-se abatida inclusive antes de começarmos.

Um pouco mais sossegada, ela apoiou sua fronte na de seu marido.

- Só penso que é impossível porque o é. Por que insiste em que posso fazer algo que tentei durante tantos anos sem êxito?

- Porque tenho fé em você - murmurou lhe acariciando a face. - Mas acredito que até agora não teve a oportunidade de prová-lo.

- E agora tenho essa oportunidade e não o consigo - apontou ela. - Possivelmente tenha chegado à hora de aceitar a derrota.

- Nem pensar! - Marcus se separou dela e a olhou com ar de recriminação. - Não penso permiti-lo!

Regina notou que a garganta lhe secava e ficou tensa.

- Por que é tão importante para você que aprenda a ler? Não pode suportar a idéia de estar casado com uma mulher incapaz de ler?

- Não é isso. Se pensasse que te resignava à situação tal e como está, eu também a aceitaria. Mas não é assim. Admite-o.

- Eu adoraria aprender a ler, mas não é uma questão absolutamente essencial, sabe? Quando se acabar nossa lua de mel e Cicely viva conosco...

- Não necessita de Cicely. Se for necessário, eu lerei por você.

- Não seja ridículo. Você não pode estar sempre ao meu lado para fazer esse trabalho tão chato.

Mas ao Marcus ninguém ganhava em teimosia.

- Sim, posso. E o farei.

- Louisa me disse que se envolve nos assuntos de suas terras muito mais que a maioria de latifundiários. Não poderá abandonar tudo para ler o menu ou uma lista de instruções que a governanta tenha preparado para mim.

- Sou o dono e senhor de minha casa. Posso fazer o que me agrade. Eu não gosto da idéia de que dependa absolutamente de sua prima. Ou aprende a ler, ou eu lerei por você, não há nada mais que falar.

Regina franziu o cenho.

- E o que acontecerá com Cicely?

Marcus encolheu os ombros.

- Pode viver em nossa casa da cidade indefinidamente. É muito provável que prefira essa opção; há muito mais coisas divertidas para fazer na cidade que no campo.

- Não pode viver sozinha. E, de qualquer modo, não quero que você se veja obrigado a me ler tudo isso. Determinadas coisas que às mulheres gostam de manter em privado, sem que o marido saiba.

O áspero olhar do Marcus teria conseguido fundir o gelo.

- Como o que?

- Como a correspondência entre amigas - indicou ela enquanto notava que lhe acendia o rosto de rubor . - E também informação para damas de uma natureza delicada.

Regina estava pensando que não suportaria que seu marido lhe lesse a descrição dos últimos espartilhos que se puseram de moda, com todos os detalhes sobre sua qualidade, textura e demais pormenores.

- E quando retornarmos à cidade dentro de uns dias penso...

- O que quer dizer com isso de retornar à cidade? Passará bastante tempo antes

que voltemos para Londres.

O coração da Regina se acelerou de desgosto.

- Mas a temporada das festas não finalizou ainda. E pensei que desejaria retornar para estar com a Louisa.

- Por quê? Tem aos Iversley. - Marcus esquadrinhou seu rosto. - A menos que saiba alguma outra razão pela que deveria retornar à cidade e estar ao lado da Louisa.

Ela forçou um sorriso, embora em seu peito se desatasse um pânico irrefreável.

- Não, é claro que não. Mas estou certa de que desejará estar perto dos jovens que decidam cortejá-la. Só restam um ou dois meses para que termine a temporada.

- Minha intenção era passar esse tempo aqui, para que acomodasse a suas novas obrigações no Castlemaine.

Regina ocultou suas mãos trêmulas detrás das costas.

- Mas podemos fazê-lo depois, quando se tiver acabado a temporada. - Quando Louisa se casar ou retornar ao Castlemaine para esperar até a seguinte temporada. - Olhe, durante esta época do ano, prefiro estar na cidade.

- E eu prefiro que esteja aqui - replicou Marcus. Sua mandíbula começava a ficar visivelmente tensa.

- Bom, posso ir sozinha - atravessou ela, erguendo o queixo com porte altivo.

- Não se eu não o consinto.

Um calafrio percorreu as costas da Regina, de cima abaixo. Até agora não tinha tido a oportunidade de provar a tirania de seu marido que tanto temia.

- Prometeu-me que poderia ir à cidade quando quisesse.

- Não sabia que com isso pretendesse passar por cima dos seus deveres de mulher casada.

Suas duras palavras a encheram de medo.

- Se tenta me reter aqui contra minha vontade, farei que Cicely venha me buscar.

- Como pensa fazê-lo? Não pode escrever uma carta.

Regina se ruborizou.

- Pedirei a um dos criados que a escreva por mim.

- Seriamente? - Marcus sorriu com malícia. - Me atreveria a pensar que não deseja que nenhum criado de sua própria casa averigúe que não pode ler, assim não acredito que o revele a um servo da minha.

O fato de que tivesse razão só incrementou sua raiva.

- Então pagarei a algum lavrador de sua pequena aldeia.

- Basta, Regina, sabe que não consentirei que faça essa tolice.

- Como? Está-me dizendo que me proíbe fazê-lo?

- Sim. - Quando o monossílabo provocou que Regina se levantasse imediatamente de seu regaço ele a agarrou pelo braço com firmeza e a olhou com furor. - Passei a metade de minha vida convertido no objeto das intrigas mais cruéis que possa imaginar. A população da aldeia me aceitou finalmente como um latifundiário justo que se preocupa com o que acontece em suas terras e por seus habitantes, e pretende lhes dar um motivo para mexericar sobre minha esposa? O que digam que morre de vontade de me abandonar só uma semana depois de nos ter casado?

- Não morro de vontade de...

- Não tem nem idéia do que isso supõe. Posso confiar em meus criados. Sei que são leais e discretos, mas dos parceiros da aldeia... - Negou efusivamente com a cabeça. - Não o consentirei.

Toda a raiva que sentia Regina se dissolveu instantaneamente. Se havia alguém capaz de compreender essa classe de orgulho, essa era ela. Mas a questão que mais lhe preocupava era que seu marido queria mantê-la encerrada no Castlemaine.

- Então não ficará outra opção que ir andando até Londres, a menos que tenha a intenção de me encerrar em sua masmorra - o desafiou.

- É claro que não. - Marcus soprou com cansaço. - Muito bem, retornaremos à capital até que se acabe a temporada de festas, se for o que deseja.

- Sim. É o que quero.

- Mas só depois de que prossigamos com nossas lições de leitura uns poucos dias mais. De acordo?

- De acordo.

Regina deveria ter se sentido aliviada quando viu que seu marido se advinha a razões, mas tinha o desagradável pressentimento de que o desastre não se sufocara, mas unicamente foi prorrogado.

- Além disso, nossa lua de mel acaba quase de começar. Certamente não se incomodará que queira estar a sós com você uns dias mais.

- Não - aduziu ela. O tom do Marcus se tornou mais quente, e isso ajudou a afastar parte do desconforto que sentia. É claro que ele tinha que ser exigente agora; se tão somente fazia uma semana que se casaram. - Mas não penso passar o resto de nossa

lua de mel sofrendo a custa das lições de leitura e dores de cabeça. Ao menos por hoje, podemos fazer algo diferente?

Marcus notou um repentino e prazenteiro calor nas faces.

- O que queira, querida - murmurou ao mesmo tempo em que fixava a vista nos sensuais lábios de sua esposa.

- Não me referia a isso, vadio. Já dedicamos suficiente tempo a essas práticas - respondeu Regina com um sorriso cativante.

Ele lançou um resmungo em sinal de frustração.

- Então, no que está pensando?

- Em dar um passeio a cavalo. Poderíamos ver o resto de suas terras e visitar a casa principal. Um sorrisinho malicioso coroou seus lábios. - Inclusive poderia me mostrar à famosa masmorra.

- De acordo. Mas será melhor que nos esqueçamos da masmorra. Esse lugar é frio e úmido, e não contém nada mais que garrafas de vinho e correntes oxidadas. Não é o lugar mais adequado para uma dama.

- Mas com tanto falar desse lugar, tenho uma enorme curiosidade.

- Só porque tem uma imagem fantasiosa na cabeça. Asseguro, não é tal e como lhe imagina - explicou enquanto esgrimia um sorriso forçado. - Se de verdade quer vê-lo, mostrarei embora preferiria não despertar a esses feios ratos que habitam ali embaixo.

"Ratos? Que asco!"

- Dá na mesma. Confio em sua palavra.

- Em troca, um passeio a cavalo parece uma idéia genial. E hoje faz um dia estupendo para sair a cavalgar. - Sua boca roçou a orelha da Regina enquanto deslizava a mão dentro da roupa interior de sua esposa para lhe acariciar um seio.

- Mas antes, querida, quero cavalgar em privado. Acredito que mereço uma recompensa por lhe haver feito tantas concessões.

- Ah, sim? Isso é o que acha? - objetou ela, pretendendo estar zangada, embora o certo fosse que começou a se excitar. - E se disser o contrário?

- Então não ficará mais remédio que convencê-la. - Brincou com seu mamilo até que ela gemeu de prazer e a seguir oprimiu seu peito com a mão. - Parece que não será muito difícil.

- É...

Marcus a beijou no pescoço.

- ... um dragão...

Passou a língua pela sua garganta.

- ... perverso.

- Sempre - murmurou enquanto a beijava no queixo e subia até sua boca. - Mas só com você, querida, só com você.

O sol da tarde começava a ocultar-se no horizonte quando cavalgaram até a casa principal. Marcus observou a sua esposa, em busca de qualquer sinal que mostrasse seu desacordo com as curiosas renovações que tinha levado a cabo seu pai.

Mas o rosto da Regina denotava que estava encantada com o que tinha visto no resto de suas terras. Sentiu-se esperançado. Possivelmente agora não se mostraria tão a favor de retornar à cidade.

Parecia que tinha gostado de tudo o que tinha visto. Mostrou-se extasiada com o lagos de trutas, tinha admirado os vastos campos de cevada, e se tinha interessado pela eficiência do gado. Embora seus comentários e perguntas tinham demonstrado o pouco que sabia sobre a gestão de uma propriedade , Marcus não podia negar que se sentia encantado ante seu entusiasmo.

Mas quanto tempo poderia durar esse entusiasmo? Sem ajuda, não poderia fiscalizar os menus, nem encarregar-se da correspondência necessária para recrutar a novos criados, nem fiscalizar os pedidos feitos pela governanta, nem encarregar-se de outras tarefas similares.

E ela também sabia. A essas alturas já queria escapar das obrigações que sua inabilidade para ler converteria em mais dolorosas. Marcus se lembrou da necessidade urgente que tinha sua mãe de ir à cidade.

Tentou afastar esse pensamento. Regina era radicalmente diferente de sua mãe, apesar das similitudes externas. Olhou-a apaixonado; inclusive agora, suas belas faces brilhavam por causa do passeio a cavalo, e seus olhos esbanjavam energia; nada que ver com sua mãe, que achava essas terras aborrecidas e asfixiantes.

Regina possuía uma inteligência natural que lhe permitia entreter-se com qualquer provocação, como o de aprender a ser a senhora da casa. Além disso, se realmente era tão feliz na cidade, por que tinha aceitado à aventura de namorar com ele em primeiro lugar?

Não obstante, Marcus não se sentia tranqüilo. Não era que lhe importasse levar a

à cidade. Depois de tanto tempo de viver afastado, possivelmente poderia desfrutar de uma noite no teatro ou de um jantar em casa dos Iversley.

Mas jamais se sentiria inteiramente cômodo nas altas esferas da sociedade, onde certamente algum dia acabaria encontrando-se com o príncipe.

Além disso, gostava de seu papel de cavalheiro campestre que exercia durante quase todo o tempo.

Sua única pena tinha sido a solidão, e agora que ela estava com ele...

Mas por quanto tempo? Regina o tinha metido em um apuro. Não tinha nenhum desejo de passar longas temporadas na cidade, mas se a deixasse partir sozinha, quanto tempo transcorreria antes que ela encontrasse a um novo companheiro?

Maldição. Os ciúmes lhe comia alma. Desejou que não lhe importasse prestar atenção ao que fizesse sua esposa. Mas lhe importava muito. Tinha caído nas redes dessa sereia feiticeira. Cada dia que passava, necessitava-a mais, desejava-a mais.

Odiava ver como sofria por culpa das dores de cabeça, e teria gasto qualquer soma de dinheiro para vê-la sorrir.

Se não vigiasse mais, muito em breve Regina conseguiria que ele dançasse a seu compasso, tal como sua mãe tinha feito com seu pai, e então...

- por que não me mostra os jardins? - solicitou ela, aproximando seu cavalo ao do Marcus e oferecendo um radiante sorriso que lhe chegou até o coração.

Por Deus, Regina se assemelhava a um jardim transbordante de luz, com sua cabeleira dourada brilhando debaixo desse gracioso chapeuzinho azul que conseguia que seus olhos cinzas adotassem o tom do céu.

Não era de estranhar que a metade dos homens de Londres a tivessem desejado e que provavelmente ainda a desejassem.

O pensamento lhe provocou uma pontada de dor no peito.

- Ouve-me, Marcus? Suponho que a propriedade terá jardins, não?

- Sim, claro. Mas desde que Louisa se foi, estão um pouco abandonados. Ela se encarregava da manutenção, e nosso velho jardineiro não se arrumou muito bem sem a supervisão de minha irmã. - Olhou-a com interesse. - Você gosta da jardinagem?

- Eu gosto de apreciar os jardins de outros, mas a sujeira e os insetos não me seduzem. Se tivesse que depender de mim para enfeitar seus jardins, certamente logo se veriam tristes, sem vida. - Regina suspirou. - Receio que escolheu uma esposa ornamental. Espero que não chegue a lamentá-lo.

- Tolices - respondeu Marcus com a voz entrecortada. - Jamais o lamentarei. Sempre estarei a tempo de contratar a um novo jardineiro, se o necessitar. Mas nunca poderia contratar a uma esposa.

Um moço veio correndo dos estábulos mais próximos, e Marcus desmontou do cavalo.

- Venha, querida, vamos passear um pouco pelos jardins, embora estejam um pouco descuidados. - Entregou ao moço as rédeas de seu cavalo, e ato seguido se aproximou dela.

- Talvez descubra que a sujeira e os insetos não lhe provocam tanta aversão como achava.

Com um olhar cético, ela permitiu que seu marido a ajudasse a desembarcar do cavalo, mas se manteve em silêncio enquanto perambularam pelos caminhos de terra junto aos que cresciam montões de flores um pouco desatendidas, que certamente luziriam muito mais com a intervenção das mãos de um perito.

Mas não as suas. Já o tinha deixado claro.

Depois de dar uma volta por um dos jardins, começaram a descer uma colina para admirar os canteiros de rosas quando, de repente, um grito esmigalhado encheu o ar atrás deles.

Ambos se sobressaltaram e se voltaram, bem a tempo para ver um menino de uns sete anos que baixava a colina sentado arrastando uma perna.

Uma perna que sangrava profusamente.

Marcus ficou gelado quando reconheceu ao filho do cozinheiro. Mas Regina não perdeu nem um segundo só. Precipitou-se sobre o menino assustado e se ajoelhou para examinar a perna. Quando Marcus se aproximou, ela já tirava o lenço do pescoço para lhe fazer um torniquete.

- Sinto muito, senhor - exclamou o menino com os olhos empanados de lágrimas. - Só queria ver sua esposa, mas caí da grade, sobre os canos, e me cortei. - Depois desviou o rosto aterrorizado para a Regina. - Morrerei, não é, senhora?

- Não - respondeu ela firmemente. Enquanto examinava a ferida, mostrava-se surpreendentemente calma ante a desagradável imagem com todo esse sangue. - Vi feridas muito piores que esta, em outros meninos de sua idade, e lhe asseguro que não morreram. Estou certa de que um menino tão esperto como você conseguirá sobrepor-se a este acidente em questão de dias.

Marcus se lembrou de que ela tinha mencionado algo sobre trabalhar como voluntária em um hospital; então relaxou um pouco.

- Há algo que possa fazer? - perguntou.

- Vamos levá-lo para casa. Terá que desinfetar essa ferida o antes possível.

Quando se aproximaram da parte posterior da casa, onde estavam localizadas as cozinhas, a cozinheira saiu a seu encontro com uma grande expressão de susto. Tinha visto seu filho nos braços do Marcus através da janela. precipitou-se fora da casa para reunir-se com eles, seguida por algumas criadas.

- Timmy! Santo céu! Timmy!

- Está bem - a acalmou Regina enquanto Marcus introduzia ao moço na casa; só fez um corte muito profundo.

A cozinheira inspecionou a ferida de seu filho e se sentiu aliviada quando viu que não se tratava de nada sério, tal como lhe tinha adiantado Regina, que nesse momento apontava para uma mesa localizada no centro da cozinha.

- Deite-o aqui - ordenou ao Marcus. Depois se voltou para a cozinheira e acrescentou:

- Necessitarei de uma agulha desinfetada, um pouco de linho, um pano limpo e úmido, e mais panos de linho limpos e secos. Ah! E um ungüento de camomila, excelente para cicatrizar feridas.

A cozinheira entrou em ação, abriu um armário e disse:

- Tenho uma agulha e um fio forte que uso para costurar os frangos cheios. Servirá? - Então desviou a vista para uma das criadas. - O que faz aí parada? Vá procurar o ungüento! Rápido!

A garota saiu correndo da cozinha, e a cozinheira voltou a cravar os olhos no rosto suarento de seu pobre filho.

- Asseguro senhora, este menino é muito forte. Enterrarár-me antes que eu a ele; mas é um diabrete. Este mês já é a terceira vez que cai. - Depois entregou a Regina o que lhe tinha pedido.

- Os meninos são assim - o desculpou Regina com um leve sorriso. - Sempre preparados para meter-se em problemas.

Mas quando enfiou a linha na agulha, Timmy não parecia preparado para mais problemas e começou a mugir como uma ovelha perdida.

Marcus ofereceu a mão ao menino assustado.

- Vamos, guri. Chorar assim não lhe servirá de nada. Deixa que ela acabe rapidamente o que tem que fazer. É melhor passar os maus goles quanto antes. Quando lhe doer, aperta minha mão tão forte como puder, de acordo?

Timmy cessou de choramingar e olhou ao Marcus com evidente pavor. A metade dos meninos da propriedade temiam ao visconde, e isso sempre o tinha aborrecido. Assim quando Regina cravou a agulha na pele do moço e este se agarrou com força a sua mão, Marcus se sentiu invadido por uma sensação de satisfação.

- Isso, moço - murmurou. - Apura forte.

O menino engoliu em seco, mas não afastou os olhos do rosto do Marcus nem um só instante.

- Foi assim que se fez essa grande cicatriz na face, senhor? Caiu em um cano, como eu?

- Chist, Timmy - o repreendeu sua mãe ao mesmo tempo em que olhava ao Marcus como lhe implorando perdão pela insolência de seu filho.

- Ela foi feita brigando contra uma bruxa malvada - explicou Regina. - Tentou enfeitiçá-lo com um diabólico encantamento, "com um atiçador de fogo ardendo, porque queria ficar com todas as terras do Castlemaine. Mas apesar de conseguir feri-lo, ele se manteve firme. Igual a agora você está apertando sua mão firme, campeão.

Timmy respirou profundamente e deixou de aferrar-se com tanta força à mão do Marcus, que esgrimiu um sorriso. Sua mãe se teria jogado sobre Regina, por tê-la chamado bruxa malvada.

- Muito bem. Já está - anunciou Regina enquanto mordia o fio para cortá-lo com os dentes.

- Vê? Não foi tão grave, não é? E agora já podemos nos despedir disto. - Tirou-lhe o torniquete e sorriu ao ver que os pontos tinham ficado completamente juntos.

A cozinheira examinou o lenço que tinha servido de torniquete.

- Senhora, seu lenço ficou completamente manchado. Sinto muitíssimo, seriamente.

- Não é nada. - Regina lançou ao Marcus um olhar de cumplicidade. - O senhor visconde me comprará outro, não é assim?

- Não um, mas dez. Comprarei tudo o que queira.

Quando a cozinheira e a criada trocaram olhares de surpresa, Marcus tentou recuperar a compostura de novo. Não tinha intenção de se fincar sobre um joelho e

golpear o peito proclamando um absoluto idiota publicamente.

- Bom, acredito que entre as três podem dirigir perfeitamente a situação, assim irei ver esse canto com canos. Terá que tirar esses canos para que não se volte a repetir um acidente como este. - Comentou Marcus com um olhar vaidoso.

Quando abandonava a cozinha, a criada que tinha saído para procurar o ungüento retornou com uma caixa cheia de garrafas. Marcus estava já na soleira da porta quando a ouviu exclamar:

- Sinto muito, senhora, mas não sei ler, assim não sei que garrafa é a que necessita. Trouxe-lhe todas as garrafas que encontrei no nicho.

Com o rosto alarmado, Marcus desfez seus passos. A cozinheira já tinha entregue a Regina a caixa com as garrafas.

- Aqui tem senhora; se não se importa de procurar a garrafa indicada, é que não tenho postos os óculos para ler.

Regina tinha ficado totalmente pálida e tinha começado a rebuscar dentro da caixa. Mas antes que Marcus se posicionasse a seu lado, ela escolheu uma garrafa e passou os dedos por cima da etiqueta, com ar duvidoso.

- Não, isto é láudano. Não é o que queremos - disse tensa.

Marcus tomou a garrafa que sua esposa segurava na mão. Maldição, como se tivesse equivocado. Então leu a etiqueta e olhou a Regina, quem o esquadrinhava com uma ansiedade evidente.

- Sim, é láudano.

Um esplêndido sorriso coroou o rosto de sua esposa.

- Pude senti-las, Marcus! Notei as letras! A primeira não parecia um "L", mas notei que era uma"L". E então também a visualizei.

As criadas lançavam olhares meio aturdidos, mas ao Marcus dava absolutamente no mesmo.

- Tenta com outra.

Regina tomou outra garrafa.

- C... a camomila? Põe isso na etiqueta?

Marcus agarrou a garrafa.

- Sim, querida.

- Doerá-me quando me puser isso sobre a ferida, senhora? - perguntou Timmy, tirando o casal de seu estado de reflexão.

- Só um pouco - murmurou Regina ao mesmo tempo em que entregava a caixa repleta de garrafas ao Marcus.

A seguir lubrificou a ferida acabada de costurar com o ungüento de camomila e depois a enfaixou com um trapo de linho.

- Ficará uma boa cicatriz, mas estou certa de que se curará corretamente e que não lhe dará problemas.

- Senhora, não sei como agradecer, começou a dizer a cozinheira.

- Não é nada - respondeu ela enquanto revisava a bandagem. - Me alegro de ter podido ser útil.

Marcus e Regina ficaram ainda um pouco mais com o Timmy e com sua mãe, depois se dirigiram para o passadiço que conduzia até a biblioteca.

- Já vejo que não me mentiu com isso de ser voluntária no hospital - murmurou ele.

Regina o olhou com expressão de surpresa.

- E por que teria que lhe mentir?

- Esperava que o tivesse feito. Se soubesse que foi uma enfermeira tão competente, jamais teria atrevido a pedir sua mão.

Ela se sentiu agradavelmente adulada.

- Mas não posso cuidar de suas plantas recorda?

- Um dia destes farei que me dêem aulas de jardinagem. - Marcus tomou a mão de sua esposa entre as suas e a apertou com carinho. - depois de tudo, não é uma esposa tão ornamental, né?

- Ainda não me viu costurar - respondeu Regina rindo.

- Sinto-me satisfeito com as habilidades que pude apreciar até agora - manifestou ele com absoluta sinceridade.

Regina estava brincando com um dos botões gêmeos que Marcus levava no punho da camisa quando se aproximaram do vestíbulo, onde se tinha formado um redemoinho um grupo de criados.

- Acha que podemos retomar as aulas de leitura? - perguntou-lhe ela, esgrimindo um sorriso ingênuo. Marcus a olhou surpreso.

- Para ser honesto, depois desta aventura, acredito que preferiria uma atividade mais lúdica, mais divertida.

Marcus acompanhou o comentário com uma estonteante gargalhada que fez com

que os criados se voltassem para eles e os olhassem. Então uma figura se separou do resto de criados e se aproximou do casal.

Marcus o reconheceu imediatamente. Era um dos lacaios dos Iversley. O indivíduo desceu os olhos e lhe entregou uma carta selada.

- Para você, senhor.

Um estremecimento lhe percorreu as costas enquanto rompia o selo.

Seu alarme se tornou em raiva quando leu o conteúdo.

- O que acontece? - perguntou Regina com o rosto absolutamente pálido.

- Temos que ir a Londres.

- Agora?

- Sim, agora. O inapresentável de seu irmão tentou seqüestrar a Louisa.

Capítulo vinte e um.

" Cuidado com as maquinações de um pretendente malicioso."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Meia hora mais tarde o casal partia do Castlemaine de caminho a Londres na carruagem. Regina mal podia conter seu pânico.

- Por que não me diz o que escreve a nota, por favor? Sabe que não posso lê-la.

Marcus não tinha pronunciado nenhuma só palavra desde que tinha anunciado brevemente o acontecido. Ignorando o pedido de sua esposa de que lhe lesse a nota inteira, tinha ordenado preparar a carruagem e que lhe preparassem a bolsa de viagem, se por acaso se via obrigado a permanecer em Londres durante essa noite.

Quando Regina ordenou às criadas que também preparassem sua bolsa de viagem, ele a olhou com reserva, mas não pôs objeções a que o acompanhasse.

Assim agora estavam sozinhos de novo, Marcus com a vista cravada na janela e ela morrendo de curiosidade por averiguar o conteúdo da carta.

- Marcus, por favor...

- Estou certo de que sabe o que está escrito.

- O que quer dizer?

Seu marido a fulminou com um olhar cheio de ressentimento.

- Sabia o que Foxmoor planejava, não é certo?

- Não!

- Todo esse interesse por retornar a Londres e estar perto da Louisa... É claro que sabia que seu irmão tramava algo.

Ela engoliu em seco.

- Admito que tinha certos temores sobre o Simon. Pensava que igualmente tentaria ver a Louisa; mas jamais imaginei que fosse capaz de seqüestrá-la. Meu irmão não costuma ser tão...

- Maquiavélico? Desequilibrado?

- Malvado - especificou ela. - Não consigo entender o que pretendia.

- A perdição da Louisa - grunhiu Marcus. - Tinha ficado com ela na rua, a plena luz do dia, para que todo mundo visse como a levava em sua carruagem. Maldito seja seu irmão!

- OH, não! - lamentou-se ela. - Alguém os viu?

- Não, graças a Deus, mas se não fosse pela senhorita Tremaine, que seguiu a Louisa quando escapuliu da casa na primeira hora da manhã, Foxmoor se teria saído com a sua.

- Tudo isto é minha culpa. Se alguém os tivesse visto...

- Por que diz que é tua culpa? - disse-a Marcus.

Regina o olhou desesperada. Tinha que contar-lhe, Era melhor lhe contar a verdade antes que Simon soltasse uma fileira de mentiras.

- Tem que entender Marcus. Nem sequer por um segundo me teria passado pela cabeça que Simon seria capaz de...

- Por que é sua culpa? - repetiu ele, com um tom gélido.

Ela sentiu uma forte opressão no coração.

- Porque na noite do Almack"s, quando retornamos a casa, Simon me contou sua intenção de romper a promessa de não voltar a ver a Louisa. Disse que queria organizar um encontro entre ela e o príncipe. Mas não pensei que seria capaz de ir tão longe.

O rosto do Marcus era da cor cinzenta das pedras.

- E por isso não me avisou?

- Pensei que Cicely poderia evitá-lo. E o fez, não é certo?

Ele se inclinou para frente. Parecia que os olhos lhe iriam sair das órbitas, de tanta raiva que continham.

- Maldita seja, Regina. A reputação da Louisa estava em perigo, e não teve a coragem de me acautelar.

Regina apertou os punhos para conter o pânico que sentia.

- Não podia fazê-lo. Simon me disse que se revelasse suas intenções a você ou a Louisa, ele alegaria que eu conhecia seu plano desde o começo. Ameaçou-me lhe contar que a primeira vez que fui verte ao Castlemaine foi unicamente porque ele me pediu isso.

- E não é assim? - replicou Marcus iracundo.

- Não é possível que acredite que maquinei ou formei parte de um plano para fazer mal a Louisa!

A mandíbula do Marcus se esticou visivelmente.

- Olhe, para lhe ser justo, já não sei o que pensar.

- Se tivesse formado parte desse plano, por que teria pedido à Cicely que vigiasse a Louisa e que a protegesse, quando eu necessitava de minha prima desesperadamente?

As feições de seu marido se suavizaram ligeiramente.

- Deveria me ter contado que seu irmão a tinha ameaçado. Deveria me haver prevenido sobre o que tentava fazer com a Louisa.

- Teria-me acreditado? Teria confiado mais em minha palavra que na do Simon? - Agora era ela a que se estava pondo perceptivelmente tensa. - Tal como ele proclamou cruelmente, nem sequer confiava em que eu lhe fosse fiel, portanto, não podia esperar que confiasse em que não lhe tinha mentido desde o começo.

Marcus soprou com desprezo e acrescentou:

- Seu irmão é um ser desprezível.

- Sei, mas também sei que tinha razão. O que teria feito se lhe tivesse contado isso? Levar a Louisa conosco em nossa lua de mel? Encerrá-la no Castlemaine?

- Se o tivesse feito - contra-atacou ele, - agora minha irmã não se acharia nessa situação tão embaraçosa.

- De acordo. Mas isso não a teria ajudado a encontrar ao marido adequado. - Regina levantou o queixo com insolência. - Fiz o que considerei mais apropriado. Pedi ao Cicely que evitasse que Simon se aproximasse da Louisa. E Cicely assim o fez.

- Mas se não o tivesse conseguido, Louisa teria acabado em...

- Sei, sei - suspirou ela com tremor na voz. - E isso é algo que nunca me perdoarei. Não obstante, posto que parecesse que ninguém a viu, não acredito que Simon tentasse arruinar sua reputação. Tudo o que quer é levá-la até o príncipe para que se vejam uma vez.

Marcus a olhou com ar implacável.

- E suponho que isso não lhe parece mau.

- Parecem-me muito mal as táticas maquiavélicas de meu irmão, mas se não fosse tão teimoso Simon não teria recorrido a essas manobras tão ridículas. Você mesmo poderia ter levado a Louisa para ver sua Majestade, e depois que o príncipe lhe expusesse seu ponto de vista, Louisa poderia ter decidido por si mesma.

- Esse inseto com coroa busca a perdição de minha irmã através do energúmeno de seu irmão e você acha que podemos confiar em que Louisa tome suas próprias decisões quando se encontrar com nosso regente manipulador?

- Sua Alteza não é o monstro que acredita - respondeu Regina teimosamente.

- Maldita seja! Não sabe nada dele. Encanta-se com seu sorriso cativante, a que dedica a todas as damas, e com sua inteligência e sua refinação, gosto pela arte e pela música. Não pode ver a outra faceta que eu vi desse monstro.

Regina se deu conta de que estava a ponto de descobrir algo extremamente importante sobre seu marido.

- A que faceta se refere?

- A que lhe leva a pensar que é um ser tão supremo que pode permitir-se fazer o que lhe agradar, inclusive seduzir a mulheres casadas como a minha mãe ou à mãe do Iversley.

- Iversley? - interrompeu-o ela. - Lorde Iversley é filho do príncipe?

Marcus conteve o ar, desconfortável, e depois acrescentou:

- Maldição. Sou um linguarudo. Não deveria tê-lo revelado.

Regina o olhou fixamente. Sua mente processava a informação a toda velocidade. Esse era o motivo pelo qual o conde e ele eram tão bons amigos. E o motivo pelo qual a esposa desse homem se estava encarregando de apresentar a Louisa em sociedade.

Santo céu.

- Está certo de que lorde Iversley é filho do príncipe?

- O pai do Iversley era impotente, e sua mãe teve uma aventura com esse

trapaceiro. Iversley está certo, assim como eu também.

- Mas essa senhora poderia ter tido mais amantes.

- Segundo o que conta Iversley, não. Sua mãe não era como a minha - explicou com a voz mais tensa. - Mas isso não importava ao príncipe, que se teria metido na cama com algo que levasse saia.

- É verdade, e por isso posso entender que esteja tão ressentido com ele. - Ela escolheu as palavras com muito cuidado. - Mas há muitos homens assim, O senhor Byrne, por exemplo. E, entretanto, deixa que esse indivíduo se aproxime da Louisa. Então, por que não permite que Sua Alteza se aproxime dela?

- Porque uma vez que o príncipe a tenha sob seu controle, fará o que puder para conseguir o que quer! - exclamou furioso. - Embora para isso tenha que encerrar a Louisa em uma masmorra.

- Encerrá-la em uma masmorra? Não seja ridículo! Ele jamais faria... - A feroz expressão do rosto do Marcus lhe gelou o coração. - OH, não... Não me diga... não me diga que o encerraram na masmorra do Castlemaine.

Durante uns segundos longuíssimos, o único som audível foi o ruído dos cascos dos cavalos se chocando contra o chão. Marcus olhou pela janela. Sua mandíbula estava mais tensa que nunca.

- Sim, encerraram-me uma vez.

Regina o observou horrorizada.

- Por culpa do Príncipe de Gales?

Marcus fixou os olhos ardentes, cheios de ódio, em sua esposa.

- Porque o príncipe o ordenou. A Sua maldita Alteza não assentou nada bem saber o que seu insolente filho de treze anos opinava dele.

- Encarou-se com o príncipe? - perguntou-lhe incrédula.

- Disse-lhe que era um filho da puta que não merecia ser rei.

- Santo céu! - balbuciou ela, maravilhando-se da bravura e do atrevimento do Marcus quando tão somente tinha treze anos.

- Estava furioso, vale? O que pode esperar de um moço que cada dia tem que ouvir como os meninos de sua escola chamam a sua mãe a "puta de Gales" e outras coisas piores? Já foi um mau gole averiguar por boca de meus companheiros de classe que eu era um bastardo, mas que além disso tivesse que voltar para casa e simular que esse mal nascido era só um amigo da família... - Marcus jogava fumaça pelas presas.

- Estou segura de que foi muito difícil para você. - Regina tentou imaginar como um menino tão devoto de seu pai como Marcus podia encaixar quem era seu verdadeiro progenitor, e ainda por cima que o averiguasse a partir de um montão de meninos insolentes. - Qualquer outro menino se teria mostrado mais bem intrigado ao saber que seu pai pertencia à família real.

- Não se tivesse tido que suportar que esse homem lhe beliscasse as faces cada vez que o via ou exigisse ver os boletins sobre seus estudos. Lembro que odiava as visitas do príncipe. Meu pai, quero dizer o visconde, se entrincheirava na biblioteca enquanto minha mãe se dedicava a flertar abertamente com esse sanguessuga, e me deixavam em companhia de meus tutores e me ordenavam não entrar no quarto de minha mãe.

Marcus apertou os punhos com raiva.

- Quando descobri o que acontecia, o príncipe se casou com a Caroline. Durante muito tempo não voltou a aparecer pelo Castlemaine. Então nasceu minha irmã, e parecia que meu pai e minha mãe tinham refeito sua vida de casal. Realmente cheguei a acreditar que nos tínhamos liberado desse velho cabrito. Mas então, quando retornei a casa pelas férias aos treze anos, vi-o de novo ali plantado, ao lado de minha mãe. Eu perdi a paciência e lhe disse que era um filho da puta.

- Suponho que é compreensível.

- Pois não foi para o príncipe - disse com um tom glacial. - Me pediu que me desculpasse, e me neguei. Então me encerrou na masmorra durante três dias.

- Três dias! - estremeceu-se ela com horror.

- Com os ratos, nesse frio e úmido calabouço, e com as noites mais escuras que possa imaginar.

- Um calafrio o sacudiu da cabeça aos pés. - Os meus treze anos ninguém ganhava em cabeça dura, mas inclusive assim, tudo tem um limite. Quando minha mãe veio para ver-me a terceira noite para me ordenar que me desculpasse ante o príncipe, não podia suportar a idéia de passar outra noite mais nesse buraco.

Falava com os dentes escuros, rememorando sua humilhação.

- Engoli meu orgulho e pedi perdão a esse mal nascido. Mas jamais lhe perdoei o que me fez. Jamais. E chegou um dia, nove anos mais tarde, que pude dizer-lhe na cara. Disse-lhe o muito que o odiava, e a seguir lhe mandei que saísse do Castlemaine e que levasse a minha mãe com ele, e que nunca voltassem a pôr seus pés em minhas terras.

E então foi quando minha mãe me golpeou com o atiçador do fogo no rosto, como agradecimento por todos meus esforços.

A intensa dor em sua voz atravessou a alma a Regina.

- OH, querido, meu amor.

- Não estou contando isto para que sinta pena por mim. - O tênue sol que desaparecia na linha do horizonte lhe banhou as faces. - Simplesmente quero que compreenda que não é o homem que acredita. Farei tudo o que esteja em minhas mãos para manter a Louisa afastada de suas garras. Tudo, ouviu-me?

Ela assentiu, embora ainda se negasse a acreditar que o príncipe tão jovial, tão agradável, fosse tal monstro para ordenar que encerrassem a seu próprio filho em uma masmorra durante três dias.

Mas sabia que Marcus não mentia. E se lembrou do pouco animado que seu marido se mostrara quando lhe pediu que lhe mostrasse a masmorra nessa mesma manhã, assim como sua raiva a primeira vez que lhe disse o que a gente comentava sobre as mulheres que tinha ali abaixo encerradas. Claramente estava contando a verdade, mas...

- Está seguro de que o ordenou o príncipe? Possivelmente sua mãe...

- Minha mãe era simplesmente uma marionete desse homem. Não fazia nada a menos que ele o ordenasse. Asseguro.

- E onde estava o visconde?

- Na cidade. Por isso o príncipe tomou a liberdade de nos visitar e agir como um absoluto tirano.

Regina se aventurou a formular uma pergunta que sabia que seu marido não gostaria.

- Ouviu o príncipe ordenar que lhe encerrassem na masmorra?

Marcus soprou com evidente crispação.

- Estou certo que sim. Além disso, é impossível que ele não se desse conta de meu desaparecimento durante três dias. Nem que reparasse em meu deplorável aspecto quando lhe pedi desculpas.

A garganta da Regina se contraiu quando imaginou ao jovem Marcus encerrado em uma cova clandestinamente, sem lhe importar quem tinha sido o desalmado que tinha ordenado tal atrocidade.

- Suponho que não o mataram de fome durante esses dias.

Marcus lançou outro resmungo.

- Não, mas dava na mesma. Estar preso nesse lúgubre buraco já era suficiente castigo. Tinha um catre, um pouco de comida e um balde, e não me permitiam sair dali. - cruzou os braços e acariciou os ombros, para reconfortar-se.

- Mas bom, isso passou faz muito tempo. Agora o caso é que o príncipe não é uma pessoa de confiar. E seu irmão tampouco.

- Tem toda a razão sobre o Simon - suspirou ela. - Assim o que pensa fazer agora?

- Primeiro quero escutar o que Louisa tem que dizer a respeito, e depois tomarei uma decisão.

- Me prometa que não se baterá em duelo contra meu irmão.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Está preocupada com seu irmãozinho, não?

- Estou preocupada com você! - exclamou ela, ferida ao ver que seu marido pensava que se preocupava mais pelo Simon que por ele.

Marcus relaxou um pouco a mandíbula.

- Posso cuidar de mim mesmo. Não me assusta seu irmão.

- Se abaterem em um duelo, perderei aos dois. Um morrerá e o outro se verá obrigado a abandonar o país. Não poderia suportar, e sei que isso destroçaria o coração a Louisa. Prometa-me que não o desafiará a nenhum duelo.

Mas ele se limitou a olhar pela janela.

- Prometa-me isso, Marcus!

- De acordo. Mas só o faço porque se tivesse que escapar da Inglaterra, não poderia vigiar a Louisa.

A garganta da Regina se voltou a contrair. Marcus não havia dito nada sobre não querer abandonar a sua esposa. Acaso não a queria? Ou possivelmente assumia que se tinha que escapar da Inglaterra, ela iria com ele?

Um incômodo silêncio se interpôs entre os dois, cheio de tensão, e enquanto isso Regina tentava digerir tudo o que seu marido lhe acabava de revelar. Desejava que ele mostrasse um mínimo de interesse por ela; desejava-o desesperadamente.

Cada vez que fixava os olhos nesse rosto querido, teimoso, seu coração lhe dava um salto, como se quisesse escapar de seu peito.

Depois de compartilhar a cama com ele durante as últimas noites, de lhe fazer amor com tal ternura e ferocidade e ao mesmo tempo conseguia derretê-la como um

pudim, não podia suportar a idéia de que ele não a quisesse.

Porque ela sim o amava.

Apertou a garganta para reprimir a vontade de chorar. Sem gozar da certeza de quais eram seus sentimentos para ela, tentou manter a compostura, mas Marcus tinha conseguido lhe cativar o coração de uma forma tão profunda e insidiosa como a cauda do dragão esculpida em sua nova harpa.

Como não ia apaixonar se por um homem que tinha decidido jogar pela amurada sua lua de mel para ensiná-la a ler? Que tinha suportado um amontoado de humilhações ao aparecer com ela em público?

Que se preocupava tanto por sua irmã que faria algo para proteger a de qualquer perigo? As lágrimas ganharam a partida e abriram passagem pelo rosto de Regina.

Amava-o de todo coração.

O que outra razão se não podia haver para que se sentisse tão triste e abatida? secou as faces com o dorso da mão, desviou os olhos por volta do sol poente através da janela e rezou para que ele a amasse também, e para que algum dia a perdoasse por ter estado a ponto de arruinar a reputação da Louisa, ao não havê-lo prevenido.

Porque se ele não podia fazer este último, Regina não sabia se seria capaz de carregar com o peso do remorso a suas costas.

Capítulo vinte e dois.

" Mantém leal a sua pupila e, quando se casar, recompensará-lhe."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Regina estremeceu quando entraram na biblioteca dos Iversley. O ambiente era tão sério como em um cemitério. Louisa estava sentada em um sofá, ladeada por Cicely e lady Iversley, e lorde Iversley estava de pé junto ao fogo, com a mão apoiada no suporte de mármore. Mas enquanto que as guardiãs da Louisa exibiam uma expressão de consternação, Louisa se mostrava desafiante.

Sem olhar a sua irmã, Marcus se dirigiu a lorde Iversley, seu meio-irmão. Agora Regina pôde apreciar a semelhança física, em seu cabelo escuro, sua altura, seus queixos. Marcus era mais robusto, mas certamente tinham o mesmo queixo, o queixo do príncipe.

Lady Iversley se fixou em como Regina comparava aos dois homens, e seu olhar se tornou inquisidor. O gesto não escapou a Regina, que se perguntou se essa mulher sabia quem era o verdadeiro progenitor de seu marido. Com certeza que sim.

Por que se não tinha aceito apresentar a Louisa em sociedade? E o que foi que o conde lhe disse durante o jantar que ofereceram em sua casa, referindo-se ao Marcus? "É como se fosse parte de nossa família."

Regina suspirou. Efetivamente, era parte da família. Deveria ter percebido antes.

Quando Marcus se aproximou do Alec, uma sombra de culpa de estendeu visivelmente pelo rosto de seu jovem meio-irmão.

- Draker, sinto muito. Juro nunca pensei que...

- Não é sua culpa. Agiu com Louisa muito melhor do que jamais teria sonhado. Mas essa garota agiu como uma irresponsável, assim não podia fazer nada por detê-la.

- Como se atreve? - Louisa ficou de pé. - Não compreende.

- Chist, Louisa - lhe ordenou Regina com ar severo. - Neste momento seu irmão parece uma fúria, assim o mais sensato é que não o provoque mais.

Marcus continuou ignorando a sua irmã. Voltou-se para o Cicely, quem apressava a Louisa para que se sentasse de novo.

- Senhorita Tremaine, eu gostaria de falar um momento com você.

Cicely se levantou inquieta, e começou a brincar nervosamente com o lenço que tinha entre as mãos.

- Me diga senhor.

- Primeiro obrigado pelo ótimo serviço que prestou a minha esposa e a mim. Prometo-lhe que o compensaremos com acréscimo. E agora, me conte exatamente o

que aconteceu entre o Foxmoor e minha irmã.

Cicely lançou um olhar a Regina e Regina assentiu com a cabeça. Então Cicely relaxou um pouco.

- Sinto muito, senhor, mas não sei como pôde o duque contatar com a Louisa. Asseguro-lhe que se soubesse, jamais teria permitido que a situação chegasse ao limite, tal como aconteceu. Tentei interceptar qualquer nota ou carta dirigida a ela.

- Traidora - murmurou Louisa.

Pela primeira vez desde que Marcus tinha entrado na sala, desviou a vista para sua irmã.

- Perdoe, mocinha, mas me pareceu escutar que insultava a uma das pessoas encarregadas de custodiá-la, uma mulher de idade avançada e com uma educação superior à sua, e que além disso é família de minha esposa. Equivoco-me?

Louisa teve o bom senso de baixar a cabeça e balbuciar:

- Sinto muito.

- Bem. Por seu próprio bem, será melhor que não volte a acontecer. - Marcus voltou-se para Cicely: - Continue por favor.

Com o olhar nervoso em direção a Louisa, Cicely disse:

- Felizmente, tenho um sono pouco profundo. Costumo despertar cedo por culpa dos ataques de tosse que sofro, assim ouvi a Louisa escapulir-se de seu quarto. Preocupada com sua segurança, segui-a até a rua. O duque a esperava em sua carruagem, estacionado ao final do jardim, e Louisa já quase tinha chegado até quando lhe gritei que se detivesse. Disse-lhe que se não retornasse à casa, gritaria até que todo mundo despertasse. Simon tentou convencê-la para que subisse na carruagem, mas - Voltou a olhar a Louisa. - Ela sabia que tudo seria em vão.

- Jamais teríamos conseguido chegar a Gretn Green a menos que partíssemos tão cedo - protestou Louisa.

- Gretn Green! - replicou Marcus. - É idiota de arremate! De verdade achava que esse imbecil pretendia casar-se com você?

Louisa empalideceu.

- Disse-me que o faria.

- Maldito cafajeste - murmurou Regina. Não podia acreditar que seu irmão se atreveu a mentir a Louisa para conseguir seu propósito. - Meu irmão é um imbecil, um verdadeiro idiota.

- Um idiota morto, agora - soltou Marcus.

- Não! - Louisa gritou assustada. - Não lhe faça mal, por favor. Não fizemos nada de mau. Queríamo-nos casar, e você não nos dava seu consentimento.

- Prometeu não voltar a vê-lo.

O rosto da Louisa projetou evidente mostra de culpa.

- Sei, mas... Bom, sabia que jamais consentiria nesse casamento, nem sequer se esperávamos dois anos. E pensei que se nos casávamos, e você não podia fazer nada para evitá-lo.

- Posso evitá-lo agora. Sobe a seu quarto e feixe a mala. Volta para o Castlemaine comigo.

- Mas se a temporada de festas ainda não finalizou! - protestou Louisa.

- A temporada finalizou para você, senhorita. E terei que pensar duas vezes antes que aceite que volte a pisar em Londres na próxima temporada.

Regina e lady Iversley trocaram olhares frustrados. Ambas conheciam o suficiente ao Marcus para compreender sua reação.

E ambas conheciam o suficiente a Louisa, e também entendiam como reagiam as garotas jovens, para saber que essa não era a forma mais indicada de resolver o problema com ela.

- Não pode me afastar da sociedade de um modo tão brutal! - choramingou Louisa.

Marcus sacudiu os ombros e respondeu com sua teimosia habitual:

- Sou seu guardião. Posso fazer o que me agradar. Deveria tê-lo feito antes, no momento em que esse desgraçado começou a revoar a seu redor, mas pensei que faria bom uso de seu bom senso e que não cairia nas redes de suas mentiras.

- Ama-me! - protestou ela. - E não me importa o que diga. Sei que me ama. Disse-me isso!

Santo céu, a situação piorava cada vez mais.

- Marcus, tem que lhe contar a verdade - apontou Regina. - Se Simon não o fizer, então você tem que fazê-lo. Não está sendo franco com ela.

- Não tenho que contar nada a esta insensata - rugiu ele. - E não se meta nisto, Regina. Não é seu assunto.

Regina pestanejou, mas não se deixou amedrontar pela ameaça.

- Louisa é minha irmã agora, assim é meu assunto.

- Pois deveria ter pensado do mesmo modo quando me ocultou deliberadamente os planos de seu maldito irmão.

Ela se ruborizou morta de calor e humilhada, enquanto os Iversley lhe cravavam um olhar confuso.

- Marcus por favor, podemos falar sobre este assunto em privado?

- Não há nada que falar - atravessou ele, ao mesmo tempo em que lhe lançava um olhar fulminante. - Louisa, sobe e faz a mala. Senhorita Tremaine, se deseja vir conosco lhe agradecerei que faça o mesmo.

Louisa enrugou o nariz, como se preparasse para responder.

- Agora, Louisa! - ladrou Marcus.

Ela deu um pulo. Em seguida, desapareceu da sala junto ao Cicely.

Marcus se dirigiu a seu irmão.

- Sinto muitíssimo pelos inconvenientes que Louisa lhes tenha podido causar, a você e à Katherine, mas asseguro que não os culpo de nada do que aconteceu.

Lorde Iversley relaxou os ombros.

- Sua esposa tem razão. Deveria contar a Louisa o que acontece. Pensa que o príncipe continuará tentando aproximar-se dela.

- E o mesmo fará Simon - se atreveu a acrescentar Regina.

- Já me encarregarei do Foxmoor. Disso pode estar certa. - Marcus olhou a sua esposa com irreverência. - E não tolerarei nenhuma intromissão por sua parte, entendeu-me?

Regina conteve a respiração. Como se atrevia a usar com ela o mesmo tom que tinha utilizado com a Louisa?

- O que entendo é que não está pensando de forma racional neste momento. De outro modo, não me estaria dando ordens como se fosse uma menina pequena.

- Sou seu marido, e tenho direito a impor minha autoridade. E espero obediência e submissão por sua parte, e juro que a obrigarei a fazê-lo pela via da força.

Lady Iversley se levantou do sofá, lançando fogo pelos olhos.

- Basta já, Marcus! Parece-me que está se excedendo.

- Iversley, faz o favor de controlar a sua esposa - gritou Marcus.

Lorde Iversley o olhou com incredulidade.

- Com o mesmo método com o que tenta controlar a sua esposa? Não, obrigado. Eu não gosto de dormir com um olho aberto. - Ato seguido ofereceu o braço a sua

esposa e acrescentou. - Vamos querida.Será melhor que nos mantenhamos fora da linha de fogo.

Quando lady Iversley fulminou Marcus com um olhar cheio de desprezo antes de sair da sala com seu marido, o desespero se apoderou da Regina.

O velho Marcus tinha retornado, o ogro anti-social e tosco que só se preocupava com seus próprios sentimentos, o dragão que reagia lançando fogo quando se sentia encurralado.

Não pensava ficar para presenciar como ele se inimizava com todos aqueles que sentiam afeto por ele.

- Marcus...

Mas ele se voltou como enlouquecido e a olhou com a expressão beligerante de quem se prepara para entrar em combate.

- Se acha que me acalmará com seus sermões, está enganada.

- Não, agora o conheço. Sei que quando está assim, não há nada que sirva para aplacar sua ira. Mas se acalmasse, veria que levar a Louisa ao Castlemaine contra sua vontade sem lhe explicar as circunstâncias não é mais que um grave engano. Merece-se um bom marido e um lugar dentro da sociedade. Se lhe negar esse direito encerrando-a no campo, se ressentirá e te pagará com a pior moeda.

- Deixa que o tente.

- Claro que o tentará, asseguro-lhe isso. Além disso, não é inteligente afastá-la da sociedade na metade da temporada de festas. Temos que evitar qualquer rumor sobre ela e meu irmão, mas isso será virtualmente impossível se as pessoas perceberem que seu guardião está reagindo de um modo tão agressivo.

Marcus bufou.

- E o que sugere? Deixá-la aqui?

Ela respirou mais tranqüila. Pelo menos não estava escorregando como o tinha feito até então.

- Conosco. Se lhe contar a situação, estou certa de que se comportará como é devido durante o resto da temporada. Especialmente depois de que eu fale com o Simon.

- Nem pensar! Você não falará com esse tipo. Ouviu-me?

Era muito esperar que Marcus reagisse com prudência.

- Alguém deve lhe dizer que não pode continuar...

- Eu me encarregarei do Foxmoor. Está claro que não posso confiar nem em você nem em Louisa quando se trata desse tipo. Domina-as como lhe dá vontade, assim a partir de agora eu me encarregarei dele. Proíbo - às duas se aproximar desse desgraçado.

O pulso da Regina disparou sem que pudesse remediá-lo.

- Vejamos se o compreendi corretamente. Está-me dizendo que me proíbe de falar com meu próprio irmão?

O tom gélido em sua voz pareceu sortir efeito no Marcus, mas este se manteve inamovível em sua decisão.

- Sim.

- Para sempre?

O rosto de seu marido adotou um ar mais ameaçador.

- De qualquer modo, não terá a oportunidade de falar com ele. Retornaremos ao Castlemaine esta mesma noite, com a Louisa.

Ela apertou os dentes com força.

- Embora com isso consiga que se comece a falar do assunto? E possivelmente Louisa jamais volte a ser aceita em sociedade?

- Essa é minha decisão. Não ficaremos em Londres, e não me importa se você prefere estar em meio desta medíocre sociedade em lugar de permanecer com seu marido no campo.

- Não é certo!

- Ah, não? Desde virtualmente o momento em que nos instalamos no Castlemaine, morreu de vontade por voltar. Queixe tudo o que queira, mas não penso dar o braço a torcer com seu desejo, ou com o da Louisa, do mesmo modo que meu pai o fez com minha mãe. Nego-me a ver como minha esposa e minha irmã seguem o mesmo caminho.

- De sua mãe? Não conseguiu que sua mãe se inclinasse por suas responsabilidades como esposa e mãe em vez de escolher estar com o Príncipe de Gales, assim agora pretende me encerrar a mim e a Louisa antes que nos convertamos em duas mulheres igualmente lascivas, não é isso? - Regina se aproximou mais de seu marido. Estava a ponto de perder a paciência. - Louisa não se parece em nada a sua mãe. Nem eu tampouco.

- Pois claro que não se parece com ela! É dez vezes mais mulher do que foi minha

mãe, dez vezes mais formosa, dez vezes mais atraente, dez vezes melhor.

- Então, por que não confia em mim?

- Não é em você quem não confio, mas sim em todos esses malditos impostores. Também é dez vezes mais irresistível que minha mãe. Esses animais estão aí fora, esperando que esteja sozinha, agora que é uma mulher casada e que não precisa ir com nenhuma acompanhante.

Em vista ao que Marcus lhe tinha contado de sua mãe, Regina compreendia seus temores. Mas isso não significava que ela aceitasse pagar o pato pelas frustrações e temores de seu marido.

- Necessitam-se de duas pessoas para cometer adultério. E como eu não estou de acordo com essas práticas, não importa se centenas de homens tentam me seduzir quando estiver sozinha.

- Com alguns homens sim importa. Não tem nem idéia de até onde podem chegar alguns indivíduos para...

- Parece que o tempo que dedicou ultimamente a me ensinar a ler a partir da caderneta de uma menina o fez esquecer que não sou uma menina. Sei como me dirigir aos homens. Passei os últimos anos me defendendo com êxito de todas suas tentativas.

- Mas não se defendeu de mim - respondeu Marcus com os olhos crispados. - Se deixou seduzir pela atração que sente pela aventura, e precisamente por esse motivo estamos agora casados.

- E pretende me castigar por isso? - Seus olhos se encheram de lágrimas quando levantou a mão para acariciar a fria e dura face de seu marido. - Estamos casados porque me apaixonei por você, bobo. Se não, não me teria casado com você, por muitas aventuras que me tivesse devotado.

Por um momento, ele a olhou sem pronunciar palavra alguma, aturdido. Então cobriu com sua mão a mão da Regina.

- Se me quiser, retornará comigo ao Castlemaine e se esquecerá de Londres.

Ela sentiu uma pontada de dor no peito. Esperava que lhe houvesse dito algo amoroso, mas não. Acaso tentava usar o amor que sentia por ele para controlá-la?

- Como se atreve! - Regina escapou de sua mão, lutando por conter as lágrimas que se obstinavam em aflorar de seus olhos. - Não me converterei em sua prisioneira, Marcus. Sua esposa, sim. Sua amante é claro. Mas nunca sua prisioneira.

As feições dele brilharam de furor.

- É minha esposa. Pertence-me. E eu digo que retornaremos ao Castlemaine. Assim será melhor que se submeta.

Regina lhe deu as costas, negando obstinadamente com a cabeça.

- Não permitirei que me encerre, por mais bela que seja sua prisão. Se não pôde suportar estar três dias encerrado como espera que eu suporte estar presa por toda a vida?

Marcus a agarrou com raiva e emoção, tal e como teria feito uma besta mitológica.

- Fará o que eu disser.

- Prometeu-me que poderia vir a Londres quando quisesse. Prometeu-o!

- E seu irmão prometeu não perseguir a minha irmã. Ele quebrou sua promessa, assim me sinto com o direito de romper a minha.

- Você me fez a promessa não a ele. Não posso controlar ao idiota de meu irmão. Mas espero que você não falte a sua palavra.

- E eu espero que você faça o mesmo. Prometeu-me amar, me respeitar, e me obedecer portanto, retornará comigo e com a Louisa ao Castlemaine hoje mesmo, ou juro que quando retornar, lhe negarei a entrada.

- Fará o que?

- Já o ouviu. Não será bem recebida no Castlemaine. - Proclamou ele embora agora com a voz trêmula, como se desse conta de que tinha ido muito longe, mas não se atrevesse a retirar suas palavras.

Regina não deveria ter se surpreendido. Era o mesmo método que Marcus tinha usado para castigar a sua mãe, também: Expulsá-la de sua vida. Por que deveria esperar que se comportasse de um modo distinto com sua esposa? Porque sua esposa jamais o tinha encerrado em uma masmorra nem o tinha marcado com um atiçador do fogo. Porque sua esposa só tinha questionado sua autoridade. Porque sua esposa o amava.

A ameaça do Marcus ainda pesava na mente da Regina quando se voltou e se topou com a Louisa e Cicely, que estavam de pé, junto à porta. Um lacaio passou por detrás delas com as malas.

Louisa olhava a seu irmão com o rosto triste e suplicante.

- Marcus, não seja louco.

- Vá para a carruagem, Louisa - lhe ordenou seu irmão. - Nós iremos agora mesmo.

- Mas Marcus...

- Agora! Maldita seja!

Louisa se virou e partiu precipitadamente. Cicely a observou desaparecer, com evidente mostra de desconforto.

- Senhorita Tremaine - disse Marcus. - Faça o favor de recordar a sua prima quais são suas obrigações.

Cicely estremeceu ante o olhar fulminante do Marcus.

- Regina, querida, possivelmente deveria ir com seu marido no momento.

- Obrigada por seu conselho - respondeu Regina secamente. - Possivelmente você desfrutaria vivendo em uma prisão, mas eu não.

- Parece ser senhorita Tremaine - soltou Marcus, - que tem duas alternativas. Pode ficar na cidade com minha esposa, em cujo caso jamais será bem-vinda ao Castlemaine, ou retornar comigo e trabalhar como preceptora de minha irmã. Espero que me dite bem sua escolha.

Regina o olhou com ódio.

- Como se atreve a envolver a minha prima, depois de tudo o que tem feito por nós, em nossa disputa? Que espera conseguir?

Marcus lhe lançou um olhar febril.

- Espero fazer que entre em razão. Não pode funcionar em sociedade se sua prima não estiver perto de você. Como se arrumará para ler os convites, aceitá-los, escrever notas de agradecimento, e fazer outras coisas similares?

Sentiu-se tremendamente enojada. Acaso pensava ele usar seu próprio defeito contra ela? Até aí tinha chegado?

- Ele já sabe que não pode ler? - mugiu Cicely a suas costas.

- Sim - replicou Regina. - Me disse que não supunha um grave problema para ele, mas está claro que me mentiu.

Os olhos do Marcus se abriram como um par de laranjas.

- Não lhe menti. Não tem remédio! Mistura tudo! E aposto o que quiser que a seus amigos tampouco importaria averiguar seu segredo. O que está claro é que prefere estar com eles antes que com seu próprio marido.

- Não, Marcus, escolho viver sem correntes, que não é o mesmo. - Observou o rosto iracundo de seu marido. Era teimoso como uma mula. Mas então detectou um

pouco de medo nesses olhos. Se fosse com ele agora, Marcus nunca poria fim a essa loucura.

Mas se escolhia ficar, seria capaz de perdoá-la?

Não havia mais remédio que arriscar-se. Desejava mudar esse desalmado, e se tinha proposto ganhar, sem importar o que tivesse que pôr em jogo.

- Passou a vida se ocultando em sua toca para evitar enfrentar à parte mais desagradável deste mundo no qual nos é tocado viver. Mas com isso também perdeu sua parte mais bela. Pois bem, não estou disposta a fazer o mesmo. Quando decidir voltar a se integrar no mundo, estarei esperando-o. Mas quero muito a você para lhe permitir que me arraste consigo a uma morte segura em sua toca.

Sem dizer nenhuma palavra mais, deu meia volta, abandonou a sala e se dirigiu às escadas. Não estava certa de aonde se dirigia, mas sabia que não podia suportar que esse desumano fizesse em migalhas seu coração nem um minuto mais.

Ouviu os enérgicos passos do Marcus atrás dela.

- Ordeno-lhe que venha comigo!

Regina continuou subindo as escadas.

- Maldita seja! É minha mulher!

Sim, e Marcus parecia havê-la recompensado bem por isso. As lágrimas inundaram seus olhos, e ela afastou-as com brusquidão.

Um rude silêncio encheu o vestíbulo a seus pés. Quando chegou acima das escadas e seguiu andando como uma sonâmbula, em busca de um lugar onde poder chorar tranqüila, ouviu-o gritar:

- De acordo. Se isso for o que quer, então apodreça em Londres. Não me importa. Mas aviso-a: - Apodrecerá sozinha.

Regina ficou paralisada enquanto as lágrimas continuavam seu curso sem parar. Escutou o estrondo das botas se afastar- pelo vestíbulo até a porta principal. Ato seguido, escutou o inconfundível som dos cascos dos cavalos se chocando contra a rua empedrada. A carruagem se afastou cada vez mais, até que o estrépito se confundiu com outros ruídos da rua.

Só então se derrubou. deixou-se cair ao chão e começou a chorar desconsoladamente. Era certo que o tinha perdido para sempre? Conseguiria que retornasse junto a ela?

Passos ressonaram nas escadas, vozes murmuraram a seu redor, mas Regina

continuou soluçando, incapaz de parar, incapaz sequer de levantar do chão e sentar-se em uma cadeira.

De repente, um braço a rodeou pelos ombros, e uma voz gentil e familiar sussurrou:

- Vamos querida, acalme-se. Não é bom chorar tanto.

- C-Cicely? - conseguiu dizer, levantando os olhos para sua prima. - De-deveria ter ido com ele.

- Não diga tolices. Meu lugar é aqui, a seu lado.

- Meu marido cumprirá sua ameaça, sabe? Vetará a entrada para sempre para você, e eu não posso prometer...

- Chist, chist, vamos, calma - murmurou Cicely, apoiando a cabeça da Regina em seu peito.

- Pode recorrer a seu irmão.

- Não! - gritou Regina com rancor. - Tudo isto é por sua culpa. Não quero vê-lo nunca mais. Além disso, provavelmente Marcus o Mata.

- Não se eu puder evitá-lo - interveio outra voz.

Regina olhou para o outro lado e viu lorde Iversley de pé, junto a sua esposa. Seus rostos mostravam uma grande aflição.

- Enviarei uma nota ao Foxmoor agora mesmo - prosseguiu o conde, - avisando-o que se souber o que é melhor para ele, desapareça do país durante uma temporada, até que Draker se acalme.

- Ao Marcus não agradará sua intervenção. E lhe asseguro que não tenho nenhuma intenção de me intrometer entre você e seu ir... - Regina se deteve em seco e retificou: - seu amigo.

Lorde Iversley olhou ao Cicely de soslaio e disse em um tom afável:

- Nossa amizade pesa muito. Se a alternativa é suportar seu mau caráter ou vê-lo morto em um duelo contra Foxmoor, inclino-me pela primeira opção, disso pode estar certa.

- Entrará em razão - acrescentou lady Iversley com um ligeiro sorriso nos lábios, depois tomou a mão de seu marido. - Sempre o faz.

- Como eu gostaria de poder estar tão segura - disse Regina.

- Pode estar certa de que a ama - manifestou lorde Iversley. - Mas alguns homens não sabem como se comportar quando estão apaixonados. Katherine tem razão; só

terá que lhe dar uns poucos dias. Se quiser, falarei com ele.

- Não. Ele deve decidir por si mesmo se quiser uma esposa ou uma prisioneira. Sabe que não aceitarei a segunda opção. - Precisamente por isso Regina duvidava de se trataria só de uns dias.

- Enquanto isso - acrescentou lady Iversley, - ficará em nossa casa, não é verdade?

- Não suportaria lhes causar inconvenientes. E sempre posso recorrer à casa que meu marido alugou na cidade.

- Não - anunciou lorde Iversley. - Você e Cicely ficarão aqui, e não há nada mais que falar.

Regina começou a protestar, mas ele a sossegou:

- Não tem chaves da casa da cidade, e receio que Draker proibirá a seus criados que lhe permitam estar ali, de qualquer modo.

Essa possibilidade tão evidente a encolerizou o suficiente para atalhar o resto de lágrimas que ainda corria de seus olhos.

- Sim - exclamou com amargura. - Certamente é capaz disso.

Qualquer homem que tentasse separar a sua esposa de sua companheira com o fim de que dependesse totalmente dele não duvidaria em lhe negar a assistência de qualquer criado. Mas Cicely estava com ela, e isso a encheu de esperança.

Também lhe deu uma idéia. Engoliu em seco com dificuldade, então olhou a sua prima e depois a lady Iversley. Katherine, sua cunhada. Certamente podia confiar nessa mulher.

- Como vou ficar aqui alguns dias, lady Katherine, acredita que entre você e Cicely poderiam me ensinar a ler?

Capítulo vinte e três.

" Não reprima sempre a independência de sua pupila. um pouco de impulso não

irá mal para depois abrir-se passagem na vida."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Marcus não se imaginou que a vida sem a Regina pudesse ser tão dura. O certo era que nem sequer tinha pensado nessa questão quando partiu da casa dos Iversley cego de ira.

Depois tinha tido muito tempo para pensar. Lançou um suspiro e jogou uma olhada ao relógio que presidia a sala de refeições vazia onde se achava sentado, com sua torrada, sua taça de chá e o periódico. As nove em ponto.

Dentro de pouco apareceria seu assistente para a reunião que mantinham diariamente, e durante algumas horas deixaria de refletir nesses pensamentos que tanto o atormentavam.

Mas depois a tarde se abateria sobre ele, horas inteiras sem fazer nada, porque não conseguiria concentrar-se nas questões da propriedade nem nos investimentos nem tão somente nos tesouros que albergava sua biblioteca. Finalmente, jantaria sozinho, pois Louisa se negava a compartilhar a mesa com ele. Não tinham comido juntos desde que retornaram ao Castlemaine, e isso já fazia três dias.

Só fazia três dias que partira da casa dos Iversley? Pois lhe pareciam três semanas, meses. Anos. Uma eternidade tortuosa. Sua cama estava vazia, e um enorme buraco ocupava agora o lugar de seu coração. E essa cadeira vazia no outro extremo da mesa, a que deveria ocupar sua esposa.

Maldição, maldição, e mil vezes maldição!

Afastou a torrada a um lado, sem tê-la tocado. Antes tinha vivido assim com absoluta satisfação, entrincheirado no Castlemaine, atendendo os afazeres de sua propriedade, e com a Louisa como sua única companhia. Inclusive não lhe importava quando Louisa se zangava com ele alguma vez e passava vários dias sem lhe dirigir a palavra. Então, por que de repente desejava estampar a taça contra o relógio que com cada segundo lento e metódico que marcava lhe indicava o impassível transcurso de sua vida?

Sabia a resposta. Era pela Regina. Porque até que sua esposa tinha irrompido em sua vida, jamais havia tocado o céu, nunca antes tinha sabido realmente o que perdia. Ela tinha mudado totalmente sua vida, essa maldita mulher.

Como sentia falta dela! Com que rapidez se acostumara a despertar ao lado de uma esposa que era tão boa amante, a tê-la sentada em seu regaço enquanto ele lia a imprensa pela manhã e tentava ajudá-la a ler.

A afundar-se dentro dela tão profundamente.

Lançou um grunhido de impotência. Esse era o modo como uma mulher como ela enfeitiçava aos homens, mostrando-se tão suave, sedutora, e lista para agradar a um homem que ardia em desejos de afundar seu pênis dentro dela. Então, quando o tinha a sua inteira disposição, ele já não podia escapar, nem que o desejasse.

Ocultou a cabeça entre as mãos. Esse era o problema. Não estava certo se desejava escapar por mais tempo. Qualquer vida, inclusive entre os amigos da Regina, era melhor que esse calvário.

Foi assim como seu pai acabou por aceitar as infidelidades de sua mãe? Porque o tinha seduzido sem remédio? Porque finalmente decidiu que qualquer fragmento dela era melhor que perdê-la por completo? Maldição. Não deixaria que lhe acontecesse o mesmo!

- Marcus?

Sobressaltou - se ante o som dessa ressentida voz familiar.

- Sim, querida?

- Quero falar com você. - Louisa irrompeu na sala com a arrogância de uma rainha. Por todos os Santos, realmente andava igual a Regina, dentro de uns poucos anos, a sociedade a chamaria sem dúvida A Belle me Dê Sãs Merci.

Marcus ficou tenso.

- Interpreto pela expressão de seu rosto que ainda está zangada comigo.

- Acabo de receber uma nota de lady Iversley.

Os olhos de seu irmão se entrecerraram com desconfiança.

- Ah, sim?

- Pede-me que lhe envie roupa para sua esposa. Parece que Regina e Cicely estão vivendo com eles, já que não têm aonde ir.

- Tolices. Aluguei uma casa para ela na cidade.

- Não tem as chaves, e não deu ordens aos criados para que as admitam.

Marcus se moveu inquieto na cadeira. O certo é que não tinha percebido.

- E o que se passa com seu irmão? Poderia estar com ele, pelo amor de Deus. - Embora essa possibilidade não tivesse nem pingo de graça.

- A julgar pela nota de lady Iversley, Regina está tão zangada com seu irmão que não deseja permanecer em sua casa. De qualquer modo, ninguém sabe onde está Simon. Parece que desapareceu.

- O que?

Ela se aproximou da mesa e lhe mostrou um recorte de imprensa.

- Lê isto.

No momento em que Marcus avistou o nome de Regina ou melhor dizendo seu nome de casada, lhe secou a garganta. Agarrou o recorte que sua irmã lhe oferecia e leu:

Lady Draker foi bem recebida por seus amigos na festa que ofereceram os Merrington. Todos ansiavam saber os detalhes de sua lua de mel com o visconde de moda, lorde Draker, quem se viu obrigado a ausentar-se da cidade para atender uns assuntos em sua propriedade. Lady Draker apareceu com seus apreciados amigos, o conde e a condessa do Iversley. Lady Draker luzia um delicado vestido de crepe francês de cor branca e amarela pálida, com...

Que se tinha visto obrigado a ausentar-se para atender uns assuntos em sua propriedade? Marcus lançou um resmungo. Essa mulher era realmente rápida na hora de esconder a verdade. Não era capaz de anunciar: "abandonei meu marido".

Marcus saltou os parágrafos seguintes dedicados a trivialidades sobre o traje e a aparência de sua esposa. De repente, duas palavras captaram sua atenção: Lorde Whitmore. Seu coração se acelerou e leu:

Alguém se pergunta o que é o que tem feito lorde Whitmore para merecer ser tratado de forma tão descortês por parte de lady Draker, quem não ocultou seu desagrado ante a presença de seu primo.

Marcus não dava crédito ao que acabava de ler, por isso decidiu voltar a reler o parágrafo. Ele tinha ameaçado a Regina lhe negando a entrada em sua casa, e lhe tinha pago mostrando-se descortês com o homem que o tinha insultado no Almack"S.

Seu próprio primo. Um homem que teria dado o que fosse por usurpar o lugar do Marcus se Regina lhe desse a mínima oportunidade. Estava claro que ela não a daria. Mas quanto tempo transcorreria antes que Regina cedesse? Se Marcus continuasse entrincheirado no Castlemaine, sem estar a seu lado, quanto tempo resistiria sua esposa? Um calafrio de medo lhe encheu o coração. Santo céu, o que tinha feito?

Continuou lendo, esperando que a notícia falasse um pouco mais sobre a Regina, mas em lugar disso...

Outra ausência que não passou despercebida a ninguém foi a da senhorita North, a cunhada de lady Draker, que ultimamente se deixou ver em companhia do irmão da dita dama, o duque do Foxmoor. E tampouco esteve presente o duque, apesar da boa amizade que une aos Merrington. Segundo a viscondessa, a senhorita North ainda não se recuperou de um forte resfriado, o qual a manteve afastada das festas ultimamente. Lady Draker não sabia por que seu irmão não tinha vindo. A julgar pelo claro interesse que o duque veio mostrando pela senhorita North, só podemos especular que não deseja participar de nenhuma festa a que ela não venha.

Estaremos mais pendentes dos movimentos de dito casal. Possivelmente haja um anúncio de bodas quando menos o esperemos?

- Maldição! - Marcus lançou o recorte a um lado. Se tivesse agido tal como Regina lhe tinha proposto, deixando que Louisa ficasse em Londres, ninguém falaria agora sobre sua irmã. Provavelmente teria sido possível separar ao casal com tato e sem que ninguém reparasse nisso, mas agora...

- O que fez ao Simon? - Louisa recolheu o recorte e o sacudiu diante do rosto do Marcus.

Ficava claro que parte da notícia tinha captado sua atenção. - Se lhe tiver feito mal, juro que não perdoarei isso nunca.

- Como quer que lhe tenha feito mal se não me movi do Castlemaine nestes três dias? - Não é que não lhe tivesse ocorrido cavalgar até Londres para estrangular a seu cunhado, mas não se atrevia a deixar sozinha a Louisa.

Além disso, tinha prometido a Regina que não mataria a esse energúmeno. E apesar de que tinha quebrado uma das promessas que lhe tinha feito a sua esposa, sabia que jamais lhe perdoaria se infringia essa outra. Matar ao Foxmoor seria a forma mais rápida de conseguir que sua esposa o odiasse. E de repente lhe parecia extremamente importante conseguir que sua esposa não o odiasse.

- E o que pensa fazer com o Simon? - perguntou Louisa com frieza.

- Ainda não decidi. - Mas não tinha intenção de deixar que esse inseto escapasse imune.

Quando lhe apresentasse a oportunidade, falaria com o Byrne para planejar a vingança perfeita. Seu meio-irmão diabólico saberia exatamente o que fazer para golpear ao Foxmoor ali onde mais o ferisse.

Louisa se sentou à mesa.

- E comigo? O que pensa fazer comigo?

- Agora lhe ocorre perguntar? - disse ele, arqueando uma sobrancelha.

- Supus que diria algo essa noite na carruagem, mas não o fez. Depois esteve de tão mau humor que não quis pinçar no assunto.

- E agora considera que já me concedeu suficiente tempo para que me tenha acalmado, não é assim?

Louisa ergueu o queixo com arrogância, tal e como teria feito sua esposa.

- Possivelmente.

Marcus sacudiu a cabeça.

- Essa não era a questão. Não se trata de estar zangado ou não; ainda mantenho o que disse em Londres. De momento ficará aqui. E quando chegar o outono, consideraremos a possibilidade de que vá à capital para participar da próxima temporada de festas.

- Consideraremos? Quem, você e Regina? Mas se expulsou a sua esposa de suas terras, recorda? Não goza nem da liberdade de viver na casa que supostamente alugou para ela.

As palavras pronunciadas por sua irmã sortiram o mesmo efeito que uma bofetada em pleno rosto.

Tinha expulsado a sua esposa. Regina estava em Londres, aparentemente convencida de que devia confiar na caridade dos Iversley, e provavelmente odiando a seu marido cada dia mais. OH, Deus! E se alguma vez retornasse?

- O que aconteceu entre a Regina e eu não é de sua incumbência - respondeu Marcus com secura.

Louisa se levantou de repente.

- Ah, não? Zangou-se com ela porque me estava defendendo. E ainda o faz. - Seu lábio inferior começou a tremer. - Mas isso de que sua esposa o desafie não dará resultado, não é? Por quanto tempo acha que poderá continuar dizendo às pessoas que estou resfriada? E se... Se ninguém tiver notícias de que Simon me declarou formalmente e ele se mantém afastado da sociedade, Quanto tempo acha que

transcorrerá antes que comecem a circular rumores desagradáveis sobre mim?

- Isso não acontecerá - a atalhou ele. - Não o permitirei.

- E como pensa detê-los? Gritando que só se trata de falatórios? Apresentando-se no Almack"s e ameaçando a todo mundo de lhes cortar a língua se não se calarem como fez com lorde Whitmore na ópera?

Marcus a olhou fixamente.

- Como sabe isso?

Ela ficou pálida.

- Céus não deveria ter dito. Supunha-se que era um segredo. Ela disse que igualmente se zangaria.

- Quem é ela? - rugiu seu irmão.

- Regina. Durante o convite de suas bodas, contou-me e a outras damas o que tinha acontecido na ópera. Acredito que tinha medo de que lorde Whitmore se vingasse contando sua própria versão transversada, assim ela o fez para atalhar qualquer fofoca. Disse que não queria que ninguém pensasse ou falasse mal de você. Não é que alguém queria fazê-lo, não. Foi muito romântico, como saltou para defender sua honra quando lorde Whitmore os surpreendeu agarrados pela mão. - Louisa engoliu em seco.

- Mas suponho que não deveria ter lhe contado isso.

- Me alegro de que o tenha feito. - Embora sentisse cada uma dessas palavras como uma punhalada em sua consciência. Regina, sua inteligente esposa, tinha sabido que todos acreditariam em sua versão romântica em lugar das palavras envenenadas de um pretendente irado desde que ela falasse primeiro.

Marcus tentou imaginar a sua própria mãe fazendo o mesmo, saltando à defensiva para proteger a reputação de seu pai, mas lhe pareceu impossível. E certamente não tinha feito nada para proteger a honra de seu filho. Entretanto, Regina, a esposa a quem tinha proibido pisar em suas terras, tinha arriscado sua própria honra para salvar a patética reputação dele.

- Marcus?

- Né? - Céu santo! Como tinha podido equivocar-se tanto?

- Por que odeia ao Simon?

Marcus escolheu as palavras com supremo cuidado.

- Porque não a ama como deveria.

Ela ficou em silêncio e franziu o cenho.

- Suponho que acha possivelmente que não pode me querer porque sou filha ilegítima.

Ao Marcus lhe gelou o coração.

- Quem te contou essa mentira? Ele lhe disse isso? Foi esse maldito idiota?

- Ninguém me contou isso. Averigüei sozinha. - As lágrimas afloraram em seus olhos. - É verdade, não?

- Claro que não. É a filha legítima do quinto visconde Draker.

Ela se secou as lágrimas com o dorso da mão.

- Não sou idiota, e sabe. Tio George quero dizer, o príncipe, sempre estava aqui, e parecia natural que viesse nos visitar. Mas não era tão natural, Por isso cheguei à conclusão de que sou filha bastarda, como você.

- Não, você... - Marcus se deteve em seco. - Como sabe o meu?

Louisa conseguiu esgrimir um sorriso.

- Só por culpa dessa terrível briga que teve com o príncipe antes que ele e mamãe partissem do Castlemaine.

Marcus respirou desconfortável.

- Não sabia que tinha ouvido nossa discussão.

- Só uma parte. Então perguntei a minha preceptora o que se tinha passado, e me disse que jamais devia contar a ninguém que era filho do príncipe; sobre tudo não lhe devia dizer isso a você, já que feriria seus sentimentos.

Disse-me que era um segredo. E... e quando lhe perguntei se eu era filha do tio George, disse que não, e acreditei.

- E tinha razão.

- Marcus - prosseguiu Louisa com um tom muito adulto para tratar-se de uma mocinha. - Em todas minhas aparições em sociedade, não tenho feito mais que ouvir contos sobre o príncipe e suas amantes. E lembro que sempre estava aqui, cada dia.

- Mas não foi assim no ano em que nasceu, e isso é suficiente garantia para mim de que não é sua filha. Também bastou a seu verdadeiro pai, o visconde.

Ela mordeu o lábio inferior.

- Mas poderia ser a filha do príncipe, não é certo? Mamãe viajava constantemente a Londres. Não tinham que encontrar-se no Castlemaine para me conceber.

- Concebê-la? Como é que sabe essa classe de coisas?

Pelo menos Louisa teve a decência de ruborizar-se.

- Perguntei a lady Iversley. Não podia acreditar que minha preceptora tivesse razão, Me disse que os bebês se concebiam quando um homem e uma mulher dormiam na mesma cama. E como eu costumava vir a sua cama quando de pequena sentia medo, e não tinha nenhum bebê, supus que estava mentindo.

- Uf! Jamais sonhei que sua preceptora fosse capaz de te contar algo sobre esse assunto. SE tivesse sabido, a teria despedido.

Louisa ficou triste.

- De verdade acha que teria estado melhor preparada para a vida se tivesse sido uma absoluta ignorante?

- Não, é claro que não, mas...

- Esse é o problema consigo Marcus. Pensa que me está protegendo, mas realmente me está matando um pouco mais, cada dia que passa me obrigando a estar encerrada nesta casa para sempre.

Louisa teve que fazer uma pausa para não tornar novamente a chorar.

- Juro que morrerei se tiver que estar aqui até o próximo ano, sem sequer a companhia da Regina.

Essa expressão, "juro que morrerei", tinha sido um recurso muito freqüente no discurso de Louisa no passado, mas desta vez ao Marcus chegou até o coração. Porque refletia de forma similar o que Regina lhe havia dito.

Pela primeira vez, compreendeu o que ambas queriam dizer. Inclusive ele morreria se ficava nessa casa um só minuto mais sem Regina.

Apertou a garganta para poder falar sem que lhe notasse o tom emocionado em sua voz, e anunciou:

- De acordo, querida. Te Levarei a Londres. Tudo se arrumará.

Marcus pensou que seu enunciado poria fim à conversa, que sua irmã saltava de contente, o beijaria- e sairia disparada a preparar a bagagem enquanto ele ficaria ali sentado pensando na forma de conseguir que sua esposa retornasse sem ter que claudicar com muitas concessões que depois não seria capaz de cumprir.

Mas em lugar disso, Louisa ficou quieta, olhando-o fixamente.

- Só diz para que o deixe em paz, porque não quer responder minha pergunta.

Ele piscou perplexo.

- Que pergunta?

- É possível que eu seja a filha do príncipe?

Marcus esteve a ponto de dizer que não, mas se conteve e recordou o que sua irmã lhe havia dito uns minutos antes: "De verdade acredita que teria estado melhor preparada para a vida se tivesse sido uma absoluta ignorante?"

Com um suspiro, puxou-a pela mão.

- Para lhe ser justo, não sei. Não acredito - duvidou, mas as vozes da Regina e dos Iversley ressoavam em seus ouvidos, lhe exigindo que lhe contasse toda a verdade. - Mas me parece que o príncipe acredita que sim.

A mão da Louisa se esticou debaixo da sua.

- Por isso me perguntou se Simon me tinha contado isso? Porque é amigo do príncipe?

- Assim é.

- E por isso mencionou ao Simon sobre me levar ao Carlton House, à noite em que surpreendemos sozinhos a você e a Regina?

Marcus se tinha esquecido disso.

- Sim.

A mão de sua irmã começou a tremer.

- Acha que Simon e o príncipe estão maquinando algo que tem que ver comigo. Por isso não aceita que Simon me corteje.

- Eu...

- E Regina sabe, também, não é certo? Por isso se mostrou a favor de que esperássemos dois anos para estar juntos. E eu que pensei que simplesmente se pôs de seu lado, mas então, a outra noite, ela estava realmente furiosa com Simon por... Por que me havia dito que me queria. - As lágrimas encheram de novo seus olhos. - E não é verdade. Ele me disse que me queria mas não é verdade.

- Isso é o que acredito.

- E você o soube desde o começo? - perguntou Louisa, mostrando-se de repente zangada com seu irmão. - Permitiu que me pusesse em evidencia diante dele, enquanto todo o tempo...?

- Não estava certo disso. Regina havia me medeio convencido de que Foxmoor era sincero. Ela achava que ele era sincero, até a noite no Almack"S. E depois...

- Depois o que? - cruzou os braços, irada. - Quero saber todos os detalhes. Acredito que mereço saber o que aconteceu enquanto eu estava agindo como uma

insensata.

As lágrimas ainda brilhavam em seus olhos, mas agora eram lágrimas de raiva. Olhava-o do mesmo modo que sua mãe o dia em que Marcus a expulsou do Castlemaine. Que Deus tivesse piedade agora do Foxmoor. Possivelmente não seria necessário que

Marcus procurasse vingança. Possivelmente seria a própria Louisa quem se encarregasse disso.

- Só sei uma parte do que aconteceu, só o que Regina surrupiou a seu irmão essa noite, mas segundo ela...

Marcus lhe contou o plano do príncipe para introduzir a Louisa na Corte.

Com cada palavra, o rosto de sua irmã se ia esticando mais e mais. Seus olhos tinham adquirido um brilho diabólico,até que chegou um momento em que Marcus pensou que de um segundo a outro explodiria feito uma fúria e que sairia voando para

Londres para arrancar a cabeça ao Foxmoor. Só era questão de segundos.

- E ninguém teve a coragem de me contar isso antes - bradou ela. - Inclusive Regina manteve o segredo.

O matiz de traição em sua voz fez que Marcus lhe respondesse:

- Regina tinha boas razões para ocultá-lo. - Continuando, explicou-lhe como Foxmoor a tinha ameaçado, e Louisa empalideceu.

- Meu deus! Esse tipo é verdadeiramente desprezível! - Olhou fixamente a seu irmão. - E não me diga o que está pensando. Já sei, tinha razão sobre ele, admito-o. Mas se somente tivesse sabido uma parte da história...

- Não tive provas até recentemente - alegou ele na defensiva.

- Mas tinha motivos para desconfiar, e parece ser que os estava arejando a todo mundo menos a mim. E tudo porque não queria que averiguasse quem é meu possível pai. - Voltou a cruzar os braços. - Pois bem, agora já sei. A única coisa que ainda não sei é que parte de nosso cortejo foi falsa, quer dizer, foi urdida por Sua Alteza.

Marcus a olhou confuso.

- Suponho que toda a corte.

- Nem tudo. Sim, o príncipe podia desejar me introduzir na Corte mas disse ao Simon que me beijasse e me dissesse que me queria e...?

- Beijou-a? - exclamou Marcus, levantando-se subitamente da cadeira. - Penso arrancara pele a tiras a esse mal nascido.

- Não, não o fará. - Ela se levantou também. - Por fim somos capazes de manter a cabeça erguida ante a alta sociedade, e não permitirei que jogue pela amurada esse lucro.

- Como diz? - A voz do Marcus tinha subido de tom. Desde quando sua doce irmã se converteu em uma ferazinha?

- Acho que Simon merece um castigo mais adequado a seu crime.

- E no que está pensando exatamente? - perguntou-lhe curioso.

Os olhos de Louisa se tornaram visivelmente pequenos.

- OH, tenho uma idéia. Mas primeiro necessito de um pouco mais de informação. E se Sua Alteza é capaz de cair tão baixo e agir de forma tão rasteira para me introduzir na Corte, então acredito que deveria me explicar suas razões na cara, não acha?

- Não, não estou de acordo.

- Me escute, Marcus. Tenho direito de saber até que ponto este fiasco foi obra de Sua Alteza e até que ponto foi fruto da ambição do Simon.

A voz segura e irada de sua irmã o inquietou.

- Suponho que tem razão.

- Quero me reunir com o príncipe. E desejo que Simon esteja presente, e Regina também, pois confio em que ela será o suficientemente sincera, diante de Sua Alteza, para contar o que seu irmão lhe revelou.

Marcus notou que o coração lhe dava um salto.

- Só aceitarei a um encontro entre você, Foxmoor, minha esposa, e Sua maldita Alteza, se eu também estiver presente.

- Com isso já contava - respondeu ela.

Ele a observou com atenção.

- É esta sua forma maquiavélica de tentar forçar uma reconciliação entre a Regina e eu?

- Não. - O tom da Louisa se suavizou. - Mas se pudesse, o faria. Seu irmão pode ser um descarado, mas ela não. Não permita que sua rixa com o Simon os separe por mais tempo.

- Já sei.

- Pode confiar nela, sabe. Eu também confio nela, inclusive depois de tudo o que me contou. Jamais me fez uma promessa que não tenha mantido, e nunca me mentiu. E aposto o que quiser que se indagar em seu coração, perceberá que agiu do mesmo

modo contigo.

Marcus pensou em tudo o que tinha acontecido entre a Regina e ele. Inclusive quando lhe estava ocultando a verdade sobre o Foxmoor, jamais lhe mentiu. E não podia culpá-la por suas evasivas vinculadas com sua incapacidade de ler. Ele mesmo se mostrou totalmente evasivo sobre seu próprio passado.

Possivelmente não pudesse confiar-se na Belle me Dê Sãs Merci, mas Regina não era A Belle me Dê Sãs Merci. Mostrava compaixão cada vez que passava por cima o mau caráter de seu marido e cada vez que discutia com ele e ficava do lado de Louisa.

Mostrava compaixão quando afirmou amar a um idiota resmungão e super protetor que não estava à altura de seus sapatos, muito menos de sua cama. A questão era, ficaria ainda alguma fresta de compaixão para perdoá-lo? Depois de tudo o que lhe tinha feito? Depois do que lhe havia dito? Tinha direito a lhe pedir compaixão?

- De fato - acrescentou Louisa suavemente, - não me cabe a menor duvida de que a ama. E isso é o mais importante.

Marcus cravou a vista em sua irmã, sentada no outro extremo da mesa, justo no lugar que deveria ocupar Regina como sua esposa. Se estivesse ali. Se não a tivesse expulsado do Castlemaine.

- Não estou certo de saber amar, Louisa.

- Não seja tolo. Amar é fácil. O difícil é ser correspondido.

E que grande verdade!

Louisa tomou uma mão e a colocou sobre seu coração.

- E como já superou a parte mais dura, o mínimo que pode fazer agora é se dedicar a amá-la. Porque ela o ama - lhe disse ao mesmo tempo em que lhe oferecia um sorriso diabrete - embora, para lhe ser honesta, não estou completamente certa de porque o faz.

Marcus tentou sorrir, mas não pôde.

- Eu tampouco sei.

Regina ainda o amava? Havia dito que o estaria esperando quando ele se adviesse a razões, mas isso já fazia muitos dias. Talvez tivesse tido tempo de blindar seu coração contra ele, de reconhecer com que besta se casou.

De repente era como descobrir tudo o que falhava em sua vida, embora talvez fosse muito tarde para pôr remédio. Como um insensato, tinha expulsado de seu lado a melhor mulher que jamais tinha conhecido, porque tinha estado muito ocupado

tentando não cair nos mesmos enganos de seu pai, tentando evitar que ela o abandonasse. Mas com seus ataques de ira incontidas e irracionais, a sua esposa só tinha ficado a opção de afastar-se de seu lado.

Agora que Regina tinha visto o pior dele, retornaria algum dia? Para viver com ele, aqui ou na cidade ou em qualquer outro lugar? Não se realmente demonstrasse ter o mínimo sentido do orgulho.

Muito tarde; agora compreendia o que ela tinha querido dizer quando chamou o Castlemaine uma prisão. Porque qualquer lugar se convertia em uma prisão se a alguém se obrigavam a estar ali sozinho, sem nenhuma outra alternativa.

- Marcus? - pronunciou Louisa com sutileza. - Acha que poderia organizar um encontro entre tio George, Simon, Regina, você e eu?

Ele lançou um suspiro.

- Acredito que sim, embora necessite de alguns dias.

Agora foi ela a que lançou um suspiro.

- Fará? Dará-me a oportunidade de me vingar do Simon?

Como desejava dizer que não, manter a Louisa afastada de todas essas querelas, encerrada no Castlemaine sã e salva, mas sabia que isso seria um engano. Tanto para a Louisa como para sua esposa.

Não sabia se havia tempo de fazer algo para recuperar a Regina, mas ao menos não era tarde para não perder a Louisa.

- Sim, querida. Organizarei esse encontro.

No melhor dos casos, inclusive sua esposa ainda acharia um pouco de compaixão em seu coração e teria piedade dele.

Capítulo vinte e quatro.

" Sentir certa debilidade por sua pupila é perfeitamente aceitável desde que não repercutir

negativamente em suas apreciações."
SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Já entrada a manhã, Regina, Cicely e Katherine se sentaram na mesa da imaculada biblioteca dos Iversley. Regina se inclinou por um poema de um dos poetas favoritos de Katherine. Diante dela havia um conjunto de jogo de dados de madeira com as letras do alfabeto gravadas.

Regina tentou ler a primeira linha.

- Eu... Me... Se...

- É muito difícil - exclamou Cicely.

- Não, não o é. - Regina passou os dedos por cima do dado que continha a letra que mais se parecia com a seguinte letra.

- Ah, "n". Isso é. Às vezes parece um "u"ou"n", mas não o é.

Por alguma razão, sentir, notar as letras lhe permitia identificá-las com mais facilidade. Não sabia por que, mas depois de descobrir naquele dia no Castlemaine, tinha a certeza de que era a única forma com a que conseguiria aprender a ler.

Ajudava-lhe muitíssimo contar com o apoio da infinita paciência de Katherine e de Cicely. Regina aspirou fundo.

- Eu me sent... Sentia sou sozinho?

Katherine assentiu.

Sua cabeça começou a dar voltas, mas não desistiu. A cozinheira do Katherine lhe tinha preparado uma bebida que lhe ajudava a acalmar essas dores de cabeça. Mas à medida que passavam os dias, parecia que a dor diminuía.

Estava-se acostumando a esse mal-estar, tal como Marcus havia predito.

Regina pestanejou. Não queria pensar no Marcus, não agora, que tinha feito um progresso tão considerável. Se não, irremediavelmente se punha a chorar, e então lhe doía a cabeça ainda mais. Tinha tentado guardar todas suas lágrimas para a noite, na cama.

Ultimamente lhe custava muito conciliar o sono.

- "Eu me sentia sozinho e"

OH, outra vez essas benditas letras. Era um "d" ou um "b"?

- "Eu me sentia sozinho e débil"?

Katherine a premiou com um sorriso de satisfação.

- Isso! Conseguiu!

Regina voltou a pestanejar.

- Tenho lido uma frase de um poema real? Não de uma caderneta para aprender a ler?

- Assim é - respondeu Katherine.

- E a li sozinha. - Incapaz de conter sua alegria, levantou-se da cadeira de um salto e realizou uma pirueta. - Li uma frase eu sozinha! De um poema real!

Sorrindo, Katherine também se levantou e as duas ficaram a dançar como duas meninas. Até que Regina percebeu as lágrimas que deslizavam pelas pálidas faces da Cicely. Regina deixou de dançar e se aproximou de sua prima.

- Cicely, o que se passa? São seus pulmões?

- Não... n...Não - conseguiu dizer entre soluços. - To-todos estes anos poderia ah ter aprendido. De... Deveria tê-la em... Ensinado.

Não pôde continuar. Os soluços afogavam suas palavras. Tirou o volumoso lenço que sempre levava em cima e soou ruidosamente. Depois agarrou a mão da Regina e a apertou com tanta força que lhe fez mal. Depois de uns segundos, conseguiu recompor-se e continuou:

- Falhei-lhe. Jamais deveria ter prestado atenção a esse doutor. Possivelmente então...

Mas teve que interromper seu monólogo. Desta vez o coração lhe encolheu quando viu que agora era Regina que chorava em silêncio.

- OH, querida, não. Não culpe a si mesma - conseguiu dizer Regina. Ato seguido abraçou à velha mulher com carinho. - Eu também ouvi o que dizia esse médico. Ambas estávamos ali. Não é sua culpa.

- Sim é! Você era uma menina. Supunha-se que eu devia me ocupar de você.

- E fez isso. Sempre foi a professora e companheira perfeita. Não o duvide.

- Mas deveria me ter esmerado mais. - Cicely voltou a soar o nariz, e então começou outra vez a chorar. - Mas é que... Tinha tanto medo de que pudesse lhe fazer dano. Nunca pude ter filhos, e você era uma coisinha tão pequena e delicada... Se lhe tivesse passado algo não o teria suportado. E o doutor disse...

- Chist - vaiou Regina, abraçando Cicely com ternura. - Sei que sempre quis o melhor para mim.

Mas Cicely não conseguia acalmar-se. Afastou-se um pouco da Regina, olhou-a com cara de pena e continuou:

- Além disso, por minha culpa teve que se casar com esse ogro. Se não tivesse sido por mim.

- Tampouco tem a culpa disso, e Marcus não é um ogro. - Regina deu uns tapinhas na mão de sua prima. - Digo isso a sério. Quando o conhecer de verdade verá que é um homem muito bom. Só um pouco cabeçudo, às vezes.

- E não são todos assim? - interveio Katherine, sentando-se ao lado das duas mulheres.

- Tornam-se menos teimosos à medida que passa o tempo? - perguntou Regina a sua cunhada com interesse.

- A verdade é que não. Mas aprenderá a tirar importância a esse defeito. - Katherine sorriu.

- E eles rebatem essa falta com outras habilidades.

O sorriso com que Regina coroou seus lábios era visivelmente forçado. Embora sentisse a falta de Marcus na cama, ainda achava mais falta de sua sagacidade, sua perseverança, sua conduta escandalosa. Nunca sabia o que podia esperar dele.

Todos os jantares e festas a que tinha ido ultimamente, pareciam-lhe aborrecidos. Preferia ficar aí sentada, com Katherine e Cicely, esforçando-se por ler uma frase em lugar de passar a tarde escutando a um montão de idiotas conversarem sobre o tempo.

Meu deus. Mas se soava como Marcus. Tinham transcorrido quatro dias, e começava a temer que ele jamais viesse. Seu desafio tinha sido muito duro para que ele pudesse aceitá-lo? Converteria-se seu matrimônio em um desses terríveis acordos de pura conveniência em que o marido vivia no campo e a esposa na cidade, e mantinham vidas totalmente separadas?

Regina não podia suportar essa idéia.

Alguém bateu na porta da biblioteca, e um lacaio mostrou a cabeça timidamente.

- Senhora? Entregaram-me uma carta para lady Draker. Pensei que desejaria lê-la agora mesmo, pois a envia seu marido.

Regina se ruborizou. Todos os criados da casa tinham ouvido a disputa entre o Marcus e ela. Uma humilhação com a que deveria viver durante o resto de sua vida. E se Marcus lhe tinha enviado uma carta... não podia tratar-se de nada bom.

Katherine fez gestos ao criado para que se aproximasse e este entregou a carta a

Regina.

Quando ela tomou, notou que pesava mais da conta. Um nó se instalou em sua garganta enquanto rompia o selo e abria a carta. Duas chaves caíram em sua saia.

Perplexa, ficou olhando fixamente a folha escrita com a letra nada delicada do Marcus.

- Quer que a leia? - perguntou-lhe Cicely.

Ela desejava desesperadamente dizer que não. Por muito que amasse e confiasse em sua prima, e também em Katherine, odiava que ambas averiguassem o conteúdo de uma nota tão pessoal. Mas se não fosse assim, necessitaria pelo menos meio-dia para decifrar mais ou menos a carta, especialmente com essa caligrafia tão pouco agraciada do Marcus. Além disso, estava segura de que ele sabia que Cicely se encarregaria de lê-la, assim tampouco podia ser tão excessivamente pessoal.

O nó da garganta pareceu fechar-se mais.

- Sim, por favor.Leia me respondeu ao mesmo tempo em que passava a nota a sua prima.

Cicely pegou as lentes e começou a ler:

- "Querida esposa: ouvi que está passando estes dias em casa de meus amigos. Perdoa por não ter sido mais explícito, mas jamais quis que ficasse sem um lar. Remeto-te as chaves da casa da cidade. Pode se instalar ali com o Cicely, se o desejar."

Regina soltou um suspiro desconsolado.

- Maldito seja. Tenta que nossa separação seja para sempre.

- Não acredito - apontou Cicely secamente. - Na carta escreve: "diga aos criados que preparem a casa para a Louisa e para mim, chegaremos à cidade amanhã".

O coração da Regina se acelerou. Tinha entrado em razão? Mas então, por que tinha enviado uma carta em lugar de vir ele mesmo?

- Amanhã? - exclamou Katherine. - Acaso acredita que pode apresentar-se na cidade como se nada tivesse acontecido, e que você o receberá com os braços abertos?

- Ainda há mais - acrescentou Cicely. Mas antes que pudesse prosseguir, uma voz colérica encheu o piso inferior da casa.

- Me importa um nada o que tenha que me dizer. Sei que está aqui. Faça o favor de chamar a Minha irmã. Diga que desça em seguida, ou senão eu mesmo subirei para buscá-la.

- Meu deus! - balbuciou Cicely. - Mas se é Simon.

Katherine franziu o cenho.

- E parece que está bêbado.

- Regina! - gritou Simon. - Maldita seja! Desça agora mesmo!

- Ou bêbado ou é que se transtornou - murmurou Regina de mau humor enquanto se precipitava para as escadas. Dali de cima, observou a seu irmão.

- Parte daqui!

Simon conseguiu subir três degraus cambaleando.

- Não ir - irrrei até que não me diga que acontece.

Estava ébrio, disso não cabia a menor duvida. E Simon rara vez se embebedava. Dois lacaios apareceram e o agarraram pelos braços; ele começou a lutar para que o soltassem.

- Soltaddddme, idiotas! Estou aqui por um assssunto do Essstado, juro-lhes isso, um assunto do Estaaado!

Assunto de Estado?

Os dois criados começaram a levá-lo para a porta de saída.

- Soltem - ordenou Regina. A aparição de seu irmão lhe parecia muito estranha, e mais tendo em conta o anúncio do Marcus de que tinha decidido vir à cidade de forma tão precipitada.

Os lacaios o liberaram, e Simon fez um enorme esforço para manter-se em pé. Alisou-se o casaco e começou a balbuciar algo mal-humoradamente.

Sua irmã desceu as escadas e se plantou diante dele.

- O que está fazendo aqui? Achava que tinha ido passar uma temporada em uma de suas casas fora da cidade.

- Pelo aviso do Iversley? Puesss não. Não tenho que escapar de nada nem de ninguém. Estou preparado para me bater em duelo com seu maldito marido. Penso arrancar a cabeça a esse bastardo.

- Agora mesmo não está em condições de arrancar a cabeça a ninguém. - Agarrou-o pelo braço e o arrastou até a sala de estar.

Antes de encerrar-se na sala com ele, Regina ordenou a um dos lacaios que trouxesse um recipiente com água bem fria. Possivelmente se inundava a cabeça de seu irmão nela...

- Estou bem - replicou ele ao mesmo tempo em que escapava do braço da Regina. - Não é preciso que me trate como a um pirralho. Posso me valer por mim mesmo. E

agora me diga: O que faz aqui? Supõe-se que deveria estar ocupada com seu maldito marido.

- Infelizmente, não lhe assentou nada bem que tentasse seqüestrar a sua irmã - enunciou ela friamente. - Então ficou iracundo e me proibiu voltar a pôr os pés em suas terras.

- O que? - Simon sacudiu a cabeça repetidas vezes como se quisesse limpá-la do inchaço que sentia. - Não pode ser. Se você também está citada. Não tem sentido. Não se ele está zangado.

- Santo céu! - balbuciou ela. Embora fosse incapaz de compreender completamente as divagações de seu irmão, sabia que Marcus estava tramando algo.

Aguardou até que, uma vez sós na sala de estar, Simon esteve deitado em um dos sofás antes de tentar lhe surrupiar nada mais. - Vejamos, o que é isso de que eu tenho que ir a não sei onde?

- Ao Carlton House. Para uma reunião. Com seu marido e com a Louisa.

Katherine apareceu na soleira da porta.

- Seu irmão diz a verdade. Na nota do Marcus escreve que espera que lhe permita acompanhá-la ao Carlton House amanhã pela tarde, para assistir a uma reunião privada entre Sua Alteza e Louisa.

- E eu - soltou Simon. - De que diabo vai tudo isto? Que carta oculta Draker tem sob a manga?

- Não tenho nem a menor idéia. - Sua mente procurava processar a informação a toda velocidade.

Marcus não tinha visto o príncipe desde há um montão de anos, e se tinha gabado de que jamais permitiria que Louisa estivesse perto de Sua Alteza, assim que o que significava essa nova decisão de seu marido?

- E escreve algo mais na carta? - perguntou a Katherine.

Algo como "a quero", ou "me Perdoe"?

Cicely apareceu atrás de Katherine e declarou:

- Não, sinto muito.

- Draker tem a clara intenção de arruinar minha amizade com Sua Alteza, sei - grunhiu Simon.

- Por isso quer levar a Louisa. E se conta ao príncipe que... - Fechou os olhos. - Que Deus tenha piedade de mim. Então sim terei um problema sério.

- É o que merece.

Regina só podia pensar no Marcus. O que sua ação significava para seu matrimônio. O que estava tentando lhe dizer através de sua nota, se é que tentava lhe dizer algo.

- Veio no faeton? - perguntou a seu irmão.

- Sim.

- E suponho que o conduzia você mesmo, não? Pois se não se importa, tomarei emprestado.

E sem dizer uma palavra mais, dirigiu-se para a porta.

- O que? - Simon quis levantar-se mas cambaleou e esteve a ponto de dar-se de cara contra a mesinha de chá. - Não pode...

- Não está em condições de conduzir pela cidade, e eu tenho a clara determinação de ir ao Castlemaine agora mesmo.

- Alguma vez conduziu um faeton? - perguntou Katherine.

- Sim. Simon me deixou tomar as rédeas em várias ocasiões.

Katherine arqueou uma sobrancelha.

- Talvez fosse mais prudente esperar que Alec retorne do Tattersall e que te leve em nossa carruagem.

- Não, embora lhe agradeça isso. - Passou por diante de Katherine e Cicely. - Se for sozinha, Marcus não se atreverá a me proibir o acesso. Não será capaz de me obrigar a retornar à cidade só e de noite.

- Não acreditará que seu marido manterá essa absurda ameaça - insinuou Katherine enquanto a seguia pelo corredor.

- Não sei, depois de sua nota e das chaves... - Deixou que o lacaio lhe ajudasse a pôr o casaco. - Só sei que não posso permanecer sentada aqui nem um minuto mais, me perguntando o que está pensando. Tenho que acabar com isto de uma vez por todas.

Mas quando Regina se dirigia ao faeton, notou como os nervos a consumiam. O trajeto até o Castlemaine duraria aproximadamente duas horas, assim teria tempo suficiente para pôr em ordem algumas idéias.

Ao lhe entregar as chaves da casa da cidade, estava-lhe reconhecendo seu direito a gozar de plena liberdade? Ou lhe estava pedindo sua própria liberdade? Por que não tinha vindo ele em pessoa?

Mas claro esse homem era tão orgulhoso que não podia aceitar ter se enganado. No melhor dos casos a reunião com o príncipe era a cereja do bolo, sua denúncia final de Sua Majestade e de todos seus amigos, incluindo a Regina e ao Simon.

Mas pensava levar a Louisa com ele e, no entanto se mostrara totalmente resistente a lhe contar a verdade. Tinha mudado de parecer? Ou ela o tinha descoberto? Ou ambos planejavam vingar-se de Sua

Majestade e de todos seus amigos, incluindo a Regina e ao Simon? Exceto Marcus pretendia compartilhar a casa da cidade com ela, e isso carecia de sentido se o que procurava era precisamente vingar-se.

Quando chegou ao Castlemaine, em lugar de esclarecer algumas idéia se sentia imersa em um estado de absoluta irritação. Assim seria melhor que Deus tivesse piedade do Marcus, se este tinha ordenado ao mordomo que lhe negasse a entrada, porque pensava entrar à força, embora fosse montada no faeton, até o vestíbulo da bela mansão, e fazer que os cavalos dançassem sobre a cabeça de seu marido.

Mas ninguém disse nada quando entrou na propriedade. Um moço com expressão de estupefação se apressou a agarrar as rédeas e a ajudou a descer. Um lacaio com o rosto igualmente surpreendido lhe abriu a porta da casa, e um mordomo claramente desconcertado a recebeu no vestíbulo.

De repente se deu conta de que Marcus nunca a tinha apresentado formalmente a todo o pessoal que trabalhava na casa. A última vez que tinha falado com o mordomo, em sua primeira visita ao Castlemaine, ele tinha tentado evitar que acessasse ao vestíbulo.

Nem tão somente sabia seu nome.

- Sou... Bem...sou lady Draker.

O mordomo ficou encarnado como tomate.

- Sim, sei senhora. James se fará encarregado de seu casaco. - Fez um sinal ao lacaio boquiaberto, quem cumpriu a ordem com presteza.

Regina tomou ar antes de continuar.

- Quero falar com meu marido. Sabe se está aqui? - Sim, senhora. Pediu que ninguém o incomodasse, mas, bom, desceu à masmorra há algumas horas, com uma garrafa de uísque e um quadro, e francamente, estou um pouco preocupado.

Ele não era o único que estava preocupado. A masmorra não podia ser boa para ninguém, mas especialmente menos para um homem a quem tinham encerrado ali

durante três dias.

- E diz que se encerrou com um quadro?

- Sim, senhora. Esse horrível quadro de um dragão que pintou o senhor Blake. - Aproximou-se mais a ela. - É muito feio. Mas o visconde insiste em tê-lo em seu quarto, exceto quando o leva a masmorra. E isso sempre significa que está de mau humor ou deprimido.

- Entendo. - Marcus lhe tinha mencionado que às vezes descia à masmorra para ventilar seu mau humor. Se fazia quase duas horas que se entrincheirara ali embaixo, certamente era mau sinal. Regina engoliu em seco. - Bom, suponho que será melhor que vá vê-lo.

O mordomo a guiou pela asa da casa dedicada aos criados debaixo do piso principal, e depois lhe mostrou uma diminuta porta colocada em uma sombria parede de pedra.

- Essa é a entrada às escadas. Não tema. Daqui até embaixo não há um grande trecho.

Um desagradável calafrio percorreu as costas da Regina. Brincar sobre a masmorra com o Marcus era uma coisa, mas outra bem distinta era unir-se a seu marido nesse lugar depois de que ele tivesse estado ingerindo uísque durante duas horas, acompanhado por um tétrico quadro.

Mas se tinha chegado até ali...

- Obrigada - agradeceu ao mordomo sua ajuda e abriu a porta.

Mal tinha descido três degraus da escassamente iluminada escada de pedra quando uma voz quebrada lhe chegou de baixo.

- Me deixe sozinho, Louisa. Não se preocupe; amanhã estarei em perfeito estado para sua maldita reunião. Mas esta noite preciso estar sozinho, para repensar sobre todos meus pecados. - O tom se fez mais melancólico. - Só Deus sabe que tenho suficientes pecados para estar ocupado durante muito mais horas.

Regina notou que o coração lhe encolhia. Não soava como a voz de um homem que tivesse estado bebendo. Mas o desespero em seu tom era mais alarmante que qualquer outro que denotasse embriaguez. Apressou-se a descer o resto dos degraus até que acessou a uma sala certamente estranha, de uns seis metros de largura por seis metros de comprimento, com um teto tão baixo que era virtualmente impossível que alguém se mantivesse erguido. Uma fria prisão, feita inteiramente de pedra. Em uma

das paredes alguém tinha aproximado um sofá desmantelado, uma clara incongruência dado o resto do contexto: embolorada as paredes de pedra e as correntes oxidadas.

A tênue luz do dia se filtrava por uma janela do teto, mas virtualmente toda a luz provinha das velas, uma pilha delas, inseridas em uns estragados candelabros pendurados e alinha duas na parede. E em meio de todo isso destacava Marcus, lhe dando as costas.

Na verdade não era um lugar adequado para ninguém, nem para um adulto nem para um menino de treze anos. Agora que o tinha visto, compreendeu muitas coisas sobre seu marido que antes jamais tinha conseguido compreender.

Regina sentiu um ódio repentino pela a mãe do Marcus, e pelo príncipe. Como se tinham atrevido a rachar a integridade psíquica de um menino encerrando-o nesse horrível lugar? Tinham-no convencido de que não merecia nada melhor, e pelo que parecia, Marcus continuava acreditando-o com convicção.

Não era pois de estranhar que ele tentasse conseguir algo à força. Não confiava em poder obtê-lo de outro modo. Pois bem, tinha chegado o momento de lhe ensinar outras vias alternativas.

Um barulhinho proveniente do chão, muito perto dela, recordou-lhe o que Marcus lhe tinha comentado sobre os ratos e, sem podê-lo remediar, Regina lançou um grito.

Maldita seja, Louisa - disparou ele ao mesmo tempo em que se voltava. - Disse-lhe que... - Ficou petrificado ao ver sua esposa. - Regina? - pigarreou com incredulidade. - O que faz aqui?

O coração da Regina deu um salto. Marcus parecia abatido, como se tivesse dormido inclusive menos que ela, em todos esses dias. Seus belos olhos estavam agora sulcados por uma sombra de dor. E novamente a barba e o bigode começavam a povoar seu rosto.

- Se esqueceu de ordenar ao mordomo que trancasse a porta.

Ele piscou.

- Não me esqueci.

Regina precisou armar-se de coragem para não jogar-se em seus braços e lhe dizer que não se preocupasse que tudo ia sair bem. Mas não pensava deixar-se arrastar pelos sentimentos e fazer como se nada tivesse acontecido. Desejava ajudar a esse dragão perdido, assegurar-se que nunca mais voltaria a agir de um modo similar, forçá-

lo a sair de sua cova de uma vez por todas.

- Por que não veio você mesmo à cidade? - Resolveu perguntar tentando não perder a compostura. - Por que não trouxe as chaves em pessoa, em lugar de enviá-las com essa nota tão fria?

Marcus não moveu nem um dedo. Manteve-se impassível, como se preparasse para suportar uma série de golpes.

- Porque tinha medo de que não me perdoasse. Disse-te as coisas mais ignominiosas.

- Sim, é certo. Assim no mínimo deveria ter vindo para pedir desculpas pessoalmente.

Um halo de culpa escureceu suas já sombrias feições.

- Para lhe ser honesto, não sabia se aceitaria ver-me. - Com o olhar afundado, derrubou-se no sofá. - E não a teria culpado.

"Maldição, Marcus. Luta por mim", pensou ela com raiva.

- É isso o que esteve fazendo todos estes dias, quando deveria se ter desculpado? Afogar suas penas em álcool nesta masmorra? Afundar em mil pensamentos, em lugar de agir? - Regina avançou até o sofá, então avistou o famoso quadro.

A tênue luz das velas deixava entrever a espantosa imagem. Não era tal e como ela o tinha imaginado: o típico quadro de um dragão coberto de escamas e com uma longa cauda de réptil. Esse dragão era um ser humano com algumas características dos répteis, uma reminiscência do próprio diabo.

Marcus tinha escolhido um bom aliado como companhia nessas horas de depressão.

- E suponho que esteve olhando isso todo o tempo. - encarou-o indignada. - Seu mordomo tem razão. É... É horrível.

Marcus ergueu a garrafa de uísque, simulando um brinde.

- Esplendidamente horroroso; estou de acordo com minha esposa.

Um nó se apinhou na garganta da Regina, e teve que realizar mil esforços para não deixar que as lágrimas aflorassem em seus olhos.

- Suponho que acredita que é a imagem mais acertada de você.

- Ah, sim? - Lançou-lhe um olhar desafiante e bebeu um gole da garrafa de uísque depois limpou a boca com o dorso da mão.

- Pois não, não o é. - Regina se aproximou do quadro, para examiná-lo mais de

perto, e então se fixou na mulher loira que jazia aos pés do dragão. Na parte inferior do marco do quadro havia uma placa com uma breve inscrição. Passou os dedos por cima, para podê-la ler com mais segurança.

- E suponho que acha que a mulher vestida de luz sou eu.

- Encaixa contigo. - Então Marcus piscou. - Espera um momento... Como averiguou o título do quadro?

- Acabo-o de ler. Parece ser que enquanto você esbanjava o tempo meditando na masmorra, eu me dediquei a aprender a ler. E graças a Katherine e a Cicely, consegui-o. - Lançou-lhe um sorriso vitorioso. - Esta manhã li uma linha inteira de um poema, eu sozinha.

- Isso é maravilhoso, querida - exclamou ele com absoluta sinceridade. Em seguida voltou a mostrar seu porte taciturno. Depositou a garrafa no chão e prosseguiu: - Isso só demonstra que seu marido é um absoluto inepto. Nem sequer fui capaz de ensiná-la a ler.

O tom de remorso do Marcus só conseguiu que a Regina lhe encolhesse ainda mais o coração.

- Certo como professor não é muito hábil; mas sem você não teria sido capaz de dar o passo. Convenceu-me de que podia fazê-lo. Se não tivesse mostrado fé em mim, jamais o teria tentado.

Regina tentou serenar-se antes de continuar falando. Não desejava desviar-se da conversa que a tinha levado até o Castlemaine.

- Mas esse é outro assunto diferente ao que agora nos ocupa. - Olhou-o fixamente e prosseguiu:

- Sabe qual é o verdadeiro problema com você?

- Suponho que veio me dizer - respondeu ele desconfortável.

- Assim é. O problema com você é que sua mãe, que agia como uma cabra, esperava que se comportasse igual a ela: como um patético perito mulherengo de Sua Majestade, e quando se negou, tentou forçá-lo para que o fizesse.

Engoliu em seco para sufocar as lágrimas que se empenhavam em aflorar de seus olhos. Não queria que Marcus a visse chorar.

- Assim para sobreviver às maquinações de sua maníaca mãe, converteu-se em um dragão. Melhor isso que não ser um patético impostor, não? Melhor isso que te converter no equivalente de sua mãe, uma rameira que implorava a atenção do

príncipe.

Regina se equilibrou sobre ele.

- Mas você não é um dragão, nem eu sou a mulher vestida de luz, nem a sereia, nem sequer A Belle me Dê Sãs Merci. Sim, o dragão forma parte de você, e a sereia é certamente parte de mim.

Marcus a olhava sem piscar, e ela prosseguiu sem lhe dar a oportunidade de pigarrear.

- Mas é mais que isso. É um protetor emperdemido dos inocentes. É um homem inteligente com um delicioso gosto pela leitura. Inclusive é um amante considerado, embora às vezes brinque acorrentando mulheres na masmorra. E já é hora de que ponha freio a esse dragão que se empenha em governar sua vida. - Aproximou-se a ele e passou um dedo por cima da grosa cicatriz que sulcava seu rosto. - É hora de que ponha o dragão em seu lugar.

Marcus suspirou com tremor na voz.

- E se não souber como fazê-lo?

- É claro que sabe. Suspeitei-o no dia em que o conheci, mas me convenci plenamente quando o vi entrar no Almack"s com passo glorioso. É o visconde Draker, um homem rico e privilegiado, o filho de um futuro rei. É um príncipe, se não em nome, sim em caráter. Se não tivesse o príncipe que se oculta atrás do dragão, jamais teria permitido que me tocasse ou me beijasse ou se casasse comigo. - As lágrimas ganharam a partida e abriram passagem por seu rosto. - Asseguro-lhe que nunca me teria apaixonado por você.

Um brilho de esperança iluminou o rosto do Marcus, mas se desvaneceu com celeridade e ele sacudiu a cabeça energicamente.

- Diz que agora me quer, mas quanto tempo durará este sentimento? Minha própria mãe não me queria, assim, como diabo pode me querer você?

A dor em sua voz era tão evidente que Regina estremeceu. Jamais poderia apagar o passado de seu marido, mas se negava a deixar que esse bendito passado ganhasse a partida.

Capturou o rosto do Marcus entre suas mãos, com doçura.

- Sua mãe o quis a sua maneira, estou certa. Como não poderia fazê-lo? Simplesmente não sabia o que fazer com você. Era uma dama pretensiosa que tentava adestrar uma enorme besta agarrando-a pela cauda, e não podia dominá-lo.

Enquanto as lágrimas enchiam seus olhos, passou as mãos ao redor do pescoço de seu marido.

- Mas eu sim posso dominá-lo, meu amor. Posso e o farei. Não se libertará de mim, não importa o que faça, não importa o que diga. Jamais permitirei que me feche às portas no nariz. Porque A Belle me Dê Sãs Merci forma parte de mim, também, e quando emerge, não mostra compaixão. Arrastarei-o até o exterior de sua cova, para que saboreie a luz do dia. Asseguro que o conseguirei, embora seja a última coisa que faça nesta vida.

Então algo se rompeu dentro dele. Lançou um gemido de abatimento e se derrubou nos braços da Regina. Depois sua boca procurou a dela, mostrando uma dolorosa e voraz fome. Cheirava a uísque, e a fumaça de velas, e ao Marcus. A seu Marcus.

Beijou-a, com ferocidade, com paixão, como se tentasse deixar nela o rastro de sua própria alma. Sua língua pinçou com força até que se introduziu sem mostrar temor algum na boca da Regina.

- Me perdoe pelo que lhe disse, querida. Por Deus, não pode chegar a imaginar como estou arrependido.

Encheu-a de beijos. Pelas faces, pálpebras, nariz.

- Farei o que me peça. Irei à cidade quando quiser, ou ficarei ali se for seu desejo. Farei tudo, mas por favor não me deixe.

- Jamais o abandonarei - anunciou Regina.

"desde que me demonstrar que me quer", pensou ela.

Entretanto, nunca lhe havia dito que a queria. Ainda ficava um reduto dentro dele que se mostrava teimoso, resistente a confiar nela plenamente. Não obstante, achava que a queria. Marcus só tinha medo de que, se pronunciasse as palavras, ela o dominaria. E ele tinha lutado tanto tempo para que ninguém o dominasse, especialmente nenhuma mulher, que inclusive agora isso lhe supunha um conflito.

Precisamente por isso, Regina ansiava ouvir essas palavras em boca de seu marido nessa mesma noite. E só lhe ocorria uma forma de dissipar os temores que ele pudesse albergar para obtê-lo.

- Só há uma coisa que desejo que faça agora mesmo - lhe disse.

- O que queira - lhe prometeu ele.

- Me faça amor, Marcus.

Ele suspirou. Invadia-lhe um enorme desejo de devorá-la.

- De acordo. Vamos acima.

- Não. Faça amor aqui, na masmorra.

Capítulo vinte e cinco.

"Sua pupila pode escolher um marido que você não goste. Não obstante, se ela for feliz com sua escolha, então você também tem que celebrá-lo. Às vezes um homem melhora à medida que toma confiança."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Um calafrio involuntário percorreu o corpo do Marcus. A idéia de jazer com sua esposa nesse lugar infernal lhe revolveu o estômago.

- Não, seriamente. Você não gostaria.

- Sim que quero. Por quê não?

- Porque é um lugar imundo e não é adequado para uma dama.

Os olhos da Regina brilharam como duas bolas de metal através de uma neblina.

- E entretanto sonhou me possuindo aqui. Viu-me nua.

Um pânico estranho se apropriou do peito do Marcus.

- Já lhe disse isso. Não sei por que sonhei essa aberração. Só desço aqui para estar sozinho e...

- Meditar sobre seus pecados, sim, sei. - Tomando-o de surpresa, empurrou-o com tanta força para trás que perdeu o equilíbrio e caiu sobre o sofá. Antes que pudesse endireitar-se, lhe tinha separado as pernas e se instalou entre elas.

Seu pênis ficou duro imediatamente. Com um sorriso sensual, tirou os grampos que lhe seguravam o cabelo e sua cabeleira caiu como uma cascata de luz sobre seus ombros. Marcus ficou sem respiração.

Sem pensar duas vezes, Regina começou a desabotoar os botões do corpete que compunha a parte superior de seu vestido.

- Vem aqui para ventilar seu mau humor, porque desse modo não descarrega

injustamente em ninguém. Não é isso o que me disse?

O corpete se abriu e revelou a delicada roupa interior que cobria seus seios. Marcus notou como lhe secava a boca. Ele assentiu incapaz de articular palavra alguma, incapaz de fazer nada mais que cravar o olhar em sua esposa. Inclusive com a escassa iluminação das velas, podia ver os mamilos rosados através do tecido semitransparente.

Ela aproximou os seios dele, com a intenção de provocá-lo mais.

- O que realmente queria dizer era que vem aqui para soltar o dragão quando está em seu estado mais feroz e temível. Quando não quer que ninguém mais o veja. Pois bem, quero lhe demonstrar que posso dominar a esse dragão inclusive aqui. Não o temo.

Regina levantou a saia, e ele sentiu que o sangue fluía a uma velocidade exagerada. Os braços e o pescoço nus dela tinham adquirido um tom dourado sob a luz das velas.

Marcus quis tocá-la, mas ela afastou suas mãos. Agarrou a parte inferior da saia e a arrastou por seu corpo até que a tirou pela cabeça. Antes que ele se desse conta do que sua esposa estava fazendo, ela tomou a mão de seu marido e a levantou até uma das argolas de ferro cravadas na parede.

- Penso acorrentar o dragão - manifestou ao mesmo tempo em que fechava os dedos do Marcus ao redor da argola.

O coração dele começou a pulsar rapidamente. Não se moveu, e deixou que Regina repetisse a ação com sua outra mão.

- Penso acorrentá-lo para que aprenda como se faz. Desse modo, acorrentar o dragão se converterá em um prazer para você e não em um temor. Já não pensará que ao fazê-lo vende sua alma.

- Seus olhos brilharam enquanto deslizava as mãos pelos musculosos braços levantados do Marcus. - Desse modo confiará em mim, verá que não pretendo lhe fazer dano da próxima vez que lhe peça que acorrente o dragão.

Ela retrocedeu e desabotoou a roupa interior sensualmente.

- E se não quiser acorrentá-lo? - murmurou ele com a voz rouca.

- Há - Disse-me que fará o que eu lhe peça. De verdade deseja romper outra de suas promessas comigo?

Marcus lançou um bufido, um bufido que se converteu em um gemido de prazer

quando Regina tirou a roupa interior. Por todos os Santos, essa mulher era realmente uma sereia. E A Belle me Dê. E a mulher vestida de luz. A sutil luminosidade das velas a suas costas banhava seus ombros com um apagado brilho áureo e fazia com que sua cabeleira dourada parecesse fogo, mas eclipsava todas essas partes que ele ansiava ver e tocar e chupar.

Regina se inclinou mais para frente e sussurrou:

- Fecha os olhos.

Depois de ter estado tanto tempo sem deleitar-se vendo essa espetacular imagem, Marcus não queria fechar os olhos. Além disso, quando era um menino passou três noites nessa masmorra completamente às escuras. Por que achava sua esposa que tinha colocado tantas velas ali embaixo? Durante o dia, a estreita janela provia suficiente luz, mas de noite...

Observando-a encantado, respondeu:

- Não.

Teimosa, ergueu o queixo.

- Feche os olhos - lhe ordenou.

- Me obrigue.

Regina tomou ar lentamente e logo sorriu. A perversão que aflorava em seu sorriso deveria tê-lo prevenido, mas quando se inclinou de modo que seu mamilo ficou a escassos milímetros da boca faminta de seu marido, Marcus não pensou duas vezes antes de tirar a língua para chupar essa guloseima tão apetitosa.

Mas não chupou nada. Só ar.

Ela começou a massagear seu mamilo com a cicatriz.

- Fecha os olhos. - Desta vez, sua voz tinha o matiz sedoso do tom das sereias. - Prometo que valerá a pena.

Regina deslizou a mão e a depositou sobre seu membro ereto, e Marcus quase se correu de prazer nesse mesmo instante.

Piscou em torno. Ainda não estava certo de querer seguir o jogo que lhe impunha sua esposa.

A única coisa que sabia era que morria de vontade de prová-la, e com esse joguinho, não o conseguia. Tampouco podia suportar que ela continuasse por mais tempo com a mão sobre seu falo, que lhe doía de tanta ansiedade.

Não queria alcançar o clímax sozinho.

Com um murmúrio de aprovação apenas audível, saciou os lábios dele lhe oferecendo seu mamilo.

Desta vez Marcus abriu a boca e se viu recompensado pelo gosto dessa pele doce e delicada. Mais que gosto, Isso era puro prazer.

Ela empurrou mais o peito dentro de sua boca e ele o aceitou encantado. Chupou-o como se fosse a primeira vez que optava por tal privilégio; lambeu o mamilo até que Regina começou a gemer.

Nesse momento, Marcus sentiu que lhe invadia uma sensação indescritível. O dragão podia estar acorrentado, mas isso não significava que ele tivesse que estar-se quieto. A mão da Regina lhe desabotoou a braguilha, e ele se estremeceu ao sentir o delicioso tato desses finos dedos sobre sua pele nessa zona tão erógena. Ela pretendia recompensá-lo também ali embaixo.

- Levanta o traseiro para que lhe possa tirar as calças - ordenou ela com voz calma.

Em questão de segundos, despiu-o por completo. Seu traseiro repousava sobre o tecido de damasco desgastado do sofá enquanto ela se acomodava entre suas coxas abertas. Marcus imaginou o clitóris molhado e preparado, imaginou os cachos sedosos que cobriam o púbis sob o brilho das velas. Mas não podia vê-lo.

Maldição. Desejava vê-lo.

- Quero abrir os olhos - disse com a voz totalmente rouca.

- Ainda não, meu amor. Não se quer se encher de prazer.

Os dedos de Regina deslizaram até o glande, e a excitação inimaginável fez com que sua ereção aumentasse.

- Por Deus, Regina...

Não pôde continuar falando. Soltou um gemido quando ela acariciou seu pênis lentamente, com cuidado. Então se agachou e começou a beijá-lo e a chupar seu peito até que Marcus pensou que ia enlouquecer.

Não saber onde pensava tocá-lo, como pensava tocá-lo, punha-o nervoso. Regina deslizou a ponta da língua por seu mamilo, e Marcus se sobressaltou. Acariciou seu testículo, e ele teve que fazer um esforço sobre-humano para não jogar-se sobre sua esposa.

- Chist - vaiou ela com a cabeça junto a seu peito. - Relaxe, meu dragão. Sabe que não lhe farei mal. Jamais lhe faria mal. me demonstre que confia em mim.

Continuou apaziguando-o com murmúrios até que se acostumou a que ela o

tocasse sem compaixão, que explorasse seu corpo que o possuísse lentamente. O aroma de mel que desprendia a pele de sua esposa alagava todos seus sentidos, sua cabeleira solta fazia cócegas em cada centímetro de seu corpo.Quanto mais afastava seu temor a deixar-se controlar por ela, mais o excitavam as carícias com que Regina o enchia. Continuava com os olhos fechados, e desse modo podia sentir cada carícia com mais prazer, cada beijo com mais profundidade.

Mas agora estava tão excitado que temia correr-se de um momento a outro, sem poder remediar.

- Quero estar dentro de você - soltou entre arquejos.

- Ah, sim? - Ela se sentou sobre seu regaço e de repente Marcus notou os cachos úmidos sobre seu falo. Regina se levantou um momento para acomodar-se, até que teve o pênis apressado entre suas coxas, não dentro dela, mas tão perto de estar que ele pensou que morreria.

- Por favor - Marcus ficou perplexo ao ouvir como sua boca tinha deixado escapar essas duas palavras, mas não se intimidou e voltou a repetir: - Regina, por favor.

- Antes me diga uma coisa - disse ela ao mesmo tempo em que movia os quadris sinuosamente para que seu púbis o roçasse sem parar. Desejava pô-lo ao limite. - Por que me enviou as chaves da casa da cidade?

- Porquê...Porquê sabia que as queria.

Lhe lambeu um mamilo.

- E?

- E o que? - apressou-a ele, sentindo cada vez uma maior pressão em seu membro ereto. Estava a ponto de explodir.

- Foi essa a única razão? - perguntou-lhe enquanto continuava esfregando-se sensualmente contra ele.

Marcus respirou forte. Então recordou que ele mesmo tinha recorrido ao mesmo jogo com ela uma vez, em sua carruagem, acariciando-a enquanto lhe exigia respostas. Mas não foi capaz de chegar tão longe como estava fazendo agora sua esposa.

Se não a penetrasse logo, não poderia conter sua necessidade urgente; estava certo.

- Foi essa a única razão pela qual me enviou as chaves? - repetiu ela.

- Queria lhe demonstrar que confio em você.

Premiou-o por essa resposta empalando-se em seu pênis. Os olhos do Marcus se

abriram como um par de laranjas, mas Regina não protestou. Os olhos de sua esposa mostravam uma ferocidade e uma segurança absoluta.

- E? - continuou insistindo.

Ele empurrou com força para cima, tentando que ela se movesse, mas Regina se limitou a ficar sentada sobre seu regaço. Seu doce calor o rodeava e embriagava, tentava-o, excitava-o até limites dolorosos e insuspeitados.

- E? - voltou a perguntar.

- E a desejo - respondeu ele, afirmando o que já era claro.

Essa resposta não obteve nenhuma recompensa, exceto uma careta de impaciência por parte de sua esposa.

- E? - voltou a insistir desta vez com certa raiva em seu tom.

Então Marcus compreendeu o que ela queria. Por que não tinha pronunciado essas palavras antes?

Porque tinha medo de que, se as dissesse, sua esposa se aproveitasse, que pensasse que podia fazer o que quisesse com ele, e que ele fosse incapaz de detê-la.

Mas agora não queria detê-la. Confiava em que não lhe faria mal nem lhe seria infiel. Havia-se apresentado ali, inclusive depois das terríveis palavras que lhe havia dito. Tinha retornado para buscá-lo.

Qualquer mulher que fizesse isso, que mostrasse a suficiente coragem para permanecer na masmorra por ele, que lutasse com tanta ferocidade para não perdê-lo, podia contar com sua plena confiança.

- Amo-a - sussurrou Marcus.

Os olhos da Regina se encheram de lágrimas.

- Está certo?

- Quero você.

Em lugar de sentir que as correntes o capturavam até afogá-lo, sentiu-se liberado. Completamente livre.

Um grito de alegria escapou de sua garganta. Soltou-se das argolas e tomou a cabeça de sua esposa entre suas mãos.

- Amo-a! - Beijou-a na boca e nas faces e no queixo. - Por Deus, quero a você como jamais quis a ninguém.

Como não podia amar a mulher que tinha atravessado a porta com tal brilho nos olhos, adulando-o por ser tão inteligente e protetor e considerado? Que o tinha

defendido ante seus amigos na ópera. Essa mulher que, em seu primeiro encontro, plantou-se com toda sua fúria virginal e lhe tinha exigido respeito.

Regina começou a mover-se sobre ele.

- Marcus, amo você tanto... Pensei que morreria se me abandonasse.

- Sou um idiota - disse ele, afundando a cabeça em seu pescoço, entre sua sedosa cabeleira. - Sou um pobre idiota.

- Sim, tem razão. - Ela se aferrou a seus ombros e seguiu movendo-se em cima dele, acima e abaixo, gloriosamente quente, gloriosamente úmida. - Mas é meu idiota. E jamais o deixarei escapar, ouve-me?

- Isso espero. Porque se o fizer, soltarei ao dragão. - Seus arquejos subiram de tom. - O enviarei voando por todo o país até que a encontre e a arraste de volta até mim.

A imperiosa necessidade de correr-se dentro dela se incrementava com cada nova sacudida, até que Marcus pensou que já não poderia resistir mais. Não obstante, esperou até que a ouviu ofegar com mais intensidade e notou como esses quentes músculos se esticavam ao redor de seu falo; até que a sentiu entregar-se por completo a ele.

E então explodiu. Seu pênis a encheu com sua semente do mesmo modo que a queria encher de amor. Enquanto ela gemia e se desfazia de prazer, ele a abraçava com força contra seu peito.

- Segure-se, meu amor. Segure-se ao dragão, porque não a deixarei partir. Nunca.

Não ficaram muito tempo na masmorra. Agora que Regina tinha conseguido seu objetivo, desejava deitar-se em uma cama confortável onde pudesse recostar-se ao lado de seu marido e lhe recordar que pertencia a ele e ele a ela, para sempre.

Louisa teve o bom senso de não incomodá-los, assim passaram a noite no quarto principal da casa, envoltos em uma bruma de beijos e palavras doces selando os votos de seu matrimônio de uma forma nova, como nunca antes tinham feito.

Amanhecia quando ela despertou, e descobriu ao Marcus dentro dela, investindo com ardor, levando-a ao clímax de novo. Regina só podia dar graças a Deus por havê-la enviado a essa casa umas semanas atrás. Porque se não fosse por Marcus, teria passado toda a vida escapando de qualquer vínculo amoroso, aterrada de que alguém descobrisse seu defeito, e teria perdido essa paixão, essa loucura.

Só depois de jazer entre os braços de seu marido, sentindo-se plenamente

satisfeita entre os lençóis revoltos da espaçosa cama, aventurou-se a lhe perguntar algo que a consumia:

- Marcus, o que pensa fazer com Cicely?

Ele encolheu os ombros.

- Pensei que já o tínhamos decidido. Viverá aqui, conosco.

- Não estava certa. Parecia tão zangado ante a idéia de que dependesse tanto dela...

- Só porque sabia que não a necessitava. Sabia que cedo ou tarde aprenderia a ler. - Endireitou-se para beijar seu cabelo. - E porque era um egoísta. Queria que me necessitasse.

Ela se aninhou mais junto a ele.

- E necessito de você, asseguro-lhe. Entretanto, embora eu não dependa tanto de Cicely, ela sim depende totalmente de mim.

- Sei, querida. Todos dependemos de você. - Acariciou-lhe o pescoço meigamente. - Quando formos hoje à cidade, passaremos por casa dos Iversley e lhe diremos que venha conosco, ou aqui ou à casa da cidade. Além disso, Louisa pode usá-la como acompanhante se decidimos ficar na cidade durante o resto da temporada. - Então sua voz se tornou mais rouca. - Estaremos muito ocupados para lhe fazermos de acompanhantes.

Um delicioso calafrio percorreu as costas da Regina. Entretanto, ainda ficava uma pergunta mais por formular.

- E falando da Louisa, por que organizou esse encontro entre ela e Sua Majestade?

Marcus lançou um suspiro e a abraçou com força.

- Percebi que tinha razão. Louisa precisava saber a verdade sobre seu possível pai, e não só de meus lábios. Já nem sequer estou seguro de saber a verdade de nada. Passei muitos anos odiando ao príncipe e não sei quem é. assim, este encontro significa tanto para mim como para a Louisa.

- Pois Simon está realmente assustado. - Deu-lhe um beijo no peito. - Se apresentou em casa dos Iversley para saber o que acontecia.

- E o que lhe disse?

- Que não tinha nem a mais remota idéia, é claro. Minha resposta não pareceu de seu agrado.

Marcus se pôs a rir.

Ela levantou o rosto e arqueou uma sobrancelha.

- Às vezes pode ser realmente malvado, sabia?

- Mas de qualquer modo, o que se propõe?

Marcus continuou rindo sem parar.

- Acredita-o ou não, sei o mesmo que sabe você.

Referiu-lhe sua conversa com a Louisa, e Regina sacudiu reiteradamente a cabeça.

- O que é o que pretende fazer com o Simon? Se Sua Alteza for um dos que orquestrou a corte, então...

- Sei, mas minha irmã afirma que sabe a forma de derrubar ao Simon. E para lhe ser justo, espero que o consiga.

- O mesmo digo eu.

Marcus a olhou estranhando.

- Mas é seu irmão.

- Sim, e agiu muito mal. Espero que Louisa consiga que se ajoelhe a seus pés.

- Do mesmo modo que você conseguiu que me ajoelhe diante de você? - disse tranqüilamente, embora com um olhar de amargura.

Regina soltou um risinho malicioso.

- OH, é claro. Eu gosto de o ter prostrado de joelhos, diante de mim.

Com os olhos radiantes, Marcus se colocou em cima de sua esposa, depois lhe separou as coxas até que se acomodou entre elas.

- Quer dizer assim?

- Exatamente.

- Minha doce sereia - murmurou ele, depois se inclinou para beijá-la na boca.

E enquanto a penetrava, Regina decidiu que às vezes gostava de ser uma sereia. Sim, gostava muito.

Capítulo vinte e seis.

" Se sua pupila for inteligente, tome cuidado, já que a fará dançar a seu desejo."

SENHORITA CICELY TREMAINE,

A preceptora ideal

Tinham estado aguardando na biblioteca durante vinte minutos, e ainda não havia sinal do príncipe. Para surpresa da Regina, a situação não parecia incomodar ao Marcus tanto como a Louisa.

Regina observou o rosto de preocupação da mocinha, que perambulava sem parar, de cima para baixo, pela sala.

- Louisa, não fique nervosa. Virá, estou certa.

Marcus se acomodou na cadeira.

- Só é sua forma de nos recordar quem manda aqui, isso é tudo.

- Conhece-me muito bem - pronunciou uma voz a suas costas.

Regina deu um pulo, e Marcus ficou visivelmente tenso quando o príncipe entrou na sala com Simon a seu lado.

Em seguida, tiveram lugar as reverências e cortesias próprias do protocolo, mas imediatamente depois, o príncipe olhou a Louisa com atenção.

- Não tem um beijo para tio George, pequena? Quando era uma menina, costumava me dar um beijo de boas-vindas.

Vacilando, Louisa avançou uns passos para exercer certa pressão sobre uma das faces do príncipe com sua boca.

- Sua Alteza, permite-me que lhe faça uma pergunta? Como é possível que lhe chame "tio" se não somos família?

Simon pigarreou nervoso, Marcus se conteve para não rir, e Regina também fez esforços para não sorrir.

O príncipe, em troca, lançou uma sonora gargalhada.

- Não mudou, pequena. Sempre disse o que pensava. - Lentamente se deslocou até uma cadeira e se deixou cair sobre ela.

Regina olhou ao Marcus. Enquanto seu marido observava a careta de dor no rosto do príncipe ao levantar a perna e colocá-la sobre uma banqueta, a expressão do Marcus denotou primeiro perplexidade e depois preocupação. Preocupação?

George o surpreendeu olhando-o.

- Mudei, não acredita, Draker? Em nove anos, caiu-me vinte anos em cima. Essa é a recompensa por ser regente.

Todos os músculos do rosto do Marcus se esticaram.

- Essa é a recompensa por viver uma vida indecente, cheia de traições e enganos.

Meu deus, ambos começavam a encetar-se em uma disputa inclusive antes que Louisa tivesse tido a oportunidade de falar.

George não se alterou ante tal comentário. Só franziu o cenho.

- Ah, já temos aqui a feia cara da impecável moral de meu filho. Tinha esquecido com que freqüência emerge para me castigar.

Um desconfortável silêncio encheu a sala. Dava-se conta o príncipe de que se referiu ao Marcus como seu filho diante de outras três pessoas?

A Simon não tinha escapado o comentário. Seu rosto já mostrava um tom cinzento no momento em que irrompeu na sala, mas agora tinha adotado uma cor ainda mais lúgubre. Regina se perguntou por que.

O príncipe fez um sinal a Louisa.

- Venha pequena. A nota de seu irmão dizia que tinha várias perguntas que queria me formular. Agora é o momento de fazê-lo.

Louisa engoliu em seco, mas se aproximou do príncipe.

- Regina já me contou que desejam que incorpore a Corte, e também o motivo, mas...

- Comentou a lady Draker nossas intenções, Foxmoor? - interrompeu-a o príncipe, lançando um severo olhar ao Simon.

- Não tinha nenhuma outra escolha - replicou Simon claramente angustiado. - Regina tinha averiguado parte de nosso plano por si mesma, e me ameaçou contar ao Draker. Assim lhe contei tudo e pedi que cumprisse com sua obrigação.

- Pediu-lhe? - replicou Marcus. - É um porco mentiroso, fez chantagem. Ameaçou-a contando mentiras sobre ela que causariam um dano irreversível em nosso matrimônio.

- É isso certo? - perguntou o príncipe a Regina.

Ela assentiu com a cabeça.

- Fiz o que pensei que era minha obrigação - balbuciou Simon.

- E me beijar era parte de sua obrigação? - explodiu Louisa. - E me dizer que me queria? E me dizer que íamos a Gretna Green quando a verdade era que planejava me levar até Sua Majestade?

Simon ficou mudo.

- Responde. - O rosto do príncipe ia empalidecendo mais e mais à medida que Louisa expressava seu protesto; agora estava tão branco como uma folha de papel.

- Diga a verdade, Foxmoor. Fez todas essas coisas? Brincou com seus sentimentos?

Os olhos de Simon jogavam faíscas.

- Sentia-me amarrado de pés e mãos. Não tinha outra alternativa. - Fez gestos nervosos para Marcus. - Fez Louisa jurar que não me veria de novo, e ela insistiu em manter sua promessa. Tive que me aproximar dela furtivamente durante um baile e persuadi-la.

Simon desmoronou. Dava-se conta de que com cada nova palavra, estava cavando mais sua própria sepultura. Lançou um olhar zangado ao príncipe e então prosseguiu com um tom mais irado:

- Disse-me que a queria na Corte. Que arrumasse para organizar um encontro privado entre você e ela. Só fazia o que...

- Jamais lhe pedi que a beijasse.

Simon apertou os punhos para conter a raiva que sentia.

- É certo. Isso o fiz por decisão própria.

- Também lhe deixei claro que não devia lhe fazer nenhuma promessa, mas entretanto o fez.

- Maldição! Não tinha outra escolha.

- Pois me parece que ficava outra opção. Poderia me ter comentado a situação.

- Mas era o que você queria, e sabe disso - resmungou Simon.

O príncipe ficou tenso, depois deu as costas a seu amigo.

- Obrigado, Foxmoor. Logo decidirei o que tenho que fazer com você. Manterei-o informado. Agora desejo falar com meus convidados a sós. Por favor, se retire.

O olhar de traição no rosto do Simon era inegável.

- Não é justo.

- Retire-se, senhor duque - ordenou o príncipe friamente. - Se não o fizer, avisarei a...

- Muito bem. Já vou - cortou Simon com as faces a ponto de explodir de fúria e com um brilho estranho nos olhos.

Regina deveria ter sentido pena por ele, mas ela também tinha sido vítima de suas maquinações.

Enquanto se dirigia à porta, Louisa o chamou:

- Simon?

Ele se deteve em seco, mas não se voltou.

- Sim?

- Realmente sentia algo por mim? Ou tudo era parte de seu plano?

Simon se voltou lentamente, depois observou a Louisa da cabeça até a ponta de seus elegantes zapatinhos, com um olhar tão ardente como qualquer dos que Marcus havia dado a Regina.

- Desejava beijá-la - pigarreou nervoso. - Seriamente, desejava-o.

Em seguida, deu meia volta e desapareceu da sala.

Louisa parecia extremamente agitada.

- Me diga o que quer de mim - lhe disse o príncipe. - Me Diga o que posso fazer para remediar os enganos que cometeu meu amigo.

Louisa relaxou os ombros e coroou seu rosto com um firme sorriso.

- Primeiro, quero saber por que me querem aqui, na Corte.

O rosto do príncipe se escureceu.

- Quer dizer, que quer saber se é minha filha natural.

Ela se ruborizou, mas não se deixou abater.

- Assim é.

Marcus ficou tenso ao lado da Regina.

- Sua mãe disse que o foi, e é certo que mantivemos, bem... um encontro que poderia ter frutificado. Do mesmo modo, também é possível que não o seja. Francamente, não posso estar seguro.

O rosto de Louisa demonstrou sua evidente decepção, então ele acrescentou:

- Em meu coração, entretanto, é minha filha. E por isso queria que estivesse na Corte. Bom, ainda quero que esteja aqui. Eu adoraria ter a possibilidade de conhecer a mulher que só conheci quando era uma menina.

Louisa sorriu, e Marcus respirou nervoso ao lado da Regina. Sem dúvida, estava pensando que o coração de sua irmã ainda era muito frágil e que podia deixar-se influenciar muito facilmente. E tinha razão.

Regina só desejava que a jovem demonstrasse ter suficiente bom senso para dar-se conta por si mesma.

- Obrigada. Considerarei a oferta - anunciou Louisa. - É uma verdadeira honra que me convidem a formar parte da Corte. Não obstante, se aceito será em troca de uma condição.

Sua Alteza se mostrou extremamente interessado.

- Darei-lhe o que quiser.

- A ambição do Simon é chegar a ser primeiro-ministro, engano-me?

Regina e Marcus trocaram olhares. O príncipe duvidou um instante e assentiu lentamente com a cabeça.

- Estou convencida de que estará perfeitamente preparado para assumir esse posto dentro de uns anos, quando demonstrar que sabe como funcionam as relações sociais e o mundo. Refiro-me ao mundo que existe além das fronteiras da Inglaterra.

- Mmm. Suponho que tem razão - refletiu o príncipe sem deixar de olhá-la fixamente.

- Um posto de embaixador ou governador em algum lugar remoto do mundo lhe ensinaria a comportar-se, não acham? Possivelmente na Índia ou nas Antilhas. Um lugar onde não possa brincar com os sentimentos das damas inglesas, ao menos durante uma temporada.

Marcus sussurrou ao ouvido de Regina:

- E você que pensava que eu era um dragão da cabeça aos pés.

- Simon jamais perdoará a Louisa - sussurrou por sua vez Regina.

- Perfeito. Quanto antes aprenda a não brincar com minha família, melhor. E essa ameaça também vai por você. - Marcus lhe apertou a mão carinhosamente.

- Foxmoor rechaçará o cargo - sentenciou o príncipe.

Mas Louisa era mais esperta do que o príncipe imaginava. Aproximou-se mais a ele e lhe disse:

- Não se você retirar seu apoio para que se converta em primeiro-ministro a menos que aceite o posto.

O príncipe lhe lançou um olhar severo.

- Está-me pedindo que escolha entre você e meu amigo, que, além disso, é um de meus conselheiros de maior confiança?

- Não, é claro que não. Simplesmente me limito a expressar que não poderei servir a Sua Majestade na Corte e me mover nos mesmos círculos que um homem de quem desconfio plenamente, um homem como o duque. - Seu lábio inferior começou a tremer de forma exagerada. - Seria muito doloroso para mim.

"Marcus não tem que preocupar-se com ela. Esta garota sabe cuidar-se sozinha", pensou Regina.

- Muito bem - proclamou Sua Alteza. - O nomearei governador. - formou redemoinhos se na cadeira e concluiu: - E você se converterá em uma criada de minha Corte.

- Disse que considerará a oferta - atravessou Marcus.

Louisa fez caso omisso de seu irmão.

- Se o duque do Foxmoor aceita o posto fora da Inglaterra, será para mim uma honra lhe servir na Corte, Majestade.

- Maldita seja, Louisa - começou a dizer Marcus.

- Cale-se, Draker! - O príncipe se ergueu lentamente. Não é seu assunto, se ela deseja aceitar minha oferta ou não.

Marcus encarou ele com galhardia.

- Sou seu guardião.

- Sim, e pelo que vejo, fez um magnífico trabalho - remarcou Sua Alteza com um tom claramente irônico. - Manteve ela tanto tempo enclausurada no Castlemaine que só foi preciso um tipo lisonjeiro como Foxmoor para convencê-la para que fugisse a Gretna Green.

- Foi você quem maquinou esse plano ignominioso!

- Essa não é a questão. Louisa deveria aprender como funciona o mundo real. E poderá fazê-lo na Corte.

- Em sua Corte se converterá em uma dama corrupta!

- Marcus, por favor... - começou a dizer Louisa.

- Basta, Louisa. Foi um engano vir aqui. - Marcus olhou ao príncipe com desdém. - Equivoca-se; não mudou absolutamente. Continua sendo o mesmo personagem egoísta e manipulador de sempre. Louisa, vamos para casa. Vamos, Regina.

Regina suspirou resignada. Tinha temido que acontecesse precisamente isso. Quando se tratava de Sua Alteza, Marcus não podia ser racional.

- Voltem aqui! - gritou o príncipe a suas costas. - Não permitirei que partam assim. Isto é um desplante.

- Tenta nos reter - grunhiu Marcus enquanto se dirigia a grandes passadas para a porta com Louisa e Regina correndo atrás dele tentando manter seu passo vigoroso.

- Maldito seja, néscio teimoso! Não sabia nada da masmorra! - vociferou Sua Alteza.

Marcus se deteve em seco, como se de repente se transformara em uma estátua

de pedra. Um rude silêncio se estendeu por toda a sala, interrompido só pelo sussurro da Louisa:

- Refere-se a nossa masmorra?

- Louisa, querida - pigarreou o príncipe, - importaria de esperar no vestíbulo com lady Draker?

- Regina fica. - Marcus se encarou a seu pai com um olhar glacial. - Ela fica, ou eu vou.

O príncipe piscou desconfortável.

- Muito bem. Louisa, por favor, saia por essa porta da esquerda. Encontrará a uma criada na outra sala. Estou certo de que ficará encantada de lhe mostrar Carlton House.

Louisa teve o bom senso de obedecer sem pigarrear. Logo que desapareceu de cena, o príncipe se aproximou do casal.

- Suponho que sua esposa sabe que... Bem, que passou uns dias na masmorra.

- Três dias - replicou Marcus. - Três dias, como você bem sabe.

- Não sabia, juro. Não até esse dia em que sua mãe se jogou sobre você com o atiçador do fogo. Porquê acha que ficou tão furiosa?

- Porque lhe ordenei que saísse de minha casa - respondeu Marcus, apertando os dentes, - e que levasse a esse filho da puta com ela.

Quando o príncipe pareceu acovardar-se, Regina depositou a mão sobre o braço de seu marido. Marcus agradeceu apertando seus dedos com a mão que ficava livre de uma maneira dolorosa.

- Sim, isso também - admitiu Sua Alteza. - Mas havia mais motivos. Sua mãe sabia como reagiria quando me inteirasse de que o tinha encerrado três dias em uma masmorra. - Um gesto de dor repentina se fez evidente em seu rosto. - Por Deus, Marcus, seriamente acredita que esta questão entre Simon e Louisa era só porque desejava atraí-la a Corte? Pois se engana, asseguro-lhe. Não me ocorreu nenhuma outra forma melhor de conseguir que me escute. Tentei dizer isso quando me brindou a ocasião, mas sempre me rechaçou. Sei que a partir do momento em que ela lhe atiçou esse ferro candente se abriu uma brecha entre você e eu, e toda tentativa por manter uma conversa racional com você foi inútil.

O príncipe se aproximou ainda mais.

- Esperei pacientemente que se acalmasse antes de lhe enviar uma carta. Mas me retornou ela sem abrir. Todas me devolveu sem abrir. Enviei a um mensageiro, e o

expulsou a pontapés. - Sua voz começou a tremer. - Achei que cedo ou tarde aceitaria entrar novamente nos círculos sociais, que algum dia saberia que tinha assistido a um baile ou a qualquer outra função social, onde finalmente teria a oportunidade de falar com você cara a cara.

Marcus estava apertando a mão da Regina com tanta força que ela temeu que a rompesse.

- Mas não o fez - disse Sua Alteza. - Então foi quando soube que tinha preparado a apresentação da Louisa em sociedade, e vi uma via para recuperar aos dois. Porque sabia o que faria algo para protegê-la, inclusive se aventurar a vir ao Carlton House para desenganchá-la de minhas garras.

Marcus continuava sem abrir a boca. Só observava ao príncipe com um olhar vazio.

- Alguma vez vai perdoar-me? - murmurou o príncipe em um sussurro rouco. - Não sabia. Juro. Jamais teria permitido uma coisa assim.

- Como quer que acredite que não sabia? - estalou Marcus. - Não perguntou a minha mãe onde estava, quando desapareci durante três dias?

- Sim. Sua mãe me disse que se tinha encerrado em seu quarto. Seu quarto. Com suficiente comida e com todos seus livros a sua disposição.

Marcus soltou um bufido.

- E quando me apresentei ante você para lhe pedir perdão, não observou que meu aspecto não era o de um menino que passou três dias em seu quarto lendo?

- Estava tão furioso pela forma como se desculpou que não prestei a devida atenção, confesso-o. Olhou-me com um ódio visceral e, simplesmente, disse: "Sinto muito".

- E o que esperava? Tinha passado três dias em uma masmorra lotada de ratos. De noite não havia luz, e me encolhia no velho sofá que minha mãe tinha deixado ali e tentava não pensar em quanto tempo demorariam esses ratos em roer meus pés. Durante o dia, não tinha nada mais que fazer que escutar o som de minha mãe quando me trazia a comida e espremer os miolos pensando em se devia me engolir o orgulho e aceitar ao que ela me pedia que fizesse.

- Você e seu maldito orgulho - bradou o príncipe. - Deveria ter feito o que ela queria no primeiro dia que o prendeu ali embaixo, e depois se apresentar ante mim e soltar toda sua ira.

- E o que teria feito? Afastá-la de seu lado? E o que acha que ela teria feito comigo então?

- Eu teria falado com seu pai; teria lhe dito que sua esposa necessitava de ajuda. - o rosto do príncipe era uma máscara de culpa torturada. - Até que não se jogou em cima com o atiçador, não percebi como estava desequilibrada. Sempre se tinha comportado de um modo um pouco estranho, mas para o final de nossa relação, sua mãe acreditava que era o único vínculo que podia me manter unido a ela, assim quando você agia mal comigo, ela tomava medidas necessárias para discipliná-lo.

- E a você, é claro, parecia-lhe bem. Permanecer três dias encerrado em um quarto tampouco é algo agradável.

- Não, mas pensei que seria uma boa forma de lhe ensinar que não podia falar com o futuro rei como a um delinqüente de rua. - Tentou adotar um ar rígido e arrogante. - Não podia permitir que fosse por aí me chamando filho da puta em público.

- Pois então deveria ter mantido sua maldita franga bem encerrada dentro das calças.

- Se não fosse assim, você não teria nascido.

Depois dessa asserção Marcus emudeceu. Depois olhou com abatimento a seu pai.

- Marcus cometi muitos enganos em minha vida. Mas ter a você não foi um deles. Só desejaria ter tido a opção de te explicar a situação entre seu pai e eu antes que me negasse tal opção.

- O que me queria explicar? Ele era seu amigo antes que lhe roubasse a esposa.

- Eu não a roubei - suspirou. - A seu pai não interessavam as mesmas coisas que atraíam a atenção de sua mãe.

- Como aparecer diante da alta sociedade e...

- Como a paixão. Sua mãe era uma mulher apaixonada, em troca seu pai era um asceta. Não mostrava nem um ápice de interesse pela paixão. Assim quando abandonou a sua mãe durante vários meses seguidos, ela encontrou a alguém a quem dar o que tanto desejava.

- Ele a queria - asseverou Marcus com ferocidade.

- A sua maneira, sim. Mas não o suficiente para lhe oferecer o que ela ansiava. Ao visconde só lhe interessavam os livros e os edifícios, mas não as pessoas. - Sorriu com

evidente desinteresse. - Exceto você e Louisa. Amava-os com loucura. E Deus sabe que vocês também o amavam. - Sua voz se quebrou. - Eu sentia inveja, porque ele contava com seu amor e seu respeito. Por mais que eu me esforçasse, jamais conseguiria essas atenções.

O príncipe desviou o olhar para um lado, com os olhos irritados.

- Sua mãe também sabia. Fez tudo o que esteve em suas mãos para conseguir que me amassem. - Uma gargalhada desagradável escapou de seus lábios. - Deveria lhe ter dito que não insistisse que tudo era inútil. Uma das coisas que herdou de mim é esse maldito sangue dos Hanover. É tão cabeçudo e tão arrogante como meu pai. - Novamente voltou a posar o olhar sobre o Marcus. - Pelo amor de Deus, quando Gillian começou a lançar todos esses malditos rumores a respeito de você, por que não os negou?

- E por que não o fez você? - interveio Regina, com os nervos a flor da pele. - Você deveria ter defendido a seu filho, em lugar de abandoná-lo aos lobos.

O príncipe piscou, como estivesse esquecido de que ela estava presente. Em seguida a olhou com cara de poucos amigos. Mas Regina não se importou. Afastou a mão do braço do Marcus e se aproximou do príncipe.

- Ele passou a vida sozinho em um exílio forçado porque demonstrou ser suficientemente covarde para não agir da forma adequada com ele. Marcus merecia algo mais de você.

O príncipe a olhou fixamente.

- Tem razão. Por isso desejo resolvê-lo agora, se ainda for tempo.

- Como? Corrompendo a minha irmã? - replicou Marcus.

Sua Alteza suspirou com tristeza, então começou a sacudir a cabeça lentamente.

- Olhe, se de verdade não quiser que ela forme parte da Corte, retirarei minha oferta.

Marcus lançou um suspiro de alívio.

- Só quero que tenha em conta uma coisa - prosseguiu o príncipe, olhando agora ao Marcus. - Alguns anos na Corte proporcionariam a Louisa a fortaleza necessária para mover-se comodamente em sociedade e escolher ao marido que merece. Um verdadeiro amor, um homem que seja digno dela. Certamente isso atalharia qualquer possível rumor que se difundiu por causa de minhas perversas maquinações com o Foxmoor.

O príncipe tinha feito um comentário realmente acertado, e Marcus ficou pensativo uns instantes.

Regina podia ver a batalha que tinha lugar dentro dele para tomar a decisão correta.

Finalmente Marcus suspirou.

- Terei isso em conta - resmungou, desviando o olhar.

O fato de que não tivesse rejeitado a sugestão previamente já era um passo significativo.

O rosto do príncipe relaxou.

- E possivelmente, mais adiante, pensará também na possibilidade de aceitar jantar comigo? É claro, sua esposa também está convidada.

A sala se encheu novamente de um silêncio prolongado, e quando Regina olhou ao Marcus, descobriu que os olhos de seu marido faiscavam como se de um momento a outro fossem soltar alguma lágrima traidora.

- Possivelmente - titubeou, ao fim. - Possivelmente mais adiante.

O casal abandonou então a sala. Recolheram a Louisa e partiram do Carlton House. Algumas horas mais tarde, depois que Louisa se retirara a seu quarto na casa da cidade, Marcus se atreveu a dizer:

- Acho que tem razão?

- Quem? - perguntou-lhe sua esposa enquanto escovava a cabeleira.

Marcus se colocou detrás dela, de frente ao espelho.

- O príncipe. Acha que Louisa se beneficiaria se passasse uma temporada na Corte?

Que ele se atrevesse a formular tal pergunta era surpreendente. Que lhe pedisse sua opinião sobre essa questão era simplesmente maravilhoso.

Regina escolheu suas palavras com supremo cuidado.

- Poderia ser. Certamente lhe ensinaria suficientes coisas sobre o mundo para aprender a escolher ao marido ideal.

- Ah, sim? - acrescentou ele em um tom rouco ao mesmo tempo em que se inclinava para beijá-la no cabelo. - E como definiria você ao marido ideal, querida?

- Um homem que confia em sua esposa. - levantou-se para olhá-lo nos olhos, - que a respeite - o rodeou com os braços, - e que a ame.

- Isso é tudo? - apressou-a ele, decepcionado.

- Não. - Regina lhe lançou um sorriso zombador. - Além disso, deveria ter uma sugestiva masmorra.

Epílogo.

" Se sua pupila se casar com o homem adequado, então terá conseguido seu propósito. Mas se além disso é feliz em seu matrimônio, poderá se felicitar a si mesma pelo trabalho bem feito."

SENHORITA CICELY TREMAINE,
A preceptora ideal

Marcus ainda não conseguia ver nada dali. Levantou-se, embalando a seu bebê entre os braços, e cruzou o terraço que se estendia fora da sala de baile dos Iversley para aproximar-se das portas de vidro.

Quando Jasper babou na manga de seu casaco, Marcus sorriu.

- Não permita que tio Byrne te veja fazer isso, meu pequeno, ou não quererá segurá-lo nos braços nunca mais.

Marcus observou através das portas, então levantou o pequeninho de dois meses para que também pudesse desfrutar do espetáculo.

- Olhe como dançam tio Alec e tia Katherine na pista de dança. Não formam um casal invejável?

E em algum lugar aí dentro, sua mamãe está dançando com tio Byrne. Pobre diabo. Ela se tem proposto lhe encontrar esposa, mas ele não quer nem ouvir falar disso.

Acomodou ao Jasper em um de seus braços e bisbilhotou com mais atenção através das portas, então soltou um resmungo.

- Se inclusive parece que a senhorita Tremaine encontrou a um pretendente, a julgar pelo modo em que o coronel a esteve perseguindo durante toda a noite. Isso de que lhe tenham publicado seu pequeno livro de conselhos para as preceptoras fez com que aumente sua fama dentro da sociedade.

Depois observou a sua irmã.

- E ali está tia Louisa, a ponto de entrar na pista de dança pelo braço de um bonito cavalheiro. Não é de estranhar. Sempre há um montão de jovens galãs pulando a seu redor, agora que é uma dama da Corte.

Custava-lhe acreditar que tivesse passado um ano desde que se encontrara nesse mesmo lugar, observando-a dançar com Foxmoor.

- Tia Louisa abandonou suas obrigações na Corte para vir à festa de seu batismo. O que lhe parece isso?

Marcus se deleitou observando os inteligentes olhos castanhos de seu filho, seu fino cabelo escuro, e seu diminuto tamanho. Não havia nem um só traço do príncipe nesse pequeninho; estava completamente seguro.

- Ninguém o chamará jamais dragão. Se se atreverem, seu papai jogará fogo pela boca até que saiam espavoridos. - Então sorriu. - A não ser que sua mamãe os apanhe primeiro e os faça mingau com sua afiada língua.

- A quem está acusando de ter uma língua afiada? - recriminou-lhe uma voz feminina a suas costas.

- Uf! - Marcus continuou falando com seu filho. - E falando da Batata de Roma aqui está sua mamãe com sua língua afiada.

- Muito engraçado - resmungou Regina. - E o que está fazendo aqui, fofocando com nosso filho na escuridão?

Marcus sorriu.

- A idéia de oferecer esta festa em casa dos Iversley era que se divertisse e que se esquecesse do peso da maternidade durante umas horas, mas já que não se atreve a afastar-se muito do Jasper, pensei que o único modo de que passasse bem era tirá-lo dos braços um pouco e sair para dar um passeio. - Lançou-lhe um olhar irônico. - Embora não sei se valeu à pena. Estou certo de que desde o momento em que parti não deixou de exortar ao pobre Byrne sobre seu estado civil, quando se supunha que tinha que dançar e passá-lo em grande.

- Estava dançando - desculpou-se com os olhos sorridentes. - E se por acaso deixei ir algumas palavras sobre as vantagens do matrimônio, fiz meramente para manter uma conversa formal e educada com meu cunhado. Estou segura de que ele não se deu conta de meu plano.

Marcus se pôs a rir, depois inclinou a cabeça, se aproximou mais a seu filho e lhe disse em um tom confidencial:

- Não se preocupe, pequeno. Quando chegar o momento em que tenha que procurar esposa, manterei a sua mamãe bem ocupada em algum outro lugar.

Regina se aproximou e contemplou a seu filho encantada.

- Não confia em mim para encontrar à esposa adequada que necessita nosso querido Jasper?

- Nem por acaso. Entre você e Katherine e Louisa, a única garota que passaria a inspeção séria uma dama casta e pura como a neve recém caída, com a que Jasper se aborreceria até ter uma depressão.

Ela levantou o queixo, fazendo ver que estava zangada.

- E suponho que você lhe aconselharia que se casasse com uma mulher perversa e desavergonhada que lhe faria em migalhas o coração.

- Aconselharia-o que se casasse com uma mulher como sua mãe. - Marcus estirou o pescoço para beijá-la na face. - Ao menos, não me foi tão mal com uma mulher assim.

Adulada pela confissão de seu marido, Regina esgrimiu um sorriso carinhoso.

- Desde quando se tornou um adulador tão excepcional?

- Desde o momento em que a mulher da qual estava apaixonado me disse que não me deixaria que lhe fizesse a corte a menos que me comportasse como um absoluto cavalheiro.

- Que mulher mais inteligente.

Marcus rompeu a rir a gargalhadas.

- Pois sim. É uma mulher muito inteligente. Cicely me contou que passou toda a manhã lendo Shakespeare.

Regina arqueou uma sobrancelha.

- Bom, o que se diz ler não exatamente, mas estou fazendo grandes progressos. Esta semana consegui terminar uma de suas comédias. Agora que retornou à cidade desde o Castlemaine, animarei-o para que leiamos juntos a obra seguinte.

- Um sorriso tímido coroou seus lábios. - A menos que esteja planejando nos levar a todos de retorno a casa. - Nem me ocorreria tirá-la de Londres durante a temporada de festas.

Sua esposa deslizou os dedos sensualmente pela manga de seu casaco.

- Ah, mas existem algumas vantagens, se formos ao Castlemaine. Poderemos gozar de mais intimidade - baixou a voz até convertê-la em um sussurro. - E de uma cama maior.

Marcus sorriu.

- Soa efetivamente tentador, querida. Infelizmente, prometi a Louisa que você e

eu jantaríamos no Carlton House esta semana.

Regina o olhou com interesse.

- Está me dizendo que prometeu ao príncipe que lhe permitirá ver nosso filho?

- Alguma vez lhe escapa algo, não é verdade? Sim, tem razão.

- Bom, vê-se que às vezes não me engano. Como a vez que te comentei que seria positivo que Louisa se instalasse na Corte.

- Suponho que sim - murmurou ele.

Regina lhe beliscou o braço de modo brincalhão.

- Admite-o, grandalhão. Ser a dama de companhia da princesa Charlotte foi realmente proveitoso para ela. Permitiu-lhe adquirir mais estilo e sofisticação.

Marcus suspirou.

- Assim é, embora ainda não encontrasse ao pretendente idôneo.

- Já o encontrará. É melhor que leve seu tempo e que não aceite a primeira proposta que lhe façam. - Levantou a vista e o olhou com os olhos resplandecentes. - Isso é o que eu fiz, depois de tudo, e me não me foi tão mal.

Ele a obsequiou com um cálido sorriso, que fez que o rosto da Regina adotasse uma expressão romântica.

Era tudo o que podia fazer naquele momento, embora a verdade era que morria de vontade de arrastá-la até atrás dos arbustos.

- Tenho uma proposta, querido - murmurou ela, com essa voz sedosa que ainda conseguia acender as paixões mais escondidas de seu marido. Abriu as portas de vidro, entrou na sala e depois se voltou e olhou ao Marcus com olhos de gatinha.

- Por que não deixamos ao Jasper com algum familiar e nos entretemos com uma dança, os dois juntos?

Ele ficou pasmado uns segundos, com seu filho nos braços e a noite escura a suas costas, observando à mulher que mais queria no mundo. Tudo era diferente, agora. Acabaram-se os passos furtivos entre as sombras. acabou-se ocultar-se em covas e cavernas. Já nada estava proibido.

- Pensei que jamais me pediria isso - disse ele com a voz rouca.

Então o visconde Dragão seguiu a sua esposa até a luz.

FIM

Nota da autora

Provavelmente, o leitor se deu conta de que as dificuldades que mostra Regina na hora de ler indicam que é disléxica. A dislexia pode adotar uma variedade de formas; para meu relato escolhi a mais comum. Em minhas investigações descobri que algumas pessoas com dislexia aprendem melhor se recorrer a métodos tateantes, e esse é o motivo pelo que Regina também o usa.

Os detalhes a respeito da princesa Charlotte são verídicos. Seu pai a prometeu com o príncipe do Orange, mas mais tarde, no verão no qual acontece minha história, ela se apaixonou por outro homem, o príncipe Leopoldo do Coburgo, e pôs fim a

seu compromisso com o príncipe do Orange.Casou-se com o príncipe Leopoldo em 1816, e morreu tragicamente depois de dar a luz um ano mais tarde.

Lady Draker está apoiada em duas das amantes casadas pertencentes à nobreza que teve o Príncipe de Gales, embora nenhuma dessas duas mulheres possuísse a natureza tão surpreendente de meu personagem.

Segundo os rumores, a primeira dama, a viscondessa Melbourne gerou um filho do príncipe, George Lamb, durante a aventura amorosa que durou quatro anos.

A segunda dama era a marquesa do Hertford, cujo marido se dedicou a fazer vista grossa durante os doze anos do idílio entre o Príncipe de Gales e ela. O príncipe bebia os ventos pela marquesa, e visitava freqüentemente a propriedade do Hertford no Warwickshire; mais tarde se fez amigo do filho dos marqueses que definitivamente não era seu filho, posto que tinha nascido quando o Príncipe de Gales só tinha quinze anos.

Apesar de que o poema mais famoso titulado A Belle me Dê Sãs Merci é do John Keats, este ainda não tinha sido escrito na época de minha história, mas como Keats apoiou seu poema em uma tradução que fez Chaucer de um poema do Alain Chartier

(na época da Regência inglesa, no século XIX, achava - se que era original do Chaucer) considerei que era lícito usar o dito poema.



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/

Comunidade Romances S.A.

http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161